

PAULO RENATO DA SILVA

¿ALPARGATAS SÍ, LIBROS NO?

Produção Cultural e Legitimidade Política durante o
Governo de Perón (1946-1955).

CAMPINAS
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Si 38a **Silva, Paulo Renato da**
Alpargatas sí, libros no? Produção cultural e legitimidade política durante o governo de Perón (1946-1955) / Paulo Renato da Silva . - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: José Alves de Freitas Neto.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Peronismo. 2. Intelectuais. 3. Difusão cultural.
I. Freitas Neto, José Alves de . II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(sfm/ifch)

Título em inglês: Alpargatas sí, libros no? Cultural production and political legitimacy during the government of Perón (1946-1955)

Palavras chaves em inglês (keywords) : Peronism
Intellectuals
Cultural diffusion

Área de Concentração: História Cultural

Titulação: Doutor em História

Banca examinadora: Janice Theodoro da Silva , Maria Helena Rolim Capelato,
Miriam Viviana Garate, Leandro Karnal, José Alves de
Freitas Neto

Data da defesa: 05/06/2009

Programa de Pós-Graduação: Historia

PAULO RENATO DA SILVA

¿ALPARGATAS SÍ, LIBROS NO?

Produção Cultural e Legitimidade Política durante o
Governo de Perón (1946-1955).

Tese apresentada ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, para obtenção
do título de doutor em História na Área de História
Cultural, sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de
Freitas Neto.

Este exemplar corresponde à versão final da Tese
defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em
05/06/2009.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (orientador – DH/IFCH/UNICAMP)

Profa. Dra. Janice Theodoro da Silva (FFLCH/USP)

Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato (FFLCH/USP)

Profa. Dra. Miriam Viviana Garate (IEL/UNICAMP)

Prof. Dr. Leandro Karnal (DH/IFCH/UNICAMP)

Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco Vilardaga (UNIFESP) (suplente)

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva (DH/IFCH/UNICAMP) (suplente)

Prof. Dr. Michael McDonald Hall (DH/IFCH/UNICAMP) (suplente)

JUNHO/2009

À minha esposa Rosangela, pessoa inigualável.
Ao meu avô Mário, que partiu durante esta caminhada.
À Ana Júlia e Alice, provas de que a vida continua...e muito bem.

AGRADECIMENTOS

Esses agradecimentos se misturam a uma necessidade de me declarar para algumas pessoas que são importantes para mim afetivamente, talvez por eu estar tão distante fisicamente da maioria delas.

Agradeço à minha mãe Terezinha que, sem nenhuma intenção, construiu a minha primeira imagem acerca da Argentina e do peronismo através de uma gravação de *Não chores por mim Argentina*, interpretada pela cantora Cláudia, que escutava em uma fita cassete.

Ao meu pai Wilson, que segue me surpreendendo como Pai, com letra maiúscula.

Ao meu irmão Wilson e minha cunhada Raissa que me proporcionaram uma das maiores alegrias deste período, batizar minha sobrinha Alice.

Ao meu irmão Eduardo com quem dividi tantas incertezas nesta caminhada. Obrigado pelo apoio, pela presença tão forte em minha vida, por ser o melhor amigo que um irmão pode ter.

À minha querida irmãzinha Ana Júlia, cujo “beijinho doce” apaga tudo o que não importa.

Ao meu avô Mário por tantas histórias deliciosas sobre o seu passado e do interior paulista. Saudades eternas.

Ao meu sogro Vicente e minha sogra Maria Dalva, pessoas de fé inabalável, o meu muito obrigado pelas sinceras e constantes orações. O mesmo agradeço às minhas tias Néia, Zobeide e Marlene.

Ao meu cunhado Ronaldo e minhas cunhadas Isabel e Tatiane pelo carinho de sempre.

À Rosangela pelo privilégio de tê-la como esposa, amiga, companheira e incentivadora incondicional. Essas palavras são muito pouco perto do que você representa em minha vida.

A Ricardo, Ana Flávia, Fernando, Fabiana, Juce, Alessandra, Vanessa e Aline, queridos amigos desde os tempos da graduação. À Eliane Morelli, querida amizade surgida nos bancos da pós.

A Ivia e João, com os quais compartilho o particular interesse pela história argentina.

A Alexandre, Lisandra, Ângela e Eliana pelas noites inesquecíveis de boa comida e excelentes conversas.

Ao meu orientador José Alves de Freitas Neto pelo aprendizado e tantos estímulos nos rastros da América; ao meu amigo “Zé” por tantos bons momentos compartilhados.

Aos professores Leandro Karnal e Miriam Gárate pelos comentários na banca de qualificação. Espero, na medida do possível, ter avançado desde então. Ao professor Karnal por ter me acompanhado em meus primeiros passos na História da América.

Às professoras Maria Helena Rolim Capelato e Janice Theodoro por terem aceitado participar da defesa.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas, amigos e alunos do curso de História de Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins. À Cida e Rita pela generosidade sobretudo nos primeiros dias. A Ana Lúcia e Samuel pela paciência em me esclarecer tantas dúvidas. À Paulete e Temis pela amizade em um momento em que buscava – e busco – novas referências.

Pesquisar nos arquivos argentinos é um exercício de paciência, é montar um quebra cabeça, pois raramente se encontra uma coleção completa. Exceção foi a excelente biblioteca da Academia Argentina de Letras. Não me lembro do nome das duas senhoras que lá trabalhavam, mas gostaria de agradecê-las pela atenção, pelo empenho em procurar tantos materiais e pela inabalável noção de bem público: não realizaram nenhum questionamento sobre o meu interesse em pesquisar aqueles materiais. A mesma facilidade em solicitar os materiais encontrei na Biblioteca Nacional da Argentina, ainda que sejam lamentáveis as lacunas e o estado de conservação de determinadas coleções, vítimas, inclusive, de goteiras.

Finalmente, agradeço ao CNPq e à FAEP pela bolsa e pelo financiamento que viabilizaram o desenvolvimento deste trabalho.

O amor e a amizade desconhecem a distância.

RESUMO.

Esta pesquisa levantou a produção cultural argentina durante o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955). O estudo indicou a existência de uma expressiva produção cultural alinhada com o peronismo, resultado de uma política cultural do governo. Entretanto, essa política cultural não prevaleceu na produção cultural do período. A ascensão de Perón não impediu o reconhecimento de escritores antiperonistas como Borges, Bioy Casares, Victoria Ocampo e Julio Cortázar, dentre outros, ligados à tradição liberal argentina. Além disso, entre os próprios peronistas, as propostas culturais do governo provocaram divergências quanto à centralidade do nacionalismo, à formação que deveria ser dada aos setores populares e ao legado da tradição liberal.

Palavras-Chaves: peronismo; intelectuais; produção cultural; setores populares.

ABSTRACT.

This research investigated Argentina's cultural output during the government of Juan Domingo Perón (1946-1955). The study identified the existence of substantial cultural output aligned with Peronism as a result of the government's cultural policies. However, these policies did not completely direct the country's cultural production during this period. For instance, Perón's rise to power did not prevent recognition of antiperonist writers such as Borges, Bioy Casares, Victoria Ocampo, and Julio Cortázar, among others, who represented Argentina's liberal tradition. In addition, the government's cultural proposals led to meaningful disagreements among the Peronists themselves over the centrality of nationalism, the training proffered to the population at large, and the legacy of the liberal tradition.

Keywords: Peronism; intellectuals; cultural production; popular sectors.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
 CAPÍTULO I. HISTORIOGRAFIA E PRODUÇÃO CULTURAL NA (DES)CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA PERONISTA.....	 15
A historiografia sobre o movimento operário e a criação da hegemonia peronista.....	22
Gino Germani e a Sociologia Científica.....	23
Gino Germani e a Literatura argentina.....	29
Murmis e Portantiero: a aliança de classes e a “revisão” de Germani.....	31
Daniel James: resistência e integração ou integração e resistência?.....	35
A historiografia sobre o movimento operário argentino e a “concretização” do discurso peronista.....	41
Década de 1990: crise, historiografia sobre o peronismo e a consolidação do cultural.....	43
 CAPÍTULO II. PERCURSOS DE ESCRITORES ANTIPERONISTAS EM TEMPOS DE PERÓN.....	 59
Preenchendo o “vazio” cultural.....	60
Borges, escritor argentino.....	67
Um peronista continuador de Borges e um poeta homenageado por peronistas e antiperonistas.....	81
De <i>Emagrecer comendo</i> a Victoria Ocampo: uma comparação entre dois catálogos da editora Sudamericana (1941/42-1950).....	85
De catálogos a cartas e diários de escritores: perseguições políticas e produção cultural durante o governo de Perón.....	89
Percursos de escritores antiperonistas em um “território” peronista: a vida cultural argentina a partir do <i>La Prensa</i> controlado pela CGT.....	100

CAPÍTULO III. FIERRO NÃO ESTÁ SÓ: PROPOSTAS E PERIÓDICOS CULTURAIS NACIONALISTAS DURANTE O GOVERNO DE PERÓN.....	113
Peronismo, nacionalismo e política cultural.....	113
A cultura no discurso de Perón e Evita.....	116
O Primeiro Congresso de Bibliotecas Populares da Província de Buenos Aires.....	120
Revistas culturais nacionalistas durante o governo de Perón: o caso de <i>Argentina</i>	129
Peronismo, nacionalismo e cultura sob uma perspectiva provincial: as revistas <i>Substancia</i> e <i>Tellus</i> de Entre Rios.....	139
Ainda o <i>La Prensa</i> controlado pela CGT: peronismo, cultura e tradição liberal argentina.....	155
 CAPÍTULO IV. NEM TÃO FANÁTICOS: DISCURSO PERONISTA, DESVIO E EXCESSO.....	 169
História, Literatura e (des)mitificação do peronismo: a representação dos setores populares.....	169
Discurso peronista, desvio e excesso.....	177
Luis Horacio Velázquez e o discurso peronista na literatura.....	192
Rimando pobreza com sujeira: <i>Barrio Gris</i> (1952) de Joaquín Gómez Bas.....	204
<i>A festa do Monstro</i> : Borges, Bioy Casares e o (anti)peronismo.....	216
Tentando responder a uma pergunta.....	225
 CONCLUSÃO: A HISTÓRIA DE UM DESENCONTRO.....	 229
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 235

INTRODUÇÃO.

- Puedo caer en cualquier tentación, pero jamás en la de reconciliarme con usted. (...).
- General, no deja de ser un alivio comprobar que estamos tan lejos de reconciliarnos.

Diálogo imaginário entre Perón e Borges. Rodolfo Braceli, *Padres nuestros que están en los cielos: borgesperón*.¹

Faço parte de uma geração marcada politicamente pelo peronismo e culturalmente por Borges. São as marcas de um conflito (...).

Beatriz Sarlo.²

Concentrando-se na produção cultural, particularmente no âmbito literário³ argentino das décadas de 1940 e 1950, a tese tem como objetivo demonstrar que as divisões políticas entre peronistas e antiperonistas não se delinearam do mesmo modo no plano cultural. Durante os dois primeiros governos de Juan Domingo Perón (1946-1955), nota-se não apenas a consolidação de escritores, publicações e grupos culturais ligados à tradição liberal argentina, mas também o “diálogo” da política cultural peronista com aspectos desta tradição. Assim, a tese questiona o vazio cultural por vezes atribuído ao período, o qual teria colaborado para a consolidação do peronismo ao favorecer a manipulação política dos setores populares.

O escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) costumava dizer que toda a Literatura estava em uns poucos livros. Beatriz Sarlo defende que, provavelmente, quase todos os argumentos também estejam em Borges. Há mais de vinte anos do seu falecimento, o escritor continua sendo uma referência obrigatória para se compreender a cultura e a política da Argentina no século XX.

¹ BRACELI, R. *Padres nuestros que están en los cielos: borgesperón*. Buenos Aires: Atlantida, 1994. p. 21.

² SARLO, B. *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 9.

³ Entendemos por âmbito literário o conjunto da produção textual dos escritores, sua circulação e divulgação, além de outras atividades que exerciam, por exemplo, como professores e conferencistas. Incluimos, ainda, os grupos aos quais pertenciam e os relacionamentos pessoais, políticos e institucionais travados entre eles. Consideramos que essa perspectiva permite historicizar os textos, literários ou não, produzidos pelos escritores, conforme defende Chartier. Nas suas palavras, devemos “(...) romper con el concepto abstracto de obra y, de la misma manera, con un concepto de autor abstracto, invariable o universal, porque los lugares sociales o las instituciones en que los autores producen obras son muy variables (...)” (*Cultura escrita, literatura e historia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 123).

No entanto, talvez quase todos os argumentos também estejam no peronismo, que domina politicamente a Argentina até os dias atuais. Dessa maneira, o país é um cenário ideal para se estudar as relações entre a política e a cultura: de um lado, o protagonismo do ex-presidente Juan Domingo Perón (1895-1974), de outro, Borges, um antiperonista ferrenho.

No conto *A festa do Monstro* (1947) escrito por Borges e Adolfo Bioy Casares (1914-1999), seu amigo e parceiro em vários trabalhos – e também antiperonista –, migrantes seguidores do Monstro (Perón), residentes na Grande Buenos Aires, matam um jovem estudante judeu nas ruas portenhas: encontro do interior com a capital, dos setores populares com os mais intelectualizados, do nacionalismo com o cosmopolitismo, da “barbárie” com a “civilização”, para usar os termos recorrentes no pensamento argentino desde o século XIX.⁴ Na epígrafe, o diálogo imaginário entre Perón e Borges e o testemunho de Beatriz Sarlo demonstram a recorrência dessa imagem da existência de “duas Argentinas”.

Imagem recorrente também na historiografia. Em *A invenção da Argentina*, recentemente publicado em português, Nicolas Shumway defende que a identidade nacional argentina foi construída sobre uma “mitologia da exclusão”, segundo a qual a consolidação da unidade nacional passaria pela exclusão, pela derrota do adversário político. Não seria algo restrito ao século XIX. Shumway recupera, por exemplo, a expressão do escritor Ernesto Sábato, contemporâneo de Perón, para quem a Argentina seria uma “sociedade de opositores”. Segundo Shumway, o peronismo seria uma continuidade do caudilhismo federalista do século XIX:

(...) nos movimentos populistas, os trabalhadores industriais e os imigrantes suplantariam os *gauchos* da província. Os caudilhos personalistas seriam também substituídos por líderes messiânicos como Juan Domingo Perón e Eva Duarte. (...). (...) em todas essas mudanças há uma singular qualidade de *déjà vu*, tão pronunciada, que é como se a Argentina fosse não um só país mas dois, com uma

⁴ Em *Facundo* (1845), o unitário Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), que foi presidente entre 1868 e 1874, analisou as guerras civis do período entre unitários e federalistas como um confronto entre a civilização, que estaria presente nas cidades e nos imigrantes estrangeiros, e a barbárie, que seria representada pelo campo/interior e pelos nativos. Consequentemente, os unitários seriam os portadores da civilização e os federalistas representariam a barbárie. Como veremos, o peronismo foi inicialmente visto como uma nova etapa desse confronto.

enorme suspeita recíproca, e no entanto destinados a compartilhar o mesmo território.⁵

A análise de Shumway ecoa, por exemplo, no conhecido *Prefácio à edição brasileira de Facundo* escrito por Maria Lígia Prado. Além de Shumway, a autora apresenta inúmeros outros autores e oferece uma perspectiva histórica que, por vezes, parece faltar em Shumway. A historiadora defende que *Facundo* apresenta “(...) teses discutíveis sobre a natureza da sociedade argentina.”⁶ Entretanto, alguns trechos de seu texto convergem com a imagem das “duas Argentinas” presente em Shumway. Segundo Maria Lígia Prado, os derrotados pelo projeto político de Sarmiento, os gaúchos, os índios, os montoneros, os federalistas, as mulheres e os imigrantes pobres, “(...) não puderam celebrar em igualdade de condições as conquistas dos novos tempos.”⁷ Assim como Shumway, a historiadora acredita que a imagem das “duas Argentinas” também estaria presente no século XX. “As opiniões divergentes e apaixonadas sobre Sarmiento atravessaram o século e podem ser acompanhadas na historiografia argentina dividida por posições políticas definidas [grifo meu].”⁸

Essa é, inclusive, a imagem que o Estado argentino “vende” do país atualmente. No sítio virtual *Argentina – portal oficial de promoción de la República Argentina*, encontramos a imagem das “duas Argentinas” quando é mencionado o governo de Perón. “Con el peronismo, en 1945, se agudizó la tensión entre lo culto y lo popular. Los intelectuales de la elite conservadora fueron antiperonistas y también lo fueron los de izquierda.”⁹

Por isso Beatriz Sarlo fala em confronto no testemunho destacado na epígrafe. Confronto nascido de seu pertencimento a grupos opostos da sociedade argentina. Entretanto, se é possível esse pertencimento duplo, não parecem ser esferas claramente

⁵ SHUMWAY, N. *A invenção da Argentina: história de uma idéia*. São Paulo: EDUSP; Brasília: Editora UnB, 2008. p. 78. Uma leitura introdutória sobre a questão pode ser encontrada em *As duas Argentinas* de Emanuel da Veiga Garcia (São Paulo: Ática, 1990).

⁶ PRADO, M. L. Prefácio à edição brasileira. In: FACUNDO, D. F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 29.

⁷ Ibid., p. 39.

⁸ Ibid., p. 30.

⁹ Cultura argentina, riqueza y diversidad. Disponível em: <http://www.argentina.ar/_es/cultura/c694-cultura-argentina-riqueza-y-diversidad.php>. Acesso em: 1 abr. 2009.

delineadas e fechadas.¹⁰ Independentemente de essa colocação ser ou não válida, é necessário destacar que se trata de um testemunho referente ao período posterior à queda de Perón, caracterizado por uma crescente tensão política que não deve ser estendida a todo o governo de Perón.

O desenvolvimento da pesquisa indicou que o enraizamento dessa imagem na memória argentina e seu uso político colocaram em segundo plano os mecanismos de reelaboração do confronto em diferentes circunstâncias históricas. Mecanismos que incluem concessões e apropriação de características e elementos do adversário político.¹¹ José Carlos Chiaramonte destaca como alguns conceitos (civilização/barbárie, modernidade/tradição, etc.) são tomados de forma anacrônica e teleológica. O autor expõe como houve conciliação de aspectos aparentemente contraditórios na formação das nações latino-americanas. Sarmiento, por exemplo, idealizou o gaúcho no capítulo II de *Facundo*.¹²

Perspectiva semelhante à de Chiaramonte nos apresenta Antonio Mitre. Em *O*

¹⁰ Apesar de se referir à Argentina do século XX como um cenário marcado por “posições políticas definidas”, Maria Lúcia Prado destaca que até “(...) mesmo os socialistas, como o fundador do Partido, Juan B. Justo, colocavam Sarmiento na galeria dos grandes homens argentinos, da qual Rosas, evidentemente, não fazia parte.” (PRADO, op. cit., p. 30). Isso, vale mencionar, muito antes da aproximação entre os socialistas e os liberais ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pois Justo faleceu em 1928.

¹¹ Apesar da “impossibilidade” de Borges e Perón se reconciliarem, como destacado na epígrafe, Braceli constrói uma versão bem humorada de características que Borges invejaria em Perón e vice-versa. No romance, Borges conta um sonho à sua mãe: tinha ganhado o Prêmio Nobel de Literatura, que tanto almejou, em vão, ao longo da sua vida. No sonho, após o anúncio do prêmio, multidões lotaram ruas e estádios para saudar o escritor:

“Siento latir la palabra *Argentina* en cada sílaba, siento ramalazos de cosmos, paladeo un placer nuevo: siempre dije que la emoción y las lágrimas son cosas subalternas, pero estoy claudicando a ellas...” (BRACELI, op. cit., p. 74).

“– *Fíjese, yo que siempre consideré abominables a las multitudes, me dejé tomar por ellas... Fíjese, yo, acérrimo vituperador de los estribillos, recibí sin disgusto un estribillo que establecía: Borges... Platón... un solo corazón... Sí, madre, en las postrimerías de mis huesos empiezo a aprender que, al fin y al cabo, la multitud se compone de infinidad de uno...*” (Ibid., p. 76).

Já Perón, em um diálogo com Borges, mostra-se seduzido pelos círculos intelectuais:

“– No palanganee, que a mí también me condecoraron en una punta de universidades.

– Claro, usted fabricaba la medalla, designaba el decano y ponía el pecho.” (Ibid., p. 119).

¹² CHIARAMONTE, J. C. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In: JANCSÓ, I. *Brasil: formação do Estado e da nação*. São Paulo: Hucitec, 2003; CHIARAMONTE, J. C. *Ciudades, Provincias, Estados: orígenes de la nación argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1997. Maria Lúcia Prado apresenta outra perspectiva quanto à idealização do gaúcho. A autora considera que se trata de uma “(...) disfarçada simpatia pela parte “bárbara” da sociedade argentina (...)”, cujo saber apenas teria ganhado inteligibilidade graças à sua intervenção, que transformou a tradição oral dos gaúchos em cultura escrita. (PRADO, op. cit., p. 35).

dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano, o autor considera que a América Latina é marcada, sim, pelo confronto entre tradição e modernidade. Entretanto, diferentemente do que Shumway sugere em seu livro, em Mitre não vemos, exatamente, um confronto entre grupos político-sociais, mas algo que seria inerente à própria identidade latino-americana, algo que se daria internamente aos sujeitos e grupos. Assim, Sarmiento não seria um representante exclusivo da modernidade, pois traria consigo o confronto fundador de nossa identidade:

Ao autor de *Facundo* podem ser feitas muitas críticas, mas, ao mesmo tempo, é justo reconhecer que ele foi um dos primeiros a indicar, com suma precisão, algumas das encruzilhadas em que até hoje nos encontramos. Não era um imitador compulsivo e, sim, um incansável explorador de suas circunstâncias. A distância parece dizer-nos: não pretendais ser tão universais a ponto de tornar-vos cópia de outros, nem tão singulares que não se vos possa nomear senão apontando vossa imagem sobre o espelho.¹³

Se por um lado Sarmiento “caminhou” em direção ao campo, por outro o campo também “caminhou” rumo às cidades. Em *América Latina: as cidades e as idéias*, publicado em 1976, José Luis Romero defende que houve predomínio das cidades no processo de formação dos Estados nacionais na América Latina. Entretanto, o autor já advertia que as cidades não teriam sido espaços privilegiados deste ou daquele grupo político-social, mas disputadas por estes grupos:

(...) logo se viu que o (...) objetivo [da sociedade rural] não era aniquilar as cidades, mas apoderar-se delas, talvez esperando que se submetessem a seus padrões. Por certo, foi assim em parte. As cidades ruralizaram-se de alguma forma, mas só em sua aparência, nos costumes e nas normas, na declarada adesão a certos hábitos regionais. No fundo, a sociedade rural foi reduzida aos poucos, outra vez, aos esquemas urbanos. Até os costumes e as normas voltaram a ser urbanas ao final de pouco tempo, fosse Páez ou Rosas quem dominasse a cidade. E, enquanto isso, a sociedade rural – a produtora de riqueza – adaptou os seus mecanismos outra vez ao complexo sistema intermediário que as cidades controlavam sabiamente, e só manifestou sua influência e seu poder incorporando-se a ele e compartilhando o comando com os experimentados grupos que, após se submetem ao poder rural, recuperavam lentamente suas posições (...).¹⁴

¹³ MITRE, A. *O dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 68.

¹⁴ ROMERO, J. L. *América Latina: as cidades e as idéias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 213. O predomínio das cidades está relacionado à tradição política hispano-americana marcada pelo localismo,

Assim, em comparação com Chiaramonte e Mitre, José Luis Romero não chega a romper com a visão tradicional sobre as categorias campo e cidade. Apesar disso, José Luis Romero destaca a coexistência dessas categorias e, o que mais nos interessa, alerta sobre as negociações existentes entre esses “opostos” da sociedade argentina, uma das questões priorizadas por Chiaramonte em seus estudos.¹⁵

Em *Civilização e barbárie n’os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*, Miriam Gárate não explora essas convergências entre grupos e categorias, mas, ao analisar *Facundo*, destaca como a oposição é construída e mantida discursivamente, mesmo quando existe similaridade quanto a algumas práticas:

(...) quando se trata de denegrir o outro e de legitimar o nós, todas as armas são boas. Assim, se o outro mata, só o faz inequivocamente pelo concurso das “más razões” e dos “maus meios”.

(...).

No entanto, se do seu próprio lado se transgride alguma regra que compromete a legalidade do ato, a “falta” ou o “equivoco”, dado que assim passa a ser denominado, vê-se atenuado pelo recurso a mil explicações.¹⁶

Se recorrermos aos constantes paralelos entre o século XIX e o XX na Argentina, no caso do peronismo também observamos o movimento inverso à idealização do gaúcho por Sarmiento: diferentemente do que especialistas apontaram e ignoraram por décadas, os dois primeiros governos de Perón tiveram, sim, uma política cultural.¹⁷ Tal política não apenas

relacionado à necessidade, desde o período colonial, de se povoar o território.

¹⁵ Existe um extenso debate sobre o papel das cidades na historiografia latino-americana. Não é nosso propósito desenvolver esse debate. Entretanto, pretendemos destacar, mesmo sucintamente, que do período colonial ao século XIX, por razões distintas do que observamos no XX, as categorias campo e cidade não se apresentam da maneira “pura” que, muitas vezes, são reivindicadas por discursos político-culturais. Sobre o papel das cidades na América Latina ainda podem ser consultados, dentre outros, o clássico *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda e trabalhos de François-Xavier Guerra, Tulio Halperin Donghi, David Brading, Antonio Annino e Hilda Sabato.

¹⁶ GÁRATE, M. V. *Civilização e barbárie n’os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 48-49.

¹⁷ Para Michel de Certeau, política cultural é “(...) um conjunto *mais ou menos* coerente de objetivos, de meios e de ações que visam à modificação de comportamentos, segundo princípios ou critérios explícitos [grifo meu].” (*A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995. p. 195). Em estudo considerado pioneiro sobre a revista *Sur*, lançado apenas em 1986 e em inglês, John King apontou que o peronismo “(...) permanece em gran parte inexplorado en el campo cultural (...)” (*Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970)*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989. p. 17). Na segunda edição de *Mañana es San Perón*, lançado em 1993, Mariano Ben Plotkin

se apropriou de próceres da tradição liberal argentina como o próprio Sarmiento, mas adotou, também, características e elementos do grupo Sur¹⁸, ao qual pertenciam Borges, Bioy Casares, Victoria Ocampo¹⁹ e tantos outros antiperonistas.

A existência dessa política cultural peronista nos apresenta alguns desdobramentos: em primeiro lugar, sugere que a distância entre os setores populares e a produção cultural²⁰ era menor do que se pensa, pois o peronismo se colocava como representante destes setores.

Além disso, considerando-se que a política cultural peronista se apropriou de características e elementos do grupo Sur, formado, em sua maioria, por intelectuais liberais, podemos questionar a suposta hegemonia dos grupos nacionalistas e autoritários no meio intelectual argentino daqueles anos, assim como as características geralmente atribuídas a estes grupos. Se por um lado o grupo Sur acabou formando um núcleo de resistência ao peronismo, por outro, a política cultural do governo de Perón adotou um posicionamento

também aponta essa lacuna: segundo o autor, até o começo da década de 1990, os “(...) aspectos simbólicos del peronismo recién comenzaban a ser explorados.” (Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007. p. 11). Em um artigo de 2004, no qual comparou os governos de Vargas e Perón, Flavia Fiorucci apontou o desinteresse do peronismo pela cultura. “La ausencia de una figura como la de Capanema en el gobierno de Perón nos revela la falta de interés por integrar a los intelectuales a su proyecto político (...). (...). La identidad obrera de este movimiento y el carácter autoritario del régimen son centrales a la hora de comprender la falta de interés en la alta cultura y en sus propios cuadros intelectuales. (...). Buscaba recomponer la relación de fuerzas en la sociedad, y en el nuevo esquema ni los intelectuales ni la cultura de élite eran importantes. Perón desconfiaba de los intelectuales y del mundo de las ideas en general, al cual anteponía la acción.” (¿Aliados o enemigos? Los intelectuales en los gobiernos de Vargas e Perón. *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 15, nº 2, julho-dezembro de 2004. p. 11. Disponível no site: <www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html>. Acesso em: 2 maio 2005).

¹⁸ Em *O canto de Perséfone: o grupo Sur e a cultura de massa argentina (1956-1961)* (São Paulo: Annablume, 2006), Adriana Carvalho Novaes considera que o grupo Sur era formado pelos membros do conselho editorial da revista e por intelectuais que marcaram sua linha editorial. No período anterior ao estudado pela autora, consideramos que o grupo era composto, também, por outras publicações, cujas características em comum eram, em termos políticos, o liberalismo, o que incluía setores da esquerda naqueles anos e, no âmbito artístico e intelectual, a crítica ao nacionalismo. A “aliança” de distintos grupos políticos contra o peronismo entra em crise com o aumento da tensão política provocada pela queda de Perón em 1955, a partir da qual nota-se um crescente isolamento da revista *Sur* no meio artístico e intelectual argentino.

¹⁹ Pertencente a uma tradicional família argentina, Victoria Ocampo (1890-1979) destacou-se como promotora cultural. Proprietária da revista e da editora Sur, Victoria Ocampo também se destacou na defesa de direitos para as mulheres. Deixou obra marcada por memórias, testemunhos e extensa correspondência. Sua irmã mais nova, a poeta e escritora Silvina Ocampo (1903-1994), era esposa de Bioy Casares.

²⁰ Neste trabalho, pensamos produção cultural a partir do que Michel de Certeau entende por atividade cultural. “A *atividade cultural* situa a atividade em uma cultura aceita e patenteada (...), isto é, na “cultura erudita” (...) [grifo do autor].” (op. cit., p. 195).

duplo: tentou conter a consolidação de Borges e de outros expoentes do grupo Sur no meio intelectual argentino e, simultaneamente, se apropriou de características e de instrumentos que possibilitaram esta consolidação.

Finalmente, uma semelhança entre os escritores peronistas e os antiperonistas pode ser destacada durante as décadas de 1940 e 1950: na representação literária dos setores populares, o desvio, muitas vezes, se sobrepõe à norma, o que contrasta com a imagem de um povo organizado sob os princípios da “doutrina” peronista. O governo de Perón parece não ter alcançado a hegemonia pretendida inclusive entre os setores populares.

Dentre outros, os trabalhos de Beatriz Sarlo e de colaboradores da revista *Punto de Vista*, dirigida por Sarlo, contribuíram decisivamente para uma revisão do legado da tradição liberal argentina. As suas pesquisas sobre a produção cultural argentina na primeira metade do século XX questionaram – e questionam – a imagem do país dividido em dois. Segundo esses trabalhos, as migrações e o desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte derrubaram barreiras existentes entre o “centro” e a “periferia” e contribuíram para a circulação de idéias. O liberalismo argentino deixa de ser visto como algo distante, isolado, em contradição com o nacional e o popular, como Arturo Jauretche e Juan José Hernández Arregui, dentre outros intelectuais ligados ao peronismo, passaram a destacar *após* a queda de Perón em 1955, como analisaremos mais detalhadamente no segundo capítulo.

No livro *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, publicado em 1988, Beatriz Sarlo considera que a tensão entre as cidades e o campo, entre Buenos Aires e interior, foi particularmente alimentada nas décadas de vinte e trinta do século XX, justamente, pelo “desaparecimento” dessas sociabilidades, em virtude da migração e consequentemente crescimento da capital argentina. Não é apenas o “campo” que desaparece em Buenos Aires, mas também “Buenos Aires” desaparece com a “chegada” do campo. “(...) se produce una peculiar transacción o un combate de valores pertenecientes a dos grandes espacios *más simbólicos que reales*: el ‘campo’ y la ‘ciudad’, figurados como oposición (...) [grifo meu].”²¹ De acordo com Sarlo, formou-se em Buenos Aires uma

²¹ SARLO, B. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999. p. 33.

“cultura de mescla”:

(...) [em uma cultura de mescla] coexisten elementos defensivos y residuales junto a los programas renovadores (...). (...). La mezcla es uno de los rasgos menos transitorios de la cultura argentina: su forma ya ‘clásica’ de respuesta y *reacondicionamiento* [grifo meu]. Lo que un historiador de la arquitectura [Alberto Sato] llama “la versatilidad y la permeabilidad” de la cultura porteña, me parece un principio global para definir estrategias ideológicas y estéticas. (...) La cultura de Buenos Aires estaba tensionada por ‘lo nuevo’, aunque también se lamentara el curso irreparable de los cambios. (...). La modernidad es un escenario de pérdida pero también de fantasías reparadoras.²²

O que Sarlo destaca em relação à capital argentina, Néstor García Canclini considera pertinente para a América Latina de um modo geral. Para o autor, a América Latina é formada por “culturas híbridas”. “(...) *entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas* [grifo do autor].”²³ O autor ressalta que essas “estruturas ou práticas discretas” foram igualmente formadas por processos de hibridação, motivo pelo qual não seriam fontes puras. Desse modo, a hibridação não implicaria ausência de tensões. Segundo o autor, as “culturas híbridas” seriam decorrentes de um processo de modernização ainda em curso, que coexistiria com as tradições culturais:

Os países latino-americanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas (sobretudo nas áreas mesoamericana e andina), do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicacionais modernas. Apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indígena e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais. Os impulsos secularizadores e renovadores da modernidade foram mais eficazes nos grupos “cultos”, mas certas elites preservam seu enraizamento nas tradições indígenas, como recursos para justificar privilégios da ordem antiga desafiados pela expansão da cultura massiva.²⁴

Apesar da contribuição de estudos como os de Chiaramonte, José Luis Romero, Sarlo e Canclini, consideramos que a perspectiva, de um modo geral, compartilhada por

²² Ibid., p. 28-29.

²³ CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. XIX.

²⁴ Ibid., p. 73-74.

estes autores, ainda é uma lacuna nas pesquisas sobre o período correspondente ao governo de Perón. Conforme veremos no primeiro capítulo, diversos trabalhos encerram seus recortes temporais, no máximo, em 1945, às vésperas da ascensão de Perón à presidência da Argentina. Entretanto, alguns trabalhos como *Una modernidad periférica* de Sarlo deixaram em aberto a possibilidade de se adotar uma perspectiva semelhante até a década de 1950. “Más de veinte años después, en la década de cincuenta, [os intelectuais e as revistas culturais] todavía siguieron potenciando polémicas.”²⁵

Na introdução de *Una modernidad periférica*, Sarlo considera ter escrito um “livro de mescla” sobre uma “cultura de mescla”, referindo-se ao contato com diferentes perspectivas teóricas em seu trabalho. Sarlo destaca não saber se o seu livro “(...) responde al régimen de la historia cultural, de la *intellectual history*, de la historia de los intelectuales o de las ideas.”²⁶ Apropriando-se das palavras da autora, considero que a tese apresenta oscilações parecidas. Em parte, pela incontestável importância da obra de Sarlo sobre o trabalho. Também há, certamente, uma relação com os citados contratempos para se encontrar fontes completas, o que levou a uma ampliação da documentação a ser pesquisada. Finalmente, tais oscilações parecem ser inevitáveis em um estudo que se propõe a destacar, justamente, a porosidade da “fronteira” que marca a História e a memória dos argentinos.

De qualquer modo, sem excluir as possibilidades de leitura sugeridas por Sarlo, considero que a tese deve ser lida como um trabalho de história política ou, mais precisamente, como um trabalho de história cultural do político. Político entendido como tudo aquilo que é público, que se dá no âmbito público, retomando a visão presente em Hannah Arendt. Político compreendido não como uma imposição, mas como acordo decorrente da necessidade de se conter as tensões que se originam da multiplicidade dos homens e dos grupos e que se manifestam no espaço público.²⁷ Trabalho de história cultural do político porque se propõe a destacar como as tensões entre Buenos Aires e o interior, entre a “civilização” e a “barbárie”, entre o unitarismo e o federalismo, foram particularmente lidas em meados do século XX, em meio às disputas entre peronistas e

²⁵ SARLO, *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, p. 246.

²⁶ *Ibid.*, p. 9.

²⁷ ARENDT, H. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

antiperonistas:

A história cultural (...) tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e *partilhadas*, próprias do grupo [grifo meu].²⁸

Michel de Certeau propõe uma interessante articulação entre o político e o cultural, na qual os dois conceitos ampliam-se e fogem de modelos considerados ideais e de reducionismos de natureza econômica e social. Em Michel de Certeau, a “multidão” anônima aparece como elemento ativo, dinâmico, na estruturação dos embates político-culturais. Na elaboração de sua política cultural, o governo de Perón não ignorou, ou melhor, não pôde ignorar, pensamentos e costumes atribuídos aos setores populares que destoavam de seus pressupostos, dentre eles o repertório político referente à tradição liberal:

Julgariam [alguns] que as ações culturais são redutíveis às suas implicações e à sua rentabilidade sociopolíticas e, por exemplo, que uma festa é de pouca valia quando utilizada por um governo reacionário, ou que uma manifestação é inútil quando não se insere em uma luta social. Visão demasiadamente curta. Há, tanto em uma festa quanto em uma criação artística, algo que não é um meio, mas que basta a si próprio: a descoberta de possibilidades, a invenção de achados, a experiência de outros “pontos de partida”, à falta dos quais o ar se torna irrespirável e a seriedade nada é além do tédio em uma sociedade. (...). (...) enquanto a festa estiver sob o domínio dos exclusivistas que expulsam os participantes ou eliminam formas diferentes, ou lhes subtraem as articulações necessárias com a vida cotidiana, *ainda permanece a questão política*. Ela surge com esses limites repressivos que cada movimento social ultrapassa ao estabelecer *desvios*. A política não garante a felicidade nem confere significado às coisas. Ela cria ou recusa condições de possibilidades. Interdita ou permite: torna possível ou impossível. É sob esse viés que ela se apresenta aqui, no sentido de que a ação cultural choca-se com as interdições silenciosamente postas pelos poderes [grifos meus].²⁹

²⁸ CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 16-17.

²⁹ CERTEAU, op. cit., p. 214. Certeau assim define ação cultural. “A *ação cultural*, expressão paralela à “ação sindical” ou à “ação política”, designa uma intervenção que liga os agentes a objetivos (ou “alvos”) determinados. É também um segmento operacional em que os meios de realização dizem respeito aos objetivos a serem definidos.” (Ibid., p. 195).

A tese está estruturada da seguinte maneira. No capítulo I, *Historiografia e produção cultural na (des)construção da hegemonia peronista*, vemos como a historiografia, concentrada no movimento operário até a década de 1990, priorizou os elementos econômicos e sociais em detrimento dos culturais, o que ajudou a alimentar as imagens da demagogia e da manipulação atribuídas ao peronismo. Sem negar a presença dessas características no governo de Perón, destacamos os interesses políticos envolvidos na construção dessa historiografia: para legitimar o golpe de 1955 que colocou o peronismo na ilegalidade, frisou-se a representação dos peronistas como irracionais e fanáticos, características que teriam sido favorecidas por um ambiente cultural autoritário e pretensamente monolítico, como fizeram crer os opositores de Perón. Ao destacar as questões culturais, sobretudo a partir da década de 1990, a historiografia tem encontrado o autoritarismo, mas não necessariamente a monotonia e o tédio que, por exemplo, teriam levado o escritor Julio Cortázar (1914-1984) a um exílio voluntário na Europa no começo da década de cinquenta.³⁰

Nos capítulos II e III destacamos a trajetória de escritores peronistas e antiperonistas, assim como de periódicos, instituições e propostas culturais ligados aos dois grupos no período. Particularmente, são destacados os mecanismos de legitimação, os argumentos de autoridade na criação de espaços político-intelectuais e na formação de leitores.

No capítulo II, *Percursos de escritores antiperonistas em tempos de Perón*, partimos de uma análise da crítica em torno da obra de Borges até meados da década de 1950. A imagem de escritor desenraizado, desinteressado pelo nacional, não era recorrente, nem mesmo entre os peronistas, o que aponta para um quadro no qual as divisões políticas não encontram o mesmo paralelo na esfera cultural. Em 1951, Borges chega a ser elogiado na Câmara de Deputados pelo deputado peronista John William Cooke, durante um discurso de homenagem ao poeta peronista Homero Manzi, recentemente falecido. Há, assim, um conceito de nacional (ainda) compartilhado por peronistas e antiperonistas, disputado pelos dois grupos diante da sociedade argentina.

³⁰ Essa versão é citada por Maria Helena Rolim Capelato em *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo* (Campinas: Papirus, 1998).

Em seguida, a correspondência de Victoria Ocampo e de Cortázar, o diário de Bioy Casares, catálogos da conhecida editora Sudamericana, periódicos como o *La Prensa* controlado pela Confederação Geral do Trabalho, dentre outras fontes, mostram que a ascensão de Perón à presidência não desarticulou a produção e o reconhecimento de escritores antiperonistas, ainda que medidas e instituições governamentais não tenham colaborado para isto. Além disso, essas fontes demonstram que os problemas enfrentados na esfera cultural iam muito além das questões políticas propriamente ditas, como a censura e a aquisição de meios pelo governo. Se por um lado o governo de Perón mascarou a perseguição aos seus opositores, consideramos que, por outro, os escritores antiperonistas subestimaram a sua penetração na sociedade argentina, de modo a serem citados, com alguma frequência, em um periódico ligado ao governo como o jornal *La Prensa* controlado pela CGT. No primeiro caso, a necessidade do governo de Perón em não parecer autoritário. No segundo, a necessidade de se produzir uma situação – por diversos escritos e em diferentes meios – que convencesse a sociedade e legitimasse a queda de Perón.

No capítulo III, *Fierro não está só: propostas e periódicos culturais nacionalistas durante o governo de Perón*, analisamos periódicos que apoiavam o peronismo, publicações do governo e patrocinadas por ele. O cruzamento dos periódicos com os discursos de Perón e Evita sobre cultura mostra uma política cultural articulada. No entanto, essa articulação não implicou homogeneidade, pois encontramos propostas culturais nacionalistas que iam além de imagens estereotipadas do campo e do gaúcho, muitas vezes evocadas no poema *Martín Fierro* (1879) de José Hernández (1834-1886).³¹ Nesse capítulo, a análise de um congresso de bibliotecas populares ocorrido em La Plata, capital da Província de Buenos Aires, e de dois periódicos culturais nacionalistas da Província de Entre Ríos, *Tellus* e *Substancia*, sugerem que a modernidade destacada por

³¹ O poema, escrito em uma linguagem popular, é formado por duas partes: em 1872 foi lançado *El gaucho Martín Fierro* e, em 1879, a continuação, *La vuelta de Martín Fierro*. Convocado pelo Exército, o gaúcho Martín Fierro perde a sua liberdade. Insatisfeito com as autoridades militares, deserta, e, ao retornar para casa, vê a sua propriedade destruída e não encontra os seus familiares. A partir de então, torna-se um fora da lei e vaga pelo interior argentino na esperança de reencontrar a sua família. O poema seria uma crítica de José Hernández, federalista, à organização do Estado Nacional Argentino, pelos unitários, a partir de 1852. Sobre tudo a partir das comemorações do centenário da independência do país, comemorado em 1910, o personagem de Hernández foi tomado, por grupos nacionalistas, como um dos principais símbolos da identidade argentina.

Sarlo em Buenos Aires também estava em curso a nível provincial.

No capítulo IV, *Nem tão fanáticos: discurso peronista, desvio e excesso*, analisamos textos literários das décadas de 1940 e 1950, destacando, inicialmente, as perspectivas teóricas que orientaram a análise. Foram priorizados textos que representam o peronismo e os setores populares, escritos por autores de distintas tendências políticas. Conforme mencionado, apesar das diferenças, nota-se, tanto em escritores peronistas como Luis Horácio Velázquez como nos antiperonistas Borges e Bioy Casares, uma representação dos setores populares na qual o discurso normativo do governo parece encontrar barreiras para se enraizar e se concretizar em práticas.³² Tal representação abre novas perspectivas sobre a atuação política dos setores populares durante o governo de Perón, assim como a respeito da memória que se criou deste período da história argentina.

Mais amplamente, a análise da produção cultural durante o governo de Perón indica que o autoritarismo, presente em práticas como censura, perseguição a artistas e intelectuais e controle dos meios de comunicação, não basta para impedir a circulação de idéias que destoam das governamentais. A América Latina não é um reduto autoritário e tranquilo para (aspirantes a) ditadores.

³² É interessante destacar que, no romance de Braceli, Perón tem um pesadelo: dos balcões da Casa Rosada, dirigia-se a uma multidão sem orelhas. “Arriba mis brazos y mis manos, y mi sonrisa como un crisantemo... coooooompañeros... la palabra ya descende, allá va... pero no alcanza a tocar los rostros... rostros con pómulos, rostros con labios, rostros con narices, rostros con ojos, cejas y pestañas... pero rostros sin orejas, lisos, todos lisos, todos sin orejas... Nadie puede escuchar la palabra, nadie...” (BRACELI, op. cit., p. 141).

CAPÍTULO I. HISTORIOGRAFIA E PRODUÇÃO CULTURAL NA (DES)CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA PERONISTA.

Se se limita a “liberdade de expressão”, são os intelectuais que em primeiro lugar se sentem prejudicados (é uma liberdade *concreta* para eles). Mas que repercussões teria essa limitação para os camponeses e operários?

Gino Germani.¹

Aquí las cosas no van bien desde el punto de vista de las editoriales. Se diría que todo conspira en su contra...Sudamericana se mantiene a fuerza de publicar libros del tipo “Adelgazar comiendo”, “El arte de cocinar sin carne, huevos, verdura, manteca y aceite”, “El arte de enamorar a las mujeres”, “Cómo viajar sin dinero”, etc. Invento algunos títulos, pero es así.

Victoria Ocampo, 24/6/1948.²

En términos generales, la producción intelectual argentina ha sido baja, como en 1948 (...).

Como en años anteriores, salvan el prestigio de nuestra producción bibliográfica las obras de (...) *Literatura* –, que constituyen casi una tercera parte del total.

Manuel Selva, *La Nación*, 13/8/1950.³

CONFERENCIAS

Las disertaciones de hoy

(...).

“**Los filósofos ingleses: Locke y Berkeley**”, por Jorge L. Borges, a las 19, en la Asociación Argentina de Cultura Inglesa, Juncal 851.

La Prensa, 5/7/1954.⁴

O anúncio da conferência de Borges pelo *La Prensa* não chamaria a atenção caso o jornal não estivesse desde 1951 sob o controle do governo de Perón. Expropriado, o jornal, até então marcado por um discurso liberal e opositor, reapareceu em dezembro daquele ano a cargo da Confederación General del Trabajo (CGT)⁵, a central sindical aliada do governo

¹ GERMANI, G. *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*. São Paulo: Mestre Jou, 1973. p. 176.

² FELGINE, O. (Org.). *Victoria Ocampo/Roger Caillois: correspondencia (1939-1978)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 202.

³ SELVA, M. El libro argentino en 1949. *La Nación*, Buenos Aires, 13 de agosto de 1950. p. 11.

⁴ Conferencias. *La Prensa*, Buenos Aires, 5 julho de 1954.

⁵ Desde o começo do ano, greves de vendedores de jornais dificultaram a circulação e até mesmo a impressão do jornal. O *La Prensa* acusava o governo de estimular o conflito para prejudicar a imprensa. Em fevereiro, um empregado do *La Prensa* foi assassinado, o que serviu como pretexto para uma

que comandou a intensa sindicalização dos trabalhadores argentinos⁶, os quais, segundo Germani destaca acima, não se sentiriam prejudicados, pelo menos não em um primeiro momento, por limites colocados à liberdade de expressão. Então, por que um jornal, administrado por uma central sindical aliada de um governo nacionalista, anunciaria uma conferência de um opositor como Borges e, ainda por cima, sobre filosofia inglesa?

Isso não quer dizer que Borges fosse uma leitura recorrente entre os trabalhadores ou que suas conferências fossem assistidas por este público. Entretanto, o anúncio da sua conferência indica que o escritor era uma referência da Literatura argentina, cuja produção e outras atividades não puderam ser ignoradas ou suprimidas pelo governo de Perón, apesar do aumento do autoritarismo ocorrido principalmente no segundo mandato, iniciado em 1952.⁷ Se, apesar do crescimento da tensão política, um jornal ligado a uma central sindical aliada do governo abria espaços, ainda que mínimos e esporádicos, a opositores, é necessário repensar a relação entre trabalhadores e liberdade de expressão colocada por Germani.⁸

Apesar do forte apelo popular, observa-se um esforço constante do governo de Perón em mascarar a perseguição aos opositores. Conforme colocam Belsunce e Floria, “(...) ciertos valores del liberalismo político subsistían a través de ideas y de creencias –

intervenção “legal” de suas instalações. A Câmara de Deputados, controlada pelos peronistas, determinou, além da expropriação, a prisão de Alberto Gainza Paz, diretor do jornal, que se exilou em Montevideu e Nova Iorque até a queda de Perón em 1955.

⁶ Fundada em 1930, a CGT liderava a ala sindical do partido peronista, também composto pelas alas masculina e feminina, esta controlada pela primeira-dama Eva Perón (1919-1952). Mais do que aliada do governo, pode-se afirmar que a CGT passou a integrar a estrutura do Estado peronista na medida em que coibiu greves, apoiou o fechamento de sindicatos opositores, estimulou o aumento da produtividade e colaborou na política de assistência social – parte dos recursos da Fundação Eva Perón, fundada em 1948, vinha de um desconto no pagamento dos filiados da central sindical. Em 1954, quando se anuncia a conferência de Borges no *La Prensa*, a CGT contava com mais de três milhões de filiados, dos quais um milhão e meio tinham sido recentemente incorporados, sobretudo depois da ascensão de Perón à presidência em 1946.

⁷ Com maioria no Legislativo e com o Judiciário sob controle – trocou quatro dos cinco membros da Corte Suprema de Justiça –, Perón aprovou em 1949 uma reforma constitucional que, dentre outros pontos, passou a permitir a reeleição presidencial. Em 1953, após um atentado à bomba na Praça de Maio, inúmeros antiperonistas foram presos e foram incendiados redutos da oposição como o Jockey Clube, o Petit Café e as sedes dos partidos conservador, radical e socialista.

⁸ Trata-se de uma relação que se vulgarizou e ainda está amplamente arraigada no pensamento latino-americano, segundo o qual as classes populares priorizam interesses econômicos imediatos em detrimento de questões relacionadas com a consolidação da democracia na região e, por isto, seriam manipuladas mais facilmente em termos políticos.

vinculado o no con el liberalismo económico – entre la mayoría de los argentinos.”⁹ Assim, tal perseguição era freqüentemente apresentada a partir de critérios não políticos. Por exemplo, a redução na importação de papel determinada pelo governo de Perón, a qual prejudicou os periódicos opositores, teria ocorrido para equilibrar a balança comercial do país.¹⁰

Pode-se contra-argumentar pelo menos três pontos. Em primeiro lugar, o espaço aos opositores pretenderia apenas manter os antigos leitores do jornal e a referência a Borges nada representaria para os trabalhadores. Além disso, a literatura e a cultura em geral nunca teriam sido preocupações centrais do peronismo, como mostrariam slogans como “¡Alpargatas sí, libros no!”, presentes em algumas manifestações do governo. Assim, a referência a Borges no *La Prensa* não iria de encontro aos interesses do peronismo. Finalmente, Germani não diz que os trabalhadores não se sentem prejudicados por limites colocados à liberdade de expressão, mas que apenas não sentiriam de imediato suas conseqüências.

A respeito do primeiro ponto, a existência de uma preocupação do governo e da CGT em manter os antigos leitores do *La Prensa* apenas confirmaria a complexidade das relações entre peronistas e antiperonistas na esfera político-cultural. Ainda que a referência a Borges nada significasse aos trabalhadores, por que a leitura de um público liberal e opositor interessaria ao peronismo? Apesar do discurso voltado aos setores populares¹¹, Perón também buscou instrumentos tradicionais de legitimação como o delineamento de

⁹ BELSUNCE, C. A. G.; FLORIA, C. A. *Historia de los argentinos*. Buenos Aires: Larousse, 1992. v. 2. p. 382.

¹⁰ Os periódicos, particularmente os jornais, tiveram sua extensão reduzida drasticamente, o que teria diminuído as vendas e limitado a arrecadação com publicidade.

¹¹ Em *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra* (Buenos Aires: Siglo XXI, 2007), escrito em parceria com Leandro Gutiérrez, Luis Alberto Romero defende o emprego do termo setores populares quando se pensa os trabalhadores em esferas que vão além do mundo do trabalho, como as referentes à produção e circulação cultural, às relações de gênero e familiares, à religiosidade e ao lazer, dentre inúmeras outras esferas. Além disso, o termo setores populares permite incluir as mulheres, as crianças e os idosos à margem do processo produtivo, mas inseridos nas esferas que acabamos de destacar. “(...) hoy, en el caso de las sociedades urbanas, los estudios sobre lo que Gramsci llamó las clases subalternas parecen no centrarse exclusivamente en los trabajadores industriales sino en un conjunto más amplio, genéricamente denominado sectores populares urbanos. Por otra parte, del estudio excluyente de lo laboral se ha pasado a un intento de integrar las distintas esferas de su vida; de su acción y conflictos como trabajadores, a través de las organizaciones sindicales, a todas las manifestaciones conflictivas de su existencia.” (Ibid., p. 27).

uma política cultural e o apoio de intelectuais. Quando o apoio não existia, o governo tentava demonstrar que, pelo menos, haveria tolerância, daí a menção, no *La Prensa*, à conferência de Borges sobre os filósofos ingleses. É provável que isso não fosse suficiente para convencer os antigos leitores do jornal, mas a omissão completa das atividades de Borges e outros opositores certamente teria um efeito político muito mais negativo para o governo. Com isso, o governo de Perón procurava “desarmar” os opositores que acusavam o peronismo de ser autoritário.

Flávia Fiorucci expõe a lacuna existente na historiografia sobre a relação entre os intelectuais e os chamados governos populistas latino-americanos:

El lugar de los intelectuales en los regímenes de tipo populista ha sido un tema que no ha merecido más que escasa atención. La razón es obvia: los grandes protagonistas de este tipo de experiencias políticas han sido el pueblo y el líder carismático en cuestión. Además, dichos regímenes han sido usualmente catalogados (en un afán por observarlos como parte de un mismo fenómeno) bajo el rótulo de antiintelectuales, por lo que parecía no haber demasiados motivos para estudiar a los intelectuales en relación a una tradición política que no les daba lugar y que, en contraposición, se asumía que éstos no apoyaban.¹²

A carta de Victoria Ocampo a Roger Caillois¹³ destacada no início do capítulo poderia indicar o segundo ponto, a despreocupação do peronismo com a cultura, como demonstrariam as últimas publicações das editoras argentinas. Durante um governo autoritário, sem políticas de incentivo à “verdadeira” cultura, apenas restaria às editoras publicar livros vendáveis e sem implicações políticas e/ou culturais. Entretanto, é interessante que um jornal liberal e opositor como o *La Nación*, apesar da crítica sobre a baixa produção intelectual no país, destaque o bom desempenho da literatura naqueles anos. O diário de Bioy Casares também indica que, durante o governo peronista, a Argentina não viveu o vazio cultural sugerido pela carta de Victoria Ocampo:

¹² FIORUCCI, op. cit., p. 1-2.

¹³ Na década de 1930, Roger Caillois (1913-1978) tornou-se colaborador da *Nouvelle Revue Française*, uma das revistas culturais francesas mais importantes do século XX. Durante a Segunda Guerra Mundial, exilou-se em Buenos Aires e, com o auxílio de Victoria Ocampo, organizou a revista pró-Aliados *Lettres Françaises*. Após a guerra, tornou-se funcionário cultural da UNESCO e, em 1971, foi eleito para a Academia Francesa de Letras.

Sábado, 3 de julio [de 1954]. (...).

Con Borges enumeramos libros nuestros que esperan en editoriales. En Emecé: *Suma* de Johnson, con notas mías; *Suma* de sir Thomas Browne, con notas de los dos; *Agudeza y arte de ingenio* de Gracián, con prólogo mío y notas de ambos; *Antología de la poesía española*, selección de ambos; *Antología de la poesía hispanoamericana* (...), selección de ambos. En Claridad: el *Libro del cielo y del infierno*, antología seleccionada por ambos. En Fondo de Cultura Económica: *Los Gauchescos*, (...) anotado y prologado por ambos. En Losada: *Los orilleros*: dos films, el del título y *El paraíso de los creyentes*, escritos en colaboración. En Raigal: *Cuentos breves y extraordinarios*, selección, traducción y prólogo de ambos.¹⁴

No início do trecho e em outras partes do diário há insatisfação com a morosidade das editoras para publicar os textos. Porém, é significativo que, dos dez textos mencionados, quatro tenham sido publicados já no ano seguinte.¹⁵ Tampouco se nota no diário de Bioy Casares uma relação direta entre a morosidade das editoras e o governo de Perón.

Apesar das dificuldades, os escritores antiperonistas continuaram produzindo durante o governo de Perón. É importante frisar que isso não deve ser visto como um exemplo de que o governo peronista era democrático. Em 1946, Borges foi transferido da Biblioteca Municipal Miguel Cané, na qual trabalhava, para o cargo de fiscal de feiras de Buenos Aires, de acordo com o escritor, por ter apoiado os Aliados na Segunda Guerra Mundial.¹⁶ Diante da inesperada transferência, Borges pede demissão e passa a fazer conferências para sobreviver. Paradoxalmente, conferências como a anunciada pelo *La Prensa*. Em 1948, Borges ainda teve a irmã Norah e a mãe Leonor presas por terem participado de um protesto em Buenos Aires contra o governo. Para mencionar outro exemplo, em uma carta de 26 de junho de 1951, Victoria Ocampo demonstra a Roger Caillois a tensão existente entre o governo peronista e os opositores pertencentes à esfera cultural. “Sé prudente en tus cartas. No me miran con buenos ojos.”¹⁷

Tampouco a consolidação de escritores opositores decorreu da ausência de uma

¹⁴ BIOY CASARES, A. *Borges*. 1ª ed. Buenos Aires: Destino, 2006. p. 109.

¹⁵ Os livros publicados em 1955 foram *Los Gauchescos*, *Los orilleros*, *El paraíso de los creyentes* e *Cuentos breves y extraordinarios*. No sítio virtual do Borges Center, ligado à Universidade de Iowa (<http://www.uiowa.edu/borges>), há disponível uma bibliografia geral de todas as obras de Borges.

¹⁶ De acordo com María Esther Vázquez, a transferência foi a Escola de Apicultura da Prefeitura, o que não descaracteriza a perseguição política sofrida pelo escritor.

¹⁷ FELGINE, op. cit., p. 222.

política cultural peronista. O governo de Perón e os governos provinciais aliados promoveram concursos, encontros, festivais e exposições, apoiaram instituições e periódicos¹⁸ e receberam a adesão de vários escritores como Leopoldo Marechal e Luis Horacio Velázquez. No entanto, há indícios que apontam para a marginalidade dessa política cultural. A seguir, um editorial da revista nacionalista *Sexto Continente*, comenta a ausência de notícias sobre a publicação nos principais meios de comunicação do país:

Es además ya crónico y cosa por demás prevista en nuestro ambiente que la iniciación de una empresa cultural como la nuestra, tan ambiciosa en su *intención patriótica* [grifo meu] como carente de todo ulterior objetivo de aprovechamiento comercial, sea recibida por nuestros grandes órganos de opinión con un silencio frío, rayano en la hostilidad.¹⁹

Quanto a Germani, de fato, não se pode dizer categoricamente que, para o sociólogo, a liberdade de expressão pouco ou nada representaria para os trabalhadores e camponeses. Porém, quando coloca que os intelectuais são os que sentem em primeiro lugar os efeitos de restrições à liberdade de pensamento, é possível deduzir que, se os camponeses e operários vierem a sentir os efeitos do autoritarismo, isto decorreria da atividade dos intelectuais que, assim, ocupariam um lugar privilegiado como agentes de transformação histórica:

A chamada “desperonização” (...) das classes populares argentinas constitui um problema muito distinto. Por um lado, trata-se (...) de uma questão de educação; por outro, só este aspecto seria (...) insuficiente. O que se precisa a este respeito não está (...) numa *mudança de mentalidade*, mas em *oferecer à ação política dessas massas uma mudança de possibilidades que lhes permitam alcançar seus objetivos “reais”* (...). (...) E isso depende não só da política social do governo, como também da orientação dos partidos políticos e, além disso (...), do comportamento da classe empresarial e de seus agentes. (...) A imensa tarefa a realizar consiste em alcançar essa (...) experiência, (...) *vinculando-a, de maneira indissolúvel, à teoria e à prática da democracia e da liberdade*.²⁰

¹⁸ Em *Alpargatas y libros* (1ª ed. Buenos Aires: Theoría, 2004), Fermín Chávez oferece um guia de publicações e intelectuais peronistas, grupo no qual se enquadra o autor.

¹⁹ “Sexto Continente” en la Madre Patria. *Sexto Continente*, Buenos Aires, nº 3-4, out.-nov. 1949. p. 9.

²⁰ GERMANI, op. cit., p. 289-290. Depois da queda de Perón, a desperonização foi uma política oficial. Em 1955, Perón se exilou e a desperonização visava eliminar sua influência sobre a vida política argentina. Dentre outras medidas, foi decretada a ilegalidade do partido peronista, seus simpatizantes foram afastados das universidades e de outras instituições e o corpo de Eva Perón, falecida em 1952, foi

Em *Os intelectuais e a invenção do peronismo*, Federico Neiburg analisa as primeiras interpretações sobre o peronismo, dentre elas a de Germani. Ao apontarem a manipulação que teria marcado o governo de Perón, os intelectuais colocavam-se como agentes privilegiados de esclarecimento da sociedade, para a qual apontavam soluções para a “crise” provocada pelo peronismo:

(...) quanto mais misterioso fosse o enigma do peronismo que cada intérprete viesse a construir, maior reconhecimento receberia sua extraordinária capacidade de decifrá-lo. (...). Todos concordavam em que *explicar o peronismo* era sinônimo de *explicar a Argentina*. E cada explicação tinha de ser, ao mesmo tempo, um projeto de país.²¹

Após a queda de Perón em 1955, venceram os projetos que excluía o peronismo. Para legitimar a exclusão do peronismo, ressaltou-se o domínio exercido pelo Estado e suas instituições no período anterior e, principalmente, o silêncio dos trabalhadores diante deste domínio.²²

A literatura produzida nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX indica que o peronismo esteve distante de ser hegemônico.²³ Não somente pela vasta produção de escritores opositores como Borges e Bioy Casares. Como veremos no capítulo IV, a representação literária das classes populares nesse período, tanto em escritores antiperonistas como peronistas, não combina com as recorrentes imagens de adesão,

transferido secretamente para a Itália. A desperonização ainda anulou a Constituição de 1949 e proibiu a publicação de imagens, o uso de símbolos e o canto de hinos que lembrassem o governo deposto.

²¹ NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de Antropologia Social e Cultural*. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 87-88.

²² Edgar De Decca demonstra como, no Brasil, o silêncio atribuído aos setores populares ajuda a legitimar a função dos intelectuais. “Há, sem dúvida, um viés voluntarista não apenas no pensamento político brasileiro, mas também nos discursos acadêmicos que sobrelevam, freqüentemente, determinados grupos da sociedade ou, quando não, o Estado como agentes exclusivos para a realização e transformação históricas. Há, entre nós, um modo específico de pensar que, quando não anula a realidade das classes sociais, as reconhece vinculadas às noções de atraso e dependência da formação social brasileira, desqualificando invariavelmente a efetivação histórica dos conflitos na própria instituição do social.” (DE DECCA, E. S. 1930, *O silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 32).

²³ Neste trabalho, hegemonia não se refere somente ao controle do Estado e de instituições de natureza diversa, mas também à intervenção destas instâncias na dinâmica da sociedade.

manipulação e passividade política, o que nos leva a repensar a hegemonia peronista não apenas na esfera cultural, como também na política. Ao se preocupar com o estabelecimento de uma política cultural, um dos principais interesses do governo de Perón foi, justamente, garantir a adesão dos setores populares ao seu modelo de organização social e política.

A historiografia sobre o movimento operário e a criação da hegemonia peronista.

A historiografia sobre o movimento operário argentino colaborou, bastante, para a criação da imagem que teria existido uma hegemonia peronista e, até a década de 1980, a historiografia sobre o peronismo concentrou-se, justamente, na ação do movimento operário a partir da ditadura militar instaurada em 1943, que consolidou a ascensão política de Perón.²⁴ Ao concentrarem a experiência dos trabalhadores somente no mundo do trabalho e ignorarem a produção cultural daqueles anos, alguns desses estudos desconsideraram aspectos da sociedade argentina que fugiram do controle do governo peronista. Ao se concentrarem apenas nos trabalhadores, esses estudos também desconsideraram segmentos da sociedade argentina como as mulheres, as crianças e os idosos, centrais, como os trabalhadores, nos discursos de Perón e Evita.

Como o movimento operário tem uma vasta bibliografia, selecionamos apenas quatro autores, considerados referências da historiografia e que produziram os seus principais trabalhos em três décadas diferentes: Gino Germani na década de sessenta do século XX, Miguel Murmis e Juan Carlos Portantiero na de setenta e Daniel James na de oitenta.

²⁴ Em 1943, o presidente Ramón S. Castillo (1940-1943) entrou em choque com o Ministro da Guerra, general Pedro Pablo Ramírez, sondado pela oposição para ser candidato à presidência. Além disso, em meio à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), manifestou apoio a Robustiano Patrón Costas, pró-Aliados, para sua sucessão, o que desagradou ao Grupo de Oficiais Unidos (GOU), formado por militares pró-Eixo, dentre os quais estava Perón. Temendo uma vitória de Patrón Costas e o rompimento da Argentina com o Eixo – até então o país mantinha uma política de neutralidade –, o GOU derruba Castillo em 4 de junho. No governo de Edelmiro Farrell (1944-1946), terceiro presidente a assumir após o golpe, Perón acumulou os cargos de vice-presidente, Ministro da Guerra e Secretário do Trabalho, cargo com o qual conquistou os setores populares ao implantar medidas sociais e trabalhistas, favorecido pela confortável situação econômica vivida pela Argentina, grande fornecedora de carne e trigo para a Europa em guerra.

Gino Germani e a Sociologia Científica.

Em 1962, Gino Germani publicou *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*, obra que reúne textos publicados pelo autor a partir de 1957. O livro é considerado o primeiro estudo acadêmico importante sobre o peronismo e continua sendo uma das principais referências da historiografia, apesar das revisões e críticas que ainda sofre.

Germani nasceu em 1911 na Itália, país no qual teve duas experiências que marcariam bastante sua vida na Argentina, onde chegou em 1934: Germani cursou Administração na Universidade de Roma e ficou um ano preso durante o governo de Mussolini por defender o socialismo. O antifascismo prestigiou Germani entre os intelectuais liberais²⁵ e sua habilidade com números ajudava a dar um cunho científico à Sociologia que então se organizava na Argentina. Em 1938, Germani entrou na Faculdade de Filosofia e Letras (FFeL) da Universidade de Buenos Aires (UBA) e, em 1940, foi fundado o Instituto de Sociologia. Federico Neiburg lembra, ainda, que a condição de estrangeiro supostamente conferia distanciamento e neutralidade a Germani, fundamental para uma Sociologia que se auto-denominava científica.

O golpe militar de 1943 iniciou uma lacuna de doze anos no processo de implantação da Sociologia nas universidades argentinas. Naquele contexto ainda fortemente marcado pela Segunda Guerra Mundial, intelectuais liberais como Germani foram afastados ou se afastaram das universidades pelo dirigismo dos novos governantes. Durante o governo de Perón, a situação se manteve, pois a universidade assumiu o papel de defender a “revolução” peronista. Nesse período, Germani fez traduções e escreveu prólogos para editoras. Além disso, deu cursos e palestras em centros independentes como o Colégio Livre de Estudos Superiores (CLES). Germani chegou a compor a diretoria do CLES. Fundado em 1930, o CLES foi um dos principais redutos liberais do país. Em 1952, a sede do CLES, em Buenos Aires, foi fechada pela polícia e reabriu apenas em outubro de 1955, quando Perón já tinha caído.

²⁵ Vale lembrar que a ascensão do nazi-fascismo colocou liberais e setores da esquerda lado a lado. Luis Alberto Romero (op. cit.) destaca que Germani pertencia à chamada esquerda progressista.

Federico Neiburg apresenta um dado importante: em 1946, 423 professores foram exonerados da UBA e 825 renunciaram em solidariedade. Distanciando-se de eventuais idealizações quanto aos professores que renunciaram, o elevado número indica que o campo intelectual argentino era variado, ia muito além da universidade. Para citar novamente o exemplo do CLES, apesar das perseguições sofridas, principalmente a partir de 1952, as sedes do interior continuaram funcionando e a sua principal publicação, a revista *Cursos y conferencias*, continuou a ser publicada regularmente. Neiburg destaca que o controle exercido pelo peronismo nas universidades não conseguiu desarticular a oposição:

Em vez de desarticular os círculos de oposição, a intervenção peronista na universidade provocou a coesão dos excluídos em torno de outras atividades e outras instituições que, mantendo-se a salvo do controle governamental, puderam sobreviver ao longo da década sem maiores sobressaltos.²⁶

Apesar disso, após a queda de Perón, o processo de desperonização teve a universidade como um dos seus principais alvos. O historiador socialista José Luis Romero (1909-1977) foi nomeado reitor da UBA. Todos os professores foram exonerados e foram abertos concursos para todos os cargos. Além dos documentos e procedimentos comuns a qualquer concurso, havia um novo requisito: os candidatos não poderiam ter tido qualquer relação com o governo peronista. Nesse contexto, o antiperonismo de Germani e sua produção durante todo o governo de Perón fizeram com que fosse convidado, ainda em 1955, para a direção do Departamento de Sociologia da UBA. Assim, a obra de Germani deve ser analisada dentro do processo de desperonização da universidade e do país. Após 1946, a universidade defendeu a “revolução” peronista; depois de 1955, passou a promover a “Revolução Libertadora”, nome dado pelos antiperonistas ao movimento que derrubou Perón.

Como sugere o título, em *Política e sociedade numa época de transição*, Germani via o peronismo como uma etapa de transição. Transição entre uma democracia com participação limitada (ou oligarquia) e outra com participação total. Transição de “uma” à

²⁶ NEIBURG, op. cit., p. 145-146.

“outra” Argentina.

Germani destacou que, a partir da década de 1930, o processo de industrialização levou principalmente à Grande Buenos Aires um grande número de migrantes vindos do campo ou de pequenas cidades do interior.²⁷ Esses migrantes não teriam experiência partidária ou sindical. De acordo com Germani, a rapidez do processo não integrou os migrantes que, nas grandes cidades, se tornaram uma base social disponível politicamente. O peronismo teria se consolidado por se dirigir a esses setores e mobilizá-los. Entretanto, Germani faz uma distinção e frisa que a mobilização não representou a integração desses trabalhadores:

O peronismo constituiu, sem dúvida, um caso de *manipulação* bem sucedido, já que conseguiu proporcionar uma participação efetiva das camadas mobilizadas, apesar de, como é óbvio, abster-se de reformas sociais ou mantê-las dentro dos limites aceitáveis pelos grupos sociais e econômicos mais poderosos.²⁸

E como Germani explicou a mobilização sem integração? Como foi possível o peronismo proporcionar uma participação efetiva sem promover reformas profundas? Apesar de ser “óbvio” a ausência de reformas, por que os trabalhadores migrantes apoiaram Perón? De acordo com Germani, a intensidade dos processos de industrialização e urbanização transportou para as cidades as principais características da sociedade tradicional, marcada pelo domínio político dos setores agro-exportadores e pela democracia com participação limitada. Além disso, Germani assim caracterizou os migrantes em seus locais de origem:

Não tinha aspirações à ascensão social; particularmente, não desejava chegar a possuir terras de sua propriedade. Sua condição de dependência achava-se totalmente interiorizada e se transformava em uma adesão pessoal ao estanciero, orientada por sentimentos de fidelidade, lealdade e admiração. (...). Nas áreas rurais, e provavelmente nos estratos mais baixos das pequenas cidades e centros urbanos, a população também carecia de identificação nacional; a lealdade era principalmente local, e comumente personificada pelo *caudillo*.²⁹

²⁷ Segundo dados apresentados por Carlos Alberto Flórida e César A. García Belsunce (op. cit.) apenas em 1936 chegaram 83 mil migrantes à Grande Buenos Aires. Em 1947, o número chegou a 90 mil.

²⁸ GERMANI, op. cit., p. 265.

²⁹ Ibid., p. 227. O poder persuasivo do texto de Germani não se restringe ao seu cunho científico, representado pelo “distanciamento” de sua nacionalidade estrangeira e pelo embasamento estatístico – são

Desse modo, a mobilização oferecida pelo peronismo foi vivida como integração, motivo pelo qual a ausência de reformas efetivas não teria sido óbvia para os trabalhadores migrantes:

Os trabalhadores que apoiavam a ditadura, longe de se sentirem despojados da liberdade, estavam convencidos de que a haviam conquistado. (...) a liberdade que haviam perdido era uma liberdade que nunca haviam realmente possuído: a liberdade política a exercer sobre o plano da alta política, da política distante e abstrata. A liberdade que acreditavam haver ganho era a liberdade concreta, imediata, de afirmar seus direitos contra capatazes e patrões, eleger delegados, ganhar pleitos nos tribunais trabalhistas, sentir-se mais donos de si mesmos.³⁰

Nos trechos anteriores, há indícios da citada construção da hegemonia peronista pela historiografia. Ao colocar que a condição de dependência achava-se *totalmente* interiorizada, Germani descarta que pudesse se exteriorizar a tensão existente entre a universalidade das normas e a particularidade dos sujeitos e grupos político-sociais. Se os trabalhadores migrantes desconheciam a liberdade da “alta política, da política distante e abstrata”, não teriam como exigir-lá do governo peronista. Logo, conforme já destacamos, para Germani, a integração desses trabalhadores não decorreria da sua própria ação, mas do esclarecimento promovido por empresários, intelectuais e políticos a respeito dos excessos cometidos pelo governo de Perón, assim como das possibilidades de ampliarem sua participação política.

É verdade que, para Germani, a dependência interiorizada não explica, isoladamente, o apoio dos trabalhadores migrantes a Perón. Tampouco as conquistas econômicas representadas pelas leis sociais e trabalhistas. “O povo “vendeu” sua liberdade por um prato de lentilhas. Acreditamos que semelhante interpretação deve ser rejeitada.”³¹

dezenas de tabelas ao longo do livro. Quando fala em “sociedade tradicional”, Germani também retoma a visão do campo/interior difundida pela tradição liberal argentina do século XIX, fortemente enraizada no pensamento do país. De acordo com Sarmiento, nas vilas do interior, “(...) crianças sujas e cobertas de farrapos vivem com uma matilha de cães; homens estendidos pelo chão na mais completa inércia; o desasseio e a pobreza por toda parte; uma mesinha e bancos como único mobiliário; ranchos miseráveis como habitação, e um aspecto geral de barbárie e desleixo os tornam notáveis.” (SARMIENTO, op. cit., p. 72).

³⁰ Ibid., p. 280-281.

³¹ Ibid., p. 280.

Germani destaca que, em comparação com os regimes nazi-fascistas, o comportamento dos argentinos durante o governo de Perón não pode ser visto como “cega irracionalidade”.³² Se por um lado o peronismo não mudou a estrutura social, por outro Germani aponta que os trabalhadores passaram a ter consciência de si e de direitos. Apesar da ressalva, vale destacar que o parâmetro usado por Germani ainda é o da irracionalidade.³³

Para Germani, a esfera cultural, a qual particularmente nos interessa, acompanharia a política. A integração política estaria diretamente relacionada com o acesso à “verdadeira” cultura. Em Germani, a hegemonia peronista sobre os trabalhadores migrantes é acompanhada da construção de um vazio cultural que teria permitido esta hegemonia. Esse vazio foi fundamental para justificar a participação dos intelectuais no processo de desperonização:

Na atualidade, a maioria está excluída dos grandes valores da cultura. No intelectual e no estético, reina a mesma separação que na ordem política: uma cultura, ou se quiserem, a “cultura” para as minorias, e as formas comercializadas de diversão de massa para o resto.³⁴

Germani considera que os trabalhadores estrangeiros, há mais tempo na Grande Buenos Aires, não foram mobilizados pelo peronismo.³⁵ Experientes no movimento operário e familiarizados com as disputas político-partidárias, os trabalhadores imigrantes e seus descendentes teriam encabeçado a oposição ao governo peronista. Germani também lembra que muitos já ocupavam as classes médias e sustentavam a União Cívica Radical

³² Ibid., p. 288.

³³ Em *Ideologia e populismo*, Guita Grin Debert questiona o modelo de desenvolvimento político da América Latina apresentado por Germani, o qual destaca a progressiva participação política dos trabalhadores. Segundo a autora, o que não se encaixa no modelo é apresentado por Germani como desvio e não como uma particularidade histórica. “Neste esquema, o conflito de classes aparece apenas como consequência de disfunções e não como a chave para explicação dos processos de mudanças sociais e políticas. Isto aparece de modo flagrante na forma com que o autor procura explicar o papel das classes populares. A participação dessas classes é vista em função dos processos psicossociológicos provocados pelo processo de mudança. As classes populares, dentro desse esquema, apareceriam muito mais como consequência de tais processos do que como seu agente.” (São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 15).

³⁴ GERMANI, op. cit., p. 272.

³⁵ De acordo com Maria Lígia Prado (*O populismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense), em 1914 a Argentina tinha 7 milhões e 800 mil habitantes, dos quais um terço não tinha nascido no país.

(UCR), o principal partido de oposição a Perón.³⁶ “(...) inconsciente, involuntariamente, os imigrantes foram portadores da modernização. Deste modo, logo alcançaram melhor posição social e econômica que os nativos pertencentes aos estratos inferiores.”³⁷ Para usar os termos de Germani, os imigrantes e seus descendentes já estariam integrados na sociedade argentina quando Perón tornou-se presidente. Segundo Germani, as “(...) sociedades “cosmopolitas” e [os] “círculos operários” tão numerosos (...) em Buenos Aires (...) tiveram (...) uma real função integradora e assimiladora da massa imigrante. Efetivamente, canalizavam sua participação na vida política do país (...)”.³⁸

Quando Germani analisa o comportamento dos trabalhadores imigrantes e dos seus descendentes, não questiona a hegemonia peronista entre os trabalhadores. A cisão entre os trabalhadores estrangeiros e os nativos teria impedido a aproximação entre os dois grupos e o fortalecimento da classe operária:

Do mesmo modo que a estabilidade do regime com “participação limitada” supõe a possibilidade de manter alheios ao processo político tanto a população das zonas periféricas como os estratos populares de áreas desenvolvidas “centrais”, o regime com “participação ampliada” garante a exclusão da população “periférica” e a existência de um *consensus* entre todos os grupos das regiões “centrais” – altos, médios e populares – na manutenção do “jogo das instituições”, precisamente dentro destes limites.³⁹

Política e sociedade numa época de transição é um livro marcado pela tensão entre

³⁶ A UCR foi fundada em 1891. A formação e as bandeiras do partido eram heterogêneas. Em termos gerais, às vésperas da ascensão política de Perón, reunia os setores liberais, defendia o combate à corrupção e à fraude eleitoral e criticava o fortalecimento dos grupos nacionalistas e autoritários na política argentina. Como resume Félix Luna em *Breve história dos argentinos* (Rio de Janeiro: Instituto Cultural Brasil-Argentina, 1995), a UCR tinha um programa mais cívico do que partidário.

³⁷ GERMANI, op. cit., p. 226. Novamente se nota a influência de Sarmiento. Nas suas palavras, na colônia escocesa ou alemã do sul de Buenos Aires, “(...) as casinhas são pintadas; a frente da casa sempre limpa, adornada de flores e arbustos graciosos; o mobiliário é simples, porém completo; a baixela, de cobre ou de estanho, sempre reluzente; a cama com cortinas graciosas, e os habitantes em contínuo movimento e ação. Ordenhando vacas, fabricando manteiga e queijos, algumas famílias conseguiram fazer fortunas colossais e se retirar para a cidade a fim de gozar as comodidades.” (SARMIENTO, op. cit., p. 72). Sarmiento defendia o aumento da imigração para modernizar a Argentina.

³⁸ Ibid., p. 233. Como veremos ainda neste capítulo, estudos mais recentes como o de Leandro Gutiérrez e Luis Alberto Romero, já comentado, apontam o papel de instituições como sociedades de bairro e bibliotecas populares na integração dos trabalhadores em geral, independentemente de sua procedência geográfica.

³⁹ Ibid., p. 165.

uma memória recente, na qual estava viva a pressão política exercida pelos trabalhadores, e a necessidade de se desqualificar esta pressão para justificar o processo de desperonização então em curso. Por isso, em alguns momentos, suas idéias parecem contraditórias ao olhar contemporâneo, pois aproxima conceitos como participação efetiva e manipulação ou, ainda, ditadura e liberdade. A passagem abaixo, sobre a queda de Perón, demonstra a tensão que marca o livro, pois nela Germani chega a questionar, claramente, o controle dos trabalhadores pelo governo peronista:

Sua queda, embora tenha sido o resultado de uma união de forças muito distintas, só foi possível por suas *limitações intrínsecas*. E a principal destas, era que para se defender, o peronismo transformava esta participação ilusória em uma intervenção real; devia, em outras palavras, transformar a natureza, dirigir realmente uma expressão das classes populares. Isto era impossível e teve que enfrentar o incessante ataque de grupos das mais distintas orientações e origens [grifo meu].⁴⁰

A obra de Germani tem pelo menos duas contribuições importantes. Apontou grupos sociais que não apoiaram Perón, inclusive entre os trabalhadores, no caso, os imigrantes e os seus descendentes. Além disso, tampouco viu um vazio cultural pleno durante o governo peronista, pois ressaltou o papel que a “alta cultura” poderia desempenhar na integração dos trabalhadores migrantes. Entretanto, apesar da ressalva acima destacada, Germani reduz os grupos sociais a círculos políticos e culturais fechados, pré-estabelecidos, desconsiderando as tensões e experiências resultantes do contato entre eles, as quais representaram um obstáculo para a hegemonia peronista.

Gino Germani e a Literatura argentina.

A importância da Literatura argentina como objeto para se analisar a representação dos trabalhadores, um dos temas de nosso quarto capítulo, é frisada pelo próprio Gino Germani:

⁴⁰ Ibid., p. 267.

Encontramo-nos aqui, num campo em que existem poucos estudos científicos, mas onde há uma abundante bibliografia, sobretudo de caráter literário e ensaístico, na qual se tratou de caracterizar a sociedade que emergiu – ou que está emergindo – da imigração massiva.⁴¹

É claro que há um argumento de autoridade nessa colocação, pois Germani se posiciona como um dos pioneiros no campo científico. Porém, a maneira como retoma sobretudo Sarmiento em seu texto sugere um diálogo inevitável com um imaginário construído pelo ensaio e pela Literatura.⁴² Entre os autores citados por Germani estão Ezequiel Martínez Estrada, Borges, José Luis Romero, Carlos Alberto Erro, Eduardo Mallea e Raúl Scalabrini Ortiz. Vale mencionar que, desses autores, Borges não é o único com ampla atividade e produção durante o governo de Perón. Neiburg apresenta um dado que indica a importância da Literatura para o pensamento argentino. Quando Germani participou da diretoria do CLES teve a companhia, justamente, de Borges, José Luis Romero e outros escritores.⁴³

E qual seria a diferença entre o discurso pioneiro de Germani e a Literatura? Conforme mencionado, para Germani, a Argentina foi bem sucedida na integração dos imigrantes e dos seus descendentes e, conseqüentemente, na formação de um sentimento nacional entre eles. Na Literatura, o quadro seria muito diferente. Segundo Germani, na Literatura existe “(...) uma espécie de nostalgia pela homogênea sociedade crioula. Esta atitude é típica não apenas entre os nacionalistas de direita, como também entre intelectuais liberais, tais como Erro, Borges, ou Mallea.”⁴⁴ Desse modo, a Literatura aparece como um espaço para se explorar as tensões entre as normas – no caso tratado por Germani, a tentativa de se formar um espírito nacional entre os imigrantes – e os sujeitos e grupos político-sociais, como faremos no capítulo IV ao levantarmos os traços normativos do discurso peronista.

⁴¹ Ibid., p. 240.

⁴² São apenas duas das possibilidades de classificação do *Facundo* de Sarmiento. “Os críticos coincidem em apresentar *Facundo* como um texto cuja importância é inegável; divergem, todavia, nas tentativas de sua classificação, pois ora é visto como romance biográfico, ora como panfleto político ou mesmo como estudo sociológico. Como disse recentemente uma autora, há mais de um livro contido no *Facundo*, que é meio ficção, meio biografia, meio história política, meio manifesto.” (PRADO, op. cit., p. 20).

⁴³ NEIBURG, op. cit., p. 229.

⁴⁴ GERMANI, op. cit., p. 244.

Murmis e Portantiero: a aliança de classes e a “revisão” de Germani.

Em 1966, a Argentina sofreu o quarto dos cinco golpes de Estado que marcaram a sua história no século XX.⁴⁵

O descontentamento de intelectuais liberais com a incessante ingerência política dos militares e a peronização dos estudantes fizeram com que a universidade sofresse nova intervenção.⁴⁶ Mais uma vez professores foram afastados e se afastaram. Germani estava na Universidade de Harvard e decidiu continuar trabalhando nos Estados Unidos.⁴⁷ Apesar dos problemas que se seguiram, Neiburg considera que, na Sociologia, o impacto do golpe de 1966 foi menor, se comparado a 1943 ou 1946:

Ao ser expulsa da universidade, a sociologia científica já podia exibir um êxito inquestionável. Para os intelectuais, para a universidade e para a sociedade, sua

⁴⁵ Depois da queda de Perón em 1955, somente em 1958 aconteceram eleições para presidente. O peronismo foi mantido na ilegalidade e as eleições foram vencidas pelo radical Arturo Frondizi (1958-1962). No entanto, o processo de desperonização não alcançou o resultado esperado. Para vencerem eleições e garantirem governabilidade, os políticos começaram a disputar o apoio de Perón. O ex-presidente manteve-se influente na política argentina, apesar do exílio e das divisões internas do peronismo. Descontentes com a aproximação entre Frondizi e o peronismo, os militares lhe derrubaram em 1962. Apesar disso, procurou-se manter a legalidade e, conforme previa a Constituição, assumiu José Maria Guido (1962-1963), primeiro vice-presidente do Senado. Porém, tanto Guido como o seu sucessor, Arturo Illia (1963-1966), governaram sob pressão dos militares. O estopim do golpe de 1966 – ou “Revolução Argentina” para os militares – foi uma divergência entre governo e comando do Exército sobre a demissão de um chefe militar. Porém, na raiz do golpe está, mais uma vez, a insatisfação dos militares com a influência de Perón, ao que relacionavam o aumento da tensão política na Argentina. Illia foi sucedido pelo general Juan Carlos Onganía (1966-1970). Em tempo: em 1962 não houve um golpe de Estado. Apesar dessa visão ser comum na historiografia, em 1962 não houve uma ruptura, mas o desdobramento de um quadro que existia desde a posse de Frondizi em 1958. Como Frondizi, Guido era civil, governou sob pressão dos militares e, durante o seu mandato, o peronismo continuou na ilegalidade. O quinto golpe foi o de 1976.

⁴⁶ Durante o governo de Perón, os estudantes universitários representaram um dos principais focos da oposição a Perón. Porém, logo após a queda de Perón, os estudantes ligados a grupos e partidos de esquerda revisaram a oposição que tinham feito ao governo. A esquerda, de uma maneira geral, apoiou o golpe de 1955, mas o fuzilamento do general peronista Juan José Valle e dos seus seguidores fizeram com que setores da esquerda argentina rompessem com os militares pela crescente violência do governo. Além disso, esses setores passaram a destacar que, apesar do autoritarismo, o peronismo legou aos setores populares a noção de direitos, através das medidas sociais e trabalhistas. Em tempo, em 9 junho de 1956 o general Valle liderou uma insurreição com a participação de civis e militares, que foi dominada já no dia 10. Vinte e sete envolvidos foram fuzilados. Era a primeira vez que isso acontecia na Argentina no século XX.

⁴⁷ Germani não retornaria à Argentina. Em 1975, transferiu-se para a Universidade de Nápoles. Quatro anos depois, faleceu em Roma.

voz tornara-se natural. Todos pareciam estar habituados à presença dos novos *especialistas*. Mas a principal prova da consagração social da nova disciplina foi que, durante bom tempo, *sociologia* tornou-se sinônimo de *sociologia científica*. (...). A sociologia científica tornou-se uma nova ortodoxia, de conteúdos definidos, com partidários e inimigos bem identificados.⁴⁸

Dois centros independentes de ensino e pesquisa absorveram parte dos intelectuais que saíram da universidade após o golpe de 1966. O CLES tinha encerrado as suas atividades em 1961, mas em 1958 foram criados o Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social (IDES) e o Instituto Torcuato Di Tella (ITDT). O IDES e o ITDT, ambos ainda em funcionamento, mantiveram o desenvolvimento da Sociologia na Argentina. Exemplo disso foi a abertura de um debate, inclusive, a respeito da obra de Germani, já consagrado como o “pai” da Sociologia no país.

O livro *Estudios sobre as origens do peronismo*, dos sociólogos Miguel Murmis⁴⁹ e Juan Carlos Portantiero (1934-2007)⁵⁰, foi escrito entre 1969 e 1970. Publicado dois anos depois pelo ITDT, é um exemplo desse momento vivido pela Sociologia argentina. Por um lado, revisa o pensamento de Germani: os “(...) modelos elaborados para o peronismo – inicialmente construídos por Gino Germani e completados por outros autores – (...) partem de uma caracterização incompleta do ponto de partida institucional (...).”⁵¹ Por outro lado, o livro também mostra a ortodoxia mencionada por Neiburg: paradoxalmente, a revisão que faz do pensamento de Germani não somente confirma, mas reforça um dos pilares da sua obra, a passividade política dos trabalhadores durante o governo de Perón.

Murmis e Portantiero defendem que o modelo latino-americano de transição política, empregado por Germani, não serve para o caso argentino. Segundo os autores, na Argentina, ao contrário do que aconteceu no restante da América Latina, a crise internacional de 1929 não prejudicou politicamente os setores agro-exportadores, ainda que os efeitos econômicos tenham sido semelhantes. Como estavam afastados do poder desde

⁴⁸ NEIBURG, op. cit., p. 214.

⁴⁹ Miguel Murmis nasceu em 1933 em Buenos Aires. Antes de estudar Sociologia na Universidade de Berkeley (EUA), cursou Filosofia na UBA.

⁵⁰ Juan Carlos Portantiero foi um dos principais divulgadores de Gramsci na Argentina. Em 1962, divergências intelectuais provocaram a sua expulsão do Partido Comunista, depois de doze anos de militância.

⁵¹ MURMIS, M.; PORTANTIERO, J. C. *Estudios sobre as Origens do Peronismo*. São Paulo: Brasiliense, 1973. p. 63.

1916, a crise não teria repercutido diretamente sobre esses setores que conseguiram retornar, assim, ao centro do cenário político argentino.⁵²

Como em outros países, Murmis e Portantiero lembram que, após a crise de 1929, houve a necessidade de se dinamizar a economia e o Estado, controlado pelos setores agro-exportadores, estimulou a industrialização. Contudo, diferentemente do que ocorreu em outros países, na Argentina o processo de industrialização, durante a década de 1930, não teria sido acompanhado, na mesma intensidade, pela distribuição da renda nacional pelo domínio dos setores agro-exportadores aliados com os industriais. Os autores destacam que os industriais “(...) parecem (...) aceitar a representação de seus interesses que lhes oferece o próprio governo. Em sua relação com o Estado, tratam de utilizá-lo como estrato protetor, mais do que efetuar reivindicações de hegemonia.”⁵³ De acordo com Murmis e Portantiero, a alta taxa de desemprego provocada pela crise desarticulou os trabalhadores argentinos entre 1930 e 1935, mas, com os empregos criados pela industrialização, teria aparecido a outra característica da aliança entre os setores agro-exportadores e os industriais: a repressão à retomada do movimento operário através, por exemplo, da declaração do estado de sítio.

Murmis e Portantiero consideram que a concentração de renda e a repressão aos trabalhadores forçaram uma mudança na orientação do movimento operário argentino, que teria passado de revolucionário a reformista, e evidenciam o que consideram incompleto no modelo construído por Germani:

⁵² Em 1912, a lei Sáenz Peña instituiu o voto universal masculino, secreto e obrigatório para argentinos e naturalizados. Os objetivos dos setores agro-exportadores eram a integração dos imigrantes, o aumento da representatividade dos presidentes e, com isto, a diminuição da tensão social. Apesar dos propósitos conservadores, a lei foi fundamental para a vitória do radical Hipólito Yrigoyen (1852-1933) nas eleições presidenciais de 1916. Nesse ano, os radicais iniciaram um domínio de quatorze anos sobre a política argentina: Yrigoyen concluiu o mandato em 1922, Marcelo T. de Alvear assumiu em 1922 e, em 1928, Yrigoyen foi reeleito presidente. O segundo mandato de Yrigoyen foi interrompido pelo golpe de Estado de 1930 liderado pelo general José Félix Uriburu (1868-1932), a partir do qual os grupos agro-exportadores recuperaram a influência que tinham na política argentina. Uriburu governou até 1932. Nesse ano, as eleições foram retomadas, mas a fraude eleitoral sondou a legitimidade dos presidentes durante a década de 1930. O tratado comercial Roca-Runciman (1933) com a Inglaterra geralmente é apontado como exemplo do domínio político exercido pelos grupos agro-exportadores durante a década de 1930. O acordo previa que a Inglaterra compraria a maior parte da carne argentina. A Argentina, por sua vez, se comprometia a exportar 85% do produto através de frigoríficos estrangeiros, a acabar com impostos de importação sobre produtos ingleses e a não reduzir as tarifas ferroviárias, cujas empresas eram controladas, em sua maioria, pelos ingleses.

⁵³ MURMIS; PORTANTIERO, op. cit., p. 43.

Do ponto de vista dos comportamentos operários, sua adesão ao populismo no momento de sua estruturação poderia, então, ser legitimamente encarada como a escolha mais adequada, dentro das alternativas oferecidas pela realidade, de uma aliança política que poderia servir como saída para um processo de industrialização, que era levado a efeito sob o controle de uma elite tradicional, sem, portanto, nenhuma participação operária, nem nenhum tipo de intervencionismo social. E essa maneira de ver não deveria implicar, necessariamente, uma ruptura com o que constituía a tradição reformista do movimento operário argentino – ao menos, claramente, desde os anos 30 – a qual incluía a possibilidade de negociações e acordos com o Estado.⁵⁴

Ao destacarem que a adesão ao peronismo foi a escolha mais adequada, Murmis e Portantiero retiram da esfera do irracional o comportamento dos trabalhadores argentinos e questionam as explicações psicológicas que marcam o livro de Germani. Além disso, se o reformismo era uma tradição do movimento operário argentino, as leis sociais e trabalhistas do governo de Perón teriam ido ao encontro e não fundado esta tradição. O comportamento dos migrantes não demonstraria exclusão, mas participação no movimento operário anterior ao peronismo. Logo, Murmis e Portantiero recusam a divisão dos trabalhadores em imigrantes e migrantes, ou “velhos” e “novos”, respectivamente. Ao invés de manipulação, os autores consideram que aconteceu uma aliança de classes nas origens do peronismo. “(...) é difícil caracterizar como passiva, heterônoma e com vistas curtas, a participação operária no processo de constituição do movimento nacional-popular.”⁵⁵

Mas, como foi mencionado, o livro também mostra a ortodoxia na qual se tornou a Sociologia de Germani. Em primeiro lugar, os autores não questionam o método em si e desenvolvem sua pesquisa segundo princípios da Sociologia científica. Questionam dados estatísticos usados por Germani, mas a estatística embasa fortemente a tese do livro e, como demonstra a ressalva que os autores fazem na conclusão, sustenta a construção da hegemonia peronista. Na conclusão, Murmis e Portantiero destacam que existiu uma aliança de classes apenas nas origens do peronismo. Depois, o movimento operário teria perdido autonomia. “Não haveria (...) uma dissolução da autonomia em favor da heteronomia operária, no momento inicial do peronismo na Argentina, mas, em todo caso,

⁵⁴ Ibid., p. 101-102.

⁵⁵ Ibid., p. 63.

em uma etapa posterior”.⁵⁶ O que parecia questionar Germani termina estendendo a hegemonia peronista sobre todos os trabalhadores, migrantes e imigrantes. Em Germani destaca-se a manipulação dos trabalhadores migrantes. Na conclusão de Murmis e Portantiero aparece uma idéia ainda mais forte, a desmobilização dos trabalhadores, pois vale lembrar que, para Germani, o peronismo se sustentou na mobilização dos migrantes. Antes de terminarem, os autores destacam que o propósito não foi “(...) postular um modelo exatamente inverso ao anterior, mas, em todo caso, relativizar as proposições centrais do mesmo na explicação do momento genético do populismo.”⁵⁷

A pergunta deixada sem resposta por Murmis e Portantiero é, justamente, onde estariam as origens do peronismo: na aliança de classes ou na dissolução da autonomia do movimento operário? Os autores se limitam a pensar nas origens do peronismo como um marco cronológico e desconsideram o sentido de fundação, à qual os diferentes sujeitos e grupos envolvidos retornam para se legitimar, demarcando posições e postulando suas reivindicações. Além disso, nos interessa apontar, especialmente, o silêncio dos autores sobre questões culturais nas origens do peronismo, silêncio indicativo da cisão entre os setores populares e a produção cultural, cisão que ainda marca o pensamento latino-americano.

Daniel James: resistência e integração ou integração e resistência?

Na década de 1980, o historiador Daniel James destacou-se ao apontar para as resistências dos trabalhadores argentinos, apesar do apoio ao peronismo.

James concorda com Murmis e Portantiero a respeito da participação de imigrantes e migrantes no movimento operário argentino e que o apoio inicial ao peronismo foi um caminho realista para a satisfação das suas necessidades materiais. Porém, em um artigo sobre o 17 de outubro de 1945, James, diferentemente de Murmis e Portantiero, vê autonomia no comportamento dos trabalhadores, inclusive em relação aos líderes sindicais aliados de Perón, como mostrariam os ataques a jornais e universidades, tradicionais

⁵⁶ Ibid., p. 101.

⁵⁷ Ibid., p. 102-103.

redutos antiperonistas, ocorridos naquela data⁵⁸:

(...) tanto [Cipriano] Reyes [dirigente do sindicato da carne de Berisso, Província de Buenos Aires] como el secretario de gobierno de la provincia, coronel Benito, apelaron a la calma de los manifestantes y los instaron a abstenerse de usar armas y a regresar a sus hogares.⁵⁹

Essa autonomia e a soltura de Perón teriam feito com que, posteriormente, esse comportamento fosse legitimado pelo governo e o 17 de outubro de 1945 fosse apropriado pela propaganda peronista como o marco inicial da comunhão entre Perón e os trabalhadores.

Entretanto, James não explora o claro esforço do governo para construir uma memória da data sem episódios de violência, como demonstra trecho do discurso da primeira-dama Eva Perón pronunciado nas comemorações do 17 de outubro de 1949 e destacado pelo próprio autor:

*Desde estos mismos balcones [da Casa Rosada] el líder asomaba como un sol, rescatado por el pueblo y para el pueblo, sin más armas que sus queridos descamisados de la patria, retemplados en el trabajo. Este es el origen puro de nuestro líder.*⁶⁰

Assim, ao contrário do que defende James, não parece ter ocorrido, exatamente, uma legitimação pelo governo do comportamento dos trabalhadores em 17 de outubro de 1945. Por isso o subtítulo deste item – resistência e integração ou integração e resistência? – não é um mero jogo de palavras e tem implicações profundas sobre o papel político desempenhado pelos trabalhadores durante o governo de Perón. No primeiro caso, seria o

⁵⁸ Na Argentina, a derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial abalou a ditadura instaurada em 1943. Os grupos liberais e democráticos se fortaleceram e aumentaram a pressão sobre o governo. Perón, pelo acúmulo de cargos no governo Farrell, era um dos alvos principais dos protestos. Pressionado, Perón renunciou em 9 de outubro de 1945. Os protestos continuaram e o governo, para acalmar os opositores, determinou a prisão de Perón no dia 12. Entretanto, no dia 17, uma grande concentração popular na Praça de Maio, diante da Casa Rosada, sede do governo argentino, pediu a sua libertação. O governo cedeu, libertou Perón e convocou eleições. Em fevereiro de 1946, Perón foi eleito presidente em uma disputa acirrada.

⁵⁹ JAMES, D. 17 y 18 de octubre de 1945: el peronismo, la protesta de masas y la clase obrera argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 27, n° 107, outubro-dezembro de 1987. p. 451.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 453. Como veremos no capítulo IV, esse esforço é recorrente entre escritores peronistas como Luis Horacio Velázquez.

peronismo que se adequaria e se submeteria a características e imposições do movimento operário anterior à sua ascensão. No segundo caso, as resistências ocorreriam dentro das normas determinadas pelo governo peronista.

A proposta de James parece conduzir ao primeiro caso, como mostra o exemplo sobre o 17 de outubro. Contudo, na sua obra também existe a imprecisão deixada por Murmis e Portantiero. Imprecisão que pode ser vista, inclusive, no título do seu principal livro sobre o tema: *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. No título, a resistência aparece como uma etapa anterior, que condiciona, que limita a integração. Já no subtítulo, o peronismo é o sujeito predominante na relação com os trabalhadores. Apesar de destacar a autonomia dos trabalhadores em 17 de outubro de 1945, James destaca, na conclusão do artigo citado, o que considera ser uma ambiguidade no comportamento da classe operária argentina:

El peronismo fue un fenómeno complejo y sumamente ambiguo, y en ningún otro aspecto lo fue más que en lo concerniente al rol que tuvo en él la clase obrera. (...). Por un lado está la sublevación (...), el quebrantamiento de las normas vigentes (...); por el otro, la franca confraternidad con las fuerzas de la ley y el orden, la subordinación de las acciones de la clase obrera a las autoridades del Estado. Además, mediante estos acontecimientos la clase obrera rindió homenaje, en definitiva, a una figura militar autoritaria.⁶¹

Dessa maneira, James mantém representações recorrentes da historiografia e relaciona os trabalhadores com o conservadorismo (“franca confraternidad con las fuerzas de la ley y el orden”), o personalismo (“subordinación de las acciones de la clase obrera a las autoridades del Estado”), o autoritarismo (“la clase obrera rindió homenaje, en definitiva, a una figura militar autoritaria”) e ambiguidade. O 17 de outubro de 1945 como uma homenagem a Perón nos conduz à já conhecida imagem da lealdade pessoal a um caudilho/estanciero, presente desde Gino Germani.

Os trabalhadores seriam coniventes com o autoritarismo, mas James não explora, por exemplo, o que mencionamos anteriormente a respeito das estratégias do governo de Perón para mascarar a perseguição aos seus opositores. Tampouco o autor se pergunta sobre o porquê da queda de Perón em uma conjuntura na qual o presidente claramente

⁶¹ Ibid., p. 461.

assumiu um discurso mais radical contra os opositores.

Segundo o conceito de contra-teatro (*counter-theater*), que James toma emprestado do historiador inglês Edward Thompson (1924-1993), os trabalhadores se apropriam dos símbolos de autoridade. James considera que o ataque a jornais e universidades em 17 de outubro de 1945 não foi aleatório e manifestou o descontentamento pela ausência dos trabalhadores nestas duas instituições.

No entanto, sob essa perspectiva, os trabalhadores parecem não agir e, sim, reagir. Na maioria das vezes, as resistências partem da norma estabelecida, confirmando-a ou atacando-a: ao contrário do que pode parecer, o ataque a jornais e universidades demonstraria, justamente, a importância que os trabalhadores davam às duas instituições. Além disso, sob essa perspectiva, o que era autonomia geralmente é normatizado pelos poderes constituídos, como mostraria a apropriação do 17 de outubro pelo governo peronista, da forma destacada por James.⁶² É como se os trabalhadores não conseguissem sustentar suas posições, pois, com maior ou menor intensidade, os discursos normativos atingiriam todas as esferas do social. É justamente nesse ponto que as representações literárias dos setores populares durante o governo de Perón nos apresentam um panorama distinto, como veremos no capítulo IV.

A perspectiva de Thompson, adotada por James, pretende dar historicidade à classe operária, chamar a atenção para a variedade que o processo de sua formação pode assumir, mas não consegue superar totalmente a visão idealista difundida pelo marxismo tradicional, pautada em um antagonismo crescente entre a burguesia e o proletariado.⁶³ Daí a ambiguidade dessa perspectiva. Em um artigo sobre o plano de racionalização e aumento da

⁶² Ou seja, o contra-teatro também seria praticado pelos governantes, como assinala Thompson. “Num certo sentido, os governantes e a multidão precisavam um do outro, vigiavam-se mutuamente, representavam o teatro e o contrateatro um no auditório do outro, moderavam o comportamento político mútuo. É uma relação mais ativa e recíproca do que a normalmente lembrada sob a fórmula “paternalismo e deferência”” (THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 57). Não se trata de negar o dinamismo da relação entre os governantes e os governados, mas de se questionar a moderação do comportamento político mútuo ou, pelo menos, pensar em esferas do social que escapam a essa moderação. Se essa moderação ocorre, o que, então, provoca as transformações históricas?

⁶³ O apego de Thompson a essa visão idealista pode ser notado quando se refere à relação entre os patrícios e os plebeus na Roma Antiga. “A plebe não é, talvez, uma classe trabalhadora. Os plebeus talvez não tenham uma definição consistente de si mesmos no que diz respeito à consciência, à clareza de objetivos, à estruturação da organização de classe [grifos meus]” (Ibid., p. 56-57).

produção na Argentina, a partir da década de 1950⁶⁴, James frisa a pressão dos trabalhadores para que o processo fosse acompanhado de conquistas econômicas. Entretanto, ao comparar com outros países e constatar o número pouco expressivo de greves, James novamente se refere ao que seria uma ambiguidade do movimento operário argentino:

Es importante tener claridad sobre los límites ideológicos y la ambigüedad de la resistencia de los obreros. Por una parte, nunca se generalizó tanto como para constituir la en una crítica a los criterios subyacentes a las relaciones de producción capitalista. (...). Es obvio que la aceptación de la legitimidad de las relaciones de producción capitalistas y las relaciones de autoridad contenidas en ellas eran en sí mismas reflejo de ciertos postulados básicos de la ideología peronista.⁶⁵

Em um interessante artigo sobre o movimento operário argentino a partir de 1955, James destaca que é necessário diferenciar a memória que os trabalhadores criaram sobre o peronismo do comportamento que tiveram enquanto Perón esteve no poder:

Os operários peronistas associaram o período anterior a 1955 a uma época de desenvolvimento nacional que transcorreu acompanhada de uma política de justiça social. Assim, viram a política do governo militar sendo fundamentalmente antinacional, antiindustrial e antioperária.⁶⁶

Logo, para James, apesar do claro sentido político – Perón estava exilado –, as greves do período pretendiam, principalmente, defender interesses imediatos dos trabalhadores como as condições de trabalho e a organização sindical que tinham sido conquistadas durante o governo peronista. Baseando-se em um dos pontos centrais da obra de Thompson, James destaca que a ideologia e a consciência nunca devem ser tomadas como sinônimos:

(...) o discurso ideológico molda e condiciona a concreta experiência da realidade

⁶⁴ O plano visava fortalecer a produção de bens de capital diante dos bens de consumo e renovar o obsoleto parque industrial argentino.

⁶⁵ JAMES, D. Racionalización y respuesta de la clase obrera: contexto y limitaciones de la actividad gremial en la Argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 21, nº 83, outubro-dezembro de 1981. p. 332.

⁶⁶ JAMES, D. Ideologia popular e resistência de classe: o peronismo e a classe operária (1955-1960). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, nº 10, março-agosto de 1985. p. 11.

social. Mas é claro que este discurso nunca pode fazer isto completamente ou jamais haveria a base para a transformação e ruptura social e ideológica.⁶⁷

No entanto, conforme visto, James não faz a mesma distinção quando analisa o 17 de outubro de 1945 e o governo de Perón. Nesses casos, o autor sempre faz uma ponderação que revigora a ideologia peronista diante das resistências operárias. O que James não responde é, justamente, o que o governo peronista não moldou e condicionou completamente. O que provocou “transformação e ruptura social e ideológica” enquanto Perón esteve no poder?

Para encerrar, outro exemplo dessas lacunas deixadas por James. Em *Resistencia e integración*, James cita a menção constante de Perón a *Martín Fierro* e a forte presença do lunfardo⁶⁸ na sua fala como elementos que ajudam a explicar o apoio dos trabalhadores ao peronismo:

Su frecuente empleo de versos de *Martín Fierro* y su uso deliberado de términos del lunfardo puede extrañar a la sensibilidad actual. Sin embargo, debemos ser cuidadosos al apreciar el impacto de su capacidad para manejar un idioma que reflejaba la sensibilidad popular del momento. En relatos efectuados por observadores y periodistas en los decisivos años iniciales del peronismo, encontramos con frecuencia los adjetivos “chabacano” y “burdo” para describir el estilo de expresarse de Perón y sus partidarios, calificativos que denotan una cualidad grosera, propia de un rústico. Sin embargo, no son epítetos que los peronistas hubieran rechazado necesariamente.⁶⁹

Ora, os governados, quando jogam no terreno dos governantes, o fazem dentro das brechas deixadas pela norma vigente. Fazem greves, pedem aumentos salariais, mas não questionam o capitalismo ou o peronismo. Já os governantes, quando jogam no terreno dos governados, conseguem neutralizá-los. Como demonstra a passagem acima, não existe, de fato, uma circularidade cultural nessa perspectiva: James mantém a distinção tradicional entre a cultura de elite, no caso, representada pelos jornais, e a cultura popular,

⁶⁷ Ibid., p. 25.

⁶⁸ O lunfardo é composto por palavras e expressões cuja origem é atribuída aos setores populares da capital e da Grande Buenos Aires. O lunfardo foi bastante influenciado pela intensa imigração recebida pela Argentina e colaborou para diferenciar o castelhano falado na bacia do Rio da Prata das normas defendidas pela Real Academia Espanhola.

⁶⁹ JAMES, D. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005. p. 38.

correspondente ao poema de Hernández e ao lunfardo. Os governantes parecem praticar o contra-teatro melhor do que os governados e reaparecem as imagens da manipulação e desmobilização dos trabalhadores já destacadas por Germani, Murmis e Portantiero. Modificam-se os conceitos, mas reaparece em Daniel James a imagem das “duas Argentinas”. Em James, assim como em Germani, os trabalhadores também aparecem excluídos dos “grandes” valores da cultura.

Entretanto, a menção à conferência de Borges no *La Prensa* controlado pela CGT sugere que o *Martín Fierro* e o lunfardo não bastavam a Perón. Como destacaremos no próximo capítulo, referências a Borges e demais antiperonistas em periódicos de grande circulação como o jornal *El mundo* e a revista *El hogar* indicam que o repertório cultural dos setores populares durante o governo de Perón era mais amplo do que o sugerido por James e demais especialistas em movimento operário argentino.

De certo modo, Perón pode ter sido “vítima” do desenvolvimento econômico e da distribuição de renda ocorridas em seu governo. Sujeitos pertencentes aos setores populares, em ascensão social, passam a consumir mais bens culturais, bens estes que lhes incluíam na auto-imagem de país de classe média que nutriu os argentinos durante boa parte do século XX.

A historiografia sobre o movimento operário argentino e a “concretização” do discurso peronista.

La masa va adonde la conducen sus dirigentes.

Juan Domingo Perón.⁷⁰

Não reputo verdadeira a velha sentença que afirma transitar um fluido magnético da multidão para o condutor e deste para a multidão.

Eva Perón.⁷¹

A historiografia sobre o movimento operário argentino, ainda que indiretamente, reforça o próprio discurso peronista, que coloca Perón como líder dos trabalhadores. Outro

⁷⁰ PERÓN, J. D. *Conducción política*. Buenos Aires: Freeland, 1971. p. 104.

⁷¹ PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos. p. 149.

ponto em comum é que o movimento e o governo liderados por Perón aparecem como marcos da história do país, mesmo quando a valoração da historiografia é negativa.⁷² Não se trata de negar suas marcas evidentes sobre o movimento operário argentino, mas de se perguntar sobre outras dimensões da sociedade argentina que não foram necessariamente afetadas pelo peronismo ou, pelo menos, não na mesma intensidade. Como será analisado no quarto capítulo, sobre a representação literária do peronismo e dos setores populares, o próprio discurso peronista dá sinais claros dessas dimensões que escaparam do seu domínio. Somente para antecipar o assunto, em 1951, ou seja, cinco anos depois de assumir a presidência, Perón ainda defendia que era necessário “(...) convertir esa masa inorgánica en masas orgánicas y organizadas: *convertir la masa en pueblo consciente de sus derechos y de sus deberes* [grifo do autor].”⁷³ Logo, será que a massa realmente vai aonde a conduzem seus dirigentes?

Assim, parte dos trabalhos sobre o movimento operário argentino “concretizam” o que o governo peronista parece ter buscado incessantemente até a sua queda: a certeza da condução política dos setores populares por Perón. À tensão entre peronismo e antiperonismo cabe acrescentar pelo menos mais uma: a do peronismo com sua própria base social. Daí o interesse pela política cultural peronista, pela produção cultural do período, pela posição de destaque ocupada por um antiperonista como Borges na cultura argentina, caminhos possíveis para se desconstruir a imagem da hegemonia peronista difundida pela historiografia. Segundo Gutiérrez e Romero:

(...) [é necessário] buscar esos conflictos en un campo más amplio que el tradicional, descubriendo la dimensión conflictiva implícita en el acceso diferencial a los bienes materiales – como la vivienda o la salud – o, en el otro extremo, la que está implícita en la apropiación o imposición de formas culturales. Como señalan ya muchos autores, el conflicto social no se limita a las huelgas o al 17 de Octubre: está presente en las cuestiones relativas al consumo o las vinculadas con lo cultural que, en palabras de Stuart Hall, es un campo

⁷² A representação de uma Argentina antes e de uma Argentina depois da ascensão de Perón foram muito difundidas pelo discurso peronista. Nas palavras de Eva Perón, o “(...) país estava só. Marchava (...) sem rumo certo. (...). O povo gemia, privado de justiça, oprimido, negado. Países estranhos e forças internacionais jungiam-no a um domínio em nada dissemelhante à opressão colonial” (Ibid., p. 52). A respeito do modelo econômico peronista, Perón destacava que cada “(...) uno come más, viste mejor, vive más feliz y los capitalistas ganan más ahora que antes” (PERÓN, J. D., op. cit., p. 75).

⁷³ Ibid., p. 325.

conflictivo.⁷⁴

Década de 1990: crise, historiografia sobre o peronismo e a consolidação do cultural.

Como destacaremos nos capítulos II e III, a cultura durante o governo de Perón não é um assunto recente nos debates artísticos e intelectuais argentinos. Entretanto, como indicam os trabalhos de Germani, Murmis, Portantiero e James, ainda é um tema paralelo, secundário na historiografia. A sucessão de golpes militares em 1955, 1966 e 1976 e a desarticulação de sindicatos e de outros canais de participação política que promoveram certamente colaboraram para que o movimento operário fosse privilegiado em detrimento de outros objetos, como os relacionados à produção artística e intelectual.

A queda da União Soviética e a crise do socialismo levaram a um deslocamento do objeto então predominante entre os estudiosos do peronismo. Internamente, colaborou para isso a consolidação da democracia a partir da presidência de Raúl Alfonsín (1983-1989) da UCR. Gradativamente passa-se da classe operária para outros grupos sociais – como as crianças, as mulheres, os idosos, os intelectuais – e para outros âmbitos da vida dos trabalhadores – como família, lazer, religião, etc.

Sobre o segundo ponto, em *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*, publicado originalmente em 1995, Luis Alberto Romero considera pertinente tomar o mundo do trabalho como elemento central da identidade dos trabalhadores argentinos, sobretudo dos imigrantes, somente até 1910. Depois, o crescimento de Buenos Aires e o deslocamento desses trabalhadores do centro para os bairros, onde compravam lotes, teria provocado um “distanciamento” do mundo do trabalho e a abertura a experiências variadas como as vividas em sociedades de bairro. Além disso, a escolarização e o domínio do idioma nacional pelos descendentes dos imigrantes teriam ampliado essas experiências, por exemplo, através das bibliotecas populares⁷⁵ e do acesso a livros baratos⁷⁶:

⁷⁴ GUTIÉRREZ; ROMERO, op. cit., p. 212.

⁷⁵ Leandro H. Gutiérrez e Luis Alberto Romero destacam que a formação da maioria das bibliotecas populares foi uma iniciativa de setores da elite. Contudo, também destacam que as diretorias das bibliotecas eram compostas por membros provenientes de setores populares, que nelas alcançavam reconhecimento e distinção social. (Ibid., p. 71-107). As bibliotecas populares, ainda existentes na

El rasgo más notable de la sociedad de Buenos Aires, la fuerte movilidad y la expectativa generada por ella, más fuerte aún, conspiró contra la constitución de identidades de clase firmes y consistentes.⁷⁷

Apesar das mudanças quanto aos objetos, o peronismo permaneceu como o principal horizonte dos estudos na Argentina. Porém, o conhecimento sobre a atuação de outros segmentos da sociedade argentina e o estabelecimento de um quadro mais complexo a respeito da vida dos setores populares têm provocado uma mudança substancial na percepção do período representado pelos dois primeiros governos de Perón, inclusive no que se refere a aspectos relacionados ao mundo do trabalho e da política. De um modo geral, os estudos têm questionado, minimizado a ruptura provocada pelo peronismo na história argentina ao apontarem as permanências e apropriações que o governo de Perón empreendeu de características dos adversários políticos e do período anterior à sua ascensão.

Também colaborou para tal mudança a presidência de Carlos Saúl Menem (1989-1999). Apesar de pertencer ao partido peronista, Menem pautou seu governo pela reformulação do Estado argentino que ainda trazia, fortemente, marcas do governo de Perón.⁷⁸ O entusiasmo inicial parecia legitimar o desmonte promovido pelo governo

Argentina, são associações civis autônomas financiadas, total ou parcialmente, pelo Estado. As bibliotecas populares surgiram na Argentina com a lei 419 de 23 de setembro de 1870 e se expandiram na década seguinte a partir da Lei Nacional de Educação Comum. De acordo com um censo promovido pelo governo de Perón, em 1954 existiam 1676 bibliotecas populares em todo o país. Juntas, possuíam um acervo de 6 milhões de livros.

⁷⁶ “En los años que van entre las dos Guerras Mundiales (...) Buenos Aires conoció un fenómeno singular: el desarrollo de una serie de empresas editoras que ofrecieron, a precios económicos, un conjunto significativo de *buenas* obras de la *literatura* y el pensamiento universal. La cuidadosa selección, las extensas tiradas, su organización casi didáctica en bibliotecas y colecciones, la combinación de obras consagradas con otras de tendencias estéticas o sociales de avanzada, todo lleva a pensar en una verdadera “empresa cultural”. Su existencia estuvo posibilitada (...) por la maduración de ciertos cambios en la sociedad porteña, y particularmente en sus sectores populares, entre quienes se reclutaban principalmente los lectores de estas obras.” (Ibid., p. 47).

⁷⁷ Ibid., p. 17.

⁷⁸ Menem herdou uma grave crise econômica do antecessor Raúl Alfonsín da UCR, marcada por uma hiperinflação que chegou a 200% em julho de 1983. Para interromper o ciclo de emissão monetária para ajustar as contas públicas, o que alimentava a inflação, Menem cortou subsídios que eram destinados a vários setores da economia. Além disso, o seu governo iniciou um processo sem precedentes de privatização de empresas públicas. A abertura do mercado nacional a produtos estrangeiros foi adotada como uma medida para forçar a queda da inflação e a modernização da indústria argentina. Em parte, a adoção dessas medidas esteve ligada a pressões do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional,

Menem.⁷⁹ Porém, a acentuada crise econômica que começou a se manifestar em seu segundo mandato⁸⁰ parece ter colaborado para uma revisão do governo de Perón e do seu legado para a sociedade argentina. Nessa revisão, acontece uma espécie de despersonalização desse Estado e as origens de algumas de suas principais características são encontradas já no início do século XX, o que fortaleceria a tradição das leis sociais e trabalhistas, criticadas pelo governo Menem, na sociedade argentina.

Las políticas sociales en perspectiva histórica: Argentina, 1870-1952 (2006), livro organizado por Daniel Lvovich e Juan Suriano⁸¹, defende que o tema foi durante muito tempo relegado a um segundo plano pelo equívoco de se relacionar as políticas sociais no país unicamente ao peronismo ou, então, de considerá-las na prática inexistentes antes da ascensão política de Perón. De uma maneira geral, os autores que participam do livro destacam que as primeiras leis sociais tiveram origem na sociedade civil e que depois da crise de 1929 passaram a ser incorporadas pelo Estado liberal. Logo, nos deparamos com uma sociedade civil já mobilizada antes do peronismo e com um quadro político no qual algumas propostas tradicionalmente relacionadas a Perón já tinham sido promovidas pelo Estado liberal.⁸²

Além disso, aparecem trabalhos que destacam a oposição ao peronismo e o apelo popular de líderes, partidos e movimentos antiperonistas. Cabe mencionar um número

que condicionavam novos financiamentos à adoção de tais medidas.

⁷⁹ Uma das principais medidas promovidas pelo governo Menem foi a Lei de Convertibilidade, que igualou o peso ao dólar. A medida, aliada à queda da inflação, aumentou o poder de compra dos argentinos, o que foi fundamental para a reeleição de Menem em 1995.

⁸⁰ A médio prazo, as medidas adotadas por Menem aumentaram o desemprego. O corte de subsídios, a abertura do mercado nacional e a paridade entre peso e dólar, que encareceu o produto argentino no exterior, levaram inúmeros produtores e comerciantes à falência. A privatização das empresas públicas, por sua vez, foi acompanhada por expressiva redução no número de empregados.

⁸¹ LVOVICH, D; SURIANO, J. (Org.). *Las políticas sociales en perspectiva histórica: Argentina, 1870-1952*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

⁸² Para mencionar alguns exemplos tratados no livro, Mirta Zaida Lobato destaca a importância do Departamento Nacional do Trabalho (DNT) para o conhecimento do mundo do trabalho e para a elaboração de políticas de proteção dos trabalhadores e, inclusive, das trabalhadoras, desde o início do século XX. No mesmo período, Agustina Prieto demonstra, a partir da obra de Juan Bialet Massé, que a questão operária já despertava o interesse do governo argentino no sentido de conciliar as correntes internacionais do movimento operário com as particularidades argentinas. Prieto frisa que não era uma preocupação isolada e destaca a vasta repercussão do assunto, por exemplo, na literatura. Maria Carolina Zapiola lembra que a Lei Nacional de Educação Comum, sancionada em 1884, foi uma política social promovida pelo Estado, ao estabelecer o sistema de educação primário público, gratuito, laico e obrigatório.

conhecido, mas que foi e ainda é ignorado em diversos trabalhos, entre 1946 e 1955, a oposição ao peronismo manteve uma média de 40% do eleitorado, porcentagem que, evidentemente, não correspondia somente à classe média e à elite argentina. Desse modo, apenas as medidas sociais e trabalhistas nem sempre bastaram para o apoio de setores populares ao peronismo. O número expressivo de eleitores que a oposição manteve demonstra o que foi ressaltado por Luis Alberto Romero: a vida dos setores populares não se restringia ao mundo do trabalho. Acrescentamos: tampouco se limitou ao discurso peronista e era cruzada pelas disputas políticas e por uma produção artística e intelectual variada.

Acción Argentina (2005) de Andrés Bisso e *Los antiperonistas en la Argentina peronista* (2005) de Marcela García Sebastiani, por exemplo, exploram as alternativas políticas existentes durante o governo peronista e suas articulações. Os dois trabalhos apresentam um quadro político-cultural que esteve distante de ser controlado pelo governo de Perón.

Bisso destaca a convergência entre os distintos grupos políticos e sociais que formaram a Ação Argentina e questiona o suposto fracasso da entidade⁸³: o autor considera que, apesar da ascensão do peronismo, o grupo ajudou a consolidar e legar uma tradição marcada por princípios liberais e democráticos que não puderam ser ignorados pelo governo de Perón.

Bisso ressalta o poder de mobilização da entidade através de jornais como *Argentina Libre* e *Antinazi*, das homenagens que promoviam aos países invadidos pelo Eixo e da divulgação do cinema pró-Aliados. Bisso ressalta também que a atuação da entidade não estava restrita a Buenos Aires. Formularam propostas para os territórios nacionais que, carentes de instituições, seriam mais vulneráveis à propagação e interferência do nazi-fascismo. Além dos territórios, o debate em torno da Segunda Guerra Mundial também envolveu as províncias.⁸⁴ Nos primeiros meses de atuação, a Ação

⁸³ A Ação Argentina foi fundada com o objetivo de defender os Aliados junto à opinião pública do país durante a Segunda Guerra Mundial e denunciar nomes e grupos ligados ao Eixo na Argentina. A Ação Argentina foi um dos principais núcleos que deram origem à União Democrática, coalizão formada por radicais, socialistas e comunistas para enfrentar Perón nas eleições de 1946, fracasso ao qual parte da historiografia se refere.

⁸⁴ Diferentemente das províncias, os territórios nacionais eram regiões administradas pelo governo federal, o

Argentina já tinha cento e cinquenta sedes no interior. Bisso relaciona parte desse poder de mobilização a uma rearticulação dos setores liberais argentinos após a crise de 1929. A exemplo do já destacado por Belsunce e Floria, é necessário distinguir a crise do liberalismo econômico dos princípios políticos liberais. Bisso menciona que o fortalecimento de grupos autoritários e nacionalistas no país levou a uma disputa em torno do que e de quem realmente representaria o nacional. Os setores liberais teriam participado ativamente dessa disputa:

(...) el antifascismo argentino intentó (...) conciliar su carácter de nueva prédica movilizadora con un discurso genealógico que lo situara dentro de ciertas coordenadas de cultura política establecidas y reconocibles. Dentro de las influencias posibles, resultó ser la tradición liberal histórica, la que más fuertemente conferiría al movimiento antifascista un anclaje en los orígenes patrios, haciéndolo partícipe de sus figuras y creencias.⁸⁵

Bisso destaca que um exemplo do poder de mobilização da entidade está na cooptação de alguns de seus membros pelo governo Ramón S. Castillo (1940-1943) e na tentativa de políticos, como o general Justo⁸⁶, de se aproximarem da entidade. Bisso destaca, ainda, que a Ação Argentina e a Câmara de Deputados trabalharam juntas. No início da década de 1940, a maioria da Câmara era formada por políticos ligados aos grupos liberais e democráticos.

O livro de García Sebastiani, por sua vez, permite explorar a tradição legada pela Ação Argentina, assim como as propostas em comum entre os peronistas e os liberais destacadas no livro organizado por Lvovich e Suriano. García Sebastiani se concentra na atuação de radicais e socialistas entre 1943 e 1951, quando aconteceram as eleições que reelegeram Perón. A respeito do programa da União Democrática, derrotada por Perón em 1946, a autora destaca que “(...) se ajustaba a las propuestas liberales *pero intervencionistas* propias de un carácter progresista signado por el clima ideológico de la posguerra [grifo

qual indicava os governadores.

⁸⁵ BISSO, A. *Acción Argentina: un antifascismo nacional en tiempos de guerra mundial*. Buenos Aires: Prometeo, 2005. p. 58.

⁸⁶ O general Agustín Pedro Justo (1876-1943) foi presidente da Argentina entre 1932 e 1938. Era um dos líderes da ala legalista das Forças Armadas.

meu].”⁸⁷ Apesar de defenderem a intervenção do Estado na economia, como os peronistas, a autora considera que os radicais priorizaram, durante a campanha, a necessidade de se defender e consolidar a democracia na Argentina, motivo pelo qual teriam perdido as eleições de 1946.

No entanto, isso não seria necessariamente um sinal do fortalecimento do autoritarismo na sociedade argentina, apesar da questão democrática ter sido a prioridade dos adversários de Perón. Concentrando-se em seu primeiro governo, que durou até 1952, García Sebastiani lembra que a relação com os opositores nem sempre foi a mesma: apesar do fortalecimento do Poder Executivo – o que a autora atribui, em parte, ao sistema presidencialista –, destaca que o Congresso e o Poder Judiciário não deixaram de funcionar. Além disso, García Sebastiani ressalta que ocorreram eleições nacionais, provinciais e municipais durante todo o governo de Perón: apesar dos socialistas terem ficado sem representação nacional, avançaram nas províncias e municípios.

A autora considera, ainda, que a oposição não se limitou às instituições governamentais e cita o espaço por ela ocupado em diversos jornais, na Federação Universitária Argentina (FUA), no CLES, no Instituto Popular de Conferências do jornal *La Prensa* e nas rádios uruguaias, sintonizadas no país.

Finalmente, na contramão de muitos trabalhos que dotam de certa onipresença o Estado peronista, García Sebastiani recorda que as disputas internas nos partidos de oposição podem ter favorecido, também, a consolidação do peronismo no cenário político argentino.

Em meio a essa complexidade, pluralidade e porosidade do campo político argentino, os especialistas se voltam mais detalhadamente para a esfera cultural e

⁸⁷ GARCÍA SEBASTIANI, M. *Los antiperonistas en la Argentina peronista: radicales y socialistas en la política argentina entre 1943 y 1951*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo, 2005. p. 65. Na sequência, a autora dá exemplos de alguns pontos em comum: “(...) el programa de la UD concebía prioritario regular la constitucionalidad del ejercicio político. Contempló, asimismo, la necesidad de intervención del Estado en la planificación económica y social del país. La nacionalización de los servicios públicos y de las fuentes de energía, una reforma agraria y un conjunto de planes orgánicos de obras públicas eran todas formulaciones dirigidas a un país en el que la industrialización parecía ser un proceso irreversible. No faltaron, incluso, normativas referentes a la política laboral y educativa: reglamentación de la jornada de trabajo, del salario mínimo y vital, del régimen de seguros sociales, de las jubilaciones y pensiones, así como la supresión progresiva de los impuestos al consumo, la construcción de viviendas económicas, las vacaciones periódicas y pagadas, la extensión de los servicios sanitarios, la lucha contra el analfabetismo y el fomento a la educación profesional y gratuita.” (p. 65-66).

recuperam intensos debates artísticos e intelectuais em períodos até então desconhecidos ou tidos como pobres em termos culturais.

Uma das primeiras tentativas de se explicar o apoio dos setores populares ao peronismo priorizando elementos da cultura argentina foi feita por Alberto Ciria em *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*.⁸⁸ O autor destaca, por exemplo, que o governo promovia espetáculos populares e gratuitos sobre temas folclóricos em redutos tradicionais da elite como o Teatro Colón de Buenos Aires. Logo, o apoio ao peronismo estaria relacionado à apropriação simbólica de espaços urbanos, a qual demonstraria a ascensão social dos setores populares.

Em uma perspectiva semelhante à de Ciria, Mariano Plotkin em *Mañana es San Perón* (1993) explica o apoio ao peronismo pela construção simbólica de espaços urbanos como praças e de eventos como o 1º de maio e o 17 de outubro, nos quais Perón e os setores populares se encontrariam harmoniosamente. Plotkin destaca, também, a apropriação simbólica do passado nacional pelo governo de Perón: os descamisados seriam herdeiros das *puebladas* e montoneras do século XIX.⁸⁹ Apesar do enfoque original, o problema permanece: assim como nos trabalhos que comentamos sobre o movimento operário argentino, não teríamos aqui somente a reprodução do discurso peronista? Na segunda edição do livro, lançada em 2007, o próprio autor destaca essa crítica recebida pelo seu livro:

Una de las críticas más fuertes que ha recibido *Mañana es San Perón* ha sido el hecho de ocuparse con exclusividad del contenido de los mensajes y de los mecanismos de socialización política generados por el régimen peronista, prescindiendo de la recepción de los mismos. Vinculado a esto estaría la imagen supuestamente proyectada por el texto de un régimen peronista en el que el Estado sería el único agente activo frente a una masa receptora pasiva manipulada por aquél.⁹⁰

⁸⁸ CIRIA, A. *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.

⁸⁹ As montoneras – grupos armados – e as *puebladas* – levantes populares – do século XIX foram manifestações políticas dos caudilhos provinciais contra a organização do Estado unitário e liberal argentino.

⁹⁰ PLOTKIN, op. cit., p. 10. A crítica destacada por Plotkin foi feita por Luis Alberto Romero no *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”* (terceira série, nº 10, 1994).

É verdade que Plotkin destaca empecilhos encontrados pelo governo de Perón para alcançar o consenso buscado pela propaganda política e pela interferência em instituições diversas como a escola. O autor destaca, por exemplo, que Perón não pôde ignorar o peso da tradição liberal argentina, principalmente depois da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial:

Aunque Perón ciertamente no era liberal, tampoco tenía intenciones (al menos en un principio) de disociarse de la tradición liberal que, luego del triunfo aliado en la guerra, podía reclamar una vez más su lugar como la “verdadera” tradición del país.⁹¹

Entretanto, em algumas passagens, Plotkin parece dissociar os setores populares dessa tradição liberal, daí a mencionada crítica feita ao livro. Por exemplo, o autor destaca que Perón, diante da oposição da maioria dos empresários, radicalizou o discurso para se consolidar entre os trabalhadores. De acordo com Plotkin, radicalização referente a uma passagem do político ao social, na qual foram ressaltadas os limites da democracia liberal.⁹²

Como Plotkin, em *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo* (1998), Maria Helena Rolim Capelato também estuda a propaganda política peronista e as suas estratégias em busca do consenso, da harmonia social. Entretanto, a autora aborda o ponto criticado no trabalho de Plotkin e explora alguns aspectos relacionados à recepção dessa propaganda. A historiadora menciona, por exemplo, que programas de rádio e filmes que reproduziam o discurso peronista despertavam pouco interesse no público. Capelato dialoga com autores como Norberto Bobbio e Maria Antonieta Macciochi que, já na década de 1970, destacaram limites encontrados pelo fascismo italiano para se consolidar politicamente, limites relacionados à sua política cultural:

Segundo Maria Antonieta Macciochi (1976), a tentativa de fascistização da cultura italiana fracassou. Já Norberto Bobbio (1973) afirma que uma cultura fascista jamais existiu realmente. O regime conseguiu organizar e manter em torno de si um movimento de

⁹¹ Ibid., p. 63. Nesse trecho observamos o que Bisso fala quanto ao legado de uma tradição liberal e democrática pela Ação Argentina.

⁹² Ibid., p. 64.

mobilização e participação das massas. No entanto, apesar da atuação dos grupos organizados e do uso dos meios de comunicação com fins propagandísticos, o regime não conseguiu impedir que o antifascismo agisse contra o sistema. Macciocchi (*idem*) afirma que isso aconteceu porque não se conseguiu a penetração profunda da ideologia nas massas.⁹³

A repercussão da obra de Borges demonstra que o mesmo pode ter acontecido com a literatura estimulada pelo governo de Perón, cuja política cultural foi marcada por um acentuado nacionalismo e por um discurso moralizante, como veremos no capítulo IV. Entretanto, consideramos que há uma questão que não foi explorada profundamente por Plotkin e Capelato: os próprios discursos de Perón e Evita, a propaganda política peronista e a produção cultural alinhada com o governo nos permitem apreender a ausência de consenso na sociedade argentina durante a presidência de Perón, como destacaremos nos próximos capítulos, sobretudo no III e IV.

Outros trabalhos demonstram que esses limites enfrentados por propostas autoritárias e nacionalistas, na Argentina, remontam à década de 1930. Em *Fascismo, liturgia e imaginário: el mito del general Uriburu y la Argentina nacionalista* (2002), Federico Finchelstein mostra a tentativa dos nacionalistas de se unirem em torno da memória do general Uriburu, líder do golpe de 1930 e falecido em 1932.⁹⁴ Finchelstein coloca que o livro narra a história de um fracasso, pois considera que os nacionalistas continuaram divididos e não conseguiram vitórias políticas. Finchelstein considera que o suposto domínio dos nacionalistas durante a década de 1930 decorre de um equívoco dos historiadores, que confundem os discursos com as práticas.⁹⁵

Uma postura parecida com a de Finchelstein encontramos em Nora Pasternac, quando analisa os treze primeiros anos da revista *Sur*. No livro *Sur, una revista en la tormenta: los años de formación, 1931-1944* (2002), Pasternac questiona que a década de 1930 tenha sido marcada por um vazio cultural, provocado pelo domínio de vertentes

⁹³ CAPELATO, op. cit., p. 102.

⁹⁴ Apesar do fortalecimento político dos setores agro-exportadores, os nacionalistas apoiaram o golpe de 1930 pelo temor de que a crise econômica e social desencadeada em 1929 proporcionasse o crescimento do comunismo na Argentina.

⁹⁵ FINCHELSTEIN, F. *Fascismo, liturgia e imaginário: el mito del general Uriburu y la Argentina nacionalista*. 1ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 29.

autoritárias e nacionalistas.⁹⁶ Cita a fundação e a centralidade assumida pela revista de Victoria Ocampo como exemplos disso.

A coletânea *Buenos Aires/entreguerras: la callada transformación, 1914-1945* (2006), organizada por Francis Korn e Luis Alberto Romero, destaca que as crises econômicas e políticas que marcaram o período não provocaram uma ruptura na esfera cultural. Seguindo uma linha defendida por Beatriz Sarlo no já mencionado *Una modernidad periférica* e no artigo *Buenos Aires, cidade moderna* (1997)⁹⁷, os autores que compõem a coletânea questionam a tradicional divisão entre centro e periferia, a qual, em parte, explicaria a exclusão cultural dos setores populares e a facilidade com a qual seriam manipulados politicamente.

Segundo os autores, a expansão e o desenvolvimento dos meios de transporte em Buenos Aires, a partir do início do século XX, estimulou o deslocamento dos habitantes entre o centro e a periferia da capital e arredores.⁹⁸ Além disso, as bibliotecas populares são lembradas como centros que promoviam o liberalismo e o socialismo que, nesse período, se aproximaram em virtude da aliança entre os Aliados na Segunda Guerra Mundial. As bibliotecas populares aparecem, assim, como um contraponto ao nacionalismo autoritário no país, através, por exemplo, da promoção de conferências.

Na coletânea, a fronteira entre centro e periferia não é eliminada, porém é atravessada por diferentes sujeitos e grupos político-sociais que passaram a ter conhecimento de outras experiências além das vividas no âmbito pessoal. Um exemplo disso seria a revista *El hogar*, na qual eram comuns as referências à produção cultural e literária do país:

La revista semanal *El Hogar*, por ejemplo, se ubicó en esa zona media en la que las formas de vida distinguidas eran presentadas para consumo de un público

⁹⁶ PASTERMAC, N. *Sur, una revista en la tormenta: los años de formación, 1931-1944*. Buenos Aires: Paradiso, 2002.

⁹⁷ SARLO, B. *Buenos Aires, cidade moderna. Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997.

⁹⁸ Em 1900 circulou o primeiro bonde elétrico e em 1913 foi inaugurada a primeira linha de metrô. Segundo dado apresentado por Ricardo Cicerchia, em 1910 os bondes de Buenos Aires transportaram 330 milhões de passageiros (CICERCHIA, R. *Historia de la vida privada en la Argentina: desde la Constitución de 1853 hasta la crisis de 1930*. Buenos Aires: Troquel, 2001. p. 110. História de la vida privada en la Argentina, 2).

distinto de quienes eran los protagonistas de las páginas, pero lo suficientemente cercano como para reconocerse en ellas y encontrar modelos de cómo vestirse, cómo decorar una habitación, qué regalar en un casamiento, o cómo debía comportarse una señorita (...).⁹⁹

Desse modo, a produção cultural se enquadra nesse processo através do qual os setores médios e populares procuram se distinguir socialmente. Os artistas, escritores e intelectuais, por sua vez, pretendem, com esses setores, consolidarem sua profissionalização.

Em *Buenos Aires, cidade moderna*, Sarlo lembra que o elevado índice de alfabetização alcançado pela Argentina no início do século XX colaborou para o desenvolvimento da já citada “cultura da mescla”.¹⁰⁰ Como destaca Sarlo, ainda que o elevado número de alfabetizados não represente necessariamente um elevado número de leitores, o alto índice de alfabetização indica que a maioria dos argentinos poderia ter acesso a formas variadas de conhecimento, como a literatura que analisaremos no capítulo IV.

Ao comentarem o artigo de Sylvia Saítta na coletânea que organizaram¹⁰¹, Korn e Romero assinalam que o crescimento urbano fez com que a relação dos sujeitos e grupos com as cidades fosse cada vez mais intermediada pela literatura e pelo jornalismo:

En una ciudad que en la entreguerra se hacía a la vez más extensa y más densa, desapareció la ilusión de su conocimiento directo, más propia de aquella sociabilidad barroca que reunía a todo el mundo en espacios reducidos, juntos pero no mezclados. El periodismo de masas, otro producto de la ciudad letrada y lectora, ocupó el lugar de constructor de imágenes de la ciudad, que la hicieran familiar para sus habitantes.¹⁰²

Sarlo ainda considera que a importância da literatura e dos escritores não se restringe apenas à leitura em si. Segundo Sarlo, o número de revistas culturais ou livros

⁹⁹ KORN, F.; ROMERO, L. A. (Org.). *Buenos Aires/entreguerras: la callada transformación, 1914-1945*. Buenos Aires: Alianza, 2006. p. 16. Na década de 1930, Borges teve uma coluna literária na revista *El hogar*.

¹⁰⁰ “Em meados de 1930, em Buenos Aires, os analfabetos nativos somam apenas 2,39% de um total de 6,64%.” (op. cit., p. 205).

¹⁰¹ SAÍTTA, S. Ciudades escritas: mapas urbanos en la literatura y el periodismo. In: KORN; ROMERO, op. cit., p. 191-229.

¹⁰² KORN; ROMERO, op. cit., p. 30.

vendidos não pode ser o único referencial, nem mesmo o mais importante, para se dimensionar o espaço ocupado pela literatura e pelos escritores em uma determinada sociedade:

A importância dessas publicações nas transformações culturais não pode ser medida somente em termos do número de exemplares vendidos (...), mas de repercussão no terreno intelectual que elas logo extrapolam para se refletirem no espaço do público e das instituições, com frequência e com duração diferentes.¹⁰³

Os escritores trabalham em instituições diversas, de escolas a bibliotecas, dão conferências, escrevem para jornais, participam de programas de rádio, elaboram manifestos, escrevem roteiros para o cinema, ocupam cargos políticos, organizam e mantêm associações, etc. Ou seja, a construção de um lugar para a literatura e, conseqüentemente, para os escritores, não depende exclusivamente da leitura e este lugar pode se consolidar, inclusive, entre leitores potenciais.¹⁰⁴

Mesmo que o parâmetro fosse a tiragem de periódicos e livros, os números apresentados pela Argentina, já na primeira metade do século XX, não são nada desprezíveis. Sarlo acredita que a revista vanguardista *Martín Fierro* (1924-1927), da qual participou Borges, vendia em média 7 mil exemplares. Sarlo também se refere ao dado apresentado por Antonio Zamora, diretor da editora Claridad, segundo o qual a editora, em menos de dez anos, vendeu aproximadamente 1 milhão de exemplares. Ainda segundo Zamora, inicialmente, os livros tinham uma tiragem média de 10 mil exemplares, mas, já na década de 1930, chegavam a 30 mil.

Para mencionar mais um exemplo, a revista *Sur*, tradicionalmente representada como uma publicação elitista, foi lançada em 1931 com mais de 4 mil exemplares e, durante toda sua publicação, até a década de 1970, manteve uma tiragem média de 5 mil

¹⁰³ SARLO, Buenos Aires, cidade moderna, p. 215.

¹⁰⁴ Referindo-se à literatura produzida nas décadas de 1960 e 1970, o escritor argentino Julio Cortázar (1914-1984) aponta na mesma direção. “Mesmo em países em que não se lê tanta literatura como em outros, (...) estão virtualmente dadas todas as condições para que qualquer pessoa possa vir a ser seu leitor, às vezes por publicidade, às vezes por contágio, às vezes por puro acaso.” (CORTÁZAR, J. A literatura latino-americana à luz da história contemporânea. In: SOSNOWSKI, S. (Org.). *Julio Cortázar: obra crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 3. p. 184).

exemplares.¹⁰⁵

Como destacado na introdução, a maioria desses trabalhos encerram os recortes temporais antes da ascensão política de Perón. Apesar de falar em fracasso dos nacionalistas autoritários na década de 1930, Finchelstein considera que existiu uma “influência posterior” de seus pressupostos nas ditaduras que se seguiram à de 1930.¹⁰⁶ Assim, ainda que não mencione Perón, consideramos que o autor se refere à ditadura de 1943 que viabilizou o seu fortalecimento político.

Nora Pasternac, por sua vez, destaca que o governo de Perón provocou mudanças na revista *Sur* pelas tensões políticas que desencadeou. A autora defende que a ascensão de Perón acentuou o distanciamento da revista em relação às questões políticas e sociais argentinas.¹⁰⁷

Apesar de o peronismo ser comumente visto em termos de ruptura, o que Korn, Romero e Sarlo apontam sobre a produção cultural argentina até meados da década de 1940 converge com o defendido por Flavia Fiorucci em um artigo sobre os intelectuais durante os governos de Perón e de Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954). Segundo a autora, diferentemente do que ocorreu no Brasil, onde a maioria dos intelectuais exercia cargos públicos ou dependia do apoio do Estado, na Argentina predominou a oposição dos intelectuais a Perón e os que aderiram ao governo foram afastados dos principais círculos intelectuais. O maior mercado editorial teria garantido aos intelectuais argentinos maior autonomia perante o Estado peronista. Consideramos, assim, que a ascensão de Perón não representou uma ruptura na produção cultural argentina, pelo menos não na intensidade sugerida por alguns trabalhos.¹⁰⁸

Fiorucci, porém, defende que a exclusão de peronistas dos principais círculos intelectuais argentinos não representou um obstáculo para o governo de Perón, pois considera que não houve interesse expressivo do governo em atrair intelectuais porque desejava promover, sobretudo, a cultura popular:

¹⁰⁵ Esses dados sobre a tiragem da *Sur* foram retirados de edições de aniversário da revista.

¹⁰⁶ FINCHELSTEIN, op. cit., p. 29.

¹⁰⁷ PASTERMAC, op. cit., p. 14.

¹⁰⁸ Pasternac, por exemplo, afirma que, antes da presidência de Perón, já existia na revista *Sur* certo distanciamento quanto a questões sociais e políticas argentinas.

Perón mismo sostenía que “en cuanto a la formación espiritual, ha de realizarse llevando la cultura al ambiente de nuestros trabajadores. Ni la inteligencia ni el saber pueden estar reservados a una sola clase social”. Para llevar a cabo dichas transformaciones, Perón no necesitaba la colaboración de los intelectuales. La cultura que buscaba llevar a las masas no era la cultura de las élites intelectuales, tal como él mismo lo expuso, sino la “cultura popular”.¹⁰⁹

Realmente o governo de Perón se mostrava preocupado com a “cultura popular” e se apresentava como o defensor autêntico desta cultura. Porém, como veremos principalmente no capítulo III, não havia consenso entre os peronistas sobre o que seria cultura popular. Alguns defendiam o acesso dos setores populares a bens culturais considerados tradicionais.

Além disso, a perseguição aos intelectuais não deixa de ser uma tentativa de cooptação ou, pelo menos, de neutralizá-los. Se o governo de Perón demonstrou tal preocupação, talvez o poder de persuasão dos intelectuais argentinos, junto aos setores populares, tenha sido maior do que geralmente se pensou.

Em um artigo mais recente, publicado em 2008, a própria Fiorucci parece ter caminhado nessa direção, ao desenvolver que o governo de Perón teve uma política cultural e como esta política se deu a partir de um plano institucional já estabelecido:

(...) este gobierno que en la visión de sus detractores censuraba y desdeñaba a sus elites cultivadas, llevó adelante un conjunto de transformaciones en el terreno de la administración cultural. En esos años cuando el Estado *incorporó una serie de dependencias* para coordinar la administración de la cultura (...) e incrementó notablemente el gasto público en cultura [grifo meu].¹¹⁰

Os novos estudos, ao destacarem, dentre outros pontos, as cisões entre os nacionalistas autoritários desde a década de 1930, o fortalecimento dos liberais após a derrota do Eixo, o expressivo mercado editorial argentino e a autonomia dos intelectuais, apontam para um quadro complexo que, como veremos, não foi sensivelmente alterado após 1945 e que impossibilitou a consolidação da hegemonia peronista. Esse quadro nos

¹⁰⁹ FIORUCCI, op. cit., p. 10.

¹¹⁰ FIORUCCI, F. Reflexiones sobre la gestión cultural bajo el peronismo. *Nuevo Mundo Nuevos Mundos*, 10 de fevereiro de 2008. Disponível no site: <<http://nuevomundo.revues.org/index24372.html>>. Acesso em: 9 julho de 2008.

leva, ainda, a rever a imagem da manipulação dos trabalhadores/setores populares destacada por estudiosos ao longo de três décadas.

CAPÍTULO II. PERCURSOS DE ESCRITORES ANTIPERONISTAS EM TEMPOS DE PERÓN.

(...) citar seus livros é duvidar da cultura de nossos leitores (...). Quando começou a campanha eleitoral, Borges posicionou-se claramente contra Perón. Borges é amante das fantasias – seu último livro marca um crescimento dessa inclinação – e era natural então que se decidisse pela União Democrática (...). Por que, então, levar-lhe em conta a preferência? Por que não agir com um pouco mais de generosidade? (...). (...) suporá o Dr. Siri [prefeito de Buenos Aires] que a Pátria vá progredir muito se os escritores se dedicarem a cuidar de galinhas e os avicultores a escrever romances?

José Gobello, *Democracia*, 24 de julho de 1946.¹

Esta noche, a las 21, en el restaurante de la calle Pueyrredón 19, se realizará un banquete en honor del escritor y poeta Jorge Luis Borges, cuya personalidad se destaca en primera línea en las letras argentinas desde el movimiento renovador de “Martín Fierro”, del que fué uno de los principales animadores.

El mundo, 8 de agosto de 1946.²

La tiranía lo favoreció en cierto modo [a Borges], dado que para no hacerle el juego a cierto nativismo deformado resolvió escrutar nuevas zonas literarias. Con lo que resultó beneficiada la Argentina.

El hogar, 13 de abril de 1956.³

A pesar de sus valores innegables, Jorge Luis Borges no sobrevivirá, pues todo un período de renuncia argentina yace en su castidad poética.

Juan José Hernández Arregui, 1957.⁴

¹ GOBELLO, J. Jorge Luis Borges, inspetor de aves. *Democracia*, Buenos Aires, 24 de julho de 1946. Apud VÁZQUEZ, M. E. *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 190-191. Nascido em 26 de setembro de 1919 em Martínez, Província de Buenos Aires, José Gobello destacou-se em estudos sobre o lunfardo e o tango. Escreveu prólogos e textos políticos. Ao lado de Nicolás Olivari (1900-1966), Amaro Villanueva (1900-1969), León Benarós e Luis Soler Cañas, foi um dos fundadores da Academia Portenha do Lunfardo e desde 2005 preside a instituição. A Academia Portenha do Lunfardo se coloca como uma organização não-governamental (ONG) destinada à pesquisa sobre o lunfardo na cidade de Buenos Aires e arredores.

² *El mundo*, Buenos Aires, 8 de agosto de 1946. p. 10.

³ Figuras contemporâneas. *El hogar*, Buenos Aires, 13 de abril de 1956. p. 12.

⁴ HERNÁNDEZ ARREGUI, J. J. *Imperialismo y cultura*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1973. p. 131. Proveniente do radicalismo, Hernández Arregui foi Diretor de Estatísticas e Censos da Província de Buenos Aires durante o governo peronista do coronel Mercante. Foi, ainda, professor da Universidade Nacional de La Plata, onde chegou a ser diretor do Instituto de História. Durante o governo de Perón, ainda deu aulas de Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas da UBA e tinha um programa cultural na Rádio do Estado.

Preenchendo o “vazio” cultural

Neste capítulo, uma análise sobre como o nacional foi visto na obra de Borges, sobretudo pela crítica argentina, até meados da década de 1950, e um levantamento da produção do escritor e de outros antiperonistas no período nos apontam para um quadro no qual as divisões políticas (ainda) não tinham se transferido para a esfera cultural com a mesma intensidade⁵, o que traz novas perspectivas sobre a relação do governo de Perón com a produção cultural e com os escritores e intelectuais de oposição. Como desenvolveremos, ainda não existia consolidada em torno de Borges a imagem de escritor antiargentino e tampouco o peronismo parecia ter conseguido conter sua consolidação e de outros antiperonistas no cenário cultural do país.

Como destacamos na introdução, Beatriz Sarlo relata pertencer a uma geração cindida, marcada politicamente pelo peronismo e culturalmente por Borges. Culturalmente marcada por antiperonistas, poderíamos acrescentar. Como ressaltamos, o testemunho de Sarlo refere-se particularmente à década de 1970, caracterizada pelo aumento da tensão política que resultou no golpe de Estado de 1976. No entanto, pode levar a uma especulação sobre a natureza do peronismo que o esvaziaria de elementos culturais, assim como minimizaria a importância política de Borges e demais escritores antiperonistas, como se a política e a cultura tivessem sido campos fechados e impermeáveis durante os governos de Perón.

María Teresa Gramuglio nos dá um exemplo que permite pensar o processo de construção da dicotomia apontada por Sarlo. Logo após a queda de Perón em 1955, a revista *Sur* lançou um número comemorativo, o 237, sugestivamente intitulado *Por la reconstrucción nacional*. Nele, o escritor Ernesto Sábato publicou *Aquella patria de nuestra infancia*. No ano seguinte, o texto foi lançado como livro com o título *El otro*

⁵ Após a Guerra Civil Espanhola e durante a Segunda Guerra Mundial nota-se um nucleamento de escritores e intelectuais em torno dos campos em confronto nas duas guerras. Porém, mesmo nesse período, esse nucleamento não representou um consenso interno. Apenas para citar alguns exemplos, apesar do inimigo em comum, o nazifascismo, a esquerda se dividia entre a liberal ou “progressista” e a comunista. Os liberais, por sua vez, divergiam a respeito da extensão dos direitos políticos e sociais aos setores populares. Os nacionalistas também divergiam sobre a questão, preocupados com um possível avanço do comunismo no país.

rostro del peronismo. Comparando os dois textos, Gramuglio destaca a inclusão da seguinte passagem:

Aquella noche de septiembre de 1955, mientras los doctores, hacendados y escritores festejábamos ruidosamente en la sala la caída del tirano, en un rincón de la antecocina vi cómo las dos indias que allí trabajaban tenían los ojos empapados de lágrimas. [...] Muchos millones de desposeídos y de trabajadores derramaban lágrimas en aquellos instantes, para ellos duros y sombríos. Grandes multitudes de compatriotas humildes estaban simbolizadas en aquellas dos muchachas indígenas que lloraban en una cocina de Salta.⁶

A passagem desdobra a dicotomia apontada por Sarlo. De um lado, os escritores ao lado dos fazendeiros, das elites econômicas e, portanto, do imperialismo: o discurso peronista estabelecia uma relação entre ambos. De outro, os setores populares ao lado do peronismo e, conseqüentemente, do nacional/nacionalismo. Gramuglio considera que, no caso de Sábato, a inclusão da passagem legitimava o seu rompimento com os militares que derrubaram Perón e com a revista *Sur*, a qual manteve o apoio ao golpe de 1955.

O esforço da “Revolução Libertadora” para integrar escritores e intelectuais associados ao antiperonismo indica a legitimidade política por eles oferecida em meados da década de 1950.⁷ Essa legitimidade mostra a permanência dos antiperonistas no cenário cultural e político da Argentina durante o governo de Perón. Consideramos que o peronismo, ciente do peso político desses escritores e intelectuais, não apenas encontrou barreiras para conter a produção cultural dos opositores, como procurou, inclusive, dela se apropriar, direta e indiretamente. O peronismo não pode ser explicado, somente, pela ruptura e pelo sectarismo presentes em seu discurso. Consideramos que a relação do governo de Perón com os escritores e intelectuais de oposição foi marcada pela necessidade

⁶ Apud GRAMUGLIO, M. T. Posiciones de *Sur* en el espacio literario. Una política de la cultura. In: JITRIK, N. (Org.) *Historia crítica de la literatura argentina*. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé, 2004. v. 9. p. 110.

⁷ Após a queda de Perón, Borges, por exemplo, chegou a ser cogitado para ser embaixador nos Estados Unidos e assumiu a direção da Biblioteca Nacional após sugestão de Victoria Ocampo. Ernesto Sábato, antes de romper com os militares, foi diretor da revista *Mundo argentino*. Vicente Barbieri (1903-1956) tornou-se diretor da revista *El hogar*. Bioy Casares foi sondado para a Diretoria de Assuntos Culturais, mas não aceitou. Os escritores antiperonistas também voltaram a ser premiados em concursos patrocinados pelo Estado. Em 1956, Borges recebeu o Prêmio Nacional de Literatura. No mesmo ano, Borges também se tornou professor de Literatura inglesa na UBA. Borges ainda dirigiu a EUDEBA, editora da universidade.

de se conter a tensão política que marcou a sociedade argentina durante a Segunda Guerra Mundial. Exemplo disso foi o gradual afastamento de Perón do Exército⁸ e da Igreja Católica. Não é demais lembrar que Perón se fortaleceu na política argentina como um simpatizante do Eixo, o que, depois da guerra, pesava contra o presidente.

Assim como na introdução e no capítulo I, Borges, que se tornou expoente do antiperonismo, aparece novamente como o ponto de partida necessário. Na epígrafe, algumas passagens se destacam: “como não se ignora”, “citar seus livros é duvidar da cultura de nossos leitores”, “se destaca nas letras argentinas” e “valores inegáveis”. Poderiam até ser apenas meras formalidades caso a segunda e a quarta passagens não tivessem sido escritas por peronistas e, vale ressaltar, em momentos de grande tensão política. Gobello escreve no início do governo de Perón, quando a lembrança da Segunda Guerra Mundial ainda era muito recente e os opositores associavam o peronismo com o nazi-fascismo, o que teria levado Borges a ser transferido da biblioteca Miguel Cané. Hernández Arregui, por sua vez, escreve após a queda de Perón, em meio ao já citado processo de desperonização da sociedade argentina.

As passagens destacadas na epígrafe nos mostram que, em meados da década de 1940, Borges já era um escritor (re)conhecido: reconhecimento não restrito ao meio intelectual, como demonstram as menções em *Democracia* e *El mundo*, jornais de grande circulação e, vale ressaltar, em seções que não eram especializadas em Literatura. Em *Um ensaio autobiográfico* (1970), Borges destaca esse (re)conhecimento. “Embora pareça irônico, nessa época [1937-1946] eu era um escritor *bastante* [grifo meu] conhecido, exceto na biblioteca [Miguel Cané].”⁹

Nas quatro passagens destacadas na epígrafe, nota-se apenas uma ruptura: Hernández Arregui não considera a literatura de Borges como nacional, fala em uma “renúncia argentina” por seu descompromisso político, por sua “castidade poética”. Contudo, como já comentamos e convergindo com o reconhecimento que acabamos de destacar, Hernández Arregui vê “valores inegáveis” em Borges.¹⁰

⁸ Perón se retirou do Exército após os acontecimentos de outubro de 1945.

⁹ BORGES, J. L. *Um ensaio autobiográfico*. São Paulo: Globo, 2000. p. 107.

¹⁰ Arturo Jauretche, ao lado de Hernández Arregui, um dos principais críticos de Borges e do grupo Sur depois da queda de Perón, também destaca suas “efetivas aptidões literárias”, apesar de lamentar o

Neste capítulo, partimos das seguintes hipóteses: o reconhecimento de Borges sugere mais amplamente a existência de uma rede de instituições, que iam de jornais e revistas a centros independentes de ensino e pesquisa, que publicavam e discutiam sua literatura; além dessa rede de instituições, o reconhecimento de Borges pressupõe a produção de intelectuais e de outros escritores com propostas culturais e literárias semelhantes às suas. O reconhecimento não acontece somente em oposição ao supostamente distinto, mas também é um processo positivo, de legitimação e aperfeiçoamento de características em comum: reconhece-se alguém para que outros também sejam reconhecidos. O nome Borges traz inevitavelmente outros como Bioy Casares, Cortázar, Silvina e Victoria Ocampo, etc. Como desenvolveremos a seguir, a presidência de Perón não trouxe um retrocesso na produção e consolidação desses escritores no cenário cultural argentino.

Além disso, durante o governo de Perón, a imagem de Borges como um escritor desenraizado, desinteressado pelo nacional ou em contradição com este, como se observa em Hernández Arregui, não era recorrente. No *Democracia*, Gobello aponta um crescimento da fantasia em Borges, mas em nenhum momento isto é colocado em oposição ao nacional, muito pelo contrário: Gobello relaciona os escritores com o progresso da Pátria. Possivelmente por isso, em 1957, Hernández Arregui ainda tenha destacado que Borges tinha “valores inegáveis”, apesar da aguda tensão política entre peronistas e antiperonistas naquele momento.

O que parece estar em curso, entre as duas citações, é uma transição de qual elemento seria predominante para se conceituar o nacional na Literatura e nas artes em geral. Em Gobello, simplesmente a nacionalidade do escritor. Em Hernández Arregui, o conteúdo, a mensagem da obra.

Logo, inicialmente, o peronismo não encontra associado a Borges – e outros antiperonistas – a imagem de “renúncia argentina” que legitimaria uma oposição aberta do

abandono dos temas nacionais na sua obra. “(...) hay que considerarle el mérito de haber intentado alguna vez asomarse a un almacén rosado, un barrio porteño o un tema histórico, en la tentativa de ir más allá de una exquisita labor de orfebre.” (JAURETCHE, A. *Los profetas del odio y la Yapa*. Buenos Aires: Corregidor, 2002. p. 128). Na década de 1930, Borges escreveu o prólogo de *El paso de los libros* de Jauretche.

governo contra o escritor – e demais opositores. Nesse momento, Borges é antiperonista, mas “ainda não é” antiargentino, como se difundiria a partir de meados da década de 1950. Soma-se a isso que o próprio Borges e alguns de seus principais comentadores também reivindicam o nacional para si, como mostra a passagem da revista *El hogar* publicada em 1956 e destacada na epígrafe. Segundo a revista, o governo de Perón defendeu um “nativismo deformado”.¹¹

A relação de Borges e sua obra com o nacional ou, pelo menos, o não estabelecimento de uma oposição taxativa e recorrente entre ambos até meados da década de 1950 deve-se a vários fatores. Como veremos no próximo capítulo, entre escritores, intelectuais e periódicos que se colocavam como nacionalistas não havia um consenso quanto a uma proposta cultural-literária e, conseqüentemente, do que seria ou não uma Literatura nacional e/ou nacionalista.

No trecho do jornal *El mundo* destacado na epígrafe, Borges é relacionado ao movimento da revista *Martín Fierro*.¹² Pode-se argumentar, então, que o escritor não era considerado antinacional até meados da década de 1950 pela permanência da sua produção inicial no meio intelectual argentino, a qual seria caracterizada por temas nacionais, segundo parte dos especialistas. Porém, como desenvolveremos adiante, o nacional, tal como o concebe Hernández Arregui, se consolidou tardiamente como categoria de análise da obra de Borges. Nestor Ibarra, em um dos primeiros estudos a respeito de Borges, lançado em 1930, não separa “o grande apóstolo do criollismo” de temas como o tempo e a morte¹³, os quais, a partir de meados da década de 1950, passaram a ser apontados como

¹¹ Como já comentamos, a disputa pelo nacional vinha desde a Segunda Guerra Mundial. Sobre a Ação Argentina, Andrés Bisso destaca como seu resgate dos próceres da tradição liberal em meio à guerra esteve ligada a uma estratégia que pretendia relacionar o nacional à liberdade. “(...) más allá de su claro pro britanismo, *Acción Argentina* era capaz de recordar *todas* las fechas importantes del calendario patrio, actualizando su sentido y significación ante los sucesos bélicos y centrándose en la capacidad de movilización y resistencia popular. De esta manera se resaltaba la identidad cívica, a través de cierta lectura de los hechos patrios que intentaba acomodarse a los principios que *Acción Argentina* sostenía frente a la Guerra Mundial y en torno a la situación política interna.” (BISSO, op. cit., p. 185).

¹² De um modo geral, a revista *Martín Fierro* se propôs a renovar a poesia argentina a partir das vanguardas européias, porém recusando a Europa e, particularmente, a Espanha, como referenciais privilegiados do país.

¹³ “Más rasgos de *Fervor* [*de Buenos Aires*, primeiro livro de Borges, publicado em 1923] contradicen la juventud del poeta y fijan, *casi definitivamente quizás* [grifo meu], su fisonomía: preocupación metafísica [segundo uma nota de Ibarra, também presente na sua prosa], frecuentación de los temas del tiempo y la muerte (...).” (IBARRA, N. *La nueva poesía argentina: ensayo critico sobre el ultraismo* (1921-1929).

exemplos do desinteresse de Borges pelos temas e problemas nacionais. Hernández Arregui, tomando o tema do tempo como referência, questiona a profundidade do conhecimento filosófico de Borges e a sua insistência no assunto demonstraria seu distanciamento da realidade argentina. “El “erudito” Borges no siempre va de la mano con la verdad. Lo cual no es agravar su curiosidad intelectual pero sí empañar los cristales de su *invicta torre de marfil* [grifo meu].”¹⁴

Estudos mais recentes já têm questionado a divisão entre um Borges nacional e outro cosmopolita.¹⁵ Porém, o que a maioria desses trabalhos ainda não destacou é a inexistência dessa divisão, de forma clara, durante o governo de Perón, como mostra a crítica argentina do período, analisada neste capítulo. O que a maioria desses trabalhos ainda não destacou é que essa divisão, pelo menos inicialmente, não foi alimentada por intelectuais peronistas.

Os pontos anteriores nos levam a questionar que a Argentina viveu um vazio cultural entre os anos 1930 e 1950 pelo crescimento do autoritarismo e do nacionalismo no âmbito político e social, o qual teria repercutido e predominado na produção artística e intelectual. Neiburg destaca o surgimento de entidades e periódicos relacionados a esse crescimento¹⁶, mas defende que essa imagem do período está ligada a explicações teleológicas sobre o peronismo:

Buenos Aires: 1930, p. 24.)

¹⁴ HERNÁNDEZ ARREGUI, op. cit., p. 173. Em *Antiborges* (Buenos Aires: Vergara, 1999), organizado por Martín Lafforgue, há uma seleção de textos sobre Borges publicados entre as décadas de 1930 e 1950, os quais permitem traçar o desenvolvimento da crítica ao escritor.

¹⁵ “Registros críticos mais recentes (...) têm insistido na necessidade de relativizar o cosmopolitismo borgeano, de reintroduzir a temática da nacionalidade como preocupação importante na obra de Borges, de romper as diferenciações esquemáticas entre a perspectiva nacionalista de um hipotético *primeiro Borges* – sobretudo o do início dos anos 20, vanguardista e voltado para questões político-sociais – e o cosmopolitismo radical do Borges maduro – um suposto *segundo Borges*, apolítico, crítico ácido do *primeiro* e defensor violento da dissipação de fronteiras.” (PINTO, J. P. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história* em Jorge Luis Borges. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998. p. 48). Os autores citados por Júlio Pimentel Pinto, que defendem essa perspectiva, são Daniel Balderston, Davi Arrigucci Junior e Sarlo. De Sarlo destaca-se, dentre outros, o livro *Borges, un escritor en las orillas*.

¹⁶ “No primeiro pólo [católico e nacionalista], as revistas *La Nueva República*, fundada em 1927, *Criterio*, fundada em 1928, responsável pela organização dos chamados “Cursos de Cultura Católica”, e, mais tarde, o Instituto de Pesquisas Históricas Juan Manuel Rosas, que reuniu os indivíduos interessados em “resgatar” a imagem do caudilho para combater os princípios liberais da organização nacional. Para essas correntes, a década começou de modo promissor: à fundação da Ação Católica Argentina (em 1928), seguiu-se o golpe de Estado do general Uriburu (em 1930) – no qual muitos depositaram suas maiores esperanças de reorganização hierárquica da Argentina –, e prosseguiu-se, ainda, com a realização, em Buenos Aires, do Congresso Eucarístico Internacional (em 1934).” (NEIBURG, op. cit., p. 120-121).

Boa parte da literatura sobre os anos de 1930 parece impor uma visão de caráter teleológico, segundo a qual o único aspecto interessante dessa década é ter sido o período de preparação das condições sociais que tornaram possível o peronismo. Uns referem-se a ela como um tempo de trevas, um exemplo de imobilidade que faz lembrar a imagem da Idade Média européia transmitida por uma certa historiografia escolar. (...).

Recentemente, porém, começou-se a construir uma imagem mais completa que põe em relevo a história do campo cultural. Contrastando com o antigo retrato sombrio, os anos de 1930 começam a ser vistos como o cenário de uma agitada movimentação cultural.¹⁷

O crescimento do autoritarismo e do nacionalismo no âmbito político e social argentino não teve uma repercussão equivalente na produção cultural. Além disso, crescimento não é sinônimo de hegemonia. A produção artística e cultural argentina do período parece ter sido marcada mais por discussões do que pela imposição de propostas consideradas conservadoras. A crise de 1929 foi acompanhada por uma rearticulação dos setores liberais diante do crescimento do autoritarismo e do nacionalismo no país:

Denunciando os perigos do autoritarismo e os riscos da reação “tradicionalista”, os liberais agruparam-se em instituições de caráter mais abertamente político (ligadas ao pensamento de “esquerda”), como a revista e editora *Claridad* (fundada em 1926), em empreendimentos de tipo estritamente cultural, como a revista *Sur* (fundada em 1931), ou de instituições que propunham uma combinação de ação política e cultural, como o Colégio Livre de Estudos Superiores, fundado em maio de 1930.¹⁸

Finalmente, cabe perguntar em que medida a suposta força do nacionalismo autoritário na política e na cultura argentina dessa época não foi alimentada, justamente, pelos que não se colocavam como tais para mobilizar seus simpatizantes, apaziguar divergências internas e valorizar suas propostas políticas e culturais em detrimento de outras. Em 19 de agosto de 1938, na coluna literária que assinava na revista *El hogar*, Borges assim se referiu ao escritor norte-americano Theodore Dreiser:

Alguém observou que Dreiser sempre escolheu bem seus inimigos. Tão logo publicaram *Sister Carrie*, os editores recolheram o livro: fato então catastrófico,

¹⁷ Ibid., p. 119-120.

¹⁸ Ibid., p. 121.

mas infinitamente favorável para sua fama posterior.¹⁹

Apesar dos anos de lacuna entre essas palavras e a ascensão do peronismo, para Borges e outros escritores e intelectuais, Perón pode ter sido esse “inimigo bem escolhido”. Não é o caso de se ver nisso um movimento planejado e articulado, mas se inicialmente seu governo não encontrou em Borges e outros escritores e intelectuais antiperonistas elementos que legitimassem uma oposição aberta, estes, por sua vez, parecem ter encontrado esse elemento no passado de Perón, associado ao nacionalismo autoritário. Martín Zubieta indica como a oposição de Borges ao peronismo está diretamente relacionada à sua (auto)construção como escritor. “La “dictadura” (él [Borges] solía referirse de esta manera a los dos primeros gobiernos peronistas) no fue un obstáculo para que Borges se transformara lentamente en Borges.”²⁰

Borges, escritor argentino

Apesar de se colocar como um escritor bastante conhecido entre 1937 e 1946, Borges, no mesmo *Um ensaio autobiográfico*, apresenta outra imagem quando se refere ao período do governo de Perón: a de que teria sido um escritor marginalizado e desconhecido. Essa imagem apresenta pelo menos dois desdobramentos, relacionados entre si.

Em primeiro lugar, esse desconhecimento estaria diretamente ligado a um desinteresse, na Argentina desse período, pela sua produção literária, marcada pelo cosmopolitismo, ou seja, por temas universais.²¹ Desconhecimento que estaria diretamente relacionado a um ambiente favorável somente para propostas literárias nacionalistas:

¹⁹ BORGES, J. L. Textos Cativos. In: *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001. v. 4. p. 444.

²⁰ ZUBIETA, M. Borges entre la literatura y la política. Disponível em: <www.leedor.com/notas/ver_notas.php?Idnota=176>. Acesso em: 8 set. 2008.

²¹ Ao conceituar o intelectual cosmopolita, Horácio González coloca o universal em oposição ao popular. “Os intelectuais cosmopolitas concebem a vida cultural como uma forma de comunicação acima das particularidades nacionais, regionais ou locais. A fonte de inspiração de qualquer prática intelectual é o aperfeiçoamento do patrimônio geral da cultura da humanidade, e esta sempre se encontra em uma dimensão universal que *nada tem a ver com as sociedades concretas em que essa cultura se originou* [grifo meu].” (GONZALEZ, H. *O que são intelectuais*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 70-71); “O cosmopolitismo expressa-se nos processos culturais cujas inspirações temáticas, cujo público e cujos consumidores se encontram *fora das camadas populares* [grifo meu].” (Ibid., p. 73).

Em 1950, elegeram-me presidente da Sociedade Argentina de Escritores. A República Argentina era então, como agora, um país *submisso*, e a SADE, um dos *poucos* redutos contra a ditadura. Isso era tão evidente que *muitos* homens de letras não se atreveram a pisá-la até depois da revolução [de 1955]. (...). A SADE foi (...) fechada. Lembro a última conferência que me permitiram fazer aí. O público, *bastante escasso*, incluía um policial muito desconcertado que fazia todo o possível (...) para anotar alguns de meus comentários sobre o *sufismo persa* [grifos meus].²²

Na passagem acima, um segundo desdobramento dessa imagem de escritor marginalizado e desconhecido: o sufocamento dos intelectuais e das instituições antiperonistas pelo governo, o que os teriam distanciado do público. O testemunho de Borges vai ao encontro do mencionado por Finchelstein e Pasternac: apesar de questionarem a hegemonia dos grupos autoritários e nacionalistas durante a década de 1930, ambos consideram que a situação se alterou depois do golpe de 1943.²³

A imagem de escritor marginalizado e desconhecido, durante a presidência de Perón, é recorrente entre os biógrafos de Borges. Em *Borges, biografía verbal* (1988), Roberto Alifano cita os problemas enfrentados pelo escritor durante o governo de Perón, colocado como “um sistema sem oposição”.²⁴ Daí a suposta surpresa de Borges quando a “Revolução Libertadora” lhe nomeou diretor da Biblioteca Nacional. “(...) me pareció una exageración. Personalmente hubiera preferido un cargo similar en una biblioteca de barrio”, recordaba.”²⁵

Em *Borges, una biografía en imágenes* (2005), Alejandro Vaccaro menciona a

²² BORGES, *Um ensaio autobiográfico*, p. 123-124. A SADE foi fundada em 1928 com o objetivo de defender os interesses de escritores e editoras. Durante a Segunda Guerra Mundial consolidou-se como uma das principais instituições liberais do país.

²³ Também podemos incluir nessa perspectiva *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)* de José Luis Bendicho Beired (São Paulo: Loyola, 1999). O autor destaca que o apoio dos nacionalistas ao golpe de 1930 não resultou em efetiva participação política durante a década. Porém, considera que desenvolveram um ambiente propício para o surgimento e consolidação do peronismo. “O revisionismo contribuiu para reforçar atitudes de natureza autoritária e para desenvolver certa memória coletiva que certamente foram importantes para predispor a sociedade argentina ao programa, aos lemas e aos símbolos mobilizados pelo peronismo, a partir de meados dos anos 40.” (Ibid., p. 276). O revisionismo foi um movimento antiliberal de reinterpretação da história argentina, o qual, dentre outros pontos, resgatou a figura de Juan Manuel de Rosas em detrimento de Sarmiento.

²⁴ ALIFANO, R. *Borges, biografía verbal*. Barcelona: Plaza & Janes, 1988. p. 103. Jornalista, poeta e escritor, Alifano foi amigo de Borges, com quem traduziu as *Fábulas* de Robert Louis Stevenson e poemas de Hermann Hesse.

²⁵ Ibid., p. 111.

intensa produção do escritor entre 1946 e 1955, mas relaciona sua “consagração e reconhecimento” aos prêmios e títulos internacionais que recebeu sobretudo a partir de meados da década de 1950, quando cai Perón.²⁶ “Tras el derrocamiento de Perón, Borges fue visto como un símbolo de la resistencia (...).”²⁷

Encontramos uma relação parecida no anterior *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota* (1996) de María Esther Vázquez. “Enquanto os anos de peronismo o oprimiam como a tantos e ele escrevia e trabalhava em ritmo febril, dando aulas e conferências, os franceses lançaram-lhe o nome no mundo.”²⁸

No número especial da revista *Proa* publicado em homenagem ao centenário de nascimento de Borges, comemorado em 1999, vemos como essa imagem se enraizou na memória. Nele, Enrique Lihn destaca que se passaram “(...) muchos años antes de que saliera (casi ciego) de la oscuridad.”²⁹ Annick Louis, apesar de destacar a publicação das obras completas de Borges durante o governo de Perón, considera que a condição do escritor era marginal naquele período.³⁰

Não é o caso de se minimizar a opressão sofrida pelo escritor, como faz Jorge Panesi em *Borges y el peronismo* (2007). Citando o crítico argentino Jorge B. Rivera, Panesi considera que o episódio da transferência da biblioteca Miguel Cané foi um mito criado por Borges e mantido por amigos, simpatizantes e estudiosos, mito que teria lhe transformado em uma vítima do peronismo:

Lo cierto es que los agentes municipales tenían prohibido realizar manifestaciones políticas, y que Borges fue sancionado *levemente* por esto, *antes* de que Perón subiera al poder. En cuanto al oprobioso cargo de inspector de ferias, al parecer no han quedado huellas en ese expediente [grifos meus].³¹

É necessário considerar o que Tulio Halperin Donghi apontou já em 1956 em um texto mencionado pelo próprio Panesi. Nas páginas da revista *Contorno*, o historiador

²⁶ VACCARO, A. *Borges, una biografía en imágenes*. Buenos Aires: Ediciones B, 2005. p. 119.

²⁷ *Ibid.*, p. 107.

²⁸ VÁZQUEZ, op. cit., p. 197.

²⁹ LIHN, E. Adiós a Borges. *Proa*, Buenos Aires, terceira época, nº 42, julho-agosto de 1999. p. 39.

³⁰ LOUIS, A. Jorge Luis Borges: estado de la obra. *Proa*, terceira época, nº 42, julho-agosto de 1999. p. 65.

³¹ PANESI, J. Borges y el peronismo. In: KORN, G. (Org.). *El peronismo clásico (1945-1955): descamisados, gorilas y contreras*. Buenos Aires: Fundación Crónica General; Paradiso, 2007. p. 39.

colocou Perón como um político pragmático, mais preocupado com conjunturas do que com posicionamentos ideológicos, de modo que, na Argentina, não teria se repetido a experiência do fascismo italiano, mas existido “apenas” um fascismo possível.³²

Antes de explorar a produção de Borges e de outros antiperonistas durante o governo de Perón, cabe desenvolver a construção da imagem de Borges como poeta e escritor. No caso que particularmente nos interessa, é preciso desenvolver como foi construída a relação de Borges com o nacional. Como essa relação era vista quando Perón assumiu a presidência em 1946 e como essa relação se desenvolveu durante o seu governo?

Ainda que o episódio da sua saída da biblioteca Miguel Cané não tenha sido um mito, o reconhecimento internacional alcançado por Borges fez com que o escritor alcançasse a condição de mito. Conforme destacado, Beatriz Sarlo defende que, provavelmente, quase todos os argumentos estejam em Borges. Martín Lafforgue coloca que, um tanto preocupado, Borges previu sua entrada para o seletivo grupo de mitos argentinos.³³

Em *Borges crítico* (2007), Sergio Pastormerlo destaca que Borges está fortemente associado à imagem de um sacerdote.³⁴ Considera que Borges se distanciava tanto do escritor amador como do profissional, pois considerava a Literatura uma forma de ascetismo. Lembra, ainda, que Borges mencionava a Literatura como algo inerente a toda sua vida, como se nunca tivesse saído da biblioteca do pai, na qual teria passado boa parte de sua infância. A cegueira, as enigmáticas relações de Borges com as mulheres e a austeridade de suas moradias e de seus hábitos pessoais também teriam colaborado para alimentar a imagem do sacerdote, distanciado do mundo.

A imagem do sacerdote também encontra grande respaldo entre os biógrafos de Borges. Sobre as conferências que o escritor pronunciou durante o governo de Perón, Alifano diz que a “(...) mayoría de esos auditorios desconocía los escritores a los que Borges hacía referencia o los eruditos ejemplos que citaba, pero eso no impedía que se le

³² HALPERIN DONGHI, T. Del fascismo al peronismo. *Contorno*, Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. Apud PANESI, op. cit., p. 33.

³³ LAFFORGUE, op. cit., p. 11.

³⁴ PASTORMERLO, S. *Borges crítico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007. p. 27-77.

oyera casi con unción.”³⁵

A imagem do sacerdote dota o escritor de uma excepcionalidade que desconsidera sua inserção social, o que vai ao encontro do desenraizamento sugerido pelo cosmopolitismo também associado a Borges. Contudo, na crítica sobre a obra de Borges, até meados da década de 1950, não é recorrente a distinção entre o nacional e o cosmopolita. Desse modo, a imagem do “Borges nacional” dos primeiros escritos em contradição com o “Borges cosmopolita”, sacerdote, da década de 1930 em diante, não é imanente, mas foi atribuída à sua obra.³⁶

Em agosto de 1933, a revista *Megáfono* publica o seu número 11, uma edição especial intitulada *Discusión sobre Jorge Luis Borges*. O número se propõe a revisar os “valores argentinos”. Borges teria sido escolhido como tema do número pela importância da sua obra e por seu destaque entre os escritores e poetas mais jovens.

É interessante que, dos quinze colaboradores do número³⁷, apenas um, Enrique Anderson Imbert, considere que “Borges no es, ni remotamente, un crítico o un pensador nacional. La realidad argentina está ausente en sus ensayos.”³⁸ A crítica não reside na ausência de temas argentinos na obra do escritor, mas na forma como seriam abordados, com “o rosto voltado para a Europa”. Segundo Enrique Anderson Imbert, nomes da tradição literária argentina se tornariam “nozes vazias” nos textos de Borges. Entretanto, vale destacar, essa não seria uma característica exclusiva do escritor, colocado como “vítima dessas penúrias e indigências da vida intelectual argentina.”

Entre os demais colaboradores, a discussão não se concentra em termos de Borges tratar ou não da “realidade” argentina, mas se sua obra representa ou não o homem. Para Pierre Drieu La Rochelle, Borges conciliaria a inteligência e a emoção. Ulyses Petit de Murat defende que, se o humano estivesse ausente na obra de Borges, este não despertaria

³⁵ ALIFANO, op. cit., p. 110.

³⁶ Jorge Monteleone destaca o papel da crítica nesse processo. “Todo texto crítico (...) compone la imagen de una escritura, de un autor, de una literatura ajena (...).”; “(...) la imagen histórica de ciertos libros está indisolublemente ligada a lo que se escribió sobre ellos (...)” (MONTELEONE, J. Ana María Barrenechea, la descifradora. *La Biblioteca*, Buenos Aires, nº 4-5, 2006. p. 105.

³⁷ Participaram do número Pierre Drieu La Rochelle, Ulyses Petit de Murat, Enrique Mallea, Ignacio B. Anzoategui, Raul Rivero Olazabal, Amado Alonso, Arturo Horacio Ghida, Homero M. Guglielmini, Tomas de Lara, Leon Ostrov, Lisardo Zia, Pedro Juan Vignale, Enrique Anderson Imbert, Sigfrido A. Radaelli e Erwin F. Rubens.

³⁸ *Discusión sobre Jorge Luis Borges. Megáfono*, Buenos Aires, nº 11, agosto de 1933. p. 28.

tanta polêmica. Amado Alonso considera que “(...) ese criollismo no le apaga la avidez ni la afección por lo de fuera de casa.”³⁹ Pedro-Juan Vignale ressaltava o “amor” de Borges por Buenos Aires em um país “(...) donde todos nos sentimos llamados a radicarnos en el mundo, por encima de nuestros pagos.”⁴⁰ No entanto, apesar desse amor por Buenos Aires, considera que Borges está “no cruzamento de várias literaturas”. Arturo Horacio Ghida considera que o pampa, em Borges, apresenta-se como símbolo, como um mito enriquecedor da realidade. Enrique Mallea destaca Borges como o escritor argentino mais representativo daquele momento, pois a sua obra permitiria buscar “(...) aquí, en este lugar nuestro en la tierra, repensando el mundo, nuestra propia grandeza.”⁴¹

Enrique Mallea considera, inclusive, que nos textos de Borges sem “cor local” inexistia o humano. Vale frisar a diferença: a preocupação de Enrique Mallea não é o delineamento da “realidade” argentina. O valor estaria no fato de Borges, através da “cor local”, atingir o humano e não na presença de ambientes e temas tidos como argentinos. Outros colaboradores do número especial da *Megáfono* como Ignacio B. Anzoategui, Homero M. Guglielmini, Tomas de Lara e Leon Ostrov questionam a presença do humano em Borges como um todo, mas esta inexistência não faz com que sua obra seja por eles vista em oposição ao nacional ou como não representativa da Literatura argentina. Ostrov, por exemplo, destaca que “(...) es inevitable (...) su afirmación en nuestra literatura.”⁴²

Em 1937 é lançado *Breve historia de la literatura americana* de Luis Alberto Sánchez. O autor destaca que Borges e os martinfierristas representaram a revivência do crioulo, “(...) un reclamo ardiente de la tierra y el ímpetu de revaluar todo lo que de la tierra sale y a la tierra va.”⁴³ Porém, ao comentar sobre os poetas argentinos, a partir de 1900, considera que se trata de uma geração mais “imaginista y cerebral. El sentimiento cede ante la fantasía. La pasión ante la sabiduría, y la pericia artística.”⁴⁴ Nisto residiria a maior diferença entre Carriego e Borges. Borges teria elevado o cotidiano a uma categoria

³⁹ Ibid., p. 19.

⁴⁰ Ibid., p. 28.

⁴¹ Ibid., p. 16.

⁴² Ibid., p. 24.

⁴³ SÁNCHEZ, L. A. *Breve historia de la literatura americana*. 2ª ed. Ercilla: Santiago de Chile, 1940. p. 418-419.

⁴⁴ Ibid., p. 527.

estética.

O autor aponta, assim, para o crescimento da evasão, dos modelos estrangeiros e do “domínio do dizer sobre o ser” na poesia argentina, mas não relaciona Borges exclusivamente a essas características. O escritor aparece como um “prestígio da etapa anterior” que se prolongava, o qual teria conciliado “o vanguardismo formal e o criollismo essencial”. Vale ressaltar que Luis Alberto Sánchez não considera Borges uma exceção. Pensando em termos gerais, o autor menciona que a evasão, os modelos estrangeiros e o “domínio do dizer sobre o ser” não necessariamente resultariam em uma poesia desprovida de angústia, de expressão, de conteúdo argentinos:

[A poesia argentina] Oscila entre la adoración a Buenos Aires y la perplejidad ante lo infinito, mechada con atisbos de corrientes europeas, no siempre las últimas a pesar de todo. (...). Muchas y valiosas sensibilidades ávidas no consiguen todavía orquestar su angustia con su sabiduría, su ímpetu con su expresión. Pero de ahí saldrá, ¡que duda cabe! una lírica poderosa y típica, de contenido intransferible y cimero.⁴⁵

Em 1938, sai pela editora chilena Ercilla o *Panorama sintético de la literatura argentina*, de Fermin Estrella Gutierrez (1900-1990).⁴⁶ Na parte referente à poesia, Borges é apresentado como um “mensageiro predestinado”, o qual teria encabeçado, ao lado de Ricardo Güiraldes e Evar Méndez, a renovação da poesia argentina provocada pela revista *Martín Fierro*. O autor relaciona essa renovação aos anos que Borges morou na Suíça, “berço de muitas novidades literárias”.⁴⁷ Aqui, tampouco há incongruência entre poesia argentina e a formação estrangeira do escritor.

M. Forcada Cabanellas, em *De la vida literaria*, de 1941, prossegue com essa imagem. O jovem Borges, na Europa, seria “um inquieto viajante *argentino* sedento de *abarc*ar o mundo [grifos meus].”⁴⁸ Forcada Cabanellas menciona a “vasta cultura” de

⁴⁵ Ibid., p. 592.

⁴⁶ ESTRELLA GUTIERREZ, F. *Panorama sintético de la literatura argentina*. Ercilla: Santiago de Chile, 1938. Espanhol de nascimento, Estrella Gutierrez foi poeta, narrador e ensaísta. Foi membro da SADE e premiado pela entidade, a qual presidiu entre 1959 e 1961. Após a queda de Perón, foi nomeado para a Academia Argentina de Letras.

⁴⁷ Em 1914, Borges seguiu com a família para a Europa, onde seu pai buscou tratamento contra o degeneramento da visão.

⁴⁸ FORCADA CABANELLAS, M. *De la vida literaria*. Rosario: Ciencia, 1941. p. 75.

Borges, a qual o ligaria às “quatro janelas do mundo”. De volta à Argentina, teria consolidado seu “tom americano”.

Em 1944, portanto, durante a ditadura de 1943, foi publicado *El cuento en la literatura argentina contemporánea* de Nélide Gladys Laurens, premiado pela Direção Municipal de Cultura de Rosário. Borges é destacado apenas na conclusão. Porém, o trabalho nos interessa por comentar a obra mais recente do escritor, então marcada pelos contos. Dentre outros, a autora comenta *A morte e a bruxa*, *O milagre secreto*, *As ruínas circulares*, *O jardim de caminhos que se bifurcam* e *Pierre Menar, autor do Quixote*:

(...) Jorge Luis Borges, escritor genial, de fecunda y sorprendente *imaginación*, que ha sabido imprimir a sus relatos características que le son propias y que involucran posibilidades hasta ahora desconocidas en *nuestro medio*. (...) Borges, con estilo pulcro, propio, nos sorprende y nos deleita con la magia inigualable de sus cuentos singulares, con el planteo de problemas sugestivos, plenos de requerimientos e inquisiciones *filosóficas* y literarias, de *eruditas* citas y de consideraciones marginales [grifos meus].⁴⁹

Em termos gerais, da poesia ao conto, a erudição e as preocupações filosóficas, dentre outros pontos, não diminuía Borges como representante da Literatura argentina. Vale lembrar que o trabalho de Laurens foi premiado por um órgão submetido a uma prefeitura que, desde o golpe militar de 1943, era administrada por interventores.

Assim, quando Perón assume a presidência em 1945, encontramos na crítica um Borges relacionado ao nacional, mesmo porque as discussões nem sempre se baseavam nesse ponto. Se, como vimos, se desenvolveu posteriormente uma relação estreita entre antinacional, antipopular e antiperonismo, consideramos, assim, que inexistia uma imagem, pelo menos *da obra* de Borges, como representante do imperialismo, elitista e antiperonista.

É inegável que a ascensão do peronismo colaborou para se colocar a questão nacional no centro dos debates artísticos e intelectuais. Entretanto, é interessante que um dos primeiros debates de grande repercussão sobre o caráter nacional ou não da obra de Borges tenha sido veiculado, justamente, pela revista *Sur* de Victoria Ocampo, praticamente uma década antes do assunto ser desenvolvido por intelectuais peronistas

⁴⁹ LAURENS, N. G. *El cuento en la literatura argentina contemporánea*. Rosário: 1944, p. 19.

como Hernández Arregui e Jauretche.

No número 164-165 da revista, de junho-julho de 1948, é publicado *Condenación de una poesía* de H. A. Murena. Murena faz uma distinção entre o nacional e o nacionalismo. De acordo com o autor, o nacional torna absoluto as particularidades do circundante, enquanto o nacionalismo se detém na exterioridade da “paisagem imediata”. “Así aprende profundamente el artista nacional la clave de la libertad para crear, para extender el arte nacional más allá de los objetos nacionales, para alcanzar la universalidad que infunde a lo creado la calidad más alta.”⁵⁰

Até esse ponto, não há rompimento expressivo com o conceito de nacional que vimos na crítica a Borges. Contudo, Murena considera que a revista *Martín Fierro* e Borges, o seu principal nome⁵¹, são representantes do nacionalismo – e não do nacional – na Literatura argentina. De acordo com o autor, em um país que vinha das guerras civis do século XIX e marcado por intensa imigração, Borges e o grupo criaram o que consideravam ser o nacional em um país onde o nacional ainda não existia:

Contribuye a fundamentar en forma definitiva la tesis de que la voluntad nacionalista excluye la posibilidad de crear arte nacional, la circunstancia de que los cuentos y los ensayos de Borges, en los que no rige dicha voluntad, hacen patente un espíritu que, paradójicamente, es *ultra nihilista* y, al mismo tiempo, clásico hasta el sentimentalismo, un espíritu secreta e intensamente aconcojado por el sino de la creación y, al mismo tiempo, de un *orgullo demoníaco* y lleno de *pasión destructora* [grifos meus] (...).⁵²

No número 169 da *Sur*, de novembro de 1948, são publicados dois comentários sobre o texto de Murena. Em *Sobre una poesía condenada*, Carlos Mastronardi considera que Murena não tem subsídios para questionar a autenticidade do sentimento nacional de Borges. Ao criticar a relação de Borges com o nacionalismo, estabelecida por Murena, Mastronardi destaca que a revista *Martín Fierro* tinha preocupação estética e não

⁵⁰ MURENA, H. A. *Condenación de una poesía*. *Sur*, Buenos Aires, nº 164-165, junho-julho de 1948. p. 70-71. Argentino, H. A. Murena (1923-1975), pseudônimo de Héctor Alberto Álvarez, foi dramaturgo, ensaísta, escritor e poeta. Formado em Letras, colaborou com *Sur* e *La Nación*. Foi diretor da revista *Las Ciento y Una*, a qual exerceu grande influência sobre a *Contorno*.

⁵¹ “Borges, en efecto, consiguió llevar a su culminación las aspiraciones del grupo “Martín Fierro”.” (Ibid., p. 76).

⁵² Ibid., p. 78.

nacionalista. Entretanto, ao refutar Murena, Mastronardi não distancia Borges apenas do nacionalismo, mas também do nacional:

Por entonces, sólo en contados poemas de Borges se reflejan algunos hermosos aspectos de nuestra realidad (...).⁵³

(...) cuando la actualidad es demasiado indigente y lamentable, el creador suele dirigirse hacia un pretérito que imagina perfecto.⁵⁴

Mastronardi apresenta *Fervor de Buenos Aires* como poemas “mais metafísicos do que folclóricos”. O autor estabelece uma distinção entre o folclórico – ou, neste caso, o nacional – e a metafísica, o que observamos não ser recorrente na crítica que comentamos há pouco. Em outras palavras, Mastronardi, assim como os peronistas Hernández Arregui e Jauretche, relaciona o nacional a algo referencial, ainda que com uma valoração negativa.

O outro artigo respondendo a Murena, publicado no número 169 da *Sur*, foi *Atisbo de interpretación argentina: Jorge Luis Borges*, de Mario Albano. Para o autor, é “inquestionável” existência do nacional, mas destaca a sua imprecisão. Albano vê o nacional em Borges não apenas nas poesias, como também nas “espirais coerentes” de *Ficções* e em sua “indagação metafísica talvez cética”. Seu texto parece alertar, principalmente, sobre um dirigismo em relação a Borges. “Hablar, además, tratando de entenderlo, antes que de orientarlo o acusarlo (...).”⁵⁵

Apesar do dirigismo apontado por Albano, no número 7 da revista *Affinités*, correspondente a abril de 1953, notamos como Perón e Borges coexistem no cenário político-cultural argentino. O número é iniciado com a cobertura de uma visita de Perón ao Chile. O texto, curto, apresenta um tom laudatório e é acompanhado por fotografias que colocam Perón em destaque.⁵⁶ Páginas depois, encontramos comentário de René Marill Albérès sobre a publicação de Borges na França. A autora coloca o escritor nas “duas margens do mundo” por conciliar “refinamento cerebral” com uma “atmosfera muito

⁵³ MASTRONARDI, C. Sobre una poesía condenada. *Sur*, Buenos Aires, nº 169, novembro de 1948. p. 54.

⁵⁴ Ibid., p. 55.

⁵⁵ ALBANO, M. Atisbo de interpretación argentina: Jorge Luis Borges. *Sur*, Buenos Aires, nº 169, novembro de 1948. p. 64.

⁵⁶ Visita del Gral. Perón a Chile. *Affinités*, Buenos Aires, nº 7, abril de 1953. p. 24-26.

realista e típica”:

On ne pouvait trouver une oeuvre à la fois plus brillante et plus durable que ces contes fantastiques où la recherche d'un plaisir cérébral très raffiné n'empêche pas certains des contes de garder une atmosphère très réaliste et très typique.⁵⁷

Em *Borges y la nueva generación* (1954), de Adolfo Prieto, observa-se mais claramente o insinuado por Mario Albano na *Sur*, o desenvolvimento de uma análise política sobre a obra de Borges. Segundo Prieto, Borges pertencia à “última geração liberal”, nisto sua diferença em relação à “nova geração”. O autor responsabiliza a educação de Borges na Europa pela dualidade entre o “nosso mundo” e o “mundo ocidental” que marcaria sua obra. “¿Qué imagen nos da del arrabal este poeta codicioso de almas? Una meramente visual.”⁵⁸ Ao comentar sobre *O escritor argentino e a tradição*⁵⁹, Prieto considera que Borges tampouco seria representante da tradição ocidental

⁵⁷ ALBÉRÈS, R. M. Borges ou les deux bouts du Monde. *Affinités*, Buenos Aires, nº 7, abril de 1953. p. 84. Albérès foi colaboradora da revista *Sur*. No número seguinte de *Affinités*, o escritor Leopoldo Marechal traçou um paralelo entre a independência política conquistada por San Martín e a econômica que teria sido alcançada por Perón (MARECHAL, L. 1816 – 9 de Julio – 1947. *Affinités*, Buenos Aires, nº 8, julho de 1953. p. 34-35). Livre tradução: “Não se pode encontrar uma obra ao mesmo tempo mais brilhante e mais duradoura que esses contos fantásticos onde a busca de um prazer cerebral muito elaborado não impede certos contos de guardar uma atmosfera bastante realista e típica.”

⁵⁸ PRIETO, A. *Borges y la nueva generación*. Buenos Aires: Letras Universitarias, 1954. p. 48.

⁵⁹ Pronunciada como uma conferência no Colégio Livre de Estudos Superiores em 1953, *O escritor argentino e a tradição* foi incluída em edições posteriores de *Discussão*, publicado originalmente em 1932. É provável que essa inclusão posterior tenha colaborado para transferir para a década de 1930 debates que se consolidaram apenas posteriormente no cenário cultural argentino. De qualquer maneira, vale ressaltar que Borges reivindica o nacional. “Qual é a tradição argentina? Creio que podemos responder facilmente e que não há problema nessa pergunta. Creio que nossa tradição é toda a cultura ocidental, e creio também que temos direito a essa tradição, maior que o que podem ter os habitantes de qualquer outra nação ocidental.” (BORGES, J. L. O escritor argentino e a tradição. In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998. v. 1. p. 294). Em maio de 1942, onze anos antes de *O escritor argentino e a tradição*, Bioy Casares faz uma resenha de *El jardín de senderos que se bifurcan* no número 92 da revista *Sur*. “Tal vez algún turista, o algún distraído aborigen, inquiera si este libro es ‘representativo’. (...). Colaboran en la tendencia las ideas fascistas (...). Son también estímulos de esa tendencia (...) el exagerado prestigio que nuestro campo alcanzó en nuestra ciudad y en el extranjero (...). (...) Creio, sin vanagloria, que podemos decepcionarnos de nuestro folklore. Nuestra mejor tradición es un país futuro. En él creyeron Rivadavia, Sarmiento, y todos los que organizaron la República. (...). Podemos prescindir de cierto provincialismo de que adolecen algunos europeos. Es natural que para un francés la literatura sea la literatura francesa. Para un argentino es natural que su literatura sea toda la buena literatura del mundo. (...) de la Argentina posible y quizá venidera que le corresponde, este libro es representativo.” (BIOY CASARES, A. Jorge Luis Borges: *El jardín de senderos que se bifurcan*. (SUR, Buenos Aires, 1941). *Sur*, Buenos Aires, nº 92, maio de 1942. p. 64-65). O texto de Bioy Casares demonstra que, já no começo da década de 1940, existe uma cobrança quanto à referencialidade na obra de Borges. No entanto, ambos utilizam o nacional, a história argentina, para responderem aos críticos.

reivindicada pelo escritor no texto. Segundo Prieto, Borges “(...) es más un fenómeno de presencia que el autor de una obra intrínsecamente valiosa.”⁶⁰

O livro de Prieto nos interessa, particularmente, para destacar que os principais questionamentos sobre a representatividade de Borges como escritor (do) argentino não surgiram apenas entre escritores ligados ao peronismo. Já destacamos o debate travado na *Sur* em 1948. Prieto, por sua vez, critica Borges a partir de Sartre.⁶¹

Evidentemente que os exemplos aqui comentados não exploram toda a crítica argentina sobre Borges entre as décadas de 1930 e 1950. De qualquer modo, representam as visões mais recorrentes sobre o escritor no período. O objetivo foi demonstrar, através de como o nacional foi lido em sua obra, a inexistência de um conceito fechado que servisse para delinear as disputas políticas entre os peronistas e os antiperonistas. Expressivo nessa perspectiva é *Constantes de la literatura argentina* de Juan Carlos Ghiano, de 1953. Ghiano destaca *Ficciones* de Borges e *Adán Buenosayres* do peronista Leopoldo Marechal como as obras mais importantes do período “(...) porque distinguen las distintas posibilidades expresivas de lo *argentino* [grifo meu].”⁶²

Obras de referência costumam primar pela síntese, pela prioridade dada aos principais aspectos relacionados a um determinado verbete. É interessante que duas obras do período não apresentem uma posição taxativa sobre Borges. Nas sete edições de *Quién es quién en la Argentina* publicadas entre 1939 e 1958/59, Borges é, inclusive, apresentando como um escritor especializado em crítica literária. Nas sete edições, o verbete é assim iniciado: “**BORGES, JORGE LUIS.** – Escritor (especialidad: Crítica literaria).”⁶³ A seguir, no *Diccionario de literatura española*, novamente aparece o Borges crítico. O crítico se destacaria inclusive sobre o escritor fantástico, “gênero” que lhe

⁶⁰ PRIETO, op. cit., p. 14.

⁶¹ “Desorientados sobre cuál sea la *praxis* en nuestra situación particular, estamos, sin embargo, conscientemente prevenidos frente a la pura literatura de consumo, que “no tiene nada que hacer en la sociedad contemporánea”. Esto se nos vuelve palpable a medida que echamos a ver con desagrado el ocio que se malgasta en buena parte de nuestra literatura actual, en las obras de Borges, Bioy Casares, Mujica Láinez.” (Ibid., p.).

⁶² GHIANO, J. C. *Constantes de la Literatura Argentina*. Buenos Aires: Raigal, 1953. p. 171. Ghiano considera Marechal como expoente apesar de lamentar “o interesse partidário” existente no texto, referência ao envolvimento do escritor com o peronismo. De qualquer maneira, a política (ainda) não aparece como elemento determinante na apreciação do escritor por Ghiano.

⁶³ *Quién es quién en la Argentina*. 7ª ed. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1958-59. p. 125.

consagrou. Finalmente, Borges conciliaria o conteúdo argentino e as “formas” estrangeiras:

No falta un contenido argentino en sus libros, formalmente influídos por las nuevas tendencias, *Fervor de Buenos Aires* (1923) y *Luna de enfrente* (1926). Su constante labor crítica le conduce a un libro en que la fantasía elabora relatos que han de situarse entre los mejores cuentos fantásticos de lengua hispana, a pesar de no encajar exactamente en el género: *Ficciones* (1946).⁶⁴

Debates sobre o nacional e sua presença na obra de Borges existiram internamente tanto entre os peronistas como entre os antiperonistas. Entre os próprios antiperonistas destacamos que Borges foi visto desde como um desenraizado até um nacionalista, no sentido negativo da palavra. É verdade que foi apenas depois da queda de Perón e das críticas desenvolvidas pelos peronistas, particularmente por Hernández Arregui e Jauretche, que se consolidou a cisão entre o nacional e o cosmopolita, entre a “argentinidade” e o desenraizamento em Borges. Entretanto, é interessante que, durante o governo de Perón, essa cisão, no caso de Borges, parece ser colocada mais pelos antiperonistas do que pelos próprios peronistas, ou seja, não é necessariamente uma discussão decorrente do quadro político-institucional dominado pelo peronismo. Como veremos no próximo capítulo, durante o governo de Perón, os periódicos culturais nacionalistas, diretamente ligados ou não ao peronismo, tendem a criticar características gerais da produção cultural argentina, mais do que este ou aquele artista, escritor ou intelectual.

Assim, discordamos quando Beatriz Sarlo destaca que os “(...) años cuarenta son (...) los de un Borges *completamente* [grifo meu] constituido (...)”⁶⁵, para o qual as “(...) ficciones no son argentinas por obligación referencial sino por elección estética (...)”.⁶⁶ A discussão começa, de fato, somente na década de 1940 e o Borges “constituído” se forma a partir desta discussão.

É preciso mencionar, também, o papel da crítica estrangeira, a colaboração, por exemplo, de um livro como *La expresión de la irrealidad en la obra de Jorge Luis Borges*, de Ana María Barrenechea, publicado em 1957 no México, mas que teve uma expressiva repercussão na Argentina. Barrenechea não guia sua análise pela questão nacional, mas

⁶⁴ *Diccionario de literatura española*. Madri: Revista de Occidente, 1949. p. 85.

⁶⁵ SARLO, B. Una poética de la ficción. In: JITRIK, op. cit., p. 21.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 22.

contribuiu para alimentar os debates na medida em que defendeu que Borges “destrói os três elementos nos quais está cimentados a crença do homem em seu concreto viver: o tempo, a personalidade e o cosmos.”⁶⁷

Apesar da crítica estrangeira não ser a nossa prioridade, cabe destacar que o trabalho de Barrenechea converge com a recepção de Borges por uma parte da crítica francesa. Em *Le monde de José [sic] Luis Borges*, publicado em 1952, Paul Benichou considera que o nacional está presente na obra de Borges, mas de forma secundária e caricata.⁶⁸ Em 1964, a revista francesa *L’Herne* publicou um número especial sobre o escritor. Ainda que o número tenha sido composto por colaboradores argentinos, franceses e de outras nacionalidades e apresente percepções diversas, é relevante que, na apresentação do número, Michel Maxence relacione a erudição de Borges a uma ilha. No comentário de Maxence observamos o papel da crítica francesa na construção da mencionada imagem de Borges como um sacerdote, desenraizado do mundo:

Borges est l’homme des filiations clandestines. Ses idées ont quelque chose d’insulaire. La mer cache tout le lien des îles entre elles. Ainsi fait l’étendue logique chez Borges, par ses mille facettes insidieuses. Chaque phrase nourrit ses propres causes lointaines, et la suivante n’en est pas souvent l’héritière directe. Les points de résurgence d’un thème, d’une idée, sont imprévisibles. Il faut d’abord apprendre à croire à la vraisemblance des généalogies latérales, avant d’être admis à cette pensée. *C’est là une oeuvre que choisit son lecteur.* Il faut mériter Borges [grifo meu].⁶⁹

Na década de 1960 encontramos consolidada essa imagem de Borges na Argentina. Isaac Wolberg, em um texto comemorativo dos 150 anos da independência da Argentina,

⁶⁷ BARRENECHEA, A. M. La expresión de la irrealidad en la obra de Jorge Luis Borges. In: _____; PIÑERO, Emma Susana Speratti (Org.). *La Literatura Fantástica en Argentina*. Cidade do México: Imprenta Universitaria, 1957. p. 56.

⁶⁸ “Ce n’est pas que Borges ignore l’inspiration locale; mais il est remarquable qu’elle s’exprime surtout chez lui par la caricature, et dans une second zone de son oeuvre.” (BENICHOU, P. *Le monde de José [sic] Luis Borges*. *Critique*, Paris, 1952. p. 675.)

⁶⁹ MAXENCE, M. Mériter Borges. *L’Herne*, Paris, 1964. p. 2-3. O número especial sobre Borges foi reeditado em 1981 e 1999. Livre tradução: “Borges é um homem de filiações clandestinas. Suas idéias têm qualquer coisa de insular. O mar esconde os elos que unem as ilhas. Dessa forma o entendimento lógico em Borges passa por suas várias facetas insidiosas. Cada frase alimenta suas próprias causas distantes, e a seguinte não é sempre a continuação direta da frase anterior. Os pontos de ressurgência de um tema, de uma idéia, são imprevisíveis. É necessário antes de tudo aprender a acreditar na verossimilhança das genealogias secundárias, antes de ser introduzido neste pensamento. É uma obra que escolhe seu leitor. É necessário merecer Borges.”

publicado em 1961 pelo Ministério da Educação e Justiça, logo, durante a ilegalidade do peronismo, considera haver três categorias de leitores de Borges. Na primeira categoria estariam aqueles que admirariam tanto o “Borges no jardim com biblioteca”⁷⁰ como o Borges fascinado por duelos de *compadritos*. Na segunda, os que se espantariam com as suas “quedas” pela “cor local”, mas que esperariam ansiosamente por um poema que faria “(...) juego con “La noche cíclica” o con “Límites””.⁷¹ A terceira categoria, formada por nacionalistas, “(...) querría impedir todo pensamiento, todo recuerdo, toda cita que trascienda las fronteras de la patria. (...). *No son los que menos lo admiran, pero no le perdonan, y no son pocos* [grifo meu].”⁷² Apesar de não estabelecer uma valoração negativa da obra de Borges como Hernández Arregui e Jauretche, nota-se que Wolberg também atrela o nacional a algo referencial. Segundo Wolberg, os leitores do escritor veriam contradições entre o “Borges nacional” e aquele que cruzaria as fronteiras do país e da razão.

Um peronista continuador de Borges e um poeta homenageado por peronistas e antiperonistas

A relação de Borges e sua obra com o nacional, inclusive durante o governo de Perón, sugere, mais amplamente, um território no qual as fronteiras políticas e culturais não estão sobrepostas.

O discurso do deputado peronista John William Cooke (1920-1968) em homenagem a Homero Manzi (1907-1951), pronunciado na Câmara dos Deputados em 10 de maio de 1951, mostra a permanência de Borges como referência da Literatura argentina durante o governo de Perón. Na homenagem a Manzi, que tinha falecido há uma semana, no dia 3, Cooke relaciona Borges ao nacional.

Primeiramente, encontramos elementos tradicionais do discurso peronista na

⁷⁰ WOLBERG, I. *Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas. Ministerio de Educación y Justicia, Dirección General de Cultura, 1961. p. 14 (Biblioteca del Sesquicentenario. Serie Argentinos en las Letras).

⁷¹ Ibid., p. 14.

⁷² Ibid., p. 14.

homenagem. Cooke menciona o “cultivo das tradições que canta o povo” por Manzi, cultivo assentado na “paisagem que circunda ao poeta”. Coloca, ainda, que elites não apreciariam tangos e milongas – que marcaram a obra de Manzi – por causarem os males neles cantados.

Entretanto, logo em seguida, Cooke destaca características argentinas que marcariam as composições de Manzi: o sentido do tempo, do espaço, do telúrico, da igualdade, a fé no futuro, o culto da coragem, o elogio da amizade e a honra. Tais características fariam de Manzi um continuador de Carriego e de Borges, o qual “(...) esculpió [Buenos Aires] en formas diamantinas que *superan lo local para darle significación universal* [grifo meu].”⁷³ Logo, para Cooke, não há incongruência entre a presença do universal na obra de Borges e a sua representatividade como escritor argentino. Borges ainda é citado no encerramento da homenagem:

Nosotros, con palabras de Borges a otro poeta, también prematuramente fallecido [Francisco López Merino, 1904-1928], decimos nuestra frustración y nuestra impotencia ante su muerte:
Que sabrá oponer nuestra voz
A lo confirmado por la disolución, la lágrima, el mármol.⁷⁴

Os dois versos são de *Cuaderno San Martín*. A citação poderia indicar o que colocamos no início do capítulo: a permanência do Borges poeta, supostamente singularizado por temas nacionais, ao longo das décadas de 1930 e 1940. A homenagem não nos permite saber o que Cooke pensava sobre a obra mais recente do escritor. De qualquer modo, a citação de Borges pelo deputado peronista aponta para um quadro no qual as divisões políticas não necessariamente encontravam um paralelo no âmbito cultural. “Militaba [Manzi] en nuestro movimiento, es cierto, pero no queremos en este instante de emoción reivindicar, en límites partidistas, lo que es dolor colectivo lanceado por el recuerdo.”⁷⁵

⁷³ COOKE, J. W. Homenaje a Manzi. Del Diario de Sesiones del día 10 de mayo de 1951, en la Cámara de Diputados Apud KORN, op. cit., p. 222.

⁷⁴ Ibid., p. 224.

⁷⁵ Ibid., p. 224. Homero Manzi se tornou um dos ícones da política cultural peronista. Em maio de 1954, encontramos inúmeras notas no *La Prensa*, controlado pela CGT, sobre homenagens nos três anos de falecimento de Manzi. Dentre as instituições promotoras das homenagens, a Comissão Nacional de

O discurso de Cooke não foi uma exceção. Mariano Plotkin destaca que uma publicação da “Subsecretaría de Prensa y Difusión”, *Síntesis de las letras argentinas*, lançada em 1952, colocou Borges e Victoria Ocampo entre os melhores escritores argentinos.⁷⁶

Borges não é o único exemplo de literato compartilhado por peronistas e antiperonistas durante a presidência de Perón. Em maio de 1954 foi comemorado o centenário de nascimento de Almafuerite, pseudônimo do escritor e poeta Pedro Bonifacio Palacios (1854-1917).

Em 2 de fevereiro daquele ano, o *La Prensa*, controlado pela CGT, comunica que a Associação de Escritores Argentinos (ADEA), ligada ao governo (ver próximo item), promoveria atos públicos a favor da candidatura do almirante peronista Tesaire à vice-presidente.⁷⁷ No mesmo dia vemos uma nota sobre a preparação das comemorações do centenário de Almafuerite pela ADEA, mas também pela SADE. Nota-se que a ADEA recebe mais espaço do que a SADE (16 linhas contra 8), o que continua ao longo da cobertura das comemorações. Contudo, o *La Prensa* de 7 de dezembro do ano anterior já tinha anunciado a formação e os componentes da comissão da SADE encarregada de preparar as comemorações.⁷⁸

Consideramos que a menção à SADE vai além de uma simples concessão à oposição, de uma aparente democracia, mas legitimaria as atividades promovidas pela própria ADEA. Nos dois casos, são citados nominalmente os integrantes das comissões formadas pelas duas instituições para preparar as comemorações, mas é interessante destacar que, no caso da SADE, sejam mencionados expoentes do antiperonismo como Vicente Barbieri, Alvaro Melián Lafinur (1891-1958), Borges, Romualdo Brughetti (1912-2003), Joaquín Neyra e Luis Emilio Soto (1902-1970), tanto no *La Prensa* de 7 de dezembro de 1953 como no de 2 de fevereiro de 1954.⁷⁹

Cultura e a Sociedade Argentina de Autores e Compositores, que tinha sido presidida por Manzi.

⁷⁶ PLOTKIN, op. cit., p. 76-77.

⁷⁷ ADEA realizará un acto público. *La Prensa*, Buenos Aires, 2 de fevereiro de 1954. Hortensio Quijano, vice-presidente reeleito de Perón, tinha falecido em 1952.

⁷⁸ Nombrose una comisión de homenaje a Almafuerite. *La Prensa*, Buenos Aires, 7 de dezembro de 1953.

⁷⁹ Desígnanse comisiones para un homenaje a Almafuerite. *La Prensa*, Buenos Aires, 2 de fevereiro de 1954. p. 5.

Em 8 de maio de 1954 o jornal anuncia que as comemorações tiveram início na véspera. Destaca as atividades promovidas pela Dirección Geral de Cultura, pelo Ministério da Educação da Província de Buenos Aires e pela SADE, uma conferência de Carlos A. Erro, “(...) quién desarrolló el tema “Pensamiento y ética de Almafuerter”, en la que expuso el sentido trágico de su vida y su obra.”⁸⁰ No dia seguinte, o jornal anuncia para o dia 11 o início das comemorações na ADEA com uma conferência do presidente da entidade, Enrique González Trillo, “(...) quien se referirá al significado social de la obra de Almafuerter y sus proyecciones ante los postulados de la Nueva Argentina.”⁸¹ No dia 11 o jornal divulga novamente a conferência.⁸²

Não sabemos o conteúdo das duas conferências anunciadas. Entretanto, a julgar pelos títulos, é notória a diferença de enfoque. Enquanto que na ADEA se observa uma leitura de Almafuerter a partir da “Nova Argentina”, ou seja, do peronismo, na SADE se nota um enfoque universal através da questão da ética em sua obra. Em 1962, Borges escreve um prólogo para *Prosa y poesía de Almafuerter*, no qual destaca a dimensão universal da sua obra. Borges ressalta temas como o amor, a castidade, a felicidade, o infortúnio e o perdão em seus textos. O primeiro poema que dele escutou, recitado por Carriego, “(...) parecia abarcar o universo inteiro.”⁸³ Borges diz ter se lembrado de Almafuerter às margens do Guadalquivir e do Ródano.

No dia 12, o *La Prensa* anunciou a realização da conferência na ADEA no dia anterior e, para aquela noite, de um recital. O jornal anunciou ainda que a Comissão Protetora de Bibliotecas Populares, presidida pelo escritor peronista Luis Horacio Velázquez, que será analisado no capítulo IV, publicou livro sobre Almafuerter e reproduções xilográficas de Francisco de Santo inspiradas nele. O *La Prensa* ainda destacou que o Sindicato de Escritores da Argentina, cisão da ADEA, também promoveu um recital e entregou prêmios de um concurso.⁸⁴ Antecipando o assunto do próximo

⁸⁰ Evócase el centenario del poeta Almafuerter. *La Prensa*, Buenos Aires, 8 de maio de 1954.

⁸¹ Prosiguen los actos en homenaje a Almafuerter. *La Prensa*, Buenos Aires, 9 de maio de 1954.

⁸² Se inaugurará hoy una muestra con motivos de la vida de Almafuerter. *La Prensa*, Buenos Aires, 11 de maio de 1954.

⁸³ BORGES, J. L. Prosa e poesia de Almafuerter. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 2001. p. 15-20.

⁸⁴ Prosiguen realizándose significativos actos de homenaje a Almafuerter. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de

capítulo, a participação de três instituições ligadas ao peronismo nas comemorações aponta para a existência de articulação na política cultural do governo.

Em 6 de junho de 1954 aparece no jornal uma crítica positiva sobre *Vida de Almafuerite*, escrita por Romualdo Brughetti, ligado à SADE. Nela, Almafuerite é apresentado a partir da retórica peronista como “(...) pobre y rebelde, en cuya alma la miseria despierta un sano apetito de justicia y de virtud (...)”⁸⁵ Coloca, ainda, que Almafuerite “amou ao povo dos humildes e dos despossuídos”.⁸⁶

Apesar do maior espaço dado pelo *La Prensa* às instituições ligadas ao governo e dos diferentes enfoques sobre Almafuerite, as comemorações do seu centenário, e a citação de Borges por Cooke, indicam um ambiente cultural percorrido tanto por peronistas como por antiperonistas e no qual os dois setores buscaram se legitimar em torno de elementos comuns.

De *Emagrecer comendo* a Victoria Ocampo: uma comparação entre dois catálogos da editora Sudamericana (1941/42-1950)

No início do capítulo anterior destacamos um trecho de uma carta de Victoria Ocampo para Roger Caillois, datada de junho de 1948, na qual comentava a baixa qualidade do mercado editorial argentino, receptível somente a obras irrelevantes em termos culturais, como *Emagrecer comendo*, *A arte de namorar as mulheres*, *Como viajar sem dinheiro* e *A arte de cozinhar sem carne, ovos, verdura, manteiga e óleo*. Victoria Ocampo menciona como exemplo a editora Sudamericana, editora comercial fundada em 1939 e da qual foi uma das idealizadoras.⁸⁷ A Sudamericana incluiu em seu catálogo e passou a distribuir livros publicados pela editora Sur, fundada por Victoria Ocampo em 1933.

maio de 1954.

⁸⁵ “Vida de Almafuerite” por Romualdo Brughetti. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de junho de 1954.

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ Além de Victoria Ocampo, participaram da fundação da editora Oliverio Gironde (1891-1967), Carlos Mayer, Alfredo González Garaño e Rafael Vehils. A direção da Sudamericana foi entregue a Antonio López Llausás, editor catalão que estava refugiado na França em decorrência da Guerra Civil Espanhola e que ocupou o cargo até a sua morte em 1979.

No entanto, dois catálogos da editora, um de 1941/42⁸⁸ e outro de 1950, nos apresentam um outro panorama. É verdade que os catálogos não contêm dados sobre a venda das publicações, mas a comparação entre os dois demonstra a permanência de autores e obras que se distanciam bastante do que coloca Victoria Ocampo na carta. No prefácio do catálogo de 1950, é comemorada “(...) la reedición de la mayoría de los títulos del fondo editorial (...)”⁸⁹ A própria Victoria Ocampo está nos dois catálogos, respectivamente com quatro e três obras: *Virginia Woolf*, *Orlando y Cía* e *Emily Brontë* (“*Terra incognita*”) constam nos dois. Ainda em 1950, Victoria Ocampo teve *Soledad sonora* publicada por Sudamericana, como consta em uma nota do jornal *El mundo* de 17 de julho daquele ano.⁹⁰

Antes de continuar com os catálogos, cabe destacar, em primeiro lugar, o apelo popular de *El mundo*, fundado em 1928 com o intuito de disputar o público de *Crítica*.⁹¹ Além disso, em 1950, quando se anuncia o lançamento de *Soledad sonora* de Victoria Ocampo, a inglesa Editorial Haynes, que publicava *El mundo*, a revista *El hogar* e outras publicações, já tinha sido nacionalizada pelo governo de Perón. Logo, o anúncio da conferência de Borges no *La Prensa* em 1954 não foi uma exceção na imprensa controlada pelo governo peronista.

Borges, Bioy Casares e Silvina Ocampo também estão nos dois catálogos: no primeiro, as duas obras organizadas pelos três, *Antología poética argentina* e *Antología de la literatura fantástica*, a qual não consta no segundo. Enquanto Borges e Bioy Casares passam de duas obras para uma, no catálogo de 1950 aparece *Poemas de amor desesperado* de Silvina Ocampo. Vale destacar que duas traduções feitas por Borges, *Las palmeras salvajes* de William Faulkner e *Orlando* de Virginia Woolf, estão presentes nos dois catálogos.

⁸⁸ Não há uma data precisa no catálogo, mas acreditamos que se refira a esse período, pois obras “em preparação” são anunciadas para a partir de maio de 1942.

⁸⁹ Catálogo General nº 5. Buenos Aires: Sudamericana, 1950. p. 3.

⁹⁰ *El mundo*, Buenos Aires, 17 de julho de 1950.

⁹¹ “O crescimento do primeiro ano é sem dúvida espetacular. Em 1928, o jornal triplica a média de circulação diária (de 40 mil a 127 mil exemplares), mas enquanto esse dado fornecido por sua direção é de difícil verificação, o aumento do espaço para publicidade indicará com mais objetividade sua repercussão: em outubro de 1928, somam 8203 cm²; um ano mais tarde, 41008 cm².” (SARLO, Buenos Aires, cidade moderna, p. 208).

A comparação demonstra, também, um aumento do número de autores e títulos oferecidos pela editora. O catálogo de 1941/1942 é composto por 112 publicações e apresenta um índice de autores formado por 109 nomes: no de 1950 esses números aumentam para 437 e 308, respectivamente. Além de um aumento no número de publicações da própria editora, a Sudamericana, além da Sur, passou a distribuir também para Ediciones Cosmos, Ediciones Librería del Colegio, comprada pela Sudamericana, Editorial Hermes e Editorial Andrés Bello, as duas últimas chilenas.

No catálogo de 1950 realmente nos deparamos com um *Emagrecer comendo*, que Victoria Ocampo cita na carta como uma obra inexistente. Contudo, é relevante que, das 437 publicações, pelo menos 129 estejam relacionadas à Literatura, divididas pela editora nas seções “Colección Horizonte”, “Otras Novelas”, “Cuentos”, “Historia Literaria”, “Historia y Crítica Literarias”, “Poesía” e “Teatro”. O número se torna ainda mais expressivo quando pensamos que os outros dois terços dos títulos estão reunidos em vinte e duas seções, contra sete do um terço relacionado diretamente à Literatura.⁹²

Anteriormente dissemos *pelo menos* 129 obras relacionadas à Literatura, pois nas seções “Ensayos” e “Ensayos Breves” vemos outras nove obras relacionadas⁹³, isto sem contar as obras relacionadas à Literatura das outras editoras, além da Sur, que a Sudamericana passou a distribuir entre 1941/42 e 1950.⁹⁴

Evidentemente que o mercado editorial argentino não se limitava à Sudamericana e às outras editoras que constavam nos seus catálogos. No entanto, o crescimento no período não indica uma ruptura diante da ascensão do peronismo, apesar da desvinculação da Sudamericana com o governo e sua política cultural, como se nota, por exemplo, na

⁹² São elas: “Biografías”, “Grandes Obras”, “Historia”, “Viajes y Religión”, “Política e Historia Contemporáneas”, “Sociología e Historia”, “Colección Ciencia y Cultura”, “Botánica”, “Patología Vegetal”, “Zootecnia Especial”, “Problemas Científicos y Sociales”, “Filosofía”, “Arte”, “Arte Documental”, “Ensayos”, “Ensayos Breves”, “Aviación”, “Libros para Niños”, “Economía”, “Tratados Prácticos”, “Medicina” e “Series de la UNESCO”.

⁹³ São elas: a terceira série de *Testimonios* de Victoria Ocampo, *En torno a José Hernández* de Azorin, *Pequeños ensayos* de Pio Baroja, *Variaciones sobre la poesía* de Eduardo Gonzalez Lanuza, *Guía del lector del Quijote* de Salvador de Madariaga, *Histrionismo y representación* de Francisco Ayala, *Literatura del Brasil* de L. Besouchet e N. Freitas, *Nuevo asedio a don Juan* de Guillermo Días-Plaja e *O’Neil y el teatro contemporáneo* de León Miralás.

⁹⁴ Por exemplo, entre os livros da Editorial Hermes encontramos vinte e seis títulos, dentre os quais se destaca *Don Quijote de la Mancha* de Miguel de Cervantes, em uma versão adaptada e reduzida por Ramón Gómez de la Serna.

publicação de opositores pela editora e no número expressivo de autores estrangeiros em seus catálogos. Tampouco a adesão ao peronismo parece ter sido critério para a Sudamericana excluir autores dos seus catálogos. Leopoldo Marechal, por exemplo, tem três obras, uma em preparação, no catálogo de 1941/42 e mantém o número no de 1950: *Laberinto de amor* e o infantil *El niño Dios* estão em ambos. No de 1950 ainda aparece *Adán Buenosayres*, que é considerada a obra-prima de Marechal e vista por muitos especialistas como uma leitura positiva da Argentina sob o governo de Perón.

Em *Perón y su tiempo* (1986), Félix Luna cita o bom desempenho das editoras argentinas no período. Escreve que havia “toneladas de obras”, mas, paradoxalmente, coloca em seguida que as editoras não sofreram repressão do governo de Perón pelo número reduzido de leitores e pela maioria dos intelectuais opositores não terem apresentado uma posição abertamente antiperonista.⁹⁵

Se o número de leitores era reduzido, por que havia “toneladas de obras”? Diferentemente do que defende Luna, o mercado editorial foi uma questão central na tentativa de se consolidar um projeto político-cultural nacionalista na Argentina. Elías Castelnuovo, considerado o fundador do grupo Boedo⁹⁶, escreve uma carta para Manuel Gálvez em 3 de março de 1947. Nela, Castelnuovo sugere que Gálvez acionasse seus contatos no governo e no congresso para propor uma lei que, dentre outros pontos, obrigasse “(...) a las editoriales a publicar por cada 19 libros extranjeros, 4 libros nacionales. Lo mismo se podía estipular con respecto a las colaboraciones en los diarios y revistas”.⁹⁷ Na carta é clara a relação da sua proposta com o nacionalismo do discurso peronista. “Tanto que se pelea por la Argentina, y por lo argentino, y por la emancipación del monopolio foráneo, y este renglón, el renglón de la cultura, uno de los más importantes justamente para conquistar tal independencia, tal jerarquía, no se lo tiene en cuenta.”⁹⁸

⁹⁵ “(...) ¿quién leía libros? La mayoría de los intelectuales no formaban parte del oficialismo, pero en esos años no tuvieron una actitud militante antiperonista; más bien fue la suya una posición indiferente, un poco irónica (...)” (LUNA, F. *Perón y su tiempo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1986. p. 495. v. 1).

⁹⁶ Na década de 1920, a Literatura argentina teria sido marcada por dois grupos: Boedo e Florida. Boedo, formado por escritores, em sua maioria, de esquerda, defendia uma Literatura que representasse os problemas argentinos. Florida, por sua vez, defenderia uma Literatura descompromissada. Estudos mais recentes têm questionado essa divisão e frisado a pluralidade existente em cada um dos dois “grupos”.

⁹⁷ Apud KORN, op. cit., p. 159.

⁹⁸ Ibid., p. 159.

A carta de Castelnuevo, em um primeiro momento, poderia demonstrar um desinteresse do peronismo pela área cultural. Porém, Perón estava há apenas um ano na presidência e, como o próprio Castelnuevo relata na carta, trata-se de um escritor que não publicava há oito anos. No mesmo ano, em 1947, a fundação da ADEA (Associação de Escritores Argentinos), ligada à CGT controlada pelo governo, demonstra uma aproximação entre os escritores nacionalistas e destes com o peronismo. Nos estatutos da ADEA, dois pontos que eram centrais no discurso peronista, a defesa de uma produção cultural nacionalista e direcionada para os setores populares:

Art. 2º – Afirmará y defenderá los valores espirituales propios como base para la formación de una cultura argentina.

(...).

Art. 4º – Mantendrá permanente contacto con los sindicatos de trabajadores, para colaborar en la solución de los problemas relacionados con la cultura popular.⁹⁹

A comparação entre os dois catálogos da Sudamericana demonstra que a organização dos escritores nacionalistas em entidades como a ADEA e o apoio do governo de Perón a estas entidades não levou necessariamente ao enfraquecimento de instituições culturais não alinhadas com o peronismo, como indica o aumento de publicações e o número expressivo de autores estrangeiros em seus catálogos.

De catálogos a cartas e diários de escritores: perseguições políticas e produção cultural durante o governo de Perón

Não são apenas os dois catálogos da Sudamericana que permitem traçar um panorama cultural durante o governo de Perón distinto daquele traçado por Victoria Ocampo na citada carta para Caillois. A própria correspondência de Victoria Ocampo demonstra que as perseguições políticas não geraram um estancamento da produção cultural argentina no período.

Em uma carta de 11 de junho de 1949 para a sua irmã mais velha, Angélica,

⁹⁹ Estatutos de la Asociación de Escritores Argentinos (Aprobado por la Comisión Directiva ad-referendum de la Asamblea General Extraordinaria). Bs. As. 1947 Apud KORN, op. cit., p. 180.

comenta que ainda não tinha sido lançado o número da revista *Sur* referente a maio. Contudo, nenhuma razão de natureza política ou ligada à suposta penúria do mercado editorial argentino, mas um problema interno da revista teria provocado o atraso. “En *Sur* sigue la lucha contra la terrible indolencia de P[epe Bianco, o editor?]. Todo es mañana para él. (...). Siempre encuentra un pretexto válido para el más monstruoso retardo.”¹⁰⁰ Na mesma carta, Victoria Ocampo inclusive comenta sobre o sucesso de uma conferência que tinha dado. “Ayer di mi conf. Sobre Hamlet, en el Colegio [Libre?] de Estudios Superiores. Créase o no, estaba lleno de bote en bote, hasta en el pasillo del medio.”¹⁰¹

Nas cartas para Caillois aparecem com mais frequência os problemas políticos argentinos, particularmente os enfrentados pelos intelectuais. Em 27 de julho de 1950, Victoria Ocampo comenta sobre os preparativos da encenação de *Calígula* de Albert Camus em Buenos Aires, “(...) muy buena pieza teatral para esta época y este continente. A buen entendedor...”¹⁰² Não é demais lembrar que Calígula passou para a História como um imperador louco e autoritário. Por outro lado, na mesma carta, Victoria Ocampo também destaca que a censura do município já tinha autorizado a peça e o interesse do Instituto de Arte Moderno, através de De Ridder, em custear a encenação. Cabe destacar que não foi uma iniciativa isolada. O Instituto de Arte Moderno foi outro centro cultural que nucleou opositores do governo de Perón. Por exemplo, no *La Nación* de 2 de agosto de 1950 encontramos nota sobre uma conferência de Borges – *O problema do tempo: Conrad, Proust, Faulkner* – dentro de um ciclo sobre os “problemas da novela”.¹⁰³

Em 26 de junho de 1951, comenta sobre a demora para se conseguir uma autorização para sair do país. “El país, para nosotros los argentinos de vieja cepa, se vuelve cada vez más inhabitable.”¹⁰⁴ Comenta, ainda, que duas cruces vermelhas tinham sido pintadas na entrada da sua casa, o que vinha ocorrendo com opositores do governo. Também critica a expropriação do *La Prensa*. Apesar do clima tenso politicamente,

¹⁰⁰ OCAMPO, V. *Cartas a Angélica y otros*. Edição, prólogo e notas de Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1997. p. 87. Pepe era o apelido do jornalista e escritor José Bianco (1908-1986). Foi secretário de redação da revista *Sur* entre 1938 e 1961. Afastou-se do grupo após se aproximar da Revolução Cubana, o que motivou o seu rompimento com Victoria Ocampo.

¹⁰¹ Ibid., p. 86.

¹⁰² FELGINE, op. cit., p. 212.

¹⁰³ CONFERENCIAS. *La Nación*, Buenos Aires, 2 de agosto de 1950.

¹⁰⁴ FELGINE, op. cit., p. 220.

menção que as vendas da revista *Sur* tinham aumentado. O dado interessa, particularmente, pelo tema de um dos números que teriam tido boa tiragem:

El número dedicado a los Derechos del Hombre ha sido comentado por *La Prensa* y *La Nación*. Lamentablemente, por una de esas estupideces increíbles de la imprenta, sólo se hicieron trescientos ejemplares adicionales (lo cual es muy poco, dado el éxito obtenido por el número).¹⁰⁵

Trata-se do número 190-191, referente a agosto e setembro do ano anterior. Somente a partir dessa carta não é possível saber se o número foi comentado pelo *La Prensa* antes ou depois da expropriação pelo governo de Perón. Como dissemos, aconteciam atrasos no lançamento de números e houve a comercialização posterior de exemplares extras. De qualquer maneira, a repercussão na imprensa contrasta com a imagem de uma revista que não preocupava o governo de Perón em virtude da sua circulação restrita, motivo pelo qual não teria sofrido nenhuma intervenção. Tal imagem não deixa de ser um desdobramento do que Luna mencionou em 1986 em relação às editoras, mas que ainda ecoa em livros mais recentes como *Victoria Ocampo y Sur: entre Europa y America* (2003) de Rosalie Sitman.¹⁰⁶

A escolha do tema Direitos Humanos não foi casual. O número 190-191 foi um ataque, ainda que indireto, ao governo de Perón que, em 1950, promoveu o Ano do Libertador General San Martín para lembrar o centenário do seu falecimento. Perón se colocava como um herdeiro de San Martín: enquanto este promoveu a independência política, seu governo estaria consolidando a econômica. Todas as publicações deveriam mencionar o “Año del Libertador General San Martín”. A *Sur*, ao lhe dedicar um número sobre os direitos humanos, traz San Martín para a oposição. Victoria Ocampo faz a introdução do número. Faz uma distinção entre direitos dos homens e das mulheres, os quais estariam defasados em relação aos primeiros. Nenhuma menção à reforma

¹⁰⁵ Ibid., p. 222

¹⁰⁶ “A diferencia de las universidades, las academias y de los medios de comunicación masiva – prensa, cine y radio – que fueron intervenidos por el Estado y sujetos a una estricta censura como parte de los esfuerzos del gobierno por imponer una cultura dirigida por el Estado, *Sur*, cuya circulación era bastante más reducida, no fue percibida como una amenaza para el régimen y por lo tanto nunca estuvo en peligro de cierre (...)” (SITMAN, R. *Victoria Ocampo y Sur: entre Europa y America*. Buenos Aires: Lumiere; Universidad de Telaviv, 2003. p. 211).

constitucional do ano anterior promovida pelo governo peronista, que garantiu o voto feminino. Carlos Sánchez Viamonte coloca que os direitos do homem fazem parte da tradição argentina desde a independência. Além disso, parece ironizar a recente reforma constitucional. “Declaraciones abstractas contienen todas las Constituciones de todos los pueblos, aun aquellas que se dictan con la intención de no cumplirlas o de bularse cínicamente de sus preceptos.”¹⁰⁷ Parece, também, tentar afastar San Martín de Perón: mais do que um militar (como Perón tinha sido), o prócer teria sido um idealista.¹⁰⁸ Na conclusão, outras críticas ao momento político argentino. Fala da pertinência do legado de San Martín diante do autoritarismo e da troca de direitos políticos por conquistas econômicas:

Podemos señalar el ejemplo de San Martín como una enseñanza, a fin de que las generaciones actuales comprendan que jamás tendrán validez y eficacia los derechos del hombre si no se consigue para ellos el respeto sincero y efectivo de los poderosos, que hoy, más que nunca, parecen tener en sus manos la suerte de sus semejantes; hasta que llegue el día en que los pueblos cobren inequívoca conciencia de sus derechos, sin entregarlos a cambio de ningún beneficio material.¹⁰⁹

Além da carta de 26 de junho de 1951, comentário sobre aumento das vendas já tinha sido feito em uma carta de 30 de março de 1949 e voltou a ser feito em 5 de abril de 1952, quando a tiragem da *Sur* teria aumentado 50%. Nessa carta, Victoria Ocampo também comemora a superação de problemas internos da revista, devido à atuação do escritor Juan Goyanarte, e o lançamento de dois livros:

[Goyanarte] Exige que los empleados sean puntuales. Prohíbe las charlas prolongadas y las llamadas telefónicas no relacionadas con la revista. Pasea su ojo de lince hasta en los rincones más oscuros de la casa. Temo que esta última termine por derrumbarse bajo la pila creciente de libros (estos días pondremos en venta un nuevo libro de Borges, y el último de Graham Green).¹¹⁰

¹⁰⁷ SÁNCHEZ VIAMONTE, C. En torno a la “Declaración Universal”. *Sur*, Buenos Aires, nº 190-191, agosto-setembro de 1950. p. 50.

¹⁰⁸ Perón deixou de ser militar após os acontecimentos de outubro de 1945.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 58.

¹¹⁰ FELGINE, op. cit., p. 225. Odile Felgine considera que, provavelmente, o livro de Borges ao qual se refere Victoria Ocampo é *Historia universal de la infamia*. No entanto, a julgar pelo catálogo organizado por Annick Louis e Florian Ziche, disponível no site da Universidade de Pittsburgh

A passagem acima e o comentário feito a Angélica sobre a morosidade de José Bianco para publicar um número da revista alertam sobre a necessidade de não se relacionar os problemas enfrentados por intelectuais, editoras, periódicos e demais instituições culturais durante o governo de Perón unicamente às adversidades políticas propriamente ditas. Além dos casos comentados nas cartas, sabe-se que a lei de aluguéis, que congelou os preços, fez cair a renda de Victoria Ocampo.

Em 1951, a revista *Sur* diminuiu seu formato e, em seguida, passou de mensal a bimestral. Flavia Fiorucci relaciona as mudanças a aumento nos custos e problemas de impressão.¹¹¹ O mesmo vê Sitman. Por exemplo, é conhecida a diminuição da importação de papel determinada pelo governo de Perón, o que encareceu o produto.

Entretanto, os catálogos da Sudamericana e as cartas que comentamos demonstram que o ambiente cultural argentino era menos hostil do que geralmente se acredita. Victoria Ocampo investiu boa parte dos seus recursos na revista, na editora e em vários eventos culturais, mas esta não parece ter sido a única causa da sua falência econômica. Caso contrário, cria-se em torno de Victoria Ocampo a imagem de uma mártir da cultura argentina. María Esther Vázquez, que colaborou na *Sur* e atualmente preside a Fundação Victoria Ocampo, escreve que quando “(...) Victoria le anunció a su padre que iba a fundar una revista literaria, él le advirtió: “Quebrarás”. (...) aunque su sombrío vaticinio no se cumplió inmediatamente, no estaba equivocado.”¹¹²

Logo em seguida, Vázquez menciona o impacto da lei de aluguéis sobre o patrimônio de Victoria Ocampo, mas novamente relaciona sua falência econômica aos investimentos culturais: “(...) Victoria perdía sistemáticamente dinero con cada número de *Sur*.”¹¹³ Vázquez ainda destaca palavras de Borges escritas após a morte de Victoria

<www.borges.pitt.edu/spanish.php>, consideramos que se trata de *Otras inquisiciones*, obra lançada em 1952 pela editora Sur: pelo catálogo, *Historia universal de la infamia* teve uma nova edição somente em 1954.

¹¹¹ FIORUCCI, F. *La revista Sur y el peronismo*. (Trabajo de licenciatura en Ciencia Política) – Universidad de San Andrés. p. 27.

¹¹² VÁZQUEZ, M. E. *Victoria Ocampo: el mundo como destino*. 1ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2002. p. 162.

¹¹³ *Ibid.*, p. 163.

Ocampo que apontam na mesma direção. “Dedicó su fortuna, que era considerable, a la educación de su país y de su continente.”¹¹⁴ John King, em pioneiro estudo sobre a revista, declara não ter tido acesso à documentação referente às contas da *Sur*. Apesar disso, converge com a visão de Vázquez e Borrges e destaca que um “(...) de los rasgos de la revista fue la naturaleza “familiar” de la empresa, una familia en que las cuestiones espirituales tenían supremacía sobre la base económica.”¹¹⁵

Falamos em um ambiente cultural menos hostil do que geralmente se crê, pois o número da *Sur* dedicado aos Direitos Humanos não foi o único a ser citado e comentado pela imprensa. Durante a ditadura de 1943 e no começo do governo de Perón encontramos várias notas sobre lançamento de números da *Sur* no popular *El mundo*.¹¹⁶ Tampouco a repercussão estava restrita à imprensa portenha. Para mencionar alguns exemplos, *La Gaceta* de Tucumán de 13 de junho de 1954 anuncia, em nota assinada por P. C., o lançamento do número 238 da revista *Sur*, apresentada como “a tradicional revista portenha”, cuja importância no mundo das letras argentinas seria notória.¹¹⁷ Cabe ressaltar que, nesse momento, Victoria Ocampo já tinha sido presa. Portanto, era conhecida sua oposição ao governo.

Já mencionamos o comentário sobre o lançamento de *Soledad sonora* no *El mundo* de 17 de julho de 1950. *La Gaceta* de Tucumán de 8 de setembro de 1952 anuncia, com foto de Victoria Ocampo, o lançamento de *Lawrence de Arabia* “com grande êxito” na Espanha, por uma “prestigiosa” editora.¹¹⁸ No dia 22 do mesmo mês, o jornal anuncia dois lançamentos da editora Sur: *Judas* de Lanza de Vasto e *Bodas* de Albert Camus, este

¹¹⁴ Ibid., p. 280.

¹¹⁵ KING, op. cit., p. 217.

¹¹⁶ Exemplos: *El mundo* de 4 de junho de 1945 anuncia lançamento do número 127 com colaborações de Thomas Mann, Octavio Paz, Sartre, Borges e Sábato, dentre outros. *El mundo* de 30 de julho de 1945 anuncia lançamento do número 128. *El mundo* de 8 de julho de 1946 anuncia lançamento do número 140 com “(...) Albert Camus: Cartas a un amigo alemán; Giuliana Tedeschi: Recuerdos de Auschwitz; Renato Treves: El derecho en el mundo de la cultura; Julio E. Payró: Impresiones de los Estados Unidos. Críticas y notas completan la entrega.” (*El mundo*, Buenos Aires, 8 de julho de 1946. p. 15). *El mundo* de 12 de agosto de 1946 comunica lançamento do número 141, “(...) con diversas colaboraciones, en prosa y verso, de escritores argentinos y extranjeros. Notas y críticas completan el sumario.” (*El mundo*, Buenos Aires, 12 de agosto de 1946. p. 11). No dia 26 aparece nova nota sobre o número. Nela, são mencionados alguns colaboradores do número, dentre eles Amado Alonso, Borges, Anderson Imbert, Francisco Romero e Juan Ramón Jiménez que, dentre outros temas, escrevem sobre Pedro Henríquez Ureña, recentemente falecido.

¹¹⁷ P. C. SUR. – (Nº 228 – Bs. As.). *La Gaceta*, San Miguel de Tucumán, 13 de junho de 1954. p. 2.

¹¹⁸ *La Gaceta*, San Miguel de Tucumán, 8 de setembro de 1952.

traduzido por Aurora Bernárdez, esposa de Cortázar. Anuncia, ainda, que a editora relançará *Luz de agosto* de William Faulkner.¹¹⁹

A correspondência de Julio Cortázar, publicada sob a organização de Aurora Bernárdez, permite traçar um panorama semelhante ao visto nas cartas de Victoria Ocampo: notam-se as tensões políticas ao lado de uma intensa atividade intelectual. De acordo com a correspondência, a sua saída da Universidade Nacional de Cuyo, em Mendoza, não esteve ligada somente à ascensão do peronismo, mas à interferência das disputas políticas em geral no âmbito universitário, como coloca em uma carta de 26 de julho de 1946 para Sergio Sergi:

(...) los susodichos “democráticos” (...) sacan a relucir mi nombre cuando les conviene – aludo a eso de que “también el profesor Cortázar perdió una cátedra ganada en concurso” –. (...). Los concursos los pilotearon ellos, y me hicieron ganar esa cátedra sabiendo perfectamente que yo no la aceptaría.¹²⁰

Existe em sua correspondência críticas diretas ao governo de Perón. Em 4 de dezembro de 1946, conta a Sergio Sergi sobre seu trabalho como gerente da Câmara Argentina do Livro, cargo que ocupou entre 1946 e 1949:

(...) cada vez que me toca (...) diligenciar algún asunto de la Cámara ante reparticiones nacionales, me quedo con una amargura que me afecta días enteros; (...) se tiene la idea cabal e inequívoca de lo que está ocurriendo a la República.¹²¹

¹¹⁹ Novedades. *La Gaceta*, San Miguel de Tucumán, 22 de setembro de 1952. p. 2.

¹²⁰ BERNÁRDEZ, A. (Org.). *Julio Cortázar: cartas 1937-1963*. Buenos Aires: Alfaguara, 2000. p. 212. v. 1. De acordo com nota de Bernárdez, Sergio Sergi era o pseudônimo do pintor argentino Sergio Hocévar (1896-1973). A correspondência parece acrescentar motivos pessoais para a saída de Cortázar de Mendoza. Em uma carta para Lucienne C. de Duprat de 16 de dezembro de 1945 (p. 189-192), fala da distância dos amigos e do desejo de viajar para Buenos Aires. Reclama da falta de estrutura da universidade e do nível dos estudantes. Em carta de 6 de abril de 1946 aos alunos da Universidade Nacional de Cuyo, dentre outras razões para sua saída, aponta que “(...) un hombre debe a veces romper amarras de afecto y olvidar posibles ventajas materiales, si su vocación auténtica reclama *otra calidad de vida, otro horizonte de acción*” (p. 201). Para citar somente mais um exemplo, em uma carta de 21 de maio de 1946 para Sergio Sergi, reclama da vida cultural de Mendoza: “Mi vida en Buenos Aires se reduce, en principio, a escuchar toda la música que puedo. Recién ahora alcanzo a darme cuenta de la anemia musical que padecí esos dos años en Mendoza” (p. 204).

¹²¹ Ibid., p. 215. A Câmara Argentina do Livro foi fundada em 1938 e legalizada pelo Poder Executivo em 1941 com o objetivo de defender os direitos autorais no país. A diretoria era – e é – composta por eleição da qual participam os sócios.

Passagens como essa demonstrariam a monotonia cultural que teria marcado o governo de Perón e levado o escritor a se exilar na Europa, como defendem alguns trabalhos.¹²² No entanto, além da gerência da Câmara Argentina do Livro, Cortázar cita constantemente a publicação de seus textos e, principalmente, das suas traduções. A ascensão do peronismo não conteve a consolidação da carreira do escritor, apesar da sua conhecida oposição ao governo.¹²³ Em carta de 3 de janeiro de 1947 para Sergio Sergi vemos que a sua intensa atividade intelectual conviveu com um desejo de deixar a Argentina. “Dos traducciones mías andan ya en librerías (...). Empiezo ahora una monumental biografía de Pushkin, por Henri Troyat; trabajo para cinco meses. Si lo cobro de una vez, me voy a Europa. (Y no vuelvo nunca más, se entiende.)”¹²⁴ Ainda na mesma carta, comenta sobre a publicação de um conto seu – *Casa Tomada* – na revista *Anales de Buenos Aires* (1946-1948), dirigida por Borges.

Em 1948, Cortázar também passou a trabalhar como tradutor público. “(...) la oferta que me han hecho (...) es realmente buena, y puede proporcionarme (...) la total liberación económica (...).”¹²⁵ De acordo com o próprio escritor, em uma carta de maio para Sergio Sergi, o cargo lhe fez recusar um convite para lecionar Literatura Espanhola nos Estados Unidos. Na mesma carta, comenta que o excesso de trabalho fez com que deixasse de colaborar na revista literária *Cabalgata* (1947-1948). “No leo novelas policiales. No escribo una línea. Largué *Cabalgata*, por no tener tiempo de ocuparme de reseñas.”¹²⁶ O depoimento demonstraria um quadro no qual o mercado cultural ainda não garantia, por si só, a sobrevivência dos escritores. Entretanto, em uma carta de 14 de dezembro para o poeta francês Fredi Guthmann (1911-1995), Cortázar demonstra não ter paralisado totalmente as suas atividades como escritor: menciona a publicação de textos seus nas

¹²² “Félix Luna considera que a cultura, durante o peronismo, foi mais atingida pelo tédio do que pelas perseguições. Afirma que Julio Cortázar foi para a Europa, em 1952, não porque o perseguissem, mas porque se aborrecia mortalmente com a cultura oficial.” (CAPELATO, op. cit., p. 126).

¹²³ Na carta de 16 de dezembro de 1945 para Lucienne C. de Duprat, Cortázar relata sua participação no movimento das universidades contra Perón em outubro de 1945. “Con cincuenta alumnos y cinco colegas, vivimos cinco días completamente sitiados, recibiendo las consabidas bombas de gases, amenazas, etc. Por fin nos allanaron, estuvimos presos, y una simple circunstancia afortunada – el brusco vuelco del 11 de octubre – hizo que la cosa no pasara a mayores.” (BERNARDEZ, op. cit., p. 190).

¹²⁴ Ibid., p. 220. As traduções que já estavam nas livrarias eram *La Odisea* de Giono e *El hombre que sabía demasiado* de Chesterton.

¹²⁵ Ibid., p. 229.

¹²⁶ Ibid., p. 231.

revistas *Sur* e *9 Artes*.¹²⁷

Em 1949, Cortázar, às vésperas de sua primeira viagem à Europa, mostra preocupação com sua saída da Câmara Argentina do Livro e com possíveis perdas no trabalho como tradutor público. “(...) no me voy tranquilo de la Cámara del Libro. Me consta que Havas no me fallará, pero la idea de volver de Europa y encontrarme con cualquier novedad que no me permita trabajar inmediatamente (...) es bastante para inquietarme.”¹²⁸ Porém, neste ano, também comemora o lançamento de *Los Reyes*. “Me parece que va a quedar bonito.”¹²⁹ Quando retorna da Europa, retoma as atividades como tradutor público.

Em 1951, encontramos uma nova menção à situação política argentina. Em 3 de janeiro, comenta com Fredi Guthmann sobre a escrita de *El examen*, publicada postumamente: “(...) no se podrá publicar por razones de tema (...)”¹³⁰ Em 26 de julho, também para Guthmann, escreve sobre uma bolsa que o governo francês tinha lhe concedido para estudar de outubro a julho de 1952 em Paris. Manifesta desejo de permanecer na França, mas não relaciona isto a problemas políticos: “(...) yo vivo en realidad allá, usted sabe bien (...)”¹³¹ Ainda em 1951, encontramos outros indícios que apontam para a consolidação da sua carreira de escritor ainda na Argentina. Encerra a carta de 26 de julho comentando o lançamento de *Bestiario*.¹³² Em 8 de outubro, em nova carta para Guthmann, escreve que complementar os seus rendimentos em Paris fazendo traduções para a Sudamericana.¹³³

Na Europa, a partir de 1951, Cortázar continua fazendo traduções para

¹²⁷ Ibid., p. 239. Na *Sur*, Cortázar publicou texto sobre o poeta francês Antonin Artaud (1896-1948), na ocasião do seu falecimento e, na *9 Artes*, comenta nota de Daniel Devoto sobre o jazz publicada pela revista.

¹²⁸ Ibid., p. 247. Bernárdez destaca que Zoltan Havas era tradutor público e que Cortázar trabalhou em seu escritório e foi seu sócio até 1952, quando se mudou para a França.

¹²⁹ Ibid., p. 244.

¹³⁰ Ibid., p. 253.

¹³¹ Ibid., p. 259.

¹³² Apesar do comentário de Cortázar sobre a impossibilidade de se lançar *El examen* por “razões de tema”, Carlos Gamerro aponta que há referências temporais explícitas em contos de *Bestiario*, publicado em pleno governo de Perón. Apesar de questionar *Casa Tomada* como uma leitura do peronismo, Gamerro considera possível ler *Ómnibus* e *Las puertas del cielo* sob esta perspectiva (GAMERRO, C. Julio Cortázar, inventor del peronismo. In: KORN, op. cit., p. 44-57).

¹³³ BERNÁRDEZ, op. cit., p. 261-262.

Sudamericana, para outras editoras e inclusive para a Unesco e as Nações Unidas. Nas cartas referentes ao período compreendido entre 1951 e 1955, nota-se que, ao lado da satisfação pessoal expressada por Cortázar, a carreira de escritor segue alternada, como na Argentina, com atividades nem sempre convergentes com a criação literária. Em carta de 30 de junho de 1954 para Fredi Guthmann, considera que, na Europa, se sente “um peixe na água”. Em seguida, menciona que uma tradução de Poe, na qual tinha trabalhado nos últimos meses, tinha lhe tirado tempo e vontade de escrever outras coisas. Além disso, apresenta um exemplo de alguns textos que traduzia: “(...) acaban de traerme un terrible documento a traducir (informes de los Estados Miembros de la Unesco ante el Consejo de Seguridad, blah, blah, blah).”¹³⁴

Não se trata de superestimar o mercado cultural argentino e, muito menos, de subestimar o francês. No entanto, a julgar pela correspondência publicada sob a organização de Aurora Bernárdez, a ascensão do peronismo não impediu a sua consolidação como escritor.¹³⁵ Tampouco a França, pelo menos inicialmente, parece ter acelerado esse processo, tendo em vista as atividades paralelas que desenvolveu. Em uma carta de 21 de setembro de 1954 para Ana María Barrenechea, Cortázar dá um outro exemplo de como a ascensão política do peronismo não teve correspondente no âmbito cultural, de como as duas esferas apresentam dinâmicas próprias, ainda que relacionadas entre si. “Después de Eva Perón, Borges se ha vuelto el argentino más popular en Francia.”¹³⁶

Depois de explorar a correspondência de Victoria Ocampo e de Cortázar, cabe retomar o diário de Bioy Casares. Já abordamos no início do capítulo anterior a intensa produção do escritor e de Borges em meados de 1954, ainda que a publicação dos textos

¹³⁴ Ibid., p. 299.

¹³⁵ Em uma carta de 31 de outubro de 1955 para Jean Barnabé, Cortázar saúda a queda de Perón e, sem mencionar exemplos, vê positivamente o convite para que “gente honesta” ocupe funções públicas. O escritor considera, ainda, que qualquer governo seria preferível ao de Perón. No entanto, chama a atenção a inexistência de qualquer referência à questão cultural e escreve, novamente sem citar exemplos, que “(...) hay también informaciones menos optimistas (...)” (Ibid., p. 327) sobre os novos governantes. Somente em uma carta de 9 de maio de 1957 para Eduardo A. Castagnino (1911-1985), portanto, em pleno processo de desperonização, Cortázar estabelece uma relação mais clara entre peronismo e vazio cultural a partir do cinema. “Me encantó saber que allá habías podido ver una punta de películas de primera, porque sé lo que significa para vos el cine, y lo privado que han estado de él los argentinos durante el reinado de Juan I.” (Ibid., p. 363).

¹³⁶ BERNÁRDEZ, op. cit., p. 309.

não seguisse o mesmo ritmo.

Também se destaca no diário de Bioy Casares a atividade de Borges como conferencista e professor. Por exemplo, somente entre julho e setembro de 1949 encontramos referências a dez conferências e quatro cursos dados pelo escritor. Chama a atenção que, dentre os temas, apenas um esteja relacionado diretamente à Literatura argentina: uma conferência sobre o *Martín Fierro*.¹³⁷ Além disso, nota-se que suas atividades não se limitavam a Buenos Aires: nesses meses, Borges deu conferências em Córdoba, Rosário, Lomas de Zamorra, localizada ao sul da capital argentina e em Montevideu. É verdade que, depois, encontramos apenas menções esporádicas às conferências: uma em 19 de junho de 1953 sobre Whitman em Avellaneda, duas em dezembro de 1954 – uma sobre si mesmo na casa de Susana Bombal e a outra sobre Berkeley y Hume em La Plata – e outra em maio de 1955. É possível que as menções esporádicas indiquem uma atividade inconstante, ou mesmo o crescimento do autoritarismo no segundo governo de Perón, mas tampouco o diário refere-se à totalidade das conferências, como veremos a seguir no próprio *La Prensa* controlado pela CGT.

Como colocamos anteriormente, o próprio Borges e seus principais biógrafos destacam a intensa atividade que desempenhou como conferencista. Entretanto, cabe questionar, agora, a excepcionalidade dessa atividade sugerida pela imagem do “Borges sacerdote”. Como já destacamos, Alifano fala que a maioria dos ouvintes de Borges desconhecia os temas tratados. Vázquez, por sua vez, menciona que, ao lado das conferências do escritor, existiam cartazes de Perón e Evita por toda Buenos Aires.¹³⁸ A análise do *La Prensa* sob o comando da CGT mostra a recorrência de conferências similares no ambiente cultural argentino daqueles anos, além de um mercado editorial variado. E, vale destacar, com divulgação, ainda que limitada, em um jornal administrado por um dos principais aliados do governo de Perón.

¹³⁷ De acordo com o diário, dos quatro cursos, dois foram sobre Literatura inglesa, um sobre a norte-americana e o outro sobre místicos. Quanto às conferências, encontramos temas como Literatura fantástica (em duas delas), Dante, George Moore, Swedenborg, Schopenhauer, Max Nordau, Joyce e Goethe.

¹³⁸ VÁZQUEZ, Jorge Luis Borges: esplendor e derrota, p. 194.

Percursos de escritores antiperonistas em um “território” peronista: a vida cultural argentina a partir do *La Prensa* controlado pela CGT

O que acabamos de apontar a respeito da produção de escritores antiperonistas durante o governo de Perón pode ser notado, inclusive, no *La Prensa* expropriado e controlado pela CGT a partir de 1951. Apesar das escolhas e omissões decorrentes das disputas políticas do período, a análise do *La Prensa* também permite apreender uma produção cultural que ia muito além das investidas governamentais. A inexistência de estudos aprofundados sobre a questão cultural no *La Prensa*, após a expropriação, demonstra o enraizamento da citada dicotomia entre peronismo/setores populares e produção cultural.

A coluna que anunciava as conferências é uma das seções do *La Prensa* que demonstra as investidas do peronismo na esfera cultural. Por exemplo, no *La Prensa* de 25 de agosto de 1954 é anunciada *Movimiento de la cultura en el Segundo Plan Quinquenal*, de Amanda Vacarezza de Puidarrilux na Confederación General de Intelectuales.¹³⁹ No dia 28, no mesmo local, *El Justicialismo en la Nueva Argentina*, de Donato S. Criscuolo.¹⁴⁰

No entanto, também destacamos no início do capítulo anterior o anúncio de uma conferência de Borges no *La Prensa* de 5 de julho de 1954. A conferência, proferida na Associação Argentina de Cultura Inglesa, tinha como tema Locke e Berkeley. O anúncio não foi o único. De acordo com anúncios encontrados no jornal, a conferência fazia parte de um ciclo sobre Filosofia inglesa promovido pela Associação Argentina de Cultura Inglesa, o qual teve continuidade no dia 12 com David Hume, no dia 19 com F. H. Bradley e no dia 2 de agosto com Bertrand Russel. Todas essas conferências foram dadas por Borges.¹⁴¹

¹³⁹ CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 25 de agosto de 1954. Os planos quinquenais traçavam as metas do governo para o período.

¹⁴⁰ CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 28 de agosto de 1954.

¹⁴¹ “**Los filósofos ingleses: David Hume, el escéptico**”, por Jorge L. Borges, a las 19, en la Asociación Argentina de Cultura Inglesa, Juncal 851.” (CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de julho de 1954); “**F. H. Bradley y su doctrina de lo absoluto**”, Por Jorge L. Borges, a las 19, en la Asociación Argentina de Cultura Inglesa, Juncal 851.” (CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 19 de julho de 1954); “**La filosofía de Bertrand Russel**”, por Jorge L. Borges, a las 19, en la Asociación Argentina de Cultura Inglesa, Juncal 851.” (CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 2 de agosto de 1954).

Ainda em 1954, encontramos no *La Prensa* anúncios de outras duas conferências de Borges: uma sobre místicos do Oriente dada na SADE e outra a respeito de Flaubert no Instituto Francês de Buenos Aires.¹⁴²

Em primeiro lugar, é interessante destacar que o anúncio de conferências no *La Prensa* controlado pela CGT manteve o formato que o jornal já possuía antes da expropriação e que permanecia na imprensa liberal, como notamos, por exemplo, no *La Nación*. O título da conferência seguido pelo nome do conferencista, horário, local e endereço da exposição.

Além disso, Borges não é o único escritor de oposição que tem conferências anunciadas no *La Prensa*. Em 29 de maio de 1954 encontramos o anúncio de *Por qué y como se escribe una novela*, dada por Ernesto Sábato na Agrupación Impulso.¹⁴³ Em *La Gaceta* de Tucumán de 25 de agosto de 1952 já encontramos um comentário sobre essa conferência. O jornal apresenta Sábato como um “conhecido escritor”, como “o autor de *O túnel*” e fala que a conferência foi marcada pelo “êxito” e por um “debate entusiasta”. O jornal ainda destaca alguns pontos da conferência que, como veremos nos próximos capítulos, dialogam criticamente com parte da produção literária alinhada com o governo de Perón: segundo o *La Gaceta*, Sábato defendeu que o escritor deve estar condicionado apenas subjetivamente, ou seja, sem intenções políticas, e que os personagens devem predominar sobre a trama, exceto no romance policial. Defendeu ainda o emprego de uma linguagem concisa, como teria utilizado Sarmiento em sua época. Ao tratar da linguagem de Sarmiento, Sábato também colocou que é possível ser argentino sem ser folclórico, “ou seja, limitado”, nas suas palavras.¹⁴⁴ Em maio de 1954, o *La Prensa* se limita a anunciar a conferência, mas, considerando-se que era dada, pelo menos, há quase dois anos, e a repercussão que teve, por exemplo, em *La Gaceta* de Tucumán, parece ser muito pouco provável que seu conteúdo fosse ignorado pelos que dirigiam o jornal.

¹⁴² “**“Místicos de Oriente”**”, por Jorge L. Borges, a las 19, en la Sociedad Argentina de Escritores, Méjico, 524.” (CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 1º de julho de 1954); “**“Flaubert y la busca literaria de lo absoluto”**”, por Jorge L. Borges, a las 19, en el Instituto Francés de Buenos Aires, Maipú 1220.” (CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de setembro de 1954).

¹⁴³ CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 29 de maio de 1954.

¹⁴⁴ *La Gaceta*, San Miguel de Tucumán, 25 de agosto de 1952. p. 2. O jornal destaca que Sábato ainda condenou a crítica, ponto sobre o qual teria residido o debate.

Em 4 de junho de 1955, encontramos inclusive um escritor como Camus sendo tema de conferência dada por René Marill Albérès no Instituto Francês de Buenos Aires.¹⁴⁵ No *La Prensa* de 10 de agosto, vemos que a conferencista apresentou outra sobre Sartre na Aliança Francesa e que, no mesmo dia, o pensador francês foi tema de uma outra conferência, dada por Simone Gama no Instituto Francês de Buenos Aires.¹⁴⁶

Camus e Sartre como temas de conferências em um contexto marcado pelo polêmico rompimento entre ambos mostra a inserção do ambiente cultural argentino em debates travados internacionalmente, a ponto de o rompimento ser destacado por um periódico administrado por uma central sindical e ligado a uma política cultural nacionalista.¹⁴⁷ Tampouco o *La Prensa* se referiu apenas indiretamente ao rompimento, através dos anúncios das conferências. Em 11 de outubro e em 29 de dezembro de 1953, o *La Prensa* destaca a polêmica entre os escritores como um dos temas do segundo número da revista *Capricornio* (1953-1954). O destaque dado ao segundo número da *Capricornio* no *La Prensa* chama a atenção, também, pela ligação da revista, dirigida por Bernardo Korn (1915-2001), com o Partido Comunista, ainda que não fosse uma publicação oficial do partido.

Antes de prosseguir com a polêmica entre Camus e Sartre no *La Prensa*, cabe ressaltar que existe uma tensão entre as referências a editoras, periódicos, entidades e intelectuais não alinhados com a política cultural do governo e as menções aos alinhados. Como destacaremos ainda neste capítulo, a abertura no jornal aos não alinhados não se pauta exatamente pela tolerância. O *La Prensa* manifesta claramente suas preferências, ainda que, nas críticas, pareça evitar ataques diretos a nomes, periódicos e instituições diversas. Em 11 de outubro de 1953, a nota que se segue ao anúncio de lançamento do segundo número da *Capricornio* destaca a fundação de uma nova editora argentina, alinhada com as principais características da política cultural peronista que veremos no

¹⁴⁵ Além de colaboradora da revista *Sur*, René Marill Albérès integrou a comissão que concedeu a bolsa de estudos para Cortázar em Paris.

¹⁴⁶ CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de agosto de 1954. Em 6 de outubro do ano anterior, encontramos anúncio de uma conferência de Aurelio Maudet sobre *Las moscas* de Sartre. (CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de outubro de 1953).

¹⁴⁷ Resumidamente, Camus e Sartre romperam em 1952, pois passaram a discordar sobre a União Soviética. Enquanto Sartre manteve o apoio ao governo de Moscou, Camus passou a denunciar seus traços autoritários.

próximo capítulo:

Dentro de pocas semanas se iniciará la edición de obras de teatro de autores *argentinos*, con el nuevo sello “Losanje”. Es ésta una editorial planeada y dirigida por gente de la *nueva* promoción, bien inspirada con respecto a los autores *locales*, tan *dejados de lado* por las casas editoras instaladas en el país [grifos meus].¹⁴⁸

No *La Prensa* de 27 de abril de 1955, o rompimento entre Camus e Sartre volta a ser abordado, desta vez em um artigo maior, de meia página, *Las “tremendas” luchas literarias*, assinado por Alvaro Fontezuela. Apesar da ironia a respeito da intensidade da “luta” – e de outras desde o século XIX, comentadas pelo autor –, o texto não associa a obra de Camus e de Sartre às suas posições políticas. Trata-se de uma perspectiva que era recorrente em Borges e no grupo Sur, mas não no discurso de Perón e Evita. Como será desenvolvido no próximo capítulo, o peronismo defendia o engajamento político dos escritores, o qual deveria se manifestar em suas obras:

No por nada se rotula “Tiempos modernos” la revista en la que quedó documentada la colisión entre dos *significativos* escritores, sobre los que recayó una *popularidad inmensa*, tras haber sido liberada Francia. (...). Simone de Beauvoir, que en la vida privada es la esposa de Sartre (...) concluye su historia [*Os Mandarins*] ofreciendo la consoladora imagen de una reconciliación entre dos hombres de *finísimo talento* que siempre se respetaron y admiraron y cuyo choque sólo podía regocijar a los medíocres [grifos meus].¹⁴⁹

Retornando aos anúncios das conferências, tampouco a SADE teve apenas conferências dadas por Borges anunciadas no *La Prensa*. Encontramos desde temas estritamente literários – como *La técnica literaria y sus problemas*, dada por Carmelo M.

¹⁴⁸ *La Prensa*, Buenos Aires, 11 de outubro de 1953.

¹⁴⁹ FONTEZUELA, A. Las “tremendas” luchas literarias. *La Prensa*, Buenos Aires, 27 de abril de 1955. p. 7. Dirigida por Sartre, *Tempos Modernos* teve uma grande repercussão no meio intelectual argentino de meados do século XX. Foi uma das responsáveis pela promoção de Borges na França e, paralelamente, colaborou para aglutinar os jovens escritores “parricidas” da revista *Contorno* (1953-1959), para usar a expressão popularizada por Emir Rodríguez Monegal em *El juicio de los parricidas* (1956): parricidas, pois, seguindo a defesa do engajamento político dos intelectuais proposto por Sartre, desenvolveram uma crítica ao discurso apolítico assumido por Borges e outros representantes do grupo Sur, centrais na formação inicial destes jovens escritores. A respeito da revista *Contorno* ainda pode ser consultado o artigo de Beatriz Sarlo *Los dos ojos de Contorno* (*Revista Iberoamericana*, v. 49, nº 125, outubro-dezembro de 1983).

Bonet em 14 de junho e 5 de julho de 1954 – até outros referentes à tradição liberal argentina – como “*La Gaceta*” de *Buenos Aires y la prédica de Mayo*, dada por Juan Cánter em 2 de junho do mesmo ano. No caso da SADE, vemos, inclusive, o anúncio de duas conferências em um mesmo dia. A conferência de Carmelo M. Bonet no dia 5 de julho foi precedida por uma de Miguel A. Oliveira, *El verso en el teatro*. Conferências duplas sobre temas relacionados não eram incomuns no ambiente cultural argentino daquele período. Por exemplo, antes das conferências de Borges sobre F. H. Bradley e Bertrand Russell na Associação Argentina de Cultura Inglesa, em 19 de julho e 2 de agosto de 1954, Anne Crowter Randle dissertou sobre a História britânica.

Ainda houve ocasiões nas quais as conferências dadas na SADE receberam no jornal um espaço maior daquele dado na coluna de anúncios. Assim foi no dia 30 de outubro de 1953, quando se anunciou a conferência *El aspecto social de la poesía de José Pedroni*, dada por Mario Luis Descotte.¹⁵⁰ Pouco mais de um mês depois, em 11 de dezembro, foi destacado que a conferência *Bernard Shaw y Don Juan*, de Esther Z. de Torres, teria leituras cênicas.¹⁵¹

Além dos anúncios das conferências na SADE, na seção *Libros recibidos* do *La Prensa* foi acusado o recebimento de livros (re)lançados por Borges, dentre inúmeros títulos de outros autores. No dia 29 de novembro de 1953, foi acusado o recebimento de *Historia de la eternidad*, publicado pela editora Emecé.¹⁵² No dia 25 de julho de 1954, *Poemas*, também pela Emecé.¹⁵³ Em 16 de janeiro de 1955, *Historia universal de la infamia*, novamente pela Emecé.¹⁵⁴ Em 4 de abril de 1955, *La hermana de Eloísa*, escrita em colaboração com Luísa Mercedes Levinson.¹⁵⁵

No dia 16 de janeiro de 1955, além de anunciar o recebimento da reedição de *Historia universal de la infamia*, o *La Prensa* comenta *El sueño de los héroes* de Bioy

¹⁵⁰ “El aspecto social de la poesía de José Pedroni”. *La Prensa*, Buenos Aires, 30 de outubro de 1953. A nota aparece logo depois de uma sobre a realização de uma conferência de Omar Viñole, naquela noite, na ADEA, sobre a Filosofia moderna.

¹⁵¹ Conferencia con lecturas escénicas. *La Prensa*, Buenos Aires, 11 de dezembro de 1953.

¹⁵² Libros recibidos. *La Prensa*, Buenos Aires, 29 de novembro de 1953. p. 3.

¹⁵³ Libros recibidos. *La Prensa*, Buenos Aires, 25 de julho de 1954. Em *Poemas* foram reunidos *Fervor de Buenos Aires*, *Luna de enfrente* e *Cuaderno San Martín*, além de composições que apareceram em periódicos e outros livros. O livro compôs a coleção das obras completas de Borges lançada pela Emecé.

¹⁵⁴ Libros recibidos. *La Prensa*, Buenos Aires, 16 de janeiro de 1955.

¹⁵⁵ Libros recibidos. *La Prensa*, Buenos Aires, 4 de abril de 1955.

Casares, então recentemente lançado. Nenhuma crítica negativa é feita em relação ao livro. O comentário destaca a capacidade de Bioy Casares em compor “seres indubitavelmente reais” e ambientes “que conheceram os portenhos” e de neles introduzir a “magia da vida e seu mistério delicado”. O livro cumpriria, assim, os “difíceis requisitos” do “realismo mágico”, que exigiria um equilíbrio “(...) entre lo habitual de la vida y lo que la vida posee también de recóndita fantasmagoría (...).”¹⁵⁶ Vale frisar que essa crítica positiva aparece quase dois meses antes da premiação do livro pela SADE, o que também foi noticiado pelo jornal.¹⁵⁷

Vale ressaltar, também, que essa premiação de Bioy Casares não foi a única oportunidade na qual o *La Prensa* controlado pela CGT noticiou a entrega de prêmios pela SADE. Em 2 de novembro de 1953, o jornal destaca a abertura de inscrições para a premiação de livros em prosa e verso publicados naquele ano e dá instruções aos associados da SADE interessados em concorrer: deveriam enviar três exemplares de suas obras para a secretaria da entidade.¹⁵⁸ Em 20 de novembro, o *La Prensa* comunica que o Grande Prêmio de Honra, o principal dado pela SADE, foi concedido postumamente a Alberto Gerchunoff (1883-1950), e que a entrega do prêmio seria no dia 24.¹⁵⁹ No dia 25, o jornal detalha a noite de premiação:

Inicio el acto el presidente de la entidad, señor José Luis Lanuza, quien señaló la significación del homenaje, “que continuaba – dijo – la trayectoria de la institución al premiar la labor de sus socios más conspicuos y que más se hubieran destacado por la obra cumplida. A continuación el señor Jorge L. Borges trazó una semblanza de Alberto Gerchunoff, reseñando su vida y analizando los diversos matices de sus obras, desde “Los gauchos judíos” hasta “Advenimiento de la Argentina”.¹⁶⁰

O ato foi encerrado com a entrega do prêmio à filha do escritor, Rosa Esther

¹⁵⁶ “El sueño de los héroes” por Adolfo Bioy Casares. *La Prensa*, Buenos Aires, 16 de janeiro de 1955.

¹⁵⁷ La Sociedad de Escritores otorgó fajas de honor. *La Prensa*, Buenos Aires, 11 de março de 1955. Outro livro escolhido para receber a faixa de honra naquele ano foi o *Vida de Almafuerde* de Romualdo Brughetti, que também teve uma crítica positiva no *La Prensa* de 6 de junho de 1954.

¹⁵⁸ La Sociedad Argentina de Escritores otorgará fajas de honor. *La Prensa*, Buenos Aires, 2 de novembro de 1953.

¹⁵⁹ La S. de Escritores otorgó el Gran Premio de Honor a A. Gerchunoff. *La Prensa*, Buenos Aires, 20 de novembro de 1953.

¹⁶⁰ Fué tributado un homenaje a la memoria de A. Gerchunoff. *La Prensa*, Buenos Aires, 25 de novembro de 1953.

Gerchunoff. Não é demais recordar que o primeiro Grande Prêmio de Honra, dado a Borges, foi uma clara crítica aos concursos oficiais, os quais valorizariam somente propostas nacionalistas.¹⁶¹

Tão interessante como o anúncio do prêmio pelo jornal é o destaque dado ao premiado. Gerchunoff, russo de origem judaica, foi, além de escritor, jornalista e, em periódicos liberais como *Antinazi* e *Argentina Libre*, foi crítico da ditadura de 1943 e da ascensão de Perón, no qual chegou a ver um perigo de formação do IV Reich.¹⁶² Gerchunoff e Borges não foram casos isolados: a lista dos demais contemplados pelo prêmio – Ricardo Rojas, Eduardo Mallea, Ezequiel Martínez Estrada, Arturo Capdevila, Baldomero Fernández Moreno, Victoria Ocampo e Francisco Romero – aponta para uma relação estreita entre o Grande Prêmio de Honra da SADE e escritores não alinhados com o peronismo.

Em 1954, o *La Prensa* abre espaço para o prêmio Alberto Gerchunoff, parceria da SADE com o Instituto Judeu-Argentino de Cultura e Informação. O jornal destaca que poderiam concorrer livros em prosa, “(...) de ensayo, crítica o ficción (...)”, lançados na Argentina em 1952 e 1953. Destaca, ainda, que o prêmio de 5 mil pesos seria julgado, dentre outros, por Borges e José Luis Lanuza.¹⁶³ Em 12 de outubro, o jornal anuncia a entrega dos prêmios na noite anterior na sede da SADE: os premiados foram Manuel Mujica Láinez (1910-1984) e Samuel Eichelbaum (1894-1967).¹⁶⁴

Por falar em prêmios, em comparação com o de 5 mil pesos concedido pelo concurso Alberto Gerchunoff, surpreende o valor de 25 mil oferecido pelo Prêmio Eva Perón de Literatura para “obras de imaginação em prosa”, conforme destacado no *La Prensa* de 6 de outubro de 1954. O jornal destaca como jurados do concurso Alberto

¹⁶¹ Em 1942, contrariando todas as expectativas suscitadas por *El jardín de senderos que se bifurcan*, Borges não recebeu o principal prêmio da Comissão Nacional de Cultura.

¹⁶² SENKMAN, L. *Los gauchos judíos: una lectura desde Israel*. Disponível no site: <www.pampagringa.com.ar>. Acesso em: 11 jun. 2008. Gerchunoff emigrou em 1889 para a Argentina, onde viveu em Entre Ríos antes de se estabelecer em Buenos Aires.

¹⁶³ Será adjudicado este año el Premio “Alberto Gerchunoff”. *La Prensa*, Buenos Aires, 16 de julho de 1954.

¹⁶⁴ Fué otorgado el Premio Literario “A. Gerchunoff”. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de outubro de 1954. Manuel Mujica Láinez foi premiado por *Los ídolos* e Samuel Eichelbaum foi premiado pelo volume que reuni as obras teatrais *El gato y su selva*, *Un guapo del 900*, *Pájaro de barro* e *Dos brasas*.

Franco, María Granata e Luis Horacio Velázquez.¹⁶⁵ De acordo com a nota, o jurado foi composto pelo Sindicato de Escritores, ligado à CGT, a pedido do governo da Província de Buenos Aires, promotora do concurso. O destaque dado pelo jornal, o valor do prêmio concedido por um governo provincial e o envolvimento de instituições diversas novamente demonstram uma ação conjunta do governo de Perón para estimular a produção literária alinhada com sua política cultural e legitimar escritores favoráveis ao peronismo.

Contudo, a análise do próprio *La Prensa* mostra que prêmios concedidos pela SADE não eram os únicos além dos oficiais. Em 14 de fevereiro de 1953, o jornal anuncia o início de um concurso promovido conjuntamente pela editora Guillermo Kraft e pela Associação Amigos do Livro. O prêmio, 30 mil pesos para um argentino e outros 30 mil para um latino-americano, além da possibilidade de serem traduzidos ao francês e ao inglês.¹⁶⁶ Portanto, um valor maior do que o dado pelo concurso promovido pelo governo da Província de Buenos Aires, o qual destacamos acima. Em 8 de maio de 1954, encontramos no jornal os vencedores de outro concurso promovido pela editora Guillermo Kraft e pela Associação Amigos do Livro, desta vez sobre contos infantis: dentre os premiados, Rodolfo J. Walsh (1927-1977).¹⁶⁷

Em 1º de agosto de 1954, o *La Prensa* anuncia os vencedores de um concurso promovido pela editora Emecé: Beatriz Guido (1924-1988) por *La casa del angel* e María Angélica Bosco (1909-2006) pelo policial *La muerte bajo el ascensor*.¹⁶⁸ No dia 6, o *La Prensa* anuncia que os prêmios foram entregues na noite anterior. Alguns dados chamam a atenção: em primeiro lugar, a nota apresenta o número expressivo de 130 obras participantes. Além disso, entre os jurados do concurso encontramos o peronista Leopoldo Marechal, convocado por uma editora que, naqueles anos, publicava as obras completas de Borges pela primeira vez. A premiação de Bosco, por sua vez, indica a consolidação, o reconhecimento do policial na Argentina, gênero ao qual o nome de Borges já era bastante

¹⁶⁵ El S. de Escritores Consideró Diversos Asuntos de Interés. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de outubro de 1954.

¹⁶⁶ Concurso literario de Amigos del Libro. *La Prensa*, Buenos Aires, 14 de fevereiro de 1953. Para a escolha do latino-americano a ser premiado, haveria concursos parciais em cada um dos países do continente.

¹⁶⁷ Entregáronse los Premios De un Concurso Literario. *La Prensa*, Buenos Aires, 8 de maio de 1954.

¹⁶⁸ Otorgáronse los Premios De un Concurso Literario. *La Prensa*, Buenos Aires, 1º de agosto de 1954. Também foi recomendada a publicação de Adolfo Jasca (*Los tallos amargos*) e Angel Pérez Zelaschi (*El terraplén*).

ligado.¹⁶⁹

Encontramos, inclusive, concursos de melhor edição, o que é um indício de consolidação do mercado editorial argentino. O *La Prensa* de 14 de outubro de 1954 anuncia os trinta premiados pela Câmara Argentina do Livro no biênio 1953-1954 e destaca-se o predomínio de livros de autores estrangeiros entre os vencedores.¹⁷⁰

Retornando a *Libros recibidos*, a análise da coluna ressalta o que vemos nos anúncios das conferências: publicações do governo de Perón ou favoráveis a ele dividem espaço com autores e obras não alinhados politicamente. Por exemplo, em 27 de setembro de 1953, encontramos desde *El arte glorifica a Eva Perón*, publicado pela Prefeitura de Córdoba, até novas edições de *Radiografía de la pampa* (1933), de Ezequiel Martínez Estrada, e de *La invención de morel* (1940), de Bioy Casares.¹⁷¹ Em 15 de novembro, encontramos *El juez*, de H. A. Murena, e *El hombre del crepúsculo*, de Estela Canto (1919-1994).¹⁷² O lançamento do livro de Estela Canto já tinha sido anunciado no suplemento literário do *La Prensa* em 16 de outubro.¹⁷³ Em 29 de novembro, quando se acusa o recebimento de *Historia de la eternidad* de Borges, vemos um panorama variado não somente na Literatura: dentre os autores citados, Vicente Barbieri (*El bailarín*), René Marill Albérès (*La rebelión de los escritores de hoy*) e também nomes ligados à esquerda como Neruda (*20 poemas de amor y una canción desesperada*) e Trotsky (*¿Qué fue la revolución*

¹⁶⁹ Fueron Entregados Ayer las Recompensas de un Certamen Literario. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de agosto de 1954. O livro de Bosco foi incluído na Séptimo Circulo, coleção da Emecé organizada por Borges e Bioy Casares. No *La Prensa* de 4 de junho de 1954, vemos que a Dirección General de Cultura do governo estava promovendo um ciclo de conferências denominada “Síntesis culturales argentinas”. Naquela noite, o escritor Alfonso Ferrari Amores falaria, justamente, sobre o conto policial argentino. (Hablará A. Ferrari Amores sobre el cuento policial. *La Prensa*, Buenos Aires, 4 de junho de 1954).

¹⁷⁰ “Obtuvieron las recompensas las obras de los escritores Maurice Busset, Flora de Sanctis, Will Durant, Lucas Bridges, J. Draghi Lucero, Franz Kafka, W. Steckel, André Maurois, Miguel de Unamuno, Rodolfo Mondolfo, Ricardo Levene, Etienne Gilson, A. De Palma, Karl Menninger, Pietro Onida, M. de Vedia, Luisa M. de García, Josefina Passadori, H. Anderson, M. A. Olivera, Roberto Ledesma, Mark Twain y Joan Merli. Premiósse asimismo a un libro ilustrado por Aldo Altomare, un Misal Romeno, y el poema “Santos Vega” de Ascasubi, así como también a las colecciones “Ciencia y cultura”, “Novelistas argentinos contemporáneos” y “Grandes ensayistas””. (La Cámara Argentina del Libro Otorgó Recompensas. *La Prensa*, Buenos Aires, 14 de outubro de 1954).

¹⁷¹ Libros recibidos. *La Prensa*, Buenos Aires, 27 de setembro de 1953. A primeira edição de *La invención de Morel* teve prólogo escrito por Borges.

¹⁷² Libros recibidos. *La Prensa*, Buenos Aires, 15 de novembro de 1953. Ambos eram colaboradores da revista *Sur*. Estela Canto teve um relacionamento amoroso polêmico com Borges.

¹⁷³ *La Prensa*, Buenos Aires, 16 de outubro de 1953.

rusa?).¹⁷⁴

Livros de autores peronistas eram frequentes na coluna, fossem ou não de Literatura. Para citar alguns exemplos, apareceram na coluna *Se dice hombre* de Jorge Perrone (22 de junho de 1952)¹⁷⁵, *Pequeña antología* de Leopoldo Marechal (20 de junho de 1954)¹⁷⁶, *Ámbito del hombre* de Luis Horacio Velázquez (6 de outubro de 1954), *Guía para análisis analógico de “La Razón de mi Vida” de Eva Perón*, escrito por Adelina Cantarella (6 de dezembro de 1953) e *Perón, el visionario* de Jorge Newton (27 de março de 1955). Entretanto, além dos já mencionados, na mesma coluna também apareceram textos de autores e editoras não alinhados com o governo de Perón, como *Los nombres* de Silvina Ocampo (22 de fevereiro de 1954)¹⁷⁷, *Vida de Aniceto el Gallo* de Manuel Mujica Láinez (27 de março de 1955, mesmo dia no qual se acusou o recebimento do livro de Jorge Newton sobre Perón), *Ni víctimas ni verdugos* de Camus (10 de julho de 1955) e *Benito Lynch y su mundo campero* de Germán García (24 de abril de 1955), publicado pelo Colégio Livre de Estudos Superiores de Bahía Blanca em um momento no qual a sede de Buenos Aires estava fechada por determinação do governo.

Não é demais frisar que a coluna *Libros recibidos* não se referia à totalidade do mercado editorial argentino, mas apenas aos livros recebidos pelo *La Prensa*. Logo, se considerarmos também as ausências e as possíveis seleções feitas pelo jornal, a coluna apresenta um panorama no qual as publicações alinhadas com o governo distam de ser hegemônicas no mercado editorial argentino daqueles anos. Distam de ser os títulos inventados por Victoria Ocampo na mencionada carta a Roger Caillois.

Finalmente, nos deparamos com um quadro no qual o *La Prensa* controlado pela CGT anuncia conferências de Borges, o que o escritor passou a fazer após perder o

¹⁷⁴ Libros recibidos. *La Prensa*, Buenos Aires, 29 de novembro de 1953.

¹⁷⁵ Perrone foi premiado em concurso promovido pelo Ministério da Educação da Província de Buenos Aires, o qual publicou o livro. Em 13 de julho de 1952, *Se dice hombre* é comentado no suplemento literário do *La Prensa* e se nota o alinhamento político com o peronismo. O comentário destaca que a narrativa começa em 1945 e que os seus “(...) personajes son jóvenes que viven el mundo de las redacciones de los diarios. Y sus inquietudes son sugeridas por la nueva realidad argentina (...)” (“Se Dice Hombre” por Jorge Perrone. *La Prensa*, Buenos Aires, 13 de julho de 1952. p. 5).

¹⁷⁶ Em 26 de junho, o livro foi comentado no suplemento literário do jornal.

¹⁷⁷ No mesmo dia, se acusa o recebimento de duas publicações da editora Botella al Mar: *Dos poemas* de Carlos Drummond de Andrade e *En cinco tiempos* de Norma Dumas. Em 21 de abril de 1954, Julio Cortázar escreve para Damián Bayón que a editora “(...) es de las que tiran a las playas papelitos interesantes, y la gente empieza, supongo, a darse cuenta.” (BERNÁRDEZ, op. cit., p. 290).

emprego na biblioteca Miguel Cané. Encontramos notícias sobre a entrega do Grande Prêmio de Honra da SADE, que surgiu para enfrentar a tendência nacionalista que se notava em alguns concursos governamentais. Vemos no jornal livros de autores não alinhados politicamente com o peronismo ao lado de livros de autores alinhados. Discordamos daqueles que podem ver nisso um desinteresse, uma displicência do peronismo em relação à literatura e à produção cultural de um modo mais amplo. Um exemplo disso é que o relativo equilíbrio observado nos anúncios das conferências e dos livros recibidos desaparece no suplemento literário do jornal publicado aos domingos, o qual priorizou os autores alinhados com o governo de Perón, apesar das exceções que destacamos: Romualdo Brughetti, Bioy Casares, Estela Canto, etc.

O governo de Perón também acompanhava de perto os eventos e periódicos culturais. Por exemplo, María Felisa Fernández Alberté menciona que as atividades culturais e a assembléia de troca da diretoria foram proibidas na SADE entre agosto de 1952 e agosto de 1953.¹⁷⁸ Mediante apelo a Angel J. Borlenghi, Ministro do Interior, a SADE conseguiu retomar as suas atividades. Em 1º de setembro de 1953, o *La Prensa* noticia que, na noite anterior, tinha ocorrido a assembléia, na qual foram convocadas eleições para o dia 19.¹⁷⁹ No dia 20, encontramos uma nota sobre a troca de autoridades: Borges é citado como um dos vocais da nova diretoria.¹⁸⁰ Em 1955, a troca de diretoria na SADE foi novamente anunciada pelo *La Prensa*.¹⁸¹

Fernández Alberté lembra ainda que, em junho de 1954, a SADE teve curso e conferências proibidas pela polícia.¹⁸² Foi necessário apelar novamente ao Ministro do Interior para retomar as atividades. Assim como no exemplo anterior, a proibição não impediu que, já no mês seguinte, fossem anunciadas no *La Prensa*, como vimos, as conferências de Carmelo M. Bonet e Miguel A. Oliveira, além da realização do prêmio

¹⁷⁸ FERNÁNDEZ ALBERTÉ, M. F. *El gremialismo intelectual en Jorge Luis Borges: su trayectoria como co-fundador de la Sociedad Argentina de Escritores*. Buenos Aires: Corregidor, 2001. p. 134-137.

¹⁷⁹ Realizó su Asamblea Anual la Sociedad de Escritores. *La Prensa*, Buenos Aires, 1º de setembro de 1953.

¹⁸⁰ Renovó sus autoridades la Sociedad de Escritores. *La Prensa*, Buenos Aires, 20 de setembro de 1953. p. 3.

¹⁸¹ Realizara la S.A.D.E. su asamblea anual. *La Prensa*, Buenos Aires, 23 de julho de 1955; Renovó su Comisión la Sociedad de Escritores. *La Prensa*, Buenos Aires, 21 de agosto de 1955.

¹⁸² O curso proibido foi *El hombre, en la filosofía actual*, que seria dado por Francisco Romero. As conferências proibidas foram *La obra de arte, configuración creadora*, de Córdoba Iturburu, *Unidad y sentido en la obra de Aldous Huxley*, de Celia de Diego e uma sobre a revista *Semanario* dentro do ciclo *Las revistas literarias de hoy*.

Alberto Gerchunoff.

Não encontramos nenhuma nota no *La Prensa* a respeito das duas proibições. Portanto, o autoritarismo do governo de Perón teve um caráter velado. Consideramos, assim, que esse caráter velado não nos permite falar em uma cumplicidade dos setores populares com o autoritarismo peronista ou na prioridade dada por estes setores às conquistas sociais e trabalhistas em detrimento de questões referentes à consolidação da democracia. A tradição liberal, retomada durante a Segunda Guerra Mundial por instituições como a Ação Argentina, como nos demonstra Andrés Bisso, fez com que no país tivesse havido “apenas” um fascismo possível, para retomar as palavras de Tulio Halperin Donghi em 1956.¹⁸³ Daí, acreditamos, a menção a escritores, grupos e entidades não alinhados com o governo de Perón nas páginas do *La Prensa* controlado pela CGT, inclusive após ocorrerem enfrentamentos diretos (demissões, censura, prisões, etc.) com alguns deles.

Retornaremos ao *La Prensa* no próximo capítulo. Analisaremos como algumas propostas culturais, desta vez alinhadas com o governo peronista, foram tratadas pelo jornal. Analisaremos, ainda, como a política cultural do governo tentou se apropriar da tradição liberal argentina do século XIX, através de figuras como Sarmiento e o poeta Hilario Ascasubi.

Consideramos pertinentes alguns aspectos apresentados por Adolfo Prieto em *Sociología del público argentino*, obra publicada em 1956 após a queda de Perón. Apesar do seu ceticismo/conservadorismo quanto à maturidade das leituras realizadas pelos argentinos, Prieto considera que a política de pleno emprego do peronismo fez com que parte dos trabalhadores passassem a adquirir livros e revistas. Certamente, nesse ponto, uma das causas da impossibilidade do governo peronista levar adiante uma política cultural ortodoxa, no sentido de conter a produção cultural dos opositores ou silenciar completamente sobre ela. “Todos leen, o al menos conocen, algunas de las revistas consideradas de cultura; están al tanto de los demás resonantes éxitos de librería; averiguan

¹⁸³ Em tempo, Victoria Ocampo, Borges e Bioy Casares, dentre outros escritores, participaram da Ação Argentina.

los nombres famosos; compran a los clásicos y leen a los contemporáneos más visibles.”¹⁸⁴ De certo modo, pautando-se em outros referenciais, Prieto antecipa o destacado por Canclini. Ainda que considere o processo “incompleto”, visão valorativa que não observamos em Canclini, Prieto não deixa de destacar algumas conseqüências da modernização na Argentina, as quais estariam borrando as fronteiras entre o considerado culto e o tido como popular.

Canclini destaca que a “(...) bibliografia sobre cultura costuma supor que existe (...) um destino fatídico dos populares que os arraiga às tradições.”¹⁸⁵ Em um momento marcado pela ascensão dos setores populares no cenário político argentino, esse “destino” teria contribuído para alimentar o vazio cultural por vezes atribuído ao governo de Perón. Assim, não foi casual começar a explorar a produção cultural argentina durante o governo de Perón priorizando os antiperonistas. Menos ainda levantar essa produção a partir de um periódico destinado aos trabalhadores como o *La Prensa* administrado pela CGT. A produção e o reconhecimento de antiperonistas perturba a relação comumente estabelecida entre o popular e o tradicional (agrário, local, nacional, etc.). Frisamos: não foi e talvez não seja possível saber se esses antiperonistas eram massivamente lidos pelos setores populares. Entretanto, para um público crescente, consideramos possível afirmar que tinham se tornado referências da cultura argentina. Os escritores antiperonistas não parecem ter estado em um campo tão oposto e distante ao dos setores populares como sugere o relato de Ernesto Sábato sobre a queda de Perón destacado no início do capítulo. De acordo com Canclini:

É preciso desfazer as operações científicas e políticas que levaram o popular à cena. Três correntes são protagonistas dessa teatralização: o folclore, as indústrias culturais e o *populismo político*. Nos três casos, veremos o *popular como algo construído, mais que como preexistente* [grifos meus].¹⁸⁶

¹⁸⁴ PRIETO, A. *Sociología del público argentino*. Buenos Aires: Leviatã. p. 46. Prieto defende que, inicialmente, a aquisição de bens culturais pelos trabalhadores se refere a um consumo de ostentação, tendo em vista transparecer a ascensão social. Nas suas palavras, a cultura seria vivida apenas como espetáculo por esses setores. No que se refere estritamente à literatura, Prieto considera que, de 10 milhões de leitores, apenas 100 mil seriam constantes e teriam “maturidade”. De qualquer maneira, o próprio autor reconhece a imprecisão dos números e destaca, positivamente, que 100 mil já seria um público amplo demais para ser considerado apenas de elite.

¹⁸⁵ CANCLINI, op. cit., p. 206.

¹⁸⁶ Ibid., p. 206-207.

CAPÍTULO III. FIERRO NÃO ESTÁ SÓ: PROPOSTAS E PERIÓDICOS CULTURAIS NACIONALISTAS DURANTE O GOVERNO DE PERÓN.

El sentido misional de la cultura hispánica, que catequistas y guerreros introdujeron en la geografía espiritual del Nuevo Mundo, es valor incorporado y absorbido por nuestra cultura, lo que ha suscitado una comunidad de ideas e ideales, valores y creencias, a las que debemos preservar de cuantos elementos exóticos pretenden mancillarla.

Perón.¹

He hablado de una política cultural y puedo demostrar con cabal confianza que el gobierno tiene una política cultural, desarrolla una política cultural, y que este Congreso de Bibliotecas Populares, cualquiera sean sus frutos, es la representación de una auténtica política educacional y cultural.

Julio Cesar Avanza, Ministro da Educação da Província de Buenos Aires.²

ESTA REVISTA, destinada a difundir nuestro estilo de vida, en el mundo de habla española, es editada por el gobierno argentino, pero de ninguna manera es una revista oficial. Se trata de un órgano de nuevo y antiguo tipo, que responde a la vez al moderno concepto de la prensa y al alto ejemplo que nos dieron los fundadores de la nacionalidad.

Cuando en 1810 comenzó a gobernar la Primera Junta se encontró con que ya existía en el país la prensa libre, de iniciativa privada, pero no vio en ella el instrumento suficiente para llevar adelante la Revolución de Mayo. Creó entonces la GAZETA DE BUENOS AYRES, como órgano de la revolución.

Oscar Ivanissevich, Ministro da Educação do governo de Perón, no primeiro número da revista *Argentina*.³

Admiro [em Juan Manuel de Rosas] su honradez administrativa y su perseverante nacionalismo, pero deploro su política interna apasionada, personal y arbitraria, pero obligada sin duda por las circunstancias. Mi devoción por la libertad es inconmensurable y me hace odiar las tiranías, vengan de donde vengan (...).

Mario Cesar Gras, em artigo publicado na revista nacionalista *Tellus*.⁴

Peronismo, nacionalismo e política cultural.

Uma imagem estampou a abertura do *Guia de Bibliotecas Argentinas*, publicado pelo Ministério da Educação argentino em 1954. No centro, em destaque, uma alegoria da República Argentina, com traços indígenas, segura um exemplar do *Martín Fierro* de José

¹ PERÓN, *Doctrina Peronista*, p. 293.

² *Primer Congreso Provincial de Bibliotecas Populares*. La Plata: Provincia de Buenos Aires; Ministerio de Educación; Dirección General de Bibliotecas, 1951. p. 25. Na Argentina, a palavra ministro também é usada para designar o que chamamos de secretários municipais e estaduais.

³ IVANISSEVICH, O. "Argentina". *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, 1º de janeiro de 1949. p. 2.

⁴ GRAS, M. C. Rosas y Urquiza. *Tellus*, Paraná, nº 2, março de 1948. p. 76.

Hernandez. Ao fundo, colunas gregas, a loba capitolina, um totem indígena e um cacto, daqueles imortalizados por Hollywood em produções que se passam no México. Embaixo, a inscrição “Cultura Humanística y Cristiana”. A imagem estampou a abertura do *Guia de Bibliotecas Argentinas*, publicado pelo Ministério da Educação argentino em 1954.

A presença de elementos tão díspares na imagem poderia indicar que o governo de Perón não teve uma política cultural clara. Entretanto, como destacamos na introdução, Michel de Certeau, ao conceituar política cultural, fala em um “conjunto mais ou menos coerente de objetivos, de meios e de ações”, ou seja, não descarta a existência de “incoerências” e divergências internas. Ao analisarmos propostas e periódicos culturais nacionalistas durante o governo de Perón, encontramos uma pluralidade que vai além da valorização do gaúcho e do interior presente no poema *Martín Fierro* de Hernandez. O gaúcho Martín Fierro, protagonista do poema, não esteve só durante o governo de Perón ou, ainda, encontrou e percorreu diversos caminhos em suas andanças pelos pampas.

Neste capítulo abordamos as principais temáticas da política cultural do governo de Perón e as propostas de algumas publicações culturais nacionalistas. A temática nacionalista, como podemos observar, é o principal ponto de contato entre as proposições do governo e periódicos como as revistas *Argentina*, *Tellus* e *Substancia* e o jornal *La Prensa* administrado pela CGT. As publicações, evidentemente, não tinham uma linha editorial comum, mas expressavam as suas concepções de “argentinidade” e se apresentavam como porta-vozes da cultura popular. Sendo ou não diretamente ligadas ao governo de Perón, os periódicos reiteravam a ordem discursiva que as políticas governamentais tentavam estabelecer na Argentina. Ao referir-se a esta nacionalidade invocada pelo governo, pelos órgãos de imprensa controlados por Perón ou mesmo por revistas nacionalistas “independentes”, identificamos que escritores e temas divergentes do peronismo estão presentes no debate, evidenciando ser algo mais amplo que os esforços de controle da política cultural do governo. Ao lidarmos com cultura, evidentemente, constatamos que os discursos não são unívocos e que muitos temas expressam “ambiguidades”, tensões que estão arraigadas na tradição cultural argentina.

A pluralidade da política cultural peronista tem alguns determinantes. De um modo geral, a política cultural do governo de Perón foi bem recebida por setores nacionalistas da sociedade argentina. Porém, houve divergências sobre o que seria predominante na

caracterização do nacional. Outra questão que os peronistas e os nacionalistas se detiveram de forma não consensual foi como lidar com a tradição liberal argentina. Além disso, como indica a passagem de Mario Cesar Gras sobre Rosas, destacada na epígrafe, o apoio ao nacionalismo não parece ter levado necessariamente a um apoio incondicional ao peronismo no âmbito estritamente político: o nacionalismo não legitimaria o autoritarismo. Desse modo, ainda que a política cultural peronista tenha conciliado uma diversidade de propostas em seu seio, cabe distinguir atuação cultural do governo, dos peronistas (nas províncias, por exemplo) e dos nacionalistas no período.

Se pluralidade fosse o principal critério para se invalidar uma determinada política cultural, os antiperonistas tampouco teriam tido uma. A heterogeneidade de forças políticas que compuseram a União Democrática nas eleições presidenciais de 1946 contra Perón repercutiram no âmbito cultural. Se tomarmos novamente a revista *Sur* como parâmetro para se analisar a atuação dos antiperonistas na esfera cultural, também encontramos várias divergências internas. Era uma publicação que abrigava desde liberais considerados tradicionais como a proprietária Victoria Ocampo até comunistas como Maria Rosa Oliver.⁵ Apenas para mencionar alguns exemplos, existiram divergências quanto à abordagem ou não da política pela revista.⁶ Houve desentendimentos a respeito da predominância do americano ou do europeu no cosmopolitismo reivindicado pela *Sur*.⁷ Críticas foram feitas a autores e gêneros publicados pela própria revista.⁸ Existiram debates a respeito da função

⁵ Nasceu em 1898 em Buenos Aires. Defensora dos direitos das mulheres, compôs o Comitê de Colaboração da *Sur*. Entre 1942 e 1946, colaborou com o governo Roosevelt em assuntos interamericanos. Entre 1948 e 1962, participou do Conselho Mundial da Paz. Maria Rosa Oliver foi uma das melhores amigas de Victoria Ocampo. Faleceu em 1977.

⁶ Em abril de 1946, a *Sur* publicou *Literatura Gratuita y Literatura Comprometida*, debate no qual foi condenada a substituição da arte pela moral, a substituição da estética pelo chamado compromisso do intelectual com a sociedade. Entretanto, no debate, Jean Guéhenno defendeu que não há Literatura gratuita e Wladimir D'Ormesson que não se comprometer é uma forma de compromisso. Guéhenno ainda considerou que não é um problema a Literatura tratar de política, mas ser dominada por ela. De modo semelhante, Vera Macarov defendeu a Literatura gratuita como um contraponto ao autoritarismo crescente de alguns Estados naquele momento. "Hay cierto compromiso en la gratuidad. Durante los últimos tiempos el Estado ha tomado parte tan activa en la vida privada que la gratuidad es, a veces, la afirmación reiterada de la libertad individual." (*Literatura Gratuita y Literatura Comprometida*. *Sur*, Buenos Aires, nº 138, abril de 1946. p. 118).

⁷ Waldo Frank, um dos fundadores da revista, defendia o elemento americano sobre o europeu. Entretanto, a eclosão e o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial acabaram levando a um predomínio do europeu na revista.

⁸ Vimos no capítulo anterior como algumas das principais críticas a Borges surgiram dentro da própria revista *Sur*.

social da mulher.⁹ Houve divergências quanto ao papel dos intelectuais argentinos depois da queda de Perón.¹⁰

Beatriz Sarlo, ao estudar as narrativas semanais de caráter sentimental publicadas entre 1917 e 1927, destaca que se “(...) la literatura pasada puede contemplarse como una antología de las grandes obras, es sabido que la literatura presente se parece más a un flujo donde no se han realizado todavía cortes.”¹¹ Semelhante ao mencionado por Sarlo, consideramos que o já citado distanciamento entre peronismo e produção cultural foi construído posteriormente, pois não é apreensível em fontes correspondentes ao período do governo de Perón. Ainda como Sarlo destaca ao estudar as narrativas sentimentais, a “cultura popular” é um terreno onde os pesquisadores costumam oscilar entre o elitismo e o populismo.¹² Enquanto os elitistas consideram inferior a produção cultural voltada aos setores populares, os populistas a valorizam justamente por isto. De qualquer modo, independentemente de seu “valor”, a preocupação do governo de Perón em implantar uma política cultural e em como lidar com a tradição liberal argentina sugere que os setores populares não estavam alheios à produção cultural. A produção cultural era palco e alimentava as disputas políticas argentinas em meados do século XX.

A cultura no discurso de Perón e Evita.

A cultura foi tema recorrente no discurso de Perón e Evita. Por exemplo, em *Doctrina Peronista e Conducción Política* de Perón e em *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo* de Evita há capítulos destinados exclusivamente à cultura. Além disso, não foram incomuns os apelos do governo para que os intelectuais

⁹ Em *Sobre la metafísica del sexo*, publicado no número 209-210 da revista *Sur*, correspondente a março-abril de 1952, Ernesto Sábato destacou, dentre outros pontos, que as mulheres não primavam pela abstração, motivo pelo qual ainda não teriam se destacado como filósofas. No número 211-212, correspondente a maio-junho de 1952, Victoria Ocampo criticou a generalização feita por Sábato. No número seguinte, o 213-214, de julho-agosto de 1952, Sábato se defendeu destacando que criticou as feministas e não as mulheres.

¹⁰ Como veremos no próximo capítulo, em *El Otro Rostro del Peronismo*, Ernesto Sábato criticou a indiferença dos intelectuais durante o governo de Perón, o qual teria conseguido canalizar em seu proveito o ressentimento dos setores populares. Ezequiel Martínez Estrada, em *¿Qué es esto?*, também destaca o ressentimento dos setores populares e considera que Perón ascendeu politicamente pela ausência de alternativas oferecidas pelos demais grupos e partidos políticos argentinos.

¹¹ SARLO, B. *El Imperio de los Sentimientos*. Buenos Aires: Norma, 2004. p. 19-20.

¹² No livro, Sarlo emprega o termo populismo em um sentido amplo, como “resgate”, valorização e defesa do supostamente popular.

apoiassem a política cultural peronista. Em 13 de novembro de 1947, diante de uma comissão formada por intelectuais, Perón declarou que estes deveriam “(...) agruparse en una sola organización para luchar por la obtención común a todos: el objetivo de la Nación.”¹³

Na epígrafe deste capítulo, Perón reivindica como elementos centrais do nacional a herança hispânica e católica. Segundo Perón, a universidade argentina deveria desenvolver uma consciência histórica marcada pela continuidade com o passado colonial. “No ha de haber laguna entre los albores de nuestra personalidad política independiente y la historia que arranca hace más de tres milenios, de los berroqueños riscos pirenaicos y carpetovetónicos.”¹⁴ Essa preocupação com a consciência histórica teve como um de seus desdobramentos uma atenção especial com o castelhano, que deveria ser preservado e defendido. “La consciencia nacional ha de formarse en concordancia con el lenguaje (...).”¹⁵

A reivindicação da herança católica por Perón remete a uma concepção de cultura como instrumento de formação e aprimoramento moral dos cidadãos. Em seus discursos, Perón parece direcionar essa responsabilidade, no âmbito institucional, principalmente aos professores. Daí o estabelecimento do ensino religioso nas escolas desde a ditadura de 1943.¹⁶ Desse modo, as escolas – e as universidades – são as instituições culturais privilegiadas nos discursos de Perón.

¹³ El presidente de la nación argentina, Gral. Juan Perón, se dirige a los intelectuales, escritores, artistas pintores y maestros. 1947. p. 19. A tensão entre o governo e os intelectuais apenas cresceria de modo mais expressivo no segundo mandato de Perón. Em *A razão de minha vida*, ao se lembrar do 17 de outubro de 1945, Evita coloca os “sábios” como membros da oligarquia. De acordo com Eva Perón, naquela data, repetiu-se, “(...) sem variantes, o caso de Belém, ocorrido um bimilênio atrás: os primeiros a acreditarem haviam sido os humildes, os desamparados; não os ricos, não os sábios, não os poderosos [grifo meu].” (PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, p. 33-34).

¹⁴ PERÓN, J. D. *Doctrina Peronista*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996. p. 301.

¹⁵ Ibid., p. 308.

¹⁶ Além do propalado discurso da formação moral, a defesa do ensino religioso remete ao estabelecimento de uma relação menos tensa com os católicos, grupo predominante e influente dentro da Argentina, inclusive com vários intelectuais que formavam correntes de opinião como o sacerdote Julio Meinvielle, o padre Leonardo Castellani, o monsenhor Gustavo J. Franceschi e o escritor Martínez Zuviría, conhecido pelo pseudônimo de Hugo Wast, o qual, como Ministro de Justicia e Instrucción Pública, implantou o ensino religioso durante a ditadura de 1943. Sobre a influência política da Igreja argentina pode ser consultado o primeiro tomo do recente livro de Horacio Verbitsky, *Cristo vence: la Iglesia en la Argentina. Un siglo de historia política (1884-1983)* (Buenos Aires: Sudamericana, 2007): o primeiro tomo compreende os governos de Roca a Perón. O poder político da Igreja na Argentina pode ser sentido no segundo mandato de Perón, quando o governo e o clero romperam. Dentre as causas do rompimento, a santificação popular de Evita, a tolerância do governo com o crescimento do protestantismo no país e a fundação do Partido Demócrata

Como analisaremos melhor no próximo capítulo, o trabalho no discurso de Perón não é apenas um instrumento de desenvolvimento econômico do país, mas também de aprimoramento moral dos cidadãos. Por isso, na escola e universidade defendidas por Perón, existe uma crítica constante ao enciclopedismo e à politização destas instituições, as quais deveriam primar por um ensino “útil”, técnico, especializado. Assim, apesar de Perón defender uma “educação integral”, “física”, “espiritual” e “intelectual”¹⁷, os setores populares teriam acesso a esta educação de forma desigual:

Lo que nos proponemos, entonces, es ir dando a cada argentino la seguridad de un porvenir que será proporcional a sus condiciones. Sabemos perfectamente que no se puede igualar a los hombres, porque Dios los ha hecho distintos y, en consecuencia, sabemos también que las posibilidades de unos y de otros son diferentes. Por ejemplo, no es el mismo el nivel de cultura de todos los empleados, *ni nosotros pretendemos que sea así* [grifo meu].¹⁸

Religião, moral e trabalho, este tripé da política cultural peronista estava relacionada à conciliação entre o capital e o trabalho, à conciliação de classes, pretendida pelo governo de Perón. O material, representado pela implantação de medidas sociais e trabalhistas, não deveria predominar sobre o espiritual. Apenas as medidas sociais e trabalhistas não representariam a solução dos problemas de cunho moral/religioso. Assim, é de se destacar como Perón traça um paralelo entre trabalhadores e imoralidade:

(...) dijimos que era necesario elevar la cultura social de los trabajadores, pero que esa elevación no implicaba solamente el ir haciendo de nuestro trabajador cada día un ente más capacitado para su vida, solamente en el orden material o en el intelectual, sino que por sobre todas las cosas había que buscarle una mayor capacitación en el orden moral.¹⁹

Apesar da reivindicação do legado hispânico e católico, o discurso de Perón apresenta brechas que mostram outras interferências na concepção de sua política cultural. Se por um lado a Argentina era herdeira da Espanha, Perón acreditava que a Espanha, por outro, era herdeira da tradição clássica. “¡España, Madre Nuestra. Hija eterna de la inmortal

Cristão em 1954. O rompimento aglutinou os antiperonistas, fortaleceu os opositores diante da opinião pública e ajudou a criar condições para que um golpe fosse bem sucedido, como, de fato, ocorreu em 1955.

¹⁷ PERÓN, *Doctrina Peronista*, p. 304.

¹⁸ *Ibid.*, p. 304.

¹⁹ *Ibid.*, p. 305.

Roma, heredera dilecta de Atenas la grácil y de Esparta la fuerte (...)!”²⁰ Em *Doctrina Peronista*, Perón efetua uma distinção entre pensar como argentinos e pensar como membros da humanidade. Em um item do livro, aliás, chamado “Política Cultural”, Perón destaca que a intervenção do governo na cultura deveria ter como meta a uniformidade de pensamento como argentinos, pois como homens seria impossível. “Lo que el Estado debe dar a cada hombre es cómo debe pensar como argentino, para que él, como hombre, piense como se le ocurra.”²¹

Em Evita, a reivindicação da herança hispânica também está presente. “(...) América es la eternidad de España en el mundo de la civilización.”²² Também estão presentes o enaltecimento do catolicismo e a preocupação com a formação e o aprimoramento moral dos argentinos. De acordo com Evita, a justiça e a paz social apenas poderiam ser obtidas “(...) con la buena voluntad de la educación cristiana, fraternal y solidaria en lo privado y lo público, y jamás con el individualismo ateo y materialista.”²³ Nesse ponto destaca-se uma diferença entre Perón e Evita, a qual dá particular ênfase à importância da família nesse processo. Exemplo disso foi uma tentativa de aproximar as famílias das escolas através da criação dos clubes escolares, projeto que abria as dependências das escolas para uso dos familiares dos alunos.

Quando se referem particularmente à escola e professores, Perón e Evita demonstram enfrentar obstáculos para tornar a escola um dos principais eixos de sua política cultural. Há, por exemplo, um reconhecimento quanto à defasagem na remuneração de professores. Segundo Perón, não “(...) se puede pretender que cada docente sea un héroe (...).”²⁴ Evita, por sua vez, destaca que “(...) los maestros argentinos han sufrido y *sufren* las

²⁰ Ibid., p. 303. Este discurso de pertencimento à cultura universal é clássico no pensamento hispano-americano. Edmundo O’Gorman, em *La invención de América* (México: FCE, 2006), apresenta os primeiros esforços de inserir esta “quarta parte” do mundo à história européia, ainda no século XVI. Na Argentina, dentre outros, é conhecida a afirmação de Juan Bautista Alberdi no primeiro parágrafo de *Fundamentos da organização política da Argentina*: “A América foi descoberta, conquistada e povoada pelas raças civilizadas da Europa através dos impulsos inerentes à mesma lei que separou os povos do Egito de seu solo primitivo e os atraiu para a Grécia; mais tarde, os habitantes desta para civilizar regiões da Península Itálica; e, por fim, os bárbaros moradores da Alemanha para trocar com o resto do mundo romano a virilidade de seu sangue pela luz do cristianismo.” (Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. p. 19).

²¹ Ibid., p. 298.

²² PERÓN, E. *Por qué soy Peronista y las Fuerzas Espirituales del Peronismo*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996. p. 128.

²³ Ibid., p. 121.

²⁴ PERÓN, *Doctrina Peronista*, p. 297.

consecuencias del desorden que en todos los órdenes de la vida había introducido un régimen sordo, injusto e inhumano [grifo meu].”²⁵

Mariano Ben Plotkin dá exemplos que permitem compreender melhor esse esforço de Perón e Evita para entusiasmar os professores. A respeito do ensino religioso, o autor destaca que a maioria das escolas destinou as aulas para o término do dia, quando os alunos e professores estavam mais cansados. Plotkin também destaca que os clubes escolares fracassaram, pois os professores não se engajaram nas atividades, muitas das quais ocorriam nos finais de semana.²⁶

Retornaremos ao discurso de Perón e Evita no próximo capítulo. Agora, interessa destacar como as bases desse discurso estiveram presentes em algumas tentativas de implantação da política cultural peronista. Interessa destacar, principalmente, que as bases desse discurso nem sempre estiveram presentes e não foram consenso inclusive entre aliados do governo.

O Primeiro Congresso de Bibliotecas Populares da Província de Buenos Aires.

Entre 15 e 18 de dezembro de 1949, foi realizado em La Plata o Primeiro Congresso de Bibliotecas Populares da Província de Buenos Aires. A realização do congresso durante a primeira presidência de Perón indica que as medidas sociais e trabalhistas vieram acompanhadas de ações na esfera cultural. Portanto, não foram preocupações dissociadas.²⁷

O congresso contou com a participação de autoridades provinciais como Julio Cesar Avanza, citado na epígrafe deste capítulo, e Jose Cafasso, Subsecretário Interino de Cultura. Perón e Domingo Alfredo Mercante (1898-1976), governador da Província de Buenos Aires (1946-1952), não estiveram presentes. No entanto, quando os discursos e as propostas do encontro foram publicados em 1951, o livro foi aberto com desenhos do rosto de ambos, acompanhados de mensagens sobre a importância da cultura para o peronismo.

²⁵ PERÓN, *Por qué soy Peronista y las Fuerzas Espirituales del Peronismo*, p. 122.

²⁶ PLOTKIN, op. cit.

²⁷ A imagem de que o peronismo se preocupou inicialmente com as questões sociais e trabalhistas e apenas depois com as culturais foi difundida inclusive por periódicos identificados com o governo de Perón, como a revista *Substancia*, a qual analisaremos neste capítulo, em um artigo favorável à expropriação do jornal liberal *La Prensa* pelo governo. “Ya hemos dicho alguna vez que, apremiada por el problema fundamental e impostergable de la liberación económica de los sumergidos, la Revolución no pudo pensar mucho en la cultura. Con “La Prensa” popular, es Justicialismo comenzará a probar que la Revolución es también cultura y pensamiento.” (La Prensa. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 6, novembro de 1951. p. 190).

Desse modo, o congresso não pode ser visto de forma restrita, como uma iniciativa limitada à província. Vale ressaltar que a Província de Buenos Aires era – e é – a mais populosa do país. Além disso, Mercante e Perón ainda não tinham rompido politicamente quando o congresso foi realizado.²⁸ Tanto não foi uma iniciativa restrita que, entre 9 e 12 de outubro do ano anterior, tinha sido realizado, em Córdoba, o Primeiro Congresso Nacional de Bibliotecas Populares, de onde teria surgido a idéia de se realizar o congresso provincial.

Além de autoridades, houve a participação de duzentos e oitenta e sete representantes de bibliotecas populares da Província de Buenos Aires e, inclusive, de outras regiões do país. Certamente colaborou para que o número de congressistas fosse expressivo a ajuda econômica dada pelo governo provincial: os representantes de bibliotecas situadas a mais de sessenta quilômetros de La Plata tiveram passagens e estadia pagas. Os representantes formaram comissões encarregadas de discutir temas previamente determinados.

O evento pretendia não apenas aproximar as bibliotecas populares entre si, mas também “(...) hacer más estrechos los vínculos que las unen (...) con los organismos oficiales afines, para (...) *coordinar mejor* la acción que desarrollan en beneficio de la cultura y de la educación del pueblo [grifo meu].”²⁹ Assim, era uma tentativa de se apropriar de um dos principais legados da tradição liberal argentina, a criação e expansão das bibliotecas populares. O presidente do congresso, o capitão Luciano C. Pessacq, citou Sarmiento na abertura. “(...) los que vengan detrás encontrarán un poco más llano el camino que iniciara Sarmiento, y que conduce a uma Argentina grande, inmensamente grande.”³⁰ A Mesa Diretora rendeu inclusive uma homenagem a Sarmiento, sob a inspiração de quem o congresso teria transcorrido.³¹ A programação indica a tentativa do peronismo de se

²⁸ Depois do golpe de 1943, Mercante, militar do GOU como Perón, foi um dos principais interlocutores do governo com os sindicatos. Filho de um ex-dirigente da União Ferroviária, foi nomeado interventor do sindicato em 1944. Mercante foi um dos principais líderes do 17 de outubro de 1945. Além de aliado político, Mercante tornou-se amigo de Perón e foi padrinho do seu casamento com Evita em 1945. Mercante também vendeu a Perón a Quinta de San Vicente, um dos locais preferidos de descanso de Perón e Evita. Além de governador de Buenos Aires, Mercante presidiu a Convenção Constituinte que aprovou a Constituição de 1949 e permitiu a Perón disputar a reeleição em 1951. Rompeu com o presidente, pois sua popularidade crescente gerou divisões no partido a respeito da sucessão de Perón.

²⁹ *Primer Congreso Provincial de Bibliotecas Populares*, p. 13.

³⁰ *Ibid.*, p. 33.

³¹ Sarmiento também foi evocado por representantes das bibliotecas, dentre eles Germán García, da Biblioteca Popular “Asociación Bernardino Rivadavia” de Bahía Blanca. “La escuela y la biblioteca se complementan.

apropriar da tradição liberal argentina, de conciliar os legados de nomes como Sarmiento e San Martín com as realizações do governo de Perón:

Dia 17:

12 hs.: Almuerzo ofrecido por la Agrupación de Bibliotecas Populares en la Asociación Sarmiento.

16 hs.: Visita al Parque de los Derechos de la Ancianidad sito en la localidad de Pereyra (condicional).

18 hs.: Ofrenda floral al libertador General San Martín.³²

Foi apresentado um projeto de lei para regulamentar o funcionamento das bibliotecas populares na Província de Buenos Aires. O projeto de lei apresenta pontos que demonstram a intenção do governo provincial em intervir nas bibliotecas. O apoio à fundação, manutenção e organização das bibliotecas viria acompanhado de contrapartidas.

Uma das funções da Dirección Geral de Bibliotecas Populares seria apurar o emprego dos recursos, tendo em vista garantir o “(...) *normal* funcionamiento [grifo meu] (...)”³³ das bibliotecas. Aliás, para que as bibliotecas fossem reconhecidas pelo governo, seria preciso aceitar “(...) la fiscalización en el empleo de los recursos y elementos que provea la Dirección General.”³⁴

Para serem reconhecidas, as bibliotecas também não poderiam “servir como instrumento de propaganda política ou religiosa”. Tal exigência não era casual, pois, como já comentamos, durante a Segunda Guerra Mundial, as bibliotecas populares se destacaram como centros do pensamento liberal e de crítica ao nacionalismo autoritário.

(...). Fué el problema que Sarmiento vió con claridad consciente de que aprender a leer nada vale si no se utiliza esa habilidad y que la falta de uso hace perderla.” (Ibid., p. 76).

³² Ibid., p. 19. O peronismo também utilizou o nome das bibliotecas populares para tentar se apropriar deste legado da tradição liberal argentina. Em 1954, foi publicado pelo Ministério da Educação da Argentina o *Guia de Bibliotecas Argentinas*. Nesse guia, nota-se como algumas bibliotecas populares tiveram o nome mudado depois da ascensão do peronismo. A Biblioteca Popular Esteban Echeverría, então situada no número 3344 da Aizpurua, tinha sido fundada em 24/02/1924 e, a partir de 01/12/1946 passou a se chamar Biblioteca Popular Eva Perón. Para citar outro exemplo, a biblioteca popular da Associação de Fomento de Villa Devoto, então situada no número 3801 da Habana, tinha sido fundada em 02/12/1933 e, em data não fornecida pela guia, passou a se chamar Biblioteca Popular Eva Perón. Além disso, bibliotecas surgidas a partir da década de quarenta do século XX adotaram os nomes de Perón e Evita já na fundação, como a Biblioteca Popular Juan D. Perón, então situada no número 2927 da Caseros e fundada em 20/02/1945. Para citar outro exemplo, temos a Biblioteca Popular María Eva Duarte de Perón da CGT, então localizada no cruzamento da Independencia com a Azopardo e fundada em 12/05/1949.

³³ Ibid., p. 60.

³⁴ Ibid., p. 61.

A quantidade de recursos destinados às bibliotecas variaria de acordo com o tamanho dos acervos. Entretanto, a mudança de categoria seria pautada por critérios menos objetivos. Porém, acreditamos que, na prática, seriam utilizados critérios políticos:

El ascenso de categoría podrá ser postergado por la Dirección General, si la biblioteca subvencionada no cumple con un servicio acorde con la importancia de su caudal bibliográfico.

La Dirección General, previo estudio de la obra que realice cada biblioteca, podrá hacer aportes especiales a las entidades reconocidas, con resolución debidamente fundada.³⁵

A Direção Geral pretendia controlar inclusive a formação técnica dos funcionários, através da criação de uma escola de bibliotecários. A ajuda econômica dada para os representantes das bibliotecas populares participarem do encontro em La Plata demonstra a intenção do governo provincial em envolver amplamente as instituições nesse projeto de lei.

No entanto, essa tentativa de se apropriar da tradição liberal através das bibliotecas populares não era um processo simples. Ao abrir a assembléia que elegeria as autoridades do congresso, Cafasso procurou frisar que o governo não interferiria nas atividades, respeitando, assim, a autonomia legalmente garantida às bibliotecas populares do país:

Si bien la Subsecretaría de Cultura por intermedio de la Dirección General de Bibliotecas ha tenido a su cargo todo lo relativo a la organización y programación del Congreso, mi presencia en este acto sólo obedece al propósito de presidir la sesión preparatoria hasta constituir las autoridades definitivas que los propios congresales se darán de inmediato.³⁶

Preocupação semelhante à de Cafasso demonstrou Julio Cesar Avanza na abertura do encontro. O Ministro da Educação provincial fez uma distinção entre intervencionismo e colaboração estatal. “(...) dirección y fomento (...) en ningún modo pretende ahogar lo que es expresión auténtica de esos organismos (...). No pretendo fundamentar aquí la sinrazón de un intervencionismo estatal (...).”³⁷

Essa preocupação demonstrada por membros do governo que estavam à frente do congresso decorreu de uma pressão que se observa entre os participantes. A Comissão VII,

³⁵ Ibid., p. 61.

³⁶ Ibid., p. 22.

³⁷ Ibid., p. 27.

em seu quarto despacho, declara que “(...) representando las Bibliotecas Populares, una creación de la comunidad, deben conservar la libertad de expresión y una actitud de crítica constructiva en relación con todos los problemas de la cultura popular.”³⁸

Como destacamos, “coordenar melhor a educação do povo” era um dos propósitos do evento. Apesar do discurso valorativo quanto à cultura popular, existiram divergências sobre o que seria esta cultura popular e o seu papel no peronismo. De qualquer maneira, predominou a visão de que a cultura popular precisaria ser transformada, principalmente através do acesso dos setores populares à cultura letrada. Pessacq destacou que deveria ser buscada “(...) la alianza entre el libro y el pueblo.”³⁹ Logo, a cultura popular, como base do peronismo, apareceu no congresso como um projeto a ser realizado.

Na abertura, Cafasso destacou a necessidade de se “(...) luchar contra el oscurantismo e intensificar la cultura entre las masas populares.”⁴⁰ No encerramento, Cafasso mencionou o trabalho e os “valores nacionais” como os elementos mais importantes a serem estimulados entre os setores populares. Há um discurso normativo quanto à cultura popular. No encerramento, Cafasso concluiu “(...) que no existe cultura sin orden, y que no es posible alcanzar esa fisonomía espiritual a que aspiramos todos sin esa armonía vital que se enraiza vigorosamente y se nutre en la auténtica esencia nacional.”⁴¹

Ao falar em autêntica essencial nacional, Cafasso referiu-se indiretamente a uma essência que não seria nacional, apesar de assim se apresentar. Observamos uma diferenciação semelhante no discurso de Avanza, quando se referiu à cultura popular: “(...) esa comunión de todos los argentinos, nunca [é] tan fecunda y nunca tan trascendente como cuando se asienta en la cultura del pueblo, cuando se asienta en la *verdadera* cultura popular [grifo meu].”⁴² Essas distinções remetem ao que já destacamos em *Acción Argentina* de Andrés Bisso: a existência de uma disputa entre liberais e antiliberais sobre o que seria o nacional e quem seria seu “verdadeiro” representante. Acrescentamos a existência de uma disputa inerente sobre o que seria o popular e quem seria seu

³⁸ Ibid., p. 56-57.

³⁹ Ibid., p. 30.

⁴⁰ Ibid., p. 24.

⁴¹ Ibid., p. 35.

⁴² Ibid., p. 29.

“verdadeiro” representante.⁴³ Bisso não analisa a presidência de Perón, mas, ao que parece, essa disputa permaneceu durante o governo peronista.

Analisando-se os discursos e as propostas, observamos que não existia consenso em torno do que seria o nacional e o popular inclusive entre os participantes.

Dolis Nélide Bollini, representante da Biblioteca General San Martín, defendeu que a formação de uma cultura “humanista” e “integral” residia no acesso das crianças a “(...) libros amenos, sanos, con episodios de la vida nacional que le enseñen a querer a su tierra y den una visión clara de su patria, todo en armonía con sus gustos y necesidades (...).”⁴⁴ Defendeu, ainda, que os livros eram instrumentos moralizantes contra os perigos existentes nas ruas. A primazia de temas nacionais também está presente na proposta de bibliotecas portáteis e circulantes feita por Leonor R. de Carpinetti, da Biblioteca Popular Sarmiento de Lobería. A biblioteca, destinada a percorrer os núcleos rurais e suburbanos, deveria ter “(...) novelas escogidas de ambiente nacional (...).”⁴⁵ O capitão Luciano C. Pessacq, por sua vez, apresentou um dos discursos mais enfaticamente nacionalistas:

Nuestro intelectualismo padece de lo exótico, olvidando lo vernáculo. Hay una ciencia argentina, una literatura argentina, una historia argentina, un arte argentino. Las bibliotecas populares deben actuar en función de argentinidad. No es preciso desconocer los enormes valores de la genialidad extranjera para encarecer la importancia de nuestros propios valores.⁴⁶

As propostas nacionalistas de Dolis Nélide Bollini, de Leonor R. Carpinetti e do capitão Luciano C. Pessacq encontraram variantes. A Comissão III defendeu que o conhecimento de autores argentinos deveria ser uma prioridade, mas também mencionou o “(...) necesario conocimiento de los autores universales (...).”⁴⁷ Além disso, vale frisar que,

⁴³ Em setembro de 1942, foi lançado o número 96 da revista *Sur*. O número foi dedicado ao Brasil, que tinha recentemente declarado guerra ao Eixo. A *Sur* publicou uma mensagem lida em um ato de apoio ao Brasil e a Getúlio Vargas, realizado em Buenos Aires, no Luna Park, em 19 de setembro de 1942. No mesmo número, Álvaro de Silva destacou que, ao “(...) declarar la guerra a los agresores, Getulio no hizo más que obedecer *al pueblo* [grifo meu].” (SILVA, A. de. Luz y black-out en Río. *Sur*, Buenos Aires, nº 96, setembro de 1942. p. 97). Para se traçar um paralelo e pressionar o governo argentino a também “obedecer ao povo”, no ato do Luna Park, os participantes se colocaram como a totalidade do povo argentino, que expressava “(...) al pueblo brasileño su inequívoca solidaridad.” (Mensaje de los argentinos al presidente del Brasil. *Sur*, Buenos Aires, nº 96, setembro de 1942. p. 94).

⁴⁴ *Primer Congreso Provincial de Bibliotecas Populares*, p. 71-72.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 88.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 31.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 41.

para a comissão, dentre os autores argentinos, deveriam ser priorizados os autores locais e regionais.

Outra variante encontramos em Germán García, da Biblioteca Popular “Asociación Bernardino Rivadavia” de Bahía Blanca. Em sua fala, a valorização de autores argentinos não está necessariamente relacionada com livros sobre temas argentinos:

No me refiero expresamente a la adquisición de obras de escritores o temas argentinos, porque es obvio que en cualquier plan elaborado con inteligencia ha de entrar en el primer plano la posesión de libros que estudien el país y producciones de quienes están más cerca de nosotros [grifos meus].⁴⁸

Facundo N. Quiroga, presidente da Agrupação de Bibliotecas Populares de La Plata, ao falar sobre as bibliotecas infantis, defendeu que deveriam ser priorizados autores e temas iberoamericanos.⁴⁹ Julio Cesar Avanza, apesar de ter destacado a necessidade de “fazer renascer as qualidades autênticas do ser nacional”, considerou que “(...) no podemos olvidar que formamos parte del mundo occidental (...)”⁵⁰, do qual reivindicou, sobretudo, a cultura hispânica.

Já em algumas propostas, não se nota qualquer hierarquia quanto à nacionalidade de autores e temas tratados. Guillermo Eiréz, da Biblioteca Florentino Ameghino do “Club del Banco de la Pcia. de Buenos Aires”, defendeu a publicação de um boletim quinzenal que se ocupasse “(...) de informar a las Bibliotecas, del movimiento bibliográfico nacional y extranjero.”⁵¹ Luis J. Moro, da Biblioteca Suburbana nº 28 do “Club Sportivo Dock Sud”, propôs a realização de ciclos de conferências que se dividiriam em “Clásicos argentinos”, “Clásicos americanos”, “Clásicos españoles” e “Clásicos universales”.⁵²

Notamos a ausência de uma hierarquia quanto à nacionalidade dos autores mesmo em propostas conservadoras como a de A. Branda, da Biblioteca Florentino Ameghino. Para Branda, o principal objetivo da leitura era a formação moral. Os bibliotecários deveriam, inclusive, observar a personalidade dos leitores regulares das bibliotecas para indicar-lhes leituras que proporcionassem “(...) la cura de algún hábito pernicioso (...)”⁵³

⁴⁸ Ibid., p. 80.

⁴⁹ Ibid., p. 83.

⁵⁰ Ibid., p. 26.

⁵¹ Ibid., p. 84.

⁵² Ibid., p. 85.

⁵³ Ibid., p. 113.

Para as crianças, Banda recomendou Perrault, os irmãos Grimm e Schmid. Para os adolescentes, Verne, Wells, D'Amicis, Smiles e as adaptações de “obras clássicas”. Para os adultos, também Smiles, Ingenieros e Sarmiento. Entre as obras de “caráter social ou ideológico”, que exaltassem “os ideais da nacionalidade”, Banda recomendou novamente Ingenieros, além de dois expoentes da tradição liberal argentina, Alberdi e Sarmiento.

No próprio discurso nacionalista do capitão Luciano C. Pessacq encontramos elementos que ajudam a explicar essa variedade de propostas quanto a leituras que deveriam ser priorizadas. É interessante que, no discurso do capitão, os temas argentinos ocupam um lugar marginal na produção intelectual do país. Parece não se tratar de simples retórica, pois, para legitimar as obras de temas argentinos, iguala a qualidade desta produção aos “enormes valores da genialidade estrangeira”. Em poucas palavras, o capitão usa a produção estrangeira para valorizar a nacional.

O parâmetro feito por Pessacq nos leva a destacar duas citações presentes em discursos do congresso. Na abertura, Julio C. Avanza mencionou o poeta e escritor francês Paul Valery (1871-1945) ao defender que o desenvolvimento técnico não poderia predominar sobre a cultura e a natureza. No encerramento, Cafasso usou palavras do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) para falar sobre a importância da cultura. As citações se destacam, pois tanto Valery como Ortega y Gasset eram nomes ligados à revista *Sur*, considerada um dos principais núcleos antiperonistas. Ambos foram colaboradores da revista. Ortega y Gasset também integrou o conselho estrangeiro da *Sur*. O nome da revista teria sido, inclusive, uma sugestão de Ortega y Gasset. Além disso, na *Sur*, Victoria Ocampo seguiu o modelo da *Revista de Occidente* de Ortega y Gasset. Após seis anos de governos considerados nacionalistas, autores e/ou temas argentinos não pareciam dar o tom no meio intelectual do país.

Outra divergência que se observa entre os participantes não se refere à nacionalidade de autores e temas a serem priorizados, mas à formação que deveria ser destinada aos setores populares, particularmente aos trabalhadores. Propostas que defenderam uma formação ampla, integral, dividiram espaço com propostas que sugeriram a constituição de bibliotecas especializadas.

Já mencionamos aqui a proposta de formação “integral” defendida por Dolis Nélica Bollini. A Biblioteca General Enrique Mosconi, da Y. P. F. de Ensenada, destacou que os

bibliotecários deveriam conhecer os leitores para sugerir livros úteis, “(...) tanto para su oficio como para su formación intelectual (...).”⁵⁴ O capitão Luciano C. Pessacq, apesar de ter tido uma das posturas mais nacionalistas, enalteceu a formação ampla que as bibliotecas populares ofereciam ao “homem do povo”:

El concepto de guardador de libros ha sido substituído por un nuevo sentido de cooperación social, y, en este aspecto, son las bibliotecas populares las que, desde hace tiempo, encaminan sus pasos en procura de ese acercamiento del hombre del pueblo al *libro de ciencia, a la divagación filosófica, a la magia del arte* [grifo meu].⁵⁵

Contrastando com esses participantes, Leonor R. de Carpinetti, na proposta de bibliotecas portáteis e circulantes para zonas rurais e suburbanas, destacou que estas deveriam conter, além de romances de “ambiente nacional”, livros sobre agricultura e pecuária. Rafael Roldán Vergés, da Biblioteca “Círculo Popular de Cultura” de Zárate, defendeu que as bibliotecas populares deveriam ter seções técnicas destinadas a estudantes e operários e que o governo provincial priorizasse o fornecimento de livros técnicos às bibliotecas, principalmente àquelas já existentes em “(...) escuelas industriales, de artes y oficios, de orientación profesional y afines.”⁵⁶ Tratava-se, portanto, de um acesso seletivo ao saber. Germán García foi mais explícito quanto a isso. “Una biblioteca pequeña, de pueblo o barrio, no ha de dejarse conquistar por los cantos de sirena de obras lujosas o colecciones que no sirven allí ni para exhibición.”⁵⁷

Cabe destacar, ainda, que houve várias outras discussões referentes a aspectos técnicos e organizacionais. Dentre as propostas, a elaboração de catálogos atualizados e de fácil consulta, a reorganização de seções, o intercâmbio de materiais duplicados, o estabelecimento de serviços de preservação dos acervos, o empréstimo gratuito de livros a domicílio e a ampliação do horário de funcionamento. Ainda que não seja nosso propósito analisar profundamente essas questões, elas demonstram que a implementação da política cultural do governo de Perón passava por empecilhos que iam muito além de divergências especificamente político-culturais.

⁵⁴ Ibid., p. 116.

⁵⁵ Ibid., p. 30.

⁵⁶ Ibid., p. 90.

⁵⁷ Ibid., p. 78.

No prólogo da publicação com os discursos e as propostas do congresso são destacadas as medidas que já tinham sido implantadas. Dentre elas, a fundação de diversas bibliotecas, a criação de uma escola de bibliotecologia e de um instituto bibliotecológico, o estabelecimento de uma secretaria técnica de política cultural bibliotecária, a publicação de um boletim e a veiculação de um programa quinzenal na Rádio Província. Entretanto, ainda estava pendente a aprovação do referido projeto de lei apresentado no congresso, que pretendia regulamentar o funcionamento das bibliotecas populares e possibilitava ao governo provincial intervir nas instituições. Não temos como saber detalhadamente sobre as opções políticas dos representantes das bibliotecas populares que participaram do congresso. De qualquer modo, a pendência quanto à aprovação do projeto de lei indica um quadro político mais complexo, não monopolizado pelo peronismo.

Revistas culturais nacionalistas durante o governo de Perón: o caso de *Argentina*.

O surgimento de várias revistas culturais nacionalistas durante o governo de Perón mostra que houve um esforço para se concretizar algumas propostas como as presentes no discurso de Perón e Evita e as debatidas no congresso de bibliotecas populares.

A revista *Argentina* foi publicada em Buenos Aires entre janeiro de 1949 e julho de 1950. Nesse período a revista lançou dezoito números e se destacou pelo amplo formato e pela qualidade de suas edições, com destaque para o papel em que era impressa e por seu projeto gráfico.⁵⁸

Como destacado na epígrafe, no editorial de abertura do primeiro número, escrito por Ivanissevich, a revista se legitima através de um paralelo com o periódico lançado pelos liberais para sustentar a Revolução de Maio. Assim, Ivanissevich questiona os críticos – liberais em sua maioria, certamente – que consideravam autoritária uma iniciativa como essa. De acordo com Ivanissevich, a revista faria parte do esforço para conquistar a “independência econômica e intelectual” do país.⁵⁹ Colaboraria, assim, para concluir a

⁵⁸ Foram consultados os onze primeiros números, disponíveis na Biblioteca Nacional da Argentina. Mariano Bem Plotkin considera que a revista *Sexto Continente*, citada em nosso primeiro capítulo, representou o esforço mais bem sucedido no sentido de se criar uma revista peronista de cultura. Entretanto, dado o caráter popular do discurso peronista, optamos por priorizar a revista *Argentina* pelo seu propósito de enfocar e desenvolver uma “cultura popular peronista do cotidiano”, para usar as palavras de Plotkin.

⁵⁹ IVANISSEVICH, op. cit., p. 2.

independência política conquistada pela Revolução de Maio. A necessidade de o governo publicar um periódico decorreria da “liberdade sem responsabilidade” da imprensa guiada pelos “grandes capitais”.⁶⁰

O governo não buscava legitimar as suas iniciativas na esfera cultural apenas através da tradição liberal argentina, mas também ironizando os comunistas a respeito do que acontecia na União Soviética. No número 5 de *Argentina*, correspondente a junho de 1949, J. M. Quiroga publica *Y ellos, ¿qué dirían?*. O autor destaca a comemoração do “Dia de la Prensa” na União Soviética em 5 de maio. Quiroga destaca que L. F. Ilyichev, chefe do “Departamento de Propaganda y Agitación del Partido Comunista”, mencionou cinco prioridades aos jornalistas, dentre elas a educação política do povo e a defesa da cultura soviética contra a ameaça de “ideologias perniciosas e hostis”:

Solamente cabría preguntar: ¿Qué opinarían los comunistas de entre casa – los comunistas y los filocomunistas – si aquí se dispusiera una sola de las cinco medidas arriba transcriptas “para evitar a los lectores un insoportable odio a la vida y a la humanidad, adormeciendo la mente del público con el veneno del comunismo”, sea esto dicho utilizando casi los mismos términos de L. F. Ilyichev?⁶¹

O contraponto entre uma imprensa livre e uma imprensa responsável era recorrente na revista. No segundo número, publicado em fevereiro de 1949, Ivanissevich defende que a imprensa argentina não cumpria sua “função educativa”.⁶² Um dos objetivos desse discurso é legitimar as intervenções do governo de Perón na imprensa.⁶³ Isso é evidenciado por Hugo Wast no artigo *Hay que cambiar nuestras costumbres literárias antes que una ley*

⁶⁰ Ibid. Foi notório o engajamento de Ivanissevich na revista. O fim da revista está ligado, inclusive, à sua saída do Ministério da Educação.

⁶¹ QUIROGA, J. M. *Y ellos, ¿qué dirían?* *Argentina*, Buenos Aires, n° 5, junho de 1949. p. 2.

⁶² IVANISSEVICH, O. Función educativa de la prensa. *Argentina*, Buenos Aires, n° 2, fevereiro de 1949. p. 2.

⁶³ No número 8 de *Argentina*, publicado em setembro de 1949, é publicado *El tercer informe sobre la prensa* de Juan Carlos Borges, no qual são respondidas as críticas à falta de liberdade de imprensa na Argentina feitas no “Congreso Interamericano de Prensa” realizado em Quito, no Equador, em julho. O governo de Perón teria diminuído a importação de papel e passado a controlar a distribuição para que todos os periódicos pudessem continuar sendo publicados e não apenas os grandes como *La Prensa* e *La Nación*, citados pelo autor. O socialista *La Vanguardia*, por sua vez, não teria sido fechado por determinação do governo, mas por falta de recursos, já que não existia mais nenhum deputado socialista, o que, antes, garantiria sua publicação através da concessão de parte dos salários ao periódico. De qualquer maneira, é interessante notar como o texto indica a existência de um debate que ocorria na opinião pública. A publicação desse informe em *Argentina* está relacionada, por exemplo, à cobertura do congresso no Equador pelo *La Prensa*, o que é mencionado pela revista do governo. Logo, é preciso considerar as dificuldades enfrentadas pelo governo de Perón para que sua versão sobre a situação dos periódicos opositores fosse endossada amplamente pela sociedade argentina.

lo imponga, no qual o escritor critica o espaço reduzido ocupado pelos escritores argentinos nas editoras e na imprensa “livre” do país.⁶⁴

Assim, difundir “valores argentinos” seria uma das “funções educativas” da imprensa. Nesse ponto, observamos uma visão sobre o nacional convergente com o predomínio da matriz hispânica e católica que destacamos nos discursos de Perón e Evita.

A valorização e preservação do castelhano se destaca em *Argentina* como um dos principais elementos do hispanismo defendido pela revista. No número 2, Avelino Herrera Mayor publica cinco notas a respeito do assunto. Em uma delas, *Los pueblos caen por su lengua...*, o autor cita que “corrupções e deformações” no castelhano ocorrem em todos os países, inclusive na Espanha. Entretanto, referindo-se indiretamente à Argentina, considera que há um perigo maior nos “países de crescimento heterogêneo”, vítimas do “babelismo”. “La confusión de la lengua apareja la confusión de las almas.”⁶⁵ A função dos escritores, poetas, gramáticos, das “pessoas de cultura” seria ensinar sobre as “deformações” e corrigi-las. Em outra nota, *La muerte de “speaker”*, o autor comemora a incorporação da palavra “locutor” no dicionário da Academia Espanhola para fazer frente ao uso do estrangeirismo “speaker”, vindo do inglês.⁶⁶

O assunto volta no número seguinte da revista, o 3, publicado em março de 1948. Em *Salvemos las raíces de la nacionalidad*, Clodomiro del Campo é mais explícito do que Avelino Herrera Mayor e defende que a forte imigração no país representava um perigo

⁶⁴ WAST, H. Hay que cambiar nuestras costumbres literarias antes que una ley lo imponga. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949. A distinção entre imprensa livre e imprensa responsável volta a ser estabelecida em *Prensa libre y responsable* de Carlos Dalmiro Viale, publicado no número 6 de *Argentina*, correspondente a julho de 1949. A imprensa “livre”, não controlada pelo governo, é novamente associada aos “grandes capitais”. O autor destaca que o governo dos Estados Unidos fazia a mesma distinção e discutia como resolver o problema. No número seguinte, o 7, publicado em agosto de 1949, Carlos Dalmiro Viale continua a escrever sobre o tema em *La libertad argentina de prensa*. O autor retoma o que Ivanissevich destacou no primeiro número, o uso da imprensa pelos liberais e durante as guerras civis do século XIX. Segundo Carlos Dalmiro Vale, o que estava em jogo era “a liberdade dos diários frente à liberdade do país”. No número 8, publicado em setembro de 1949, o autor publica *La prensa ¿qué es realmente?* Carlos Dalmiro Viale defende que a imprensa não poderia se limitar a folhetins e crônicas policiais, tampouco cobrir com “sensacionalismo” os assuntos parlamentares. No número 10, de novembro de 1949, o autor relaciona a imprensa “livre” argentina ao imperialismo. Destaca, por exemplo, a campanha contra o Exército realizada nos tempos do embaixador norte-americano Braden (durante a campanha presidencial de 1946, o embaixador apoiou a União Democrática por considerar o Exército argentino um reduto de simpatizantes do nazifascismo). No número 11, correspondente a dezembro de 1949, Carlos Dalmiro Vale retorna ao assunto em *¿Quién salvará a la prensa?* O autor responde que a “(...) salvarán los periodistas de la Revolución”, ou seja, alinhados com o governo de Perón (VALE, C. D. ¿Quién salvará a la prensa? *Argentina*, Buenos Aires, nº 11, dezembro de 1949. p. 11).

⁶⁵ MAYOR, A. H. Los pueblos caen por su lengua...*Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949. p. 12.

⁶⁶ MAYOR, A. H. La muerte de “speaker”. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949. p. 74.

para a nacionalidade, principalmente para a língua. Cita os letreiros comerciais⁶⁷ e os nomes dos principais times de futebol do país como um exemplo disso:

¿Se quiere algo más *nuestro*, más *popular* que el fútbol? La misma palabra ha recibido ya carta de ciudadanía en nuestro idioma [refere-se a “football”], pero sus grandes cuadros siguen llamándose “River Plate”, “Racing” y “Boca Juniors”...!

¿No habrá llegado el momento de reaccionar contra esta total subversión de una fuerza que no debe morir?

El momento es propicio y posiblemente único en la historia de nuestra evolución política y social. No ignoramos, por cierto, que la patria debe al aporte extranjero, mucho de lo que es; pero no es menos cierto, que son *ellos* quienes deben adaptarse a *nosotros*, y no a la inversa [grifos meus].⁶⁸

No número 4, correspondente a maio de 1949, Delfina Bunge de Gálvez, pertencente a uma das famílias mais tradicionais do país e esposa do escritor nacionalista e peronista Manuel Gálvez, publica *Por qué, cuando comencé a escribir, lo hice en francés*. A escritora relaciona a formação em francês que teve a uma época passada, a uma questão geracional, pois, naquele momento, caberia a “argentinização” da literatura nacional, agora ameaçada pelo inglês.

Apesar da proposta nacionalista defendida pela escritora, cabe mencionar o reconhecimento dos estrangeiros e de sua cultura na formação do país, a exemplo do que Clodomiro del Campo faz acima, ainda que um tanto contrariado. Em primeiro lugar, a escritora não desconsidera a importância da cultura francesa. “(...) no reniego yo de la educación francesa recibida, que tantas buenas cosas nos dió. Fué el francés para nosotras como el latín para los “humanistas”.”⁶⁹ Além disso, a “argentinização” da literatura nacional parece encontrar como barreira a força crescente do inglês no país.⁷⁰ Desse modo, a imposição de uma política cultural nacionalista pelo governo de Perón não se deu em

⁶⁷ No número 8, a revista anuncia sua contribuição para enfrentar o problema destacado por Clodomiro del Campo: a instalação de um letreiro da revista, com o fundo azul-celeste da bandeira, na rua Florida, uma das mais movimentadas de Buenos Aires (Un cartel argentino en Florida. *Argentina*, Buenos Aires, nº 8, setembro de 1949. p. 40).

⁶⁸ DEL CAMPO, C. Salvemos las raíces de la nacionalidad. *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949. p. 83.

⁶⁹ BUNGE DE GÁLVEZ, D. Por qué, cuando comencé a escribir, lo hice em francés. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949.

⁷⁰ Em *Orientemos la moda argentina*, de Eugenia de Chikofy, publicado no primeiro número de *Argentina*, vemos que os intentos nacionalistas do governo de Perón abrangiam inclusive as roupas. Porém, o artigo reconhece a forte influência francesa sobre a moda argentina (CHIKOFY, E. Orientemos la moda argentina. *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949).

meio a um “vazio” cultural, às vezes parece, inclusive, se tratar de uma política mais defensiva do que impositiva. A necessidade de se construir um lugar para uma publicação com as características de *Argentina* pode ser observada pela propaganda massiva em diferentes cidades do país, antes e depois do primeiro número.⁷¹ Além disso, eram recorrentes notas sobre comentários elogiosos à revista publicados na imprensa.

Retornando às propostas nacionalistas presentes em *Argentina*, ainda no número 4 são publicadas duas cartas de leitores sobre o artigo de Clodomiro del Campo publicado no número anterior. Jacinto Quiles, de La Banda, concorda com o autor e considera que, ao invés de Boca Juniors, “¿(...) no habría sido más lindo que se dijera Los Muchachos de la Boca?”⁷² A outra carta, de “un provinciano de Jujuy”, comprovaria a força do apelo nacionalista, porém, apenas em *alguns* setores da sociedade argentina:

Lo que me indigna no son los letreros extranjeros en general, sino aquellos que son puestos por argentinos, que todavía creen equivocadamente que para ganar dinero necesitan presentarse como extranjeros.

Cuando estuve en Buenos Aires la última vez me entretuve en azorar a algunos vendedores que me recomendaban ciertos artículos diciendo que eran importados. (...) (...) habían aprendido (...) que lo importado es lo mejor del mundo (...).⁷³

Outra recusa do nacionalismo defendido pela revista aparece no número 3. Eleonora Pacheco, que tinha publicado no primeiro número de *Argentina* o texto *¿Qué leen los niños argentinos?*, responde a diversas críticas feitas por um leitor. Pacheco transcreve trechos que seriam da carta do leitor. “(...) *no siento envidia como la siente usted por las cosas que otros autores “extranjeros” escriben para los niños y leen los nuestros*”.⁷⁴ O leitor ainda teria ironizado a recomendação de Pacheco que, dentre os estrangeiros, deveriam ser priorizados os espanhóis:

A Ud. le parece que en pleno siglo XX le va a dar a leer a un niño casi un jovencito, Las Aventuras del Cid, o Las Aventuras del Quijote, no me haga sonreír señorita, con dos guerras vistas se puede decir desde el balcón de nuestra casa y guerrillas sin fin en otros lugares, invasiones, etc., con los vuelos del

⁷¹ No número 2 é publicada a imagem de um homem diante de um grande cartaz que anunciava a aparição, em breve, de Argentina. “En diciembre las ciudades argentinas se engalanaron con el cartel que anunciaba la aparición de ARGENTINA. Un nombre sagrado definiendo la extensión de la Patria.” (Espigas de Argentina. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949. p. 73).

⁷² Espigas de Argentina. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949. p. 78.

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Espigas de Argentina. Un lector nos critica. *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949. p. 85.

*avión a chorro, carreras de automóviles, construcciones monumentales y toda la actividad y dinamismo de la vida moderna, Vd. pretende enclaustrar a los niños como si estuviéramos en la España de Torquemada.*⁷⁵

Pachecho refuta sentir inveja de escritores estrangeiros não hispânicos. “(...) hago precisamente el elogio de ciertos libros europeos para niños y termino diciendo: “*Esa es la técnica que debemos aprender, esos son libros que deben ser escritos para los niños argentinos*””.⁷⁶ Novamente o reconhecimento da cultura estrangeira, no caso, especialmente a anglo-saxônica. São citados Dickens, Twain “e outros”. Segundo Pachecho, ainda não existiam muitos livros infantis escritos por argentinos em virtude da pressão de editoras estrangeiras sobre as livrarias do país. Usa, assim, o mesmo argumento dos “grandes capitais” usado para legitimar intervenções do governo na imprensa.

É interessante como a carta explicita a mencionada disputa do nacional por diferentes grupos políticos argentinos. “Señor, por el tono general de su carta (...), deduzco que Ud. es de ideas liberales y antirreligiosas, de ahí su irritación ante mi posición tradicionalista y cristiana.”⁷⁷ Em um trecho da resposta de Pacheco, autora e leitor divergem sobre qual dos dois seria mais argentino, evocando para isto a quantidade de antepassados nascidos no país e o “sentimento patriótico”. Também é interessante como a modernização em curso na Argentina, possível de ser apreendida na carta, deslocaria as fronteiras do nacional.

Na sequência de artigos do escritor Hugo Wast sobre a literatura argentina publicados pela revista também observamos as tensões entre a política cultural nacionalista do governo de Perón e a sociedade argentina. Em *Grandeza y pobreza de los trabajadores intelectuales argentinos*, publicado no número 2, Wast condenou a presença da cultura estrangeira no país, a qual relacionou, dentre outros pontos, ao ateísmo. Wast defendeu que deveria ser concedida uma proteção especial aos escritores argentinos “de verdade”.⁷⁸ Nesse ponto, percebemos o que destacamos a respeito de Borges no capítulo anterior, um conceito de escritor argentino não mais como aquele simplesmente nascido no país, mas que representaria os “valores” nacionais. No número 3, Wast indica os limites desse

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Ibid.

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ WAST, H. Grandeza y pobreza de los trabajadores intelectuales argentinos. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949.

nacionalismo cultural defendido pelo governo de Perón quando reconhece o “(...) afán extranjerista existente en gran parte de nuestra población (...)”⁷⁹, ainda que, em parte, responsabilize por este afã os altos investimentos das editoras estrangeiras em propaganda.

Para dar mais um exemplo das reações de supostos leitores quanto ao nacionalismo de *Argentina*, podemos resumi-las na carta de Juan E. Torielli, da cidade de Buenos Aires: o leitor escreve que algo “(...) muy notorio en ARGENTINA es la inquietud argentinista que la anima, aunque sinceramente me parece que abusan de lo argentino en cierto modo”.⁸⁰ A revista intitula a carta como *Un defecto del que estamos orgullosos*. Assim, havia divergências sobre o que representaria o nacional, mas também sobre o grau, a presença que o nacionalismo deveria ter em diferentes âmbitos da sociedade argentina.

Quanto ao catolicismo como um dos principais elementos do nacional, a sua força chega a ser reivindicada em *Argentina* até mesmo através da psicanálise. Em *Más o menos mil palabras sobre Freud*, Hugo M. de Achával considera que o freudismo representa um rompimento com o racionalismo valorizado pelos liberais. Dessa maneira, ainda que a obra de Freud não tivesse qualquer relação direta com o cristianismo, muito pelo contrário, demonstraria a força do oculto, do desconhecido, sobre a humanidade. “(...) al afirmar Freud *que somos más de lo que sabemos*, no decía ninguna falsedad.”⁸¹

No número 3, a revista abre espaço para o Congresso de Filosofia realizado na Universidade de Cuyo com o apoio do governo de Perón. O encontro inclusive contou com a presença e uma conferência do presidente. Em *Hagamos un poco de Filosofía: a propósito del Primer Congreso Argentino de Filosofía*, Domingo Galati demonstra um conceito de Filosofia como a busca da verdade, verdade única, marcada por um caráter espiritual/religioso, o qual teria sido desvirtuado pelo “individualismo subjetivista” iluminista e liberal:

El pensamiento – más ajustadamente, el intelectualismo – de occidente, arrastra consigo el pesado bagaje de tres siglos de errores; he ahí el motivo, por el cual los

⁷⁹ WAST, H. Todo escritor debe poder ganarse la vida con la pluma. *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949. p. 11. Além desses dois artigos e do já citado *Hay que cambiar nuestras costumbres literárias antes que una ley lo imponga*, publicado no número 4, Wast publicou *¿Y qué podemos hacer por ellos?* no número 5.

⁸⁰ Espigas de Argentina. *Un defecto del que estamos orgullosos*. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949. p. 77.

⁸¹ ACHÁVAL, H. M. de. *Más o menos mil palabras sobre Freud*. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949. p. 10.

espíritus selectos sueñan con la insuperada y gloriosa cultura medioeval, con su unidad religiosa, social y política.⁸²

No entanto, para o autor, mais problemático do que o “individualismo subjetivista” seria o “irracionalismo” existencialista de Sartre, cuja liberdade do indivíduo estaria baseada na sua negação como ser. A exemplo do que destacamos quanto aos limites das propostas nacionalistas, essa crítica a Sartre vem acompanhada do reconhecimento de sua ressonância no meio intelectual argentino. “La llamada filosofía de la crisis o *existencialismo*, va entrando – aunque con fuerte resistencia – en el pensamiento argentino.”⁸³ Podemos perceber essa ressonância no capítulo anterior, quando analisamos o *La Prensa* controlado pela CGT.

No número 4, já na segunda página pode ser comprovada a relação entre a crítica a Sartre e a tradição hispânica e católica reivindicada pelo governo de Perón e pela revista. Nesse número, Domingo Galatti destaca que o Santo Ofício tinha condenado Sartre, considerado ateu e imoral pelo autor. Sartre representaria um perigo para a sociedade, sobretudo aos jovens, que poderiam cair no ceticismo e na “imoralidade total”. “Sartre (...) convierte a Dios en la nada, el ascetismo en inmortalidad y desenfreno, y la vida auténtica en libertad de hacer cada uno lo que le plazca (...).”⁸⁴ Galatti legitima, assim, a proibição de *O muro* de Sartre na Argentina.

No número 5 de *Argentina*, o congresso de Filosofia volta a ser enfocado pela revista. Em *Filósofos de dos continentes son honrados por la universidad argentina*, a realização do congresso é apresentada como um legado espiritual do país à humanidade naquele pós-Segunda Guerra Mundial. Desde o título é ressaltado o caráter universal do encontro. Apesar da crítica ao existencialismo nos números anteriores de *Argentina*, o artigo destaca que, no congresso, foram levantados os “elementos válidos e assimiláveis” do existencialismo.⁸⁵

Não é apenas a popularização de Sartre no meio intelectual argentino que permite apreender limites do apelo católico durante o governo de Perón. Os limites desse apelo

⁸² GALATI, D. Hagamos un poco de Filosofía: a propósito del Primer Congreso Argentino de Filosofía. *Argentina*, Buenos Aires, n° 3, março de 1949. p. 38.

⁸³ Ibid. p. 39.

⁸⁴ GALATTI, D. El Santo Oficio condena a Sartre. *Argentina*, Buenos Aires, n° 4, maio de 1949. p. 2.

⁸⁵ E. D. Filósofos de dos continentes son honrados por la universidad argentina. *Argentina*, Buenos Aires, n° 5, junho de 1949.

podem ser observados em reportagens relacionadas ao cotidiano. No número 3 da revista encontramos a nota *Hostilidad contra las familias numerosas* de Luis Delmonte. O autor lamenta a postura de alguns taxistas portenhos que se recusavam a transportar famílias numerosas. “Un taxi, otro taxi, un tercer taxi, todos pasan de largo, mofándose de aquella madre ansiosa, que no ha cometido otro delito para merecer la descortesía, que el dar cuatro hijos a la patria [grifo meu].”⁸⁶

No número 4, vemos a repercussão entre os leitores de um artigo que tinha sido publicado pela revista a respeito do crescimento do uso da maconha na cidade de Buenos Aires. As cartas dos leitores que foram publicadas deixam transparecer uma sociedade cuja percepção parecia ser a disseminação dos vícios. De acordo com o leitor Walter J. Modenesi, da capital argentina, “(...) si en un discurso se hace exposición demasiado detallada de lo malo, los escuchas prestarán mayor atención a ello, en busca del deleite...”⁸⁷ Já outro leitor, Juan Barrionuevo, de Rio Cuarto, defende a abordagem do tema por *Argentina* e indica como a relação com o nacional e o catolicismo poderia estar marcada por uma visão bastante pessoal. “No hay cosa peor que el puritanismo y además el puritanismo no es cosa católica ni argentina...”⁸⁸

Cabe desenvolver um pouco mais o espaço ocupado pela tradição liberal argentina na revista. Falamos como, no primeiro número, Ivanissevich legitima o surgimento de *Argentina* a partir da tradição liberal.

No número 2, é interessante como a revista parece aproximar o liberalismo argentino do norte-americano. Na seção *Nacieron en febrero*, San Martín e Sarmiento são lembrados ao lado de Washington e Lincoln.

No número 3, Antonio P. Castro publica *Sarmiento visita a Urquiza*. Trata-se de um texto descritivo sobre o convite de Urquiza a Sarmiento para que este visitasse a Província de Entre Ríos em 1869, o que foi aceito pelo então presidente. O texto, marcado por um tom laudatório, considera o encontro como a consolidação da unidade nacional. Entretanto, cabe ressaltar como é valorizado o papel de Urquiza nesse processo, graças à sua suposta abnegação em deixar para trás as divergências que tinha tido com Sarmiento:

⁸⁶ DELMONTE, L. Hostilidad contra las familias numerosas. *Argentina*, Buenos Aires, n° 3, março de 1949.

⁸⁷ Espigas de Argentina. En favor y en contra de la MARIHUANA. *Argentina*, Buenos Aires, n° 4, maio de 1949. p. 77.

⁸⁸ Ibid.

Y em um gesto tan suyo, espontáneo, como avergonzado de sus pensamientos anteriores, abrazó de nuevo a Urquiza, diciéndole la célebre frase que la Historia ha recogido con unción: “Ahora sí que me creo presidente da la República, fuerte por el prestigio de la Ley y el poderoso concurso de los pueblos”, emocionado por el cordial y extraordinario recibimiento y por lo que sus ojos, azorados, venían en la selva entrerriana.⁸⁹

No número 4, é publicado *Sarmiento da una lección de periodismo* de H. N. O artigo reproduz o último discurso presidencial de Sarmiento, no qual, dentre outros pontos, faz um balanço da conturbada relação com a imprensa nacional. O artigo parece traçar um paralelo indireto entre Sarmiento e Perón. Sarmiento, apesar de ter visto as “suas maiores iniciativas” serem sabotadas pela imprensa, teria sabido sobrepor-se a ela com “brio e eficácia”. O artigo ironiza, inclusive, a unidade e continuidade do liberalismo argentino:

Hoy los herederos de ese mismo periodista y de esos mismos mercaderes, que se jactan de la unidad de su doctrina histórica, serían implacables perseguidores de cualquiera que se atreviera a decir sobre el Sarmiento de la historia argentina, la centésima parte de lo que sus padres o abuelos dijeron de aquel gran constructor de la patria.⁹⁰

Em comparação com as revistas culturais nacionalistas de Entre Ríos, que analisaremos em seguida, a revista deu pouco espaço para se discutir abertamente assuntos referentes à política do século XIX argentino. De qualquer forma, seja no artigo que enaltece Urquiza, seja no artigo que aproxima Perón de Sarmiento, o peronismo se coloca, através de *Argentina*, como um continuador daqueles que garantiram a unidade nacional e consolidaram a paz interna. Contudo, a revista efetua um esvaziamento da política nessa apropriação do passado nacional pelo peronismo. Urquiza e Sarmiento teriam deixado para trás antigas divergências. Sarmiento não teria se abalado com as críticas que sofreu da imprensa.

Os artigos sobre cultura e produção cultural dividem espaço na revista com outros de cunho estritamente político. Isso porque não existe distinção entre uns e outros, todos estão relacionados ao intento de implantação de uma sociedade regida pelos princípios peronistas. Já destacamos a campanha contra a imprensa “livre”. Para citar outros

⁸⁹ CASTRO, A. P. Sarmiento visita a Urquiza. *Argentina*, Buenos Aires, n° 3, março de 1949. s/p.

⁹⁰ H. N. Sarmiento da una lección de periodismo. *Argentina*, Buenos Aires, n° 4, maio de 1949. p. 72.

exemplos, no primeiro número de *Argentina*, na sequência do texto de abertura de Ivanissevich, são publicados textos sobre duas “vitrines” do peronismo: *El anciano y sus derechos* do escritor Manuel Gálvez⁹¹ e *El voto más importante* de Juan de Bethancourt, referindo-se ao sufrágio feminino.⁹² Outro texto diretamente relacionado à política argentina do período foi um comentário positivo sobre *La reforma constitucional* de Carlos Ibarguren, publicado na seção *Bibliografía*, livro no qual é legitimada a reforma empreendida pelo governo de Perón.⁹³ Vale assinalar que essa foi uma das principais diferenças em relação aos mais importantes periódicos antiperonistas. Esses foram marcados por um discurso que separava o político do cultural, como é o caso mais conhecido da revista *Sur* de Victoria Ocampo.

Para terminar, além da citada carta de um leitor contra o texto sobre literatura infantil de Eleonora Pacheco, vemos que, já no primeiro número, a revista deixa entrever uma tensão entre a modernização em curso no país e a política cultural peronista. Em *Heredad del hombre de la pampa y de la huella*, de Eduardo S. Castilla, o pampa e o gaúcho seriam redutos privilegiados do legado espanhol aos argentinos. Nota-se uma tentativa de negar as interferências da modernização sobre esses dois redutos da nacionalidade argentina:

En la costumbre, en la aptitud y en su mentalidad, esos hombres nuestros, en esta época de las carreteras lisas, la televisión y los aviones a reacción, siguen constituyendo *el mismo argentino de siempre, dentro de la Argentina de siempre*; esto es, en función de la historia, que por ser la vida misma, es esencialmente dinámica [grifo meu].⁹⁴

Peronismo, nacionalismo e cultura sob uma perspectiva provincial: as revistas *Substancia* e *Tellus* de Entre Rios.

A publicação de revistas culturais nacionalistas, ligadas ou não ao governo de Perón, não esteve limitada à cidade de Buenos Aires e arredores. Duas revistas da Província

⁹¹ GÁLVEZ, M. *El anciano y sus derechos*. *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949.

⁹² DE BETHANCOURT, J. *El voto más importante*. *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949.

⁹³ LEGÓN, F. J. Carlos Ibarguren: *La reforma constitucional: sus fundamentos y su estructura*. *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949. p. 73.

⁹⁴ CASTILLA, E. S. *Heredad del hombre de la pampa y de la huella*. *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949.

de Entre Ríos, *Tellus* e *Substancia*, demonstram que regiões do interior argentino participaram de discussões travadas nacionalmente durante as décadas de 1940 e 1950.

A revista *Tellus* foi uma publicação da Dirección de Cultura de Entre Ríos, editada em Paraná, capital da província. A revista circulou entre janeiro de 1948 e março de 1949. O apoio oficial pode ser observado, por exemplo, nas páginas de propaganda do primeiro número, nas quais encontramos anúncios de “El Telegrafo de la Provincia” e do governo provincial, “colaborando con todo entusiasmo en el plan quinquenal (...)” através do Banco de Entre Ríos.

A revista *Substancia* foi uma publicação mensal da Comissão Municipal de Cultura de Concepción del Uruguay, criada em 1950. A revista foi publicada entre junho de 1951 e maio de 1952. Ao todo foram publicados doze números.

As duas publicações destacam os seus objetivos no primeiro número de cada uma delas. A *Tellus*, a exemplo do que comentamos sobre o discurso de Perón, se apresenta como herdeira de Roma, herança esta que teria sido transmitida pela colonização espanhola. Destaca que o seu alvo era a construção de uma “nova América”, de um “autêntico Novo Mundo”, no qual a Argentina teria um papel central.⁹⁵

Substancia se apresenta como uma representante do nacional e do popular. Quanto ao nacional, não há no primeiro número nenhuma reivindicação como em *Tellus*. O popular poderia ser observado no caráter não especializado da publicação, o que demonstraria sua proximidade com o povo.⁹⁶

Apesar dessa generalidade ao se apresentar a seus leitores, ainda no primeiro número da *Substancia* observamos como a província foi palco de debates culturais travados nacionalmente durante o governo de Perón. “Una revista no es un libro y es un error (...) utilizarla en largas y abstrusas tiradas, endilgadas habitualmente a un restringido sector de lectores.”⁹⁷ Ainda que não tenha sido feita nenhuma menção direta, acreditamos que essa passagem se refere particularmente à revista *Sur* de Victoria Ocampo, pois, no número 7 da *Substancia*, foi destacado o seguinte comentário de Silvina Bullrich (1915-1990) sobre a *Sur*:

⁹⁵ Principios, Normas, Fines. *Tellus*, Paraná, nº 1, 30 de janeiro de 1948. p. 1-2.

⁹⁶ Inicial. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 1, junho de 1951. p. 3.

⁹⁷ G. F. Nro. 1. “numero uno”. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 1, junho de 1951. p. 6.

“...Cuando una publicación tiene trescientas cuarenta páginas y sus firmas pertenecen a los *mejores* escritores del mundo, sería caprichoso empeñarse en llamarla “revista”. Por otra parte, “Sur” no fué nunca una revista y esto podemos decirlo a la vez en su *honor* y en su desmedro, pues si bien *tuvo casi siempre una categoría superior a las revistas*, a veces también le ha faltado la agilidad, la amenidad de éstas, y no me refiero aquí a las revistas ilustradas sino a las que ocupan en el mundo entero el mismo lugar que “Sur” ocupa entre nosotros [grifos meus].”⁹⁸

É interessante a estratégia da *Substancia*: critica a *Sur* usando palavras de Bullrich, pertencente a uma das famílias mais tradicionais da Argentina e ligada à Victoria Ocampo⁹⁹, como se fosse uma crítica da *Sur* a ela própria, se isentado, assim, de uma crítica direta. De qualquer modo, a crítica à *Sur* vem acompanhada de seu reconhecimento. Dessa maneira, a *Substancia* procura se legitimar como revista desde um lugar marginal. Logo, a província de Entre Ríos não parece ter sido um campo ocupado predominantemente pelos antiliberais e nacionalistas. Como *Substancia* se apresentou destinada aos setores populares e fez essa menção à revista de Victoria Ocampo, supõe-se que a *Sur*, mesmo que não fosse lida por muitos, era considerada uma referência dentre as revistas argentinas não apenas para as elites econômicas e intelectuais. Como Bisso destaca em seu trabalho sobre a *Acción Argentina*, as províncias receberam particular atenção dos setores liberais e democráticos durante a Segunda Guerra Mundial.

Podemos ainda relacionar essa crítica da *Substancia* à *Sur* a divergências existentes entre os próprios nacionalistas quanto à materialidade dos periódicos culturais. A revista *Tellus*, dentre outras, tinha o formato de livro da *Sur*.

Na *Tellus* podemos perceber a relevância dos setores liberais na província de Entre Ríos no número 7 da revista, publicado em agosto de 1948. Nesse número é transcrito um texto de Leopoldo Chizzini Melo, vencedor de concurso literário promovido pelo governo da província em 1947. Uma nota destaca que o autor foi elogiado pelos jornais *La Nación* e *La Prensa*, que ainda não tinha sido expropriado pelo governo de Perón.¹⁰⁰ No número 9 da *Tellus*, publicado em outubro de 1948, uma nota comunica o falecimento, em Buenos

⁹⁸ Apud Una revista es. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 7, dezembro de 1951. p. 228.

⁹⁹ Silvina Bullrich foi colaboradora da *Sur* e uma das escritoras argentinas que mais vendeu livros em meados do século XX. Em 1945, juntamente com Borges, organizou *El Compadrito*. Era neta de diplomata e, assim como Victoria Ocampo, teve uma formação marcada pela cultura francesa e constantes viagens a Paris.

¹⁰⁰ El legado de Irineo Rojas de Leopoldo Chizzini Melo. *Tellus*, Paraná, n° 7, agosto de 1948. p. 78-81.

Aires, do professor entrerriano Francisco Delfin Segovia. A nota destaca um elogio ao “(...) destacado comprovinciano (...)” publicado pelo *La Prensa* em 1946.¹⁰¹

Desse modo, apesar de terem existido entre os nacionalistas e os peronistas críticas a periódicos liberais como *Sur*, *La Nación* e *La Prensa*, os quais seriam representantes das elites econômicas e do imperialismo¹⁰², estes periódicos liberais se mantêm como referenciais quando legitimam nomes e posicionamentos compartilhados com nacionalistas e peronistas. Assim como destacamos no capítulo anterior a presença de escritores antiperonistas no *La Prensa* controlado pela CGT, esses exemplos sugerem que os periódicos liberais tampouco foram espaços totalmente fechados a nomes valorizados por nacionalistas e peronistas.

Antes de continuar, cabe explorar o discurso presente em ambas as revistas quanto a um lugar marginal que ocupariam, sobretudo no caso de *Substancia*. No número 1 é destacado que *Substancia* aceitaria colaborações espontâneas, mas é ressaltado que estas colaborações não seriam remuneradas em virtude do limitado mercado editorial argentino.¹⁰³

No número 2 da *Substancia*, uma nota não chega a criticar a sugestão de um suposto leitor de se publicar um guia das personalidades de Entre Ríos, mas questiona o que seria uma personalidade e critica as publicações já existentes do gênero. “Desgraciadamente los “Quien es quien” resultan aventuras editoriales lujosas, en las que sólo pueden figurar quienes tienen suficientes “blanca” para pagarse su “quién””.¹⁰⁴

No número 4-5 da revista, correspondente a setembro-outubro de 1951, uma nota cita genericamente elogios recebidos por *Substancia*, apesar da distância dos “grandes centros editoriais do país” e da simplicidade da publicação.¹⁰⁵ No mesmo número, uma nota esclarece que problemas econômicos levaram a revista a condensar dois números em um.

¹⁰¹ Un destacado comprovinciano ha fallecido en Bs. Aires. *Tellus*, Paraná, nº 9, outubro de 1948. p. 136.

¹⁰² Sem terem sido mencionados nomes, encontramos um exemplo dessa crítica no texto *Misión del Escritor en la Hora Presente*, publicado no número 7 da *Substancia*. O artigo ironiza o “desaparecimento” da militância em alguns escritores argentinos, relacionando-os às classes sociais privilegiadas. Ironiza a defesa da democracia por esses escritores. Refuta que silêncio decorresse da ausência de democracia na Argentina. Tais escritores estariam silenciosos por serem representantes do “(...) Imperialismo del Norte, metrópoli de la discriminación racial mas abominable y anacrónica, o apoyando la infiltración comunista (...)” (*Misión del Escritor en la Hora Presente*. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 7, dezembro de 1951. p. 211).

¹⁰³ Colaboración no solicitada. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 1, junho de 1951. p. 24.

¹⁰⁴ “Substancia” y Tú. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 2, julho de 1951. p. 73.

¹⁰⁵ Por ahí se habla bien de Substancia. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 4-5, setembro-outubro de 1951. p. 142.

“(...) esta circunstancia no recarga la suscripción de los lectores de SUBSTANCIA (...), en consecuencia, el presente número se computará como lo que es, en realidad: una sola entrega.”¹⁰⁶

No número 7, publicado em dezembro de 1951, *Substancia* pede a colaboração de doze leitores para manter e aprimorar a coluna “Los Libros”, oportunidade na qual são destacados os problemas para se manter uma revista “sem anúncios comerciais”.¹⁰⁷ No número 8, de janeiro de 1952, *Substancia* novamente pede colaborações para a revista.¹⁰⁸

No número 12, de maio de 1952, *Substancia* se despede do público alegando falta de recursos para manter a revista. Apesar disso, teriam mantido os preços baixos e a ausência de publicidade. A revista considera que seus propósitos tinham sido cumpridos.¹⁰⁹

Outro indício desse lugar marginal é a constância com a qual são citadas referências feitas às revistas em outros periódicos. No número 3 da *Tellus*, correspondente a abril de 1948, uma nota transcreve, sob o título “Estímulo”, uma crítica positiva do jornal *La Acción* de Paraná à revista.¹¹⁰ No número 9 são publicados dez comentários laudatórios sobre a *Tellus*.¹¹¹

O número 2 da *Substancia*, de julho de 1951, menciona o “excelente acolhimento” da revista.¹¹² No número 3, de agosto de 1951, é reproduzido o artigo *Periodismo y Cultura*, do escritor e jornalista Manuel Maria Oliver, publicado originalmente no jornal *La Capital* de Rosário em 9 de julho de 1951. O texto elogia *Substancia* pelo conteúdo patriota e moral.¹¹³

Tanto em *Tellus* como em *Substancia* se notam iniciativas para reverter esse lugar marginal. Nas duas revistas são constantes os anúncios de eventos promovidos pelo governo provincial, alguns deles com o apoio do governo de Perón. Dentre esses eventos, destacam-se concursos literários, conferências, exposições artísticas, festivais de teatro,

¹⁰⁶ “Substancia” y Tú. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 4-5, setembro-outubro de 1951. p. 157.

¹⁰⁷ Comentários sobre Libros. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 7, dezembro de 1951. p. 207.

¹⁰⁸ Colaboraciones. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 8, janeiro de 1952. p. 255.

¹⁰⁹ Propósitos Cumplidos. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 12, maio de 1952. p. 377. Porém, é provável que a extinção da revista também esteja relacionada com a mudança de prefeito em 4 de junho de 1952. Conforme anunciado nesse mesmo número de *Substancia*, a Comissão Municipal de Cultura, que deu origem à revista, se demitiu totalmente para dar “liberdade de ação” ao novo prefeito, Omar J. M. Blanc.

¹¹⁰ Estímulo. *Tellus*, Paraná, n° 3, abril de 1948. p. 94.

¹¹¹ Conceptos que merece “Tellus”. *Tellus*, Paraná, n° 9, outubro de 1948. p. 139-140.

¹¹² Excelente Acojimiento. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 2, julho de 1951. p. 42.

¹¹³ OLIVER, M. M. Periodismo y Cultura. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 3, agosto de 1951.

apresentações musicais, homenagens a próceres e inauguração de monumentos.

Vejamos dois exemplos. O número 1 da *Tellus* anuncia a criação do “Prêmio Urquiza” pelo governo provincial. O prêmio, no valor de 500 pesos, seria dado ao melhor livro publicado em 1947 de autor nascido ou radicado na província. São anunciados os jurados, os professores Victor Badano e Leoncio Gianello e Ruiz Moreno. Ruiz Moreno era diretor do Instituto Leguizamón, administrado pelo governo provincial.¹¹⁴ O vencedor foi o já mencionado Leopoldo Chizzini Melo. No número 7, é anunciado que o prêmio concedido ao escritor tinha sido elevado para 5000 pesos.¹¹⁵

O número 1 de *Substancia* publica as regras de um concurso literário e musical sobre o tema “Urquiza e o Pronunciamento”.¹¹⁶ Os maiores prêmios chegavam a 1000 pesos. Chama a atenção um dos pré-requisitos para a inscrição, a posse da “Libreta Cívica”, o que indica o caráter oficial do concurso.¹¹⁷ O caráter oficial dos concursos também poderia estar indicado indiretamente. No número 3 de *Substancia* é anunciado o “Festival de los Teatros Vocacionales”, também com premiações em dinheiro, que ocorreria no dia 16 de outubro, portanto, na véspera do “Dia da Lealdade”. Os vencedores seriam escolhidos por aclamação popular.¹¹⁸

A realização de concursos literários pelo governo teve como um de seus desdobramentos a organização sindical dos escritores provinciais. O número 3 da *Substancia* anuncia a formação do Sindicato de Escritores Argentinos em Entre Ríos, com uma sede em Concepción del Uruguay. Segundo a nota, os escritores provinciais passariam a ter a mesma condição dos que atuavam em Buenos Aires.¹¹⁹ No número 6, publicado em novembro de 1951, observamos como a organização sindical estava atrelada à política cultural do peronismo. Nesse número, uma nota destaca uma homenagem a Perón e Evita realizada em 31 de outubro em todas as sedes do sindicato. Houve leituras de poemas e foram comentados “um livro” de Perón e *A razão de minha vida* de Evita.¹²⁰

¹¹⁴ Premio Urquiza. *Tellus*, Paraná, n° 1, 30 de janeiro de 1948. p. 90.

¹¹⁵ Ampliaronse dos premios literarios. *Tellus*, Paraná, n° 7, agosto de 1948. p. 91-92.

¹¹⁶ O tema refere-se à declaração de rompimento com Rosas feita por Urquiza em Concepción del Uruguay em 1° de maio de 1851.

¹¹⁷ Bases y Premios para el Certámen Literario y Musical Sobre el Tema “Urquiza y el Pronunciamento”. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 1, junho de 1951. p. 10.

¹¹⁸ El Festival de los Teatros Vocacionales. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 3, agosto de 1951. p. 106.

¹¹⁹ Sindicato de Escritores Argentinos. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 3, agosto de 1951. p. 106.

¹²⁰ Sindicato de Escritores Argentinos. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 6, novembro de 1951. p. 176.

De qualquer maneira, a realização de inúmeros eventos pelo governo e o controle da organização sindical dos escritores não parece ter conduzido necessariamente a uma produção cultural nacionalista, no sentido tradicional da expressão. No número 7 da *Tellus* observamos que a “Asociación Guitarrística Entrerriana” propunha criar o “Dia do Violão”, o “instrumento nacional por excelência”.¹²¹ Não foi a única oportunidade na qual a revista abriu espaço para a instituição.¹²² No entanto, na mesma página, a revista comunica a realização de concertos de piano e de recitais líricos com o apoio do governo da província. O programa dos recitais realizados de 29 de julho a 1º de agosto de 1948 demonstra a escolha de peças tradicionais, reconhecidas internacionalmente. “Se llevó a escena: el 29 “La Traviatta”; el 30 “Il Trovatore”; el 31 “Rigoletto” y el 1º de Agosto “El Matrero” y “Boheme”, ésta fuera de abono.”¹²³

No número 9 da *Tellus* foi anunciada a temporada do Teatro Municipal de Paraná. Além de textos de escritores argentinos como Benito Lynch¹²⁴ e Camilo Darthés, foram encenadas as peças *A Escola de Mulheres* de Molière e “*La Hermosa Gente*” do escritor norte-americano Williams Saroyan.¹²⁵ No número anterior da revista, publicado em setembro, uma nota havia destacado que a atriz espanhola Margarita Xirgu tinha se apresentado nos dias 27 e 28 de agosto no Teatro “3 de Febrero” com as peças “*El Zoo de Cristal*” do escritor norte-americano Tennessee Williams e “*El Lunes Vuelve Susana*” de N. C. Hunter.¹²⁶

Conforme comentado no discurso de Perón, a língua mereceria particular atenção das escolas, pois seria um dos principais elementos da identidade nacional argentina. Preocupação similar em preservar o castelhano também se nota nos periódicos. No número 2 da *Substancia*, a revista comprova, através de uma citação de Quevedo, que não eram

¹²¹ La Asociación Guitarrística Entrerriana Propugna Instituir el “Día de la Guitarra”. *Tellus*, Paraná, nº 7, agosto de 1948. p. 91.

¹²² Por exemplo, no número anterior, o 6, publicado em julho de 1948, a revista anunciou o terceiro aniversário da instituição, comemorado com concertos de violão e recitais poéticos no rádio e em biblioteca popular. Nota frisa que houve expressiva participação popular nas comemorações.

¹²³ Recitales. *Tellus*, Paraná, nº 7, agosto de 1948. p. 91.

¹²⁴ Mais do que simplesmente um autor argentino, Benito Lynch era considerado por setores nacionalistas um autêntico representante do nacional na literatura. No número 7 de *Substancia*, Benito Lynch é aproximado de Horacio Quiroga, Hernandez, Lugones e Guiraldes. De acordo com a nota, os principais trabalhos de Lynch “(...) realizan cumplidamente una función de exaltación humana de lo argentino, (...) que no se dá con frecuencia en nuestros escritores, empeñados casi siempre en acuniar en europeo su péñola para plusvaluarla.” (Benito Lynch. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 7, dezembro de 1951. p. 210).

¹²⁵ Temporada en el Teatro Municipal de Parana. *Tellus*, Paraná, nº 9, outubro de 1948. p. 137.

¹²⁶ Margarita Xirgu. *Tellus*, Paraná, nº 8, setembro de 1948. p. 101.

modismos as palavras “mosca” para se referir a dinheiro e “potra” para pessoa sortuda. “(...) ambas expresiones proceden del más depurado casticismo español.”¹²⁷ No número 5 da *Tellus*, publicado em junho de 1948, encontramos uma variante desse hispanismo, quando a Biblioteca Popular de Paraná é relacionada à tradição hispânica de se fundar e manter bibliotecas. Apesar disso, é interessante que, dentre as atividades desenvolvidas na biblioteca, a revista destaque os cursos de francês que ali eram oferecidos pela Aliança Francesa.¹²⁸

Por falar em Aliança Francesa, no número 6 da *Tellus*, publicado em julho de 1948, são anunciadas três exposições. Uma de temas religiosos, promovida pela Ação Católica Argentina, outra de temas marinhos, patrocinada pelo Museu Provincial de Belas Artes e uma terceira do pintor José Planas Casas, com o patrocínio da Aliança Francesa.¹²⁹ O patrocínio da Aliança Francesa a uma exposição realizada em Entre Ríos indica que a produção artística e cultural na província tampouco esteve limitada ao Estado e a instituições consideradas conservadoras como a Ação Católica Argentina, uma das principais representantes do hispanismo reivindicado por grupos nacionalistas argentinos.¹³⁰ No número 9 da *Tellus*, a Aliança Francesa também aparece como patrocinadora de um concerto do pianista francês Charlie Lilamand. *Tellus* destaca o reconhecimento internacional do pianista na Europa e América.¹³¹

Apesar do propósito nacional-americanista de *Tellus*, destacado no primeiro número, encontramos ainda no número 9 da revista um artigo como *Concepción del Mundo, Cultura y Educación China*, de Angel A. Pereira. Trata-se de um texto predominantemente descritivo, mas que apresenta a cultura chinesa como um modelo diante da crise vivida pelo Ocidente e, particularmente, pela Europa. Dentre as contribuições da cultura chinesa estaria a concepção de que a ordem residiria no pensamento e não nas ações, princípio que valeria inclusive para os governantes.¹³² Ainda

¹²⁷ El Habla de los Argentinos. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 2, julho de 1951. p. 42.

¹²⁸ No *La Prensa* controlado pela CGT encontramos anúncio de cursos de inglês oferecidos na Associação de Cultura Inglesa (Inscripción en la Asociación de Cultura Inglesa. *La Prensa*, Buenos Aires, 2 de fevereiro de 1954. p. 5).

¹²⁹ Conferencias. *Tellus*, Paraná, n° 6, julho de 1948. p. 95.

¹³⁰ A Ação Católica Argentina, fundada é uma instituição formada por laicos com o objetivo de difundir e proteger os valores cristãos.

¹³¹ Conciertos. *Tellus*, Paraná, n° 9, outubro de 1948. p. 138.

¹³² PEREYRA, A. A. *Concepción del Mundo, Cultura y Educación China*. *Tellus*, Paraná, n° 9, outubro de 1948.

que nenhum governo tenha sido mencionado, muito menos o de Perón, tal concepção de ordem que poderia ser alcançada apenas pelo pensamento ia totalmente de encontro com o intervencionismo peronista.

Há outro elemento no porquê as revistas de Entre Ríos não terem se pautado necessariamente por uma postura nacionalista no sentido tradicional do termo. A exemplo do que notamos no congresso de bibliotecas populares, o discurso nacional/nacionalista não se sobrepõe à identidade local/regional relacionada à província.

Apesar de *Substancia*, no número 1, ter se apresentado como uma revista representante do nacional, no número 4-5, se apresenta como uma “(...) tribuna del pensamiento *entrerriano*, nacional y acuménico [grifo meu] (...)” ao anunciar uma nova colaboradora, a “escritora católica” de Buenos Aires Rudecinda Muñoz.¹³³ No número 12, a revista defende a formação de uma editora patrocinada pelo Estado, voltada para os escritores da província.¹³⁴

No número 8 da *Tellus*, de setembro de 1948, também encontramos dois exemplos de como as identidades local/regional e nacional, ainda que interligadas, não se sobrepõem. Na abertura do número, é defendido que, além da geografia, fosse ensinada a História da província nas escolas de Entre Ríos.¹³⁵ No mesmo número é anunciada a visita de professoras e alunas da Escola Normal nº 8 de Buenos Aires a Paraná, por ocasião das comemorações da expulsão dos ingleses ocorrida em 1806. No discurso para recepcionar as visitantes, o poeta Guillermo Saraví distingue os entrerrianos dos demais argentinos e dos nascidos ou radicados na capital, de onde vinham as professoras e alunas:

Pertenecéis a un establecimiento de enseñanza, cuyo prestigio ha trascendido a toda la República y nos esclarece y enorgullece a *nosotros, los entrerrianos*, como a todos los argentinos. Vuestra excursión, aunque breve, por la ciudad de las barrancas, ha de ser altamente provechosa, desde que servirá para *estrechar los vínculos* de la solidaridad y del afecto, que por serlo de la comprensión, se basan en el mutuo conocimiento.

Ahora, ya no podréis iros de Paraná, sin dejarnos un pedazo de vuestro corazón y sin llevaros un pedazo del nuestro [grifos meus].¹³⁶

¹³³ Nueva colaboradora de *Substancia*. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 4-5, setembro-outubro de 1951. p. 142.

¹³⁴ Una editorial para los escritores entrerrianos. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 12, maio de 1952. p. 377.

¹³⁵ Sentida Necesidad. *Tellus*, Paraná, nº 8, setembro de 1948. p. 1-2.

¹³⁶ Palabras del poeta Guillermo Saraví. *Tellus*, Paraná, nº 8, setembro de 1948. p. 97.

Já mencionamos a realização de concursos literários restritos a escritores nascidos ou radicados na província. Essa restrição também havia em concursos e eventos referentes a outras manifestações artísticas. No número 2 da *Tellus*, correspondente a março de 1948, são anunciados os vencedores do “Primer Salón Entrerriano de Dibujantes y Grabadores del Litoral”, organizado pela Dirección Provincial de Cultura em La Paz, Entre Ríos.¹³⁷

A identidade provincial também aparece como promotora privilegiada da “argentinidade”, invertendo a perspectiva tradicional que vai do nacional ao local/regional. Por exemplo, no número 4 da *Tellus*, de maio de 1948, a obra do entrerriano Martiniano Leguizamón é colocada como de “transcendência argentinista”.¹³⁸

A promoção e a defesa da identidade local/regional pelas revistas estão diretamente relacionadas a questões e divergências econômicas e políticas, algumas delas provenientes do século XIX. No número 2 de *Substancia*, encontramos a curiosa proposta da “cidade longitudinal”. A cidade longitudinal se formaria a partir de Buenos Aires, beirando as estradas, de modo a conter a especulação imobiliária e levar o desenvolvimento concentrado em Buenos Aires para regiões mais distantes, desenvolvimento para o qual colaborariam as províncias. “(...) es justo que las provincias participen más intensamente del fruto de su trabajo, dándoles mayores posibilidades para disfrutar de los beneficios de la vida civilizada y comfortable.”¹³⁹

Nos números 7 e 11 da *Tellus* encontramos inclusive uma disputa territorial entre as províncias de Entre Ríos e Buenos Aires. A revista pressiona o Congresso Nacional para garantir a supremacia da província sobre “Las Lechiguanas”, arquipélago então administrado por Buenos Aires.¹⁴⁰

As aberturas existentes na proposta nacional dos dois periódicos e, principalmente, as tensões entre as províncias e entre o local/regional com o nacional remetem às guerras civis do século XIX. Remetem a uma memória constantemente reelaborada, distante de formar dois campos claramente delineados e em disputa. A Província de Entre Ríos desperta particular interesse para se analisar as relações entre peronismo, nacionalismo e

¹³⁷ El Salón de La Paz. *Tellus*, Paraná, n° 2, março de 1948. p. 83-84.

¹³⁸ Museo Leguizamon. *Tellus*, Paraná, n° 4, maio de 1948. p. 109.

¹³⁹ La ciudad longitudinal. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 2, julho de 1951. p. 42.

¹⁴⁰ Un acuerdo importante relacionado con las islas “Las Lechiguanas”. *Tellus*, Paraná, n° 7, agosto de 1948. p. 93-94; Los derechos entrerrianos en las islas “Las Lechiguanas”. *Tellus*, Paraná, n° 11, dezembro de 1948. p. 1. A questão da supremacia sobre o arquipélago era um resquício das guerras civis do século XIX e apenas foi solucionada na década de 1960.

tradição liberal argentina por ser a província natal de José Justo de Urquiza, que derrotou Rosas na Batalha de Caseros e abriu caminho para a formação do Estado nacional argentino sob o princípio unitário, apesar de originalmente ligado ao federalismo.

No número 2 da *Tellus* foi publicado *Rosas y Urquiza*, texto de Mario Cesar Gras destacado na epígrafe deste capítulo. O autor aproxima Rosas de Urquiza. De acordo com o autor, Urquiza apenas conseguiu atuar em favor da consolidação do Estado nacional argentino pela colaboração de Rosas, a quem teria ajudado economicamente. Urquiza, diante dos empecilhos para costurar acordos com os unitários, teria lamentado publicamente ter lutado contra Rosas. Como colocado na epígrafe, Mario Cesar Gras considera que Rosas, apesar de ter alimentado politicamente as guerras civis do século XIX, foi um nacionalista a ser admirado.¹⁴¹

No número 4 da *Tellus*, notamos que não era consenso a associação feita por Mario Cesar Gras entre Urquiza e o Estado unitário argentino. Na abertura do número é condenado o regionalismo radical. Defende-se que Ramírez e Urquiza foram norteados pelos interesses nacionais e não apenas pelos da província.¹⁴²

Em *Ideales de la Argentinidad*, publicado no mesmo número, o historiador Enrique de Gandia, colocando-se como um nacionalista, critica os nacionalistas argentinos, pois a História do país seria uma “grande mistificação”, construída para servir “ditaduras ou governos personalistas”. Segundo o autor, os nacionalistas argentinos pecariam pelo isolamento, ao invés de se esforçarem para incluir o país à história universal, “(...) en su dramatismo y en su idealismo más hondo y más hermoso (...)”¹⁴³

O texto de Enrique de Gandia sugere que os setores liberais e democráticos foram bem sucedidos ao associarem o nacionalismo ao nazi-fascismo, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial. “Tampoco debe suponerse que nacionalismo es totalitarismo”¹⁴⁴, frisa o autor. Mais do que isso, o artigo deixa transparecer divergências entre os nacionalistas. Segundo Enrique de Gandia, era necessário distinguir o nacionalismo do patriotismo e do “patrioterismo”:

¹⁴¹ GRAS, op. cit.

¹⁴² Entrerriana. *Tellus*, Paraná, nº 4. p. 1-2.

¹⁴³ DE GANDIA, E. *Ideales de la Argentinidad*. *Tellus*, Paraná, nº 4, maio de 1948. p. 9.

¹⁴⁴ *Ibid.* p. 9.

Patrioterismo es borrachera, inconsciencia, estupidez de patriotismo, y patriotismo es, simplemente, amor a la patria, (...) a la tierra donde también hemos nacido; como tierra, como lugar de recuerdos, como rincón de nuestro hogar, (...) no como fuerza histórica, como mandato del destino histórico.¹⁴⁵

Dentre os nacionalistas, o autor critica, particularmente, os rosistas. “(...) el rosismo es la antítesis del liberalismo que constituye, sin discusiones, el *alma de la historia argentina* [grifo meu].”¹⁴⁶ Rosas não poderia ser considerado um exemplo de nacionalismo, pois teria dividido e não unido o país.

A sequência do texto nos dá um dos melhores exemplos da complexidade do meio político e intelectual argentino em meados do século XX. Até este ponto, encontramos uma postura que se apresenta como nacionalista, ligada ao Estado unitário e liberal e que entende o nacional em suas intersecções com o universal. Enrique de Gandia conclui o artigo destacando a colonização espanhola como um legado positivo para a Argentina. De acordo com o autor, o que os nacionalistas argentinos reivindicavam da colonização espanhola era justamente o contrário do nacionalismo. “(...) son los intransigentes absolutistas, los herederos espirituales de los enemigos de los liberales que hicieron la Patria. *Nuestro nacionalismo es el liberalismo español* [grifo meu] (...)”¹⁴⁷ Segundo o autor, se confunde o clericalismo espanhol do século XVIII com todo um legado liberal, de cunho político e teológico, oferecido anteriormente pela colonização.¹⁴⁸ O autor defende que foi esse legado que levou à independência política argentina e não a Revolução Francesa, a qual teria causado horror e não admiração na bacia do Prata. Enrique de Gandia considera que Sarmiento, em suas críticas à Espanha, referia-se ao clericalismo do XVIII e não à colonização como um todo.¹⁴⁹

O autor ainda faz uma distinção entre Rosas e outros federalistas. Destaca que

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

¹⁴⁷ Ibid., p. 11.

¹⁴⁸ Enrique de Gandia considera que a origem do voto na Argentina remontaria a 1537, quando foi necessário escolher o sucessor de Pedro de Mendoza. O autor destaca que, no período colonial, a Argentina tinha liberdade religiosa, de imprensa, de imigração, de trabalho e de comércio. Destaca, também, o reconhecimento da propriedade do solo. Baseando-se no *jus soli*, crê que a colonização espanhola foi marcada pela ausência de preconceitos raciais. O liberalismo espanhol poderia ser percebido, ainda, no número expressivo de políticos maçons no século XIX.

¹⁴⁹ No entanto, no número 9 da *Tellus*, publicado em outubro de 1948, encontramos uma convergência entre a memória de Sarmiento e a tradição católica. Na nota *Dia del Maestro*, a respeito das comemorações do Dia do Professor em 11 de setembro, é mencionado que a “Federación de Maestros y Profesores Católicos” foi uma das instituições que prestigiaram as comemorações em homenagem a Sarmiento.

federalistas como Ramírez, Urquiza, Facundo, Dorrego e Iriarte defendiam uma constituição para o país, passagem na qual são aproximados dos unitários.¹⁵⁰ Em pleno governo de Perón o autor desconstrói, assim, os campos em luta do século XIX que explicariam, para alguns, o surgimento e a consolidação do peronismo:

El ideal de una Constitución tipo estadounidense fué, por tanto, un ideal en gran parte federal y llevado a la práctica, también, por un federal. Unitarios y federales diferían en formas; pero no en el ideal patriótico de hacer realmente la Patria. Los únicos que se opusieron, insistimos, fueron los caudillos y Rosas.¹⁵¹

Ainda no número 4 da *Tellus* a discussão prossegue com *De la Historia y de Rosas*, de Andres Ivern. Ao contrário do defendido por Enrique de Gandia, Ivern considera que Rosas deveria ser colocado “(...) entre los más grandes defensores de nuestra integridad territorial, racial y espiritual.”¹⁵² Porém, é interessante como essa defesa de Rosas reside no destaque a medidas de seu governo tradicionalmente relacionadas à tradição liberal argentina. Ivern frisa que Rosas comemorava os aniversários da Revolução de Maio. Frisa, também, que Rosas foi pioneiro nas homenagens a San Martín. Ainda associa Rosas ao desenvolvimento das ciências no país.¹⁵³ Como Enrique de Gandia, Ivern destaca positivamente a colonização espanhola, mas, ao contrário do primeiro autor, associa Rosas a esta colonização. Para Ivern, o “autoritarismo” de Rosas estaria relacionado, justamente, à sua determinação em preservar a herança cultural espanhola.

¹⁵⁰ No número 11 da *Tellus*, publicado em dezembro de 1948, é publicada uma entrevista com José Roberto del Río, na qual defende uma perspectiva semelhante sobre Hernández. De acordo com o entrevistado, colecionador de fontes sobre o poeta, Hernandez não era rosista, pois seria defensor da liberdade e da união nacional. (La opinión de José Hernandez sobre Juan Manuel de Rosas. Una entrevista con el señor José Roberto del Río feita por F. E. R. *Tellus*, Paraná, nº 11, dezembro de 1948. p. 85-87).

¹⁵¹ Ibid., p. 22. Uma relação entre federalismo, liberalismo e positividade da colonização espanhola também pode ser observada no discurso de Cesar Blas Perez Colman pronunciado no aniversário de 75 anos da Biblioteca Popular do Paraná. Destaca-se o empenho de Sarmiento na fundação da bibliotecas, mas é ressaltado o pioneirismo de Urquiza na fundação de bibliotecas na província. Ambos, por sua vez, teriam apenas dado continuidade à tradição da colonização espanhola. “Los argentinos hemos conservado felizmente la vocación de nuestros padres por el fomento de las bibliotecas. La historia nos dice que fueron los españoles conquistadores y civilizadores del continente americano quienes trajeron de la Madre Patria su ciencia, su religión, sus letras y sus artes, e importaron al mismo tiempo las mejores expresiones de la cultura europea.” (La Biblioteca Popular del Paraná en su 75º Aniversario. *Tellus*, nº 5, junho de 1948. p. 52).

¹⁵² IVERN, A. De la Historia y de Rosas. *Tellus*, Paraná, nº 4, maio de 1948. p. 101.

¹⁵³ No número 3 da *Tellus*, de abril de 1948, outro nome ligado ao federalismo é aproximado de princípios e medidas liberais. Em *Homenaje a Ramírez*, é reproduzido o discurso de Luis J. Bilbao, Subsecretário do Ministério de Governo, pronunciado na comemoração dos 162 anos de nascimento do general Francisco Ramírez. Discurso destaca sua preocupação com os correios e com a administração do Estado, dentre outros pontos. É colocado, ainda, como um republicano. (Homenaje a Ramírez. *Tellus*, nº 3, abril de 1948. p. 90-91).

Em *Substancia* não aconteceram debates como o que acabamos de ver em *Tellus*. De qualquer maneira, na revista de Concepción del Uruguay, notamos percepções distintas sobre a tradição liberal, particularmente sobre Sarmiento. No mencionado *Periodismo y Cultura*, artigo do jornalista Manuel Maria Oliver reproduzido pela revista, é destacado que Sarmiento seria um admirador da *Substancia* por seu “método moderno” de difundir a cultura.¹⁵⁴ Já no número 4-5, uma nota destaca o caráter “violento” de Sarmiento. A nota ainda invalida a opinião de Sarmiento sobre a Espanha ao destacar que o autor de *Facundo* passou apenas poucos dias no país.¹⁵⁵

Vale destacar que o artigo de Ivern na *Tellus* e a nota sobre o caráter “violento” de Sarmiento na *Substancia* podem nos ajudar a compreender por que a apropriação da tradição liberal argentina pelo peronismo foi efetuada indiretamente na maioria das vezes, sem aproximações diretas entre Perón e os próceres liberais. Escritores e intelectuais ligados ao revisionismo mantiveram-se relevantes como legitimadores, sobretudo, do nacionalismo do governo de Perón.¹⁵⁶

Um dado parece sintetizar como alguns conceitos caros à História e à memória dos argentinos como civilização e barbárie, unitarismo e federalismo, parecem estar mais em aberto do que consolidados durante o governo de Perón. No número 10 da *Tellus*, publicado em novembro de 1948, são destacados os materiais recebidos pelo Museu Histórico de Entre Ríos Martiniano Leguizamón em outubro. Dentre as doações, são mencionados um exemplar da revista do Instituto Juan Manuel de Rosas de Investigações Históricas e outro da revista *Cursos y Conferencias* do Colégio Livre de Estudos Superiores. Em um museu administrado pelo governo da província natal de Urquiza, formava-se um acervo com periódicos referentes tanto aos revisionistas como à tradição liberal.¹⁵⁷

Os periódicos aparecem como espaços de tensões políticas inclusive sobre assuntos pontuais, alguns relacionados ao cotidiano. Apesar do cunho oficial das publicações, não se nota necessariamente uma relação de subserviência diante do governo da província e de

¹⁵⁴ OLIVER, op. cit.

¹⁵⁵ Sarmiento en España. *Substancia*, nº 4-5, setembro-outubro de 1951. p. 119.

¹⁵⁶ Há extenso debate sobre a memória de Rosas e Sarmiento durante o governo de Perón. Autores como Alberto Ciria, Mariano Plotkin, Maristella Svampa e Alejandro Cattaruzza dissociam o peronismo do revisionismo. Consideramos mais pertinente a visão de Colin M. Winston, para quem Perón tratou de se equilibrar entre Sarmiento e Rosas. Michael Goebel, por sua vez, considera que a aproximação entre Perón e o revisionismo somente se consolidou após o golpe de 1955.

¹⁵⁷ Museo Histórico de Entre Ríos “Martiniano Leguizamón”. *Tellus*, Paraná, nº 10, novembro de 1948. p. 120-121.

Perón, sobretudo em *Substancia*. No número 4-5 de *Substancia*, uma nota lamenta a suspensão do serviço de contra-reembolso feito pelo correio, suspensão determinada pelo governo federal. A nota implicitamente coloca a medida como uma contradição do governo de Perón porque o serviço seria importante para os setores populares representados pelo peronismo:

(...) se nos ocurre pensar que acaso la misma repartición postal ha de contar con los recursos para superar la situación creada al público por la supresión de tan valioso servicio y que la misma ha de ser transitoria, máxime cuando vivimos una era de revisión justicialista en que todos los esfuerzos del poder administrador parecen ser pocos para tender a labrar en todas las direcciones el bienestar del pueblo.¹⁵⁸

No número 7, *Substancia* aborda o cancelamento de concessão dada à empresa de balsas que transportava passageiros de Concepción del Uruguay a Buenos Aires. O cancelamento não chega a ser diretamente criticado pela revista, mas nota fala sobre prejuízos econômicos aos passageiros e de situação precária no sistema de transporte da província. Conclui esperando que o cancelamento fosse temporário.¹⁵⁹

No número 8 da *Substancia*, é destacado o crescimento do êxodo rural em Entre Ríos e defende melhorias para os camponeses. Apesar de responsabilizar a ganância dos proprietários e ressaltar as medidas tomadas pelo peronismo para conter o problema, a nota considera que, para prender o homem ao campo, era preciso dar-lhe um “trabalho compensador”. Diferentemente do que costumava ser destacado por Perón e Evita, a nota não deixa dúvidas quanto a um descompasso entre o desenvolvimento das cidades e o que acontecia no campo. “(...) para radicarlo gustosamente [no campo] hay que darle lo que en la ciudad le tienta.”¹⁶⁰

Assim como a revista *Argentina*, *Substancia* publicava algumas cartas de leitores, o que permite levantar, ainda que de modo parcial, aspectos referentes à recepção das publicações. De modo parcial, pois, certamente, as revistas faziam uma seleção rigorosa das cartas que seriam publicadas.

Já no número 2 da revista destacam-se na coluna *Substancia y Tú* respostas a críticas enviadas por leitores. A primeira nota parece responder a uma crítica quanto a um

¹⁵⁸ Contra-reembolso. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 4-5, setembro-outubro de 1951. p. 117.

¹⁵⁹ Lo de la Balsa y el Omnibus. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 7, dezembro de 1951. p. 213.

¹⁶⁰ Despoblación. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 8, janeiro de 1952. p. 238.

ecletismo da publicação.¹⁶¹ A segunda rebate que a revista fosse afrancesada.¹⁶²

A quinta nota responde ao leitor P. M. S. de Paysandú, Uruguai, o qual teria perguntado sobre as tensões entre Argentina e Uruguai naquele momento. *Substancia* diz ignorar a existência de tensões entre os dois países, mas rebate críticas dos uruguaios quanto à situação vivida pela Argentina:

Usted, señor, habrá advertido, en alguna de esas “escapaditas” domésticas a esta vecina orilla, que aquí no se respira el aire enrarecido que algunos de sus compatriotas atribuyen a la “actualidad argentina” (...).¹⁶³

No número 3, a revista responde a uma crítica oposta ao ecletismo: um dos leitores teria apontado que *Substancia* tinha pouca variedade de assuntos. “Sabemos que la única manera de conformar a todos, sería confeccionando una revista distinta para cada amable lector...”¹⁶⁴

Nos números seguintes não foram mais publicadas críticas a *Substancia*. Verdadeiras ou não, a publicação dessas cartas de leitores, nos primeiros números, foi, possivelmente, uma resposta a críticas que, com maior ou menor intensidade, repercutiram no meio intelectual e na opinião pública da província. Mostram como houve reações diferenciadas do público diante de uma proposta cultural nacionalista aliada do governo de Perón.

Em comparação com a revista *Argentina*, ligada ao governo de Perón e publicada em Buenos Aires, as revistas *Tellus* e *Substancia* se destacam pelas discussões históricas travadas em suas páginas e por permitirem apreender uma produção cultural mais ampla do que sugere a imagem do atraso tradicionalmente relacionada ao interior. Desse modo, as duas publicações indicam que o governo de Perón não implantou, mesmo no interior, uma política cultural uniforme, que teria dominado o meio artístico e intelectual, encontrado respaldo na maior parte da sociedade argentina e levado a um “vazio” cultural. O interior argentino passava pelo processo de modernização destacado por Sarlo em Buenos Aires. Na poesia *La Tradición*, de Maria Susana Rubio de Antelo, publicada no número 7 da

¹⁶¹ *Substancia* y Tú. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 2, julho de 1951. p. 73.

¹⁶² *Ibid.*

¹⁶³ *Ibid.* Argentina e Uruguai mantiveram tensas relações diplomáticas durante o governo de Perón. Muitos antiperonistas se refugiaram no país vizinho. De lá transmitiam, por exemplo, programas de rádio contra o governo de Perón, os quais podiam ser sintonizados na Argentina.

¹⁶⁴ *Substancia* y Tú. *Substancia*, Concepción del Uruguay, n° 3, agosto de 1951. p. 110.

Tellus, encontramos elementos que permitem apreender a formação da “cultura de mescla” em Entre Ríos, para utilizarmos a expressão empregada por Sarlo em seus estudos sobre Buenos Aires:

No, no pueden morir las tradiciones
aun se pueblan los aires de canciones
que evocan el pasado,
(...).
Hay quien dice que todo está perdido,
que el chingolo se ha ido
porque ya no es la pampa como antaño,
que por el desengaño,
castigado y herido,
irá el gaucho cayendo en el olvido
sin que nadie alimente
su recuerdo, borrado en el presente,
y que el progreso transformando el mundo
desterrará lo criollo y lo nativo
(...).¹⁶⁵

Ainda o *La Prensa* controlado pela CGT: peronismo, cultura e tradição liberal argentina.

Destacamos no capítulo anterior a existência de espaços no *La Prensa* controlado pela CGT que informaram sobre a produção e demais atividades de escritores antiperonistas. Agora, cabe destacar como a política cultural do governo de Perón foi apresentada a um dos seus principais alvos, se não o principal, os trabalhadores urbanos. A participação do *La Prensa* na política cultural do governo de Perón pode ser observada em uma nota publicada pelo jornal em 10 de fevereiro de 1954, na qual o presidente da Comissão Nacional de Cultura, Cátulo G. Castillo, enaltecia “o trabalho que em favor da cultura argentina” realizava o *La Prensa*. “Siempre he entendido que el periodismo es una herramienta invaluable para orientar la cultura de cualquier país, a través (...) de su *fácil acceso a las masas* [grifo meu].”¹⁶⁶

Entre 1º e 9 de fevereiro de 1954, o *La Prensa* publicou a série “Una Temática de la Cultura Argentina”, composta por cinco artigos assinados por José Antonio Güemes. Os artigos são mencionados por Cátulo G. Castillo como um dos feitos do jornal.

¹⁶⁵ DE ANTELO, M. S. R. La Tradición. *Tellus*, Paraná, nº 7, agosto de 1948. p. 85.

¹⁶⁶ Apud Encomia la Comisión N. de Cultura la Labor Educativa de LA PRENSA. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de fevereiro de 1954.

No primeiro artigo, *Contenido esencial y finalidad de la cultura*, Güemes considera que, diante da democratização da cultura proporcionada pelo governo de Perón, algumas questões se colocavam como proeminentes:

¿Cuál es el contenido y la finalidad de la cultura? ¿Existe en realidad una cultura argentina? ¿Qué es lo definitorio en lo nuestro? ¿Cómo debe orientarse el plan cultural? ¿Cuál debe ser el proceso de nuestra cultura?¹⁶⁷

O autor faz uma distinção entre cultura, ilustração e diversão. A cultura seria uma criação constante, elemento de equilíbrio entre o espírito e a animalidade, até então patrimônio da elite argentina. A ilustração seria o conhecimento enciclopedista, desvinculado da moral, característico da burguesia do país em busca de reconhecimento social. A diversão pertenceria a um grau inferior do espírito, oferecida aos setores populares pela elite e pela burguesia como a política do “pão e circo” de Roma. Segundo o autor, a mobilidade social da burguesia e dos setores populares fez com que os três elementos se tornassem mascarados. “(...) la cultura se convirtió en algo bastardo, la ilustración se hizo pedantesca y la diversión se vistió con ropajes de cultura.”¹⁶⁸ Güemes conclui esse primeiro artigo destacando que se tratava de um problema mundial, mas que no caso argentino havia o agravante de ter atingido “(...) una comunidad que estaba verde en cuanto a consciencia nacional.”¹⁶⁹

No segundo texto, *La realidad de una cultura argentina*, publicado no dia 3, Güemes considera que a cultura nacional se encontrava em “estado selvagem”.¹⁷⁰ Güemes não discorda da produção cultural estar a cargo da elite, apenas lamenta que esta estivesse distante da realidade nacional. “(...) los auténticos creadores de cultura (...) se alejaron cada vez más de esa realidad que pesaba con el rigor de una entrega, y buscaron estímulos y motivos de inspiración lejos de la tierra que había sido testigo de una venta inmoral.”¹⁷¹ Em virtude disso, Güemes considera que a História argentina era uma “fábrica de heróis civis”, cujas glórias tinham sido “inventadas”.¹⁷²

¹⁶⁷ GÜEMES, J. A. Contenido esencial y finalidad de la cultura. *La Prensa*, Buenos Aires, 1º de fevereiro de 1954.

¹⁶⁸ Ibid.

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ GÜEMES, J. A. La realidad de una cultura argentina. *La Prensa*, Buenos Aires, 3 de fevereiro de 1954.

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² Ibid.

No terceiro texto, *¿Que es lo definitorio en “lo nuestro”?*, publicado no dia 5, Güemes detecta a existência de cinco correntes na elite, enquanto produtora de cultura. São elas: a hispanófila, a europeizante, a americanista, a cosmopolita e a folclórica.¹⁷³ É interessante que Güemes aproxima a corrente hispanófila da europeizante, relacionando ambas aos setores dominantes da elite. “(...) así como el hispanófilo se enorgullece de un colonialismo inexistente, estos otros se vanaglorian de una sumisión sin jerarquía.”¹⁷⁴

Quanto ao americanismo, cairia em um equívoco oposto ao desprezar tudo que fosse relacionado ao “velho Continente”.¹⁷⁵ Güemes considera o americanismo um suposto, um falso nacionalismo. “(...) gustan de beber a lo inglés, comer a lo francés y cantar canciones rusas.”¹⁷⁶ Os cosmopolitas, por sua vez, são apresentados como “náufragos de una tempestade intelectual” por negarem os “imperativos que emergem do lugar e da paisagem”.¹⁷⁷ Sobra inclusive para os folcloristas, tradicionalmente relacionados ao governo de Perón. Segundo Güemes, os folcloristas padeciam de “ilegítima seriedade”, vestiam um “disfarce” carnavalesco, pois são “(...) los que añoran el chiripá pero usan casimires importados; hablan de autoctonismo pero nunca se alejaron del asfalto (...)”.¹⁷⁸

Na segunda metade do texto, Güemes responde a pergunta presente no título. Segundo o autor, considerando-se a indeterminação do peso de cada uma das cinco correntes na cultura argentina, “o nosso” seria composto por todos os elementos que elas reivindicam como “o nosso”. De acordo com Güemes, somente era possível detectar “o nosso”:

Cuando todo se valore por la finalidad, la intención y la *universalidad* y no por lo *aparente*, lo transitorio y lo secundario. Cuando el concepto de “copia fiel” sea reemplazado por el de asimilación lógica y elaboración natural. Solamente así se evitará el ridículo del criollo afrancesado y el carnaval del argentino aindiado (...) [grifos meus].¹⁷⁹

Antes de continuar explorando os artigos de Güemes, é impossível não estabelecer um paralelo com *O escritor argentino e a tradição* de Borges, pronunciado originalmente

¹⁷³ GÜEMES, J. A. *¿Que es lo definitorio en “lo nuestro”?* *La Prensa*, Buenos Aires, 5 de fevereiro de 1954.

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁶ Ibid.

¹⁷⁷ Ibid.

¹⁷⁸ Ibid.

¹⁷⁹ Ibid.

como conferência em 7 de dezembro de 1951 no Colégio Livre de Estudos Superiores. O escritor se detém a criticar, justamente, o nacional e o nacionalismo baseados em aparências, em sinais exteriores. Nesse texto encontramos uma das passagens mais conhecidas de Borges, na qual destaca que Maomé, não sendo nacionalista, não colocou camelos no *Alcorão*. A exemplo do colocado por Güemes, Borges defende que a tradição argentina era toda a cultura ocidental.¹⁸⁰

No quarto texto, *Cómo debe orientarse el plan cultural*, publicado em 7 de fevereiro de 1954, Güemes defende a intervenção do governo na cultura como uma necessidade, similar à existente na economia, “(...) sin que ello signifique pecado de “Intervencionismo” (...)”¹⁸¹, ponderação também notada no Primeiro Congresso de Bibliotecas Populares da Província de Buenos Aires. Ainda sobre a “necessidade” de intervenção do governo na cultura, Güemes defende que o Ministério da Educação deveria controlar as questões culturais. Güemes saúda a atuação do governo de Perón na esfera cultural, o qual teria “levantando o véu que cobria a muitos falsos mitos”.¹⁸² Porém, Güemes considera incompleta uma das principais vitrines da política cultural peronista, a democratização do Teatro Colón de Buenos Aires. O governo de Perón promoveu sessões populares e usou o teatro para reuniões políticas. “La admisión del pueblo trabajador en el teatro Colón fué y será un símbolo revolucionario terminante, pero no debe interpretarse como una prueba **exclusiva** de elevación cultural (...)”¹⁸³ Segundo Güemes, a democratização do teatro abria espaço para artistas argentinos. Porém, devido às hierarquias existentes, comentadas em seu primeiro texto, não colaborava, realmente, para o aprimoramento cultural de toda a nação.

Percebem-se também essas hierarquias na fala de Cátulo G. Castillo que destacamos anteriormente. Além dos artigos de Güemes, o presidente da Comissão Nacional de Cultura destacou positivamente o suplemento literário dominical do *La Prensa*. “(...) el “Suplemento” dominical (...) realiza la difusión de lo literario, de lo artístico, *de lo que el pueblo está en condiciones de absorber* directa y entretenidamente [grifo meu].”¹⁸⁴

¹⁸⁰ BORGES, J. L. O escritor argentino e a tradição. In: *Obras Completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998. v. 1. p. 288-296.

¹⁸¹ GÜEMES, J. A. *Cómo debe orientarse el plan cultural*. *La Prensa*, Buenos Aires, 7 de fevereiro de 1954.

¹⁸² Ibid.

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Apud Encomia la Comisión N. de Cultura la Labor Educativa de LA PRENSA. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de fevereiro de 1954.

No quinto artigo, *El proceso de nuestra cultura*, publicado no dia 9, Güemes desenvolve como o plano cultural deveria ser implantando, considerando-se as hierarquias sociais e entre as artes. A respeito dessas hierarquias e de suas consequências na cultura, o autor se fundamenta no Segundo Plano Quinquenal, segundo o qual “(...) la elaboración de la cultura argentina debe ser “progresiva” y adaptada al grado actual de elevación de los diversos planos de la comunidad [grifos meus].”¹⁸⁵ Güemes argumenta que, no caso dos trabalhadores, essas hierarquias não levariam a um aprimoramento apenas técnico. Cita o exemplo de um pedreiro que, possuindo conhecimentos históricos sobre estilos, poderia desenvolver melhor seu trabalho, para que este fosse um “bem social”.

Mencionamos no capítulo anterior que o jornal priorizou a promoção de instituições, concursos literários e demais eventos culturais ligados ao governo de Perón. No caderno cultural e literário do jornal, que circulava aos domingos, eram publicados contos e poesias sobretudo de autores alinhados com a política cultural do governo, assim como resenhas de livros destes escritores e notas a respeito de outras atividades que desempenhavam.

De qualquer maneira, o que se destaca nesse periódico, vale ressaltar, direcionado para a principal base social do peronismo, é a presença constante de escritores não alinhados, como desenvolvemos no capítulo III. Consideramos que o espaço aberto a escritores antiperonistas no *La Prensa* controlado pela CGT está relacionado, mais amplamente, ao espaço aberto no jornal à tradição liberal argentina. Em comparação com a revista *Argentina*, controlada pelo Ministério da Educação, é inquestionavelmente maior a presença e a valorização da tradição liberal argentina no *La Prensa* controlado pela CGT.

Em 15 de fevereiro de 1953, o *La Prensa* publicou o artigo *Evocación de Sarmiento*, de Juan Romulo Fernandez. A exemplo da visão predominante entre os liberais, Sarmiento é apresentado como um civilizador. Porém, ao contrário do recorrente entre os liberais, o autor aproxima o projeto civilizatório de Sarmiento de pontos presentes no discurso peronista. Em primeiro lugar, Fernandez destaca que Sarmiento teve uma origem popular. “Cómo que venía de la entraña oscura del pueblo, y la pobreza y la ignorancia le cerraron todos los caminos, él los abriría a codazos.”¹⁸⁶ Essa imagem dos setores populares

¹⁸⁵ GÜEMES, J. A. El proceso de nuestra cultura. *La Prensa*, Buenos Aires, 9 de fevereiro de 1954.

¹⁸⁶ FERNANDEZ, J. R. Evocación de Sarmiento. *La Prensa*, Buenos Aires, 15 de fevereiro de 1953.

superando as barreiras sociais e culturais era bastante presente no discurso peronista. Sarmiento não teria apenas tido uma origem popular, mas teria se mantido em contato com os setores populares. Nas palavras de Fernandez, Sarmiento “(...) esgrime ideas para esclarecer conceptos en la masa”¹⁸⁷, motivo pelo qual teria sido um civilizador.

Outra passagem do artigo também aproxima, ainda que indiretamente, o peronismo do legado de Sarmiento. De acordo com Fernandez, Sarmiento foi um continuador de San Martín. Já mencionamos que um dos personagens históricos favoritos de Perón era, justamente, San Martín, de quem se colocava como um continuador. Assim, Sarmiento também pertenceria à obra desenvolvida pelo governo de Perón.

Fernandez cita que um dos principais legados de Sarmiento foi a unidade nacional. Nesse ponto podemos observar outro paralelo traçado implicitamente com Perón. Se durante o governo de Perón a unidade dos argentinos necessitava da conciliação de classes, na época de Sarmiento residiu na paz entre as províncias. É interessante que Sarmiento não seja relacionado às guerras civis do XIX em nenhum trecho do artigo:

No olvidemos que cuando la lucha entre los caudillos, que se prolongaba por más de treinta años, estuvo a punto de dar por tierra con la unidad nacional, Sarmiento, para poner en salvo el pabellón, se proclamó “porteño en las provincias, provinciano en Buenos Aires, argentino en todas partes.”¹⁸⁸

A questão do nacional em Sarmiento também é desenvolvida de forma interessante pelo artigo. Não é estabelecida qualquer relação entre Sarmiento e interferências econômicas e culturais estrangeiras sofridas pela Argentina. “Todo lo bueno que halló en sus viajes quiso *adaptarlo* a su patria [grifo meu].”¹⁸⁹ Além disso, no artigo, o valor de Sarmiento está baseado, sobretudo, na universalidade de sua obra. “Sarmiento es una idea transformadora que ha sido comprendida en todas las lenguas. En la historia universal adquiere el significado de un pensamiento en acción.”¹⁹⁰

O artigo de Fernandez não foi uma exceção no *La Prensa* sob o controle da CGT. Em outros textos publicados pelo jornal também notamos uma tentativa de apropriação da memória de Sarmiento.

¹⁸⁷ Ibid.

¹⁸⁸ Ibid.

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ Ibid.

Em 10 de janeiro de 1954, o *La Prensa* publicou a nota *Recuerdo a Sarmiento*. A nota relaciona o aumento do turismo entre os países latino-americanos ao “pensamento e à obra de confraternidade americana do general Perón.”¹⁹¹ A nota menciona que um dos lugares mais visitados pelos argentinos no exterior era o quarto de hotel em que morreu Sarmiento em Assunção do Paraguai. “(...) visita que está bien que se haga, porque los argentinos no olvidamos a quienes hicieron bien al pueblo [grifo meu].”¹⁹²

Um ano depois, em 11 de janeiro de 1955, o jornal publicou uma nota questionando “informações jornalísticas” que destacavam o péssimo estado de conservação do prédio onde morreu Sarmiento. A nota ressalta que no início do ano anterior, Perón, através do Ministério de Obras Públicas da Nação, fez obras de reconstrução do prédio, o que teria permitido a reabertura do museu ali instalado. Ressalta, ainda, que, no solar, seria aberta uma Escola de Artes e Ofícios.¹⁹³

Em 12 de setembro de 1954, dia seguinte ao 66º aniversário da morte de Sarmiento, o *La Prensa* publicou o artigo *Cuando Sarmiento “fusiló” un colegio*, de Oscar Ferri. O autor discorre sobre o que teria sido uma contradição na trajetória de Sarmiento, o “fuzilamento” de um colégio em Rosário. Ferri desenvolve o artigo isentando Sarmiento de qualquer contradição. De acordo com o autor, preparando-se para lutar contra Ricardo López Jordán de Entre Ríos, Sarmiento e sua comitiva desembarcaram em Rosário com duas metralhadoras. Com o intuito de divulgar seu poderio bélico para intimidar os adversários, Sarmiento precisaria de uma muralha livre, sem pessoas atrás, e a única muralha então disponível teria sido o muro do colégio. O autor relaciona o gesto de Sarmiento à sua vitória e à paz interna do país:

La honestidad y el profundo amor a la verdad de Sarmiento, no podían dejar de hacer luz por su propia voz acerca de este extraño y pintoresco “cara y cruz” *de su genio y de su personalidad extraordinarios* en un momento difícil para la paz interna del país [grifos meus].¹⁹⁴

No início do artigo de Ferri, outro dado merece ser destacado. Além das tradicionais referências a Sarmiento como professor, escritor, estadista, legislador e governante, o autor

¹⁹¹ Recuerdo a Sarmiento. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de janeiro de 1954.

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ Se Informó Sobre el Estado de la Casa en Que Murió Sarmiento. *La Prensa*, Buenos Aires, 11 de janeiro de 1955.

¹⁹⁴ FERRI, O. Cuando Sarmiento “fusiló” un colegio. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de setembro de 1954.

lhe apresenta como “obrero”.¹⁹⁵ Não é demais lembrar que o discurso peronista costumava apresentar Perón como “o primeiro trabalhador argentino”.

No mesmo dia, o jornal publicou *Sarmiento y el teatro*, de Alberto P. Cortazzo. Assim como no texto de Juan Romulo Fernandez, Sarmiento é colocado como um civilizador, que teria sido polêmico porque “(...) era necesario gritar para hacerse entender (...) en aquellas horas inciertas.”¹⁹⁶ Cortazzo também considera que Sarmiento foi um “condutor de massas” naquela luta contra o meio, aproximação entre Sarmiento e as massas também presente no artigo de Fernandez. Novamente encontramos, assim, um paralelo indireto entre Perón e Sarmiento.

É interessante como Sarmiento ainda é apresentado por Cortazzo como um abnegado pelas causas argentinas. Cortazzo transcreve as seguintes palavras de Sarmiento: “(...) mi consagración al estudio de las cosas de mi país, (...) nunca pudieron distraerme ni la pobreza ni el destierro, ni la ausencia de largos años (...).”¹⁹⁷

Em poucas palavras, apesar das divergências entre nacionalistas e peronistas quanto à política cultural do governo de Perón, no *La Prensa* controlado pela CGT tais divergências parecem não ter atingido a memória de Sarmiento. No jornal parece ser consenso Sarmiento aparecer como um abnegado e relacionado ao nacional, aos setores populares e à unidade argentina.

O poeta unitário Hilario Ascasubi é outro nome ligado à tradição liberal argentina que encontrou espaço no *La Prensa* controlado pela CGT. Em 21 de fevereiro de 1954, Felix B. Visillac publicou o artigo *Hilario Ascasubi, Gloria de la Poesía Gauchesca*. O autor destacou principalmente “(...) la exactitud de los cuadros que nos daba en sus poemas”¹⁹⁸, exatidão quanto à linguagem, vida e paisagem dos gaúchos, o que tornaria Ascasubi equiparável a Hernández.

Ainda que de modo secundário, a atuação política de Ascasubi também é mencionada. Visillac citou que Ascasubi se exilou no Uruguai por não “(...) poder soportar

¹⁹⁵ Ibid.

¹⁹⁶ CORTAZZO, A. P. Sarmiento y el teatro. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de setembro de 1954. No artigo, Cortazzo analisa Sarmiento como crítico literário e incentivador do teatro, o qual seria um dos principais pilares da “civilização”.

¹⁹⁷ Ibid.

¹⁹⁸ VISILLAC, F. B. Hilario Ascasubi, Gloria de la Poesía Gauchesca. *La Prensa*, Buenos Aires, 21 de fevereiro de 1954.

tantas vicissitudes por ser unitario (...).”¹⁹⁹ Tanto era conhecida a trajetória política do poeta, que uma críticas mais fortes ao peronismo na literatura, o conto *A Festa do Monstro* de Borges e Bioy Casares, é iniciado justamente com um verso de Ascasubi, como veremos no próximo capítulo. Fábio Wasserman explora como Ascasubi, no centenário de seu falecimento em 1951, tornou-se símbolo da oposição contra Perón, o qual era associado com Rosas pelos antiperonistas. O autor ainda destaca que, entre os intelectuais peronistas, não houve o mesmo entusiasmo com o poeta, mas, semelhante ao que acabamos de observar no *La Prensa*, Homero Guglielmini, por exemplo, considerava Ascasubi um “agente da instauração de um nacionalismo estético argentino por sua capacidade para dialogar com a cultura popular”.²⁰⁰ Wasserman destaca também a opinião de Carlos Astrada, para quem Ascasubi “reuniu romantismo literário e social, feito que lhe permitiu adquirir uma atitude compreensiva e integral frente à realidade capaz de valorizar o vernáculo e o popular”.²⁰¹ Assim, peronistas e antiperonistas travaram uma disputa em torno da memória de Ascasubi, priorizando diferentes aspectos de sua vida e produção.²⁰²

Vale abrir um parênteses para destacar que o *La Prensa* controlado pela CGT não foi o único periódico cultural nacionalista, favorável ao governo de Perón, que celebrou a memória de Ascasubi. Em *El poeta Hilário Ascasubi y la Campaña de Caseros*, publicado no número 8 da *Substancia*, correspondente a janeiro de 1952, Manuel E. Macchi compara o poeta unitário a Bartolomé Hidalgo, Estanislao del Campo e Hernández. Mais do que isso, o autor procura associar Urquiza à tradição unitária e liberal representada por Ascasubi. Macchi destaca que houve desentendimentos iniciais entre ambos, mas que teriam se reconciliado em nome da unidade nacional.²⁰³

¹⁹⁹ Ibid.

²⁰⁰ WASSERMAN, F. ¿Sombras nada más? La Campaña Echeverriana de 1951. In: KORN, op. cit., p. 232-233.

²⁰¹ Ibid., p. 233.

²⁰² Apesar da política não ter sido a prioridade dos peronistas ao lembrarem de Ascasubi, é interessante destacar como a trajetória política do poeta dividia os peronistas Guglielmini e Astrada, conforme comentado por Wasserman. Para Guglielmini, Ascasubi fracassou ao eleger “um dos bandos” de uma “história conflitiva” (Ibid., p. 232), em uma alusão à defesa da causa unitária pelo poeta durante as guerras civis do século XIX contra os federalistas. Astrada, por sua vez, vê Ascasubi como um contraponto ao “despotismo iletrado” que havia na Argentina, referindo-se indiretamente ao governo de Rosas.

²⁰³ MACCHI, M. E. El poeta Hilário Ascasubi y la Campaña de Caseros. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 8, janeiro de 1952. p. 260 e 262. Além dessas menções a Ascasubi, cabe destacar que, no número 8 de *Argentina*, publicado em setembro de 1949, o escritor unitário Esteban Echeverría foi lembrado na seção *Nacieron en Septiembre*.

Apesar dessa referência a Ascasubi em *Substancia*, é notório como os debates sobre as guerras civis do século XIX se dão de modo diferenciado em Buenos Aires e em Entre Ríos. Apesar do apoio de *Tellus*, de *Substancia* e do *La Prensa* controlado pela CGT ao governo de Perón, as identidades locais/regionais parecem garantir o predomínio de algumas tendências nas discussões. Enquanto que nas publicações de Entre Ríos Urquiza aparece como o grande responsável pela consolidação do Estado nacional argentino, no *La Prensa* controlado pela CGT o nome que se destaca é o de Sarmiento.

Retornando ao *La Prensa* controlado pela CGT, outro nome destacado pelo jornal que chama a atenção é o da poetisa chilena e de esquerda Gabriela Mistral. Durante a Segunda Guerra Mundial, Gabriela Mistral apoiou publicamente os Aliados contra o Eixo. Gabriela Mistral saudou o rompimento do Chile com os países do Eixo, como destacado pela revista *Sur* em fevereiro de 1943. “Me siento aliviada al saber que Chile no aparecerá separada de América como nación evadida de la prueba del sacrificio común de las Américas.”²⁰⁴ Além disso, por falar em revista *Sur*, Gabriela Mistral e Victoria Ocampo foram amigas pessoais.²⁰⁵ Em poucas palavras, vejamos como um jornal peronista e nacionalista deu espaço a uma poetisa de esquerda, chilena, amiga da antiperonista e anticomunista Victoria Ocampo.

Em 22 de fevereiro de 1953, o *La Prensa* publicou o poema *El Niño Solo* de Gabriela Mistral, pertencente ao livro *Desolación*. A poetisa é apresentada como “mundialmente conhecida” e são citados o Prêmio Nobel de Literatura recebido em 1945 e o comentário elogioso do crítico espanhol Federico de Onís, para quem Mistral era “grande em tudo”.²⁰⁶

Em 29 de dezembro de 1953, o *La Prensa* publicou um artigo longo, considerando-se os padrões do jornal, intitulado *¿Cómo escribe sus poesías Gabriela Mistral?*²⁰⁷ Partindo de uma conferência dada pela poetisa em Montevideu em 27 de janeiro de 1938, o artigo explora como Mistral comporia as suas poesias, conforme sugere o título. De uma maneira geral, a escritora criaria os seus versos entre o imprevisto e a escrita planejada. Mistral

²⁰⁴ *Sur*, Buenos Aires, nº 101, fevereiro de 1943. p. 91.

²⁰⁵ Sobre a amizade entre Victoria Ocampo, consultar *La Correspondencia entre Victoria Ocampo y Gabriela Mistral: lazos, nexos y diferencias* de Dorothee Blaisse (Utópica Ediciones).

²⁰⁶ MISTRAL, G. *El Niño Solo*. *La Prensa*, Buenos Aires, 22 de fevereiro de 1953.

²⁰⁷ *¿Cómo escribe sus poesías Gabriela Mistral?* *La Prensa*, Buenos Aires, 29 de dezembro de 1953.

ainda dá detalhes como a preferência por escrever em lugares organizados, com espaço, ânsia de quem nasceria nos vales dos Andes.

Em 6 de setembro de 1954, o *La Prensa* publicou uma nota anunciando que Gabriela Mistral passaria a ser presidenta honorária do Instituto Chileno-Mexicano de Cultura, localizado em Santiago.²⁰⁸

Dessa maneira, foram abertos espaços a Gabriela Mistral no *La Prensa* controlado pela CGT mesmo depois da poetisa ter sido uma das principais denunciadoras da prisão de Victoria Ocampo pelo governo de Perón em 1953. A discordância em relação à trajetória política de Mistral pode ser observado no total silêncio quanto a este aspecto de sua vida e produção. Nas notas de rodapé de *¿Cómo escribe sus poesías Gabriela Mistral?* é omitido, inclusive, que a edição utilizada de *Tala*, de 1938, tinha sido publicada na Argentina pela editora Sur de Victoria Ocampo.²⁰⁹ Consideramos que o Prêmio Nobel de Literatura dado a Mistral em 1945 ajuda a explicar esses espaços abertos pelo jornal à poetisa. Apesar da existência de divergências políticas com Gabriela Mistral, as publicações culturais ligadas ao governo de Perón, em busca de reconhecimento, precisaram dialogar com instrumentos tradicionais de legitimação cultural como o Prêmio Nobel de Literatura.

Antes de concluir, vale destacar que houve menções positivas no jornal a outro nome ligado à Victoria Ocampo, o poeta hindu Rabindranath Tagore, também Prêmio Nobel de Literatura. Em 11 de janeiro de 1953, o *La Prensa* publicou um comentário sobre *Ofrenda Lírica* do poeta, no qual é ressaltada a linguagem simples, que expressaria sua relação cotidiana com Deus.²¹⁰ Em 18 de fevereiro de 1953, o jornal publicou outro comentário favorável, desta vez sobre *Recuerdos de mi Vida*, exemplo da admiração que o poeta teria conquistado “(...) no sólo de sus compatriotas, sino también del mundo occidental.”²¹¹

Em *De Rabindranath a Pandit Nehru*, publicado em 23 de agosto de 1954, Cecílio Benítez de Castro elogia a defesa da paz, da “poesia da vida” pelo poeta, em detrimento dos “recursos materiais” que guiavam o Ocidente. O autor vê Tagore como um representante do pensamento nacional e, por isto, não considera que a Índia fosse inimiga do Ocidente por se

²⁰⁸ Distinción a Gabriela Mistral. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de setembro de 1954.

²⁰⁹ O jornal se limitou a dar os seguintes dados sobre a edição citada: “Gabriela Mistral, “Tala”, Buenos Aires, 1938. (Todas las transcripciones, de prosa y verso, que siguen en el texto, pertenecen a este libro).”

²¹⁰ *Ofrenda Lírica (Gitanjali)* por Rabindranath Tagore. *La Prensa*, Buenos Aires, 11 de janeiro de 1953. p. 5.

²¹¹ *Recuerdos de mi Vida* por Rabindranath Tagore. *La Prensa*, Buenos Aires, 18 de fevereiro de 1953.

recusar a participar de uma aliança anticomunista no continente asiático: a recusa não estaria exatamente relacionada ao materialismo capitalista, mas à defesa da paz.

Um dos pontos mais interessantes do artigo é quando o autor destaca uma crítica de Tagore aos nacionalistas hindus, crítica baseada em um princípio universal. “*Sería un insulto a la humanidad (...) que yo emplease la energia sagrada de mi indignación moral con el propósito de desatar una pasión ciega por toda mi patria* [grifos meus]”.²¹²

Em 12 de agosto de 1955, o jornal publicou a nota *Tributóse un Homenaje a Rabindranath Tagore*, sobre uma homenagem ao centenário de nascimento do poeta realizada na véspera em Buenos Aires. Conferências destacaram o valor de seu pensamento e de sua poesia. A nota menciona a visita de Tagore a Buenos Aires em 1925.²¹³ Menciona, ainda, que livros do poeta publicados em castelhano foram dados à representação diplomática hindu presente na homenagem.²¹⁴ Assim como apontamos sobre *Tala* de Gabriela Mistral, há um silêncio a respeito das relações de Victoria Ocampo com o poeta. Victoria Ocampo hospedou Tagore em Buenos Aires. Além disso, a editora Sur publicou livros do poeta.

Como vimos, a crítica de Tagore ao predomínio do material sobre o espiritual também está presente no discurso cultural do governo de Perón. Entretanto, consideramos um ponto frágil para explicar o espaço aberto no jornal ao poeta. A crítica, no peronismo, esteve sempre pautada por uma perspectiva nacional e/ou hispânica e não universal como em Tagore. Assim como destacamos sobre Gabriela Mistral, o espaço aberto no jornal a Tagore também parece estar relacionado ao reconhecimento universal do poeta e sua difusão na Argentina por círculos liberais como a revista *Sur*.

Diferentemente de Gabriela Mistral, Tagore não assumiu posições políticas diretamente relacionadas com a Segunda Guerra Mundial e, muito menos, com a Argentina. De qualquer modo, essas menções ao poeta no *La Prensa* controlado pela CGT vão ao encontro de outros exemplos que demos neste e no capítulo anterior: no periódico controlado por uma das principais bases sociais do governo de Perón, escritores antiperonistas e estrangeiros tiveram espaço. Ainda que esse espaço tenha sido secundário,

²¹² BENÍTEZ DE CASTRO, C. De Rabindranath a Pandit Nehru. *La Prensa*, Buenos Aires, 23 de agosto de 1954.

²¹³ Tagore chegou à Argentina em 1924 e permaneceu no país até 1925.

²¹⁴ Tributóse un Homenaje A Rabindranath Tagore. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de agosto de 1955.

não encontramos no *La Prensa* sob o controle da CGT uma postura nacionalista fechada quanto à cultura, diferentemente de algumas propostas presentes em discursos de Perón e Evita, no congresso de bibliotecas populares e em outros periódicos nacionalistas analisados neste capítulo.

Uma possível explicação para essa “abertura” do *La Prensa* controlado pela CGT pode ser encontrada em um texto publicado no número 6 da *Substancia*, correspondente a novembro de 1951. Nesse número, a expropriação do jornal pelo governo de Perón é defendida como um ato nacionalista e de justiça social, pois pertenceria agora aos cinco milhões de trabalhadores da CGT. É interessante que o artigo destaque que o formato do jornal seria mantido para que o povo não se esquecesse dos “antigos exploradores” e, assim, seria destacada a redenção vivida pelo jornal.²¹⁵ Ou seja, é possível supor que, antes da expropriação, os setores populares já consumiam o *La Prensa*, um dos principais representantes da tradição liberal argentina.

²¹⁵ La Prensa. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 6, novembro de 1951.

CAPÍTULO IV. NEM TÃO FANÁTICOS: DISCURSO PERONISTA, DESVIO E EXCESSO.

FANATISMO:

Defensa entusiasta y fervorosa de la doctrina peronista. Derecho legítimo del pueblo a defender y difundir – hasta con la vida – la ciudadanía en marcha.

Eva Perón.¹

En el trayecto, cercano el mediodía, conseguimos provisiones de algún vecino, nos atacaba el hambre. Golpeábamos en los negocios, tomábamos de los puestos lo más necesario para el hambre. No hubo saqueos ni pillajes. Galletas, pan, algún fiambre, frutas. Y cigarrillos. Los camiones y carritos de los quinteros se ponían a nuestro servicio.

Luis Horacio Velázquez, *El juramento*.²

Ediles ingenuos propiciaron la erección de un tobogán y aparatos adecuados para fomentar el espíritu deportivo de la chiquilina e inculcarle, de paso, prácticas saludables y aficiones higiénicas. Sobre la última palabra de los discursos inaugurales, una pandilla entusiasta y alborotada tomó posesión de los mismos. Cuando se retiraron, descalabrados de trajinar en las paralelas, de columpiarse en las argollas y de gastarse los fundillos en el tobogán, cada cual llevóse lo que pudo. Peldaño, sogá, tornillo o palo pasible de trasplante desapareció de su sitio. Desmantelaron el campo antes de que el sudor les mojara la camisa.

Joaquín Gómez Bas, *Barrio gris*.³

[Perón] Ordenó (...) a los oyentes una indiscriminada matanza de opositores y nuevamente lo aclamaron. Nada, sin embargo, ocurrió esa noche; todos (salvo, tal vez, el orador) sabían o sentían que se trataba de una ficción escénica.

Borges, *L'illusion comique*.⁴

História, Literatura e (des)mitificação do peronismo: a representação dos setores populares.

Pensando política cultural como Michel de Certeau propõe, como um conjunto de princípios que visam mudar comportamentos, e considerando-se a importância da literatura na produção cultural argentina das décadas de 1940 e 1950, cabe explorar como os setores populares foram representados por escritores contemporâneos ao governo de Perón.

¹ PERÓN, E. *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996. p. XXXVIII.

² VELÁZQUEZ, L. H. *El juramento*. Buenos Aires: Emecé, 1954. p. 150.

³ GÓMEZ BAS, J. *Barrio gris*. Buenos Aires: Hyspamerica, 1986. p. 62-63.

⁴ BORGES, J. L. *L'illusion comique*. In: DE SOCCHI, M. R.; DEL CARRIL, S. L. (Org.). *Borges en Sur (1931-1980)*. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé, 1999. p. 56. O texto foi publicado originalmente no número 237 da revista *Sur* (Buenos Aires, novembro-dezembro de 1955).

Pretendemos analisar condutas e pensamentos atribuídos aos setores populares que foram alvo de diferentes discursos naqueles anos. Não desenvolveremos uma análise propriamente literária, mas um estudo sobre o discurso de escritores a respeito de aspectos pontuais presentes em suas narrativas e no discurso peronista.

Mesmo com o engajamento político que marcou sua trajetória a partir da década de 1960, o escritor Julio Cortázar continuou defendendo que a Literatura não nasceu para oferecer respostas e soluções como as ciências “(...) e sim para fazer perguntas, inquietar, abrir a inteligência e a sensibilidade para novas perspectivas do real.”⁵ Nesse caso, as perguntas não seriam lacunas – talvez nunca sejam –, mas representariam a própria experiência:

(...) toda pergunta desse tipo é sempre mais do que uma pergunta, está provando uma carência, uma ansiedade de encher um vazio intelectual ou psicológico, e muitas vezes o fato de encontrar uma resposta é menos importante que o de ter sido capaz de viver a fundo a pergunta, de avançar ansiosamente pelas pistas que ela tende a abrir em nós.⁶

A força de um mito reside necessariamente na sua capacidade de mobilização. Desse modo, pensamos o termo mito não como algo falso, mas no sentido de elemento simbólico que dá sentido e ordena pensamentos e condutas. Assim, a representação do peronismo e dos setores populares não podem ser dissociadas. O interesse na representação dos setores populares não reside apenas no cunho popular atribuído ao peronismo: mais amplamente, no mundo contemporâneo, a soberania política está supostamente baseada nestes setores. Não por acaso a psicologia social se consolidou durante o século XIX, como destaca Dominique Cochart.⁷ Maria Stella Martins Bresciani lembra que, no mesmo período, as multidões foram uma questão central na obra de escritores franceses e ingleses.⁸ Geneviève Bollème, por sua vez, coloca que a palavra povo apenas se tornou *popular* no século XIX.⁹

⁵ CORTÁZAR, J. Realidade e Literatura na América Latina. In: SOSNOWSKI, op. cit., p. 209-210.

⁶ Ibid., p. 210.

⁷ COCHART, D. As multidões e a Comuna: análise dos primeiros escritos sobre psicologia das multidões. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, nº 20, 1991. p. 113-128.

⁸ Bresciani trabalha o assunto no livro *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza* (São Paulo: Brasiliense, 1982) e no artigo “Metrópoles, as faces do monstro urbano: as cidades no século XIX” (*Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, nº 8-9, setembro de 1984-abril de 1985. p. 35-68).

⁹ BOLLÈME, G. *O povo por escrito*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 13.

Nas epígrafes acima, a defesa do fanatismo por Eva Perón contrasta com a necessidade de se conter excessos como saques e pilhagens, como demonstra a representação do 17 de outubro de 1945 pelo escritor peronista Luis Horacio Velázquez, cuja obra é marcada por um tom normativo. Não se trata de um caso particular: como destacaremos, essa tensão também existe nos discursos de Perón e Evita. Em Joaquín Gómez Bas e em Borges, apesar das diferenças políticas entre ambos¹⁰, o comportamento dos setores populares diante dos governantes não permanece enquanto prática: no primeiro caso, logo após os discursos de inauguração, o parque infantil é desmontado e saqueado e, no segundo, o entusiasmo com o discurso não resultou em uma defesa do orador, Perón. Ainda que *L'illusion comique* de Borges tenha um caráter testemunhal, observamos a mesma idéia no seu conto *A festa do Monstro*, que escreveu com Bioy Casares e será comentado adiante.

Em suma, nas passagens que abrem o capítulo, nota-se um descompasso entre o discurso peronista e as representações contemporâneas dos setores populares pela literatura, independentemente das opções políticas dos escritores. Ou seja, as representações literárias dos setores populares apontam para tensões na construção de Perón, Evita e do peronismo em geral como mitos da história argentina.

Vale ressaltar que a escolha dos escritores não se baseou somente em suas diferenças políticas. Segundo uma pesquisa publicada no jornal *Noticias Gráficas* em 7 de julho de 1954, os livros de Borges e *Barrio Gris* de Gómez Bas aparecem entre os mais vendidos da Corrientes, rua conhecida, até hoje, por concentrar algumas das principais livrarias de Buenos Aires.¹¹

A discussão sobre as relações entre a História e a Literatura é antiga e tem aumentado nas últimas décadas. De uma maneira geral, a discussão se baseia em pelo menos três perspectivas: a que faz uma leitura político-social da Literatura¹², a que destaca o seu descompromisso com a realidade/veracidade¹³ e a que a vê como um dos elementos

¹⁰ Joaquín Gómez Bas transitou entre grupos peronistas e antiperonistas.

¹¹ Apud KORN, G. Conflictos y armonías. In: KORN, op. cit., p. 17. De acordo com a nota, as dezenove livrarias vendiam em média quatro mil volumes por dia.

¹² A relação da Literatura com elementos político-sociais foi particularmente tecida por intelectuais marxistas até meados do século XX, dentre os quais se destacam Georg Lukács, Walter Benjamin e Theodor Adorno, dentre outros.

¹³ Nesse grupo se destacam os estruturalistas, que priorizam as relações que os textos estabelecem entre si, independentemente do contexto no qual foram produzidos. Sobre o estruturalismo na Literatura destacam-

de construção do real, perspectiva defendida por Roger Chartier e demais especialistas ligados à História Cultural. Como veremos, inclinamo-nos para a terceira perspectiva. Apesar das diferenças políticas e sociais entre os escritores que serão aqui analisados, existem vários pontos em comum na representação que fazem dos setores populares. Daí não bastarem a opção política e a posição social do escritor ou do poeta para se analisar um texto literário. Os pontos em comum na representação dos setores populares também indicam a existência de uma preocupação ligada a um determinado contexto histórico, o que nos leva a limitar o descompromisso da Literatura com a realidade/veracidade. Contudo, este não é o espaço para retomar exaustivamente a discussão. De qualquer maneira, há um consenso: a literatura se apresenta como uma fonte para a História. As divergências residem, sobretudo, nas respostas que ela pode dar.

No caso argentino, já mencionamos, no capítulo I, como a Literatura foi interlocutora da Sociologia nos seus primeiros anos, então preocupada, principalmente, com a explicação do peronismo. Essa transposição do literário ao sociológico não foi marcada apenas por rompimento de discurso e método, mas também por influências recíprocas. Se por um lado a Sociologia legitimou olhares lançados pela Literatura, por outro colaborou para condicionar leituras de críticos literários e demais especialistas, leituras nas quais se destaca a manipulação dos setores populares em detrimento das tensões que movem as tramas literárias.

Não é o caso de entrar em uma discussão sobre a qualidade dessas leituras: a reelaboração do sentido de uma narrativa vai ao encontro da abertura que caracteriza o discurso literário. Contudo, uma narrativa literária, enquanto fonte para a História, dentro do seu propósito de se questionar uma determinada memória, deve ser cruzada com a literatura e outras fontes contemporâneas à sua produção e publicação.

Trata-se de um método que se aproxima daquele proposto por Antonio Cornejo Polar em *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas* (2000). O autor defende a organização de um corpus da literatura latino-americana em termos de totalidade, o que teria a vantagem de superar o embate entre unidade e diversidade, pois priorizaria as *relações* entre os sistemas literários (aos quais acrescentamos os autores e os textos) e a história social que lhes corresponde. Cornejo Polar destaca que esse método permite ir

se, dentre outros, os trabalhos de Roland Barthes e Jacques Derrida.

muito além do meramente político e dialogar, por exemplo, com o universo linguístico, simbólico e de sensibilidades que torna inteligível um texto para os seus leitores. Também são elementos com conotações políticas, na medida em que localizam os leitores e interferem nas leituras, mas ampliam as referências do fazer literário, permitem ir além da história política tradicional e caminhar em direção a uma história do cotidiano e da vida privada. O método defendido por Cornejo Polar amplia, assim, o conceito de autoria, no qual são incluídos, também, referências literárias diversas, os críticos e os leitores potenciais.

O cruzamento dos discursos, o levantamento de preocupações em comum e de posicionamentos distintos permitem traçar, ainda que em linhas gerais, o papel que os ouvintes/leitores exerciam e/ou deveriam exercer na sociedade argentina daquele período, segundo as expectativas de diferentes grupos políticos e sociais. Esta perspectiva possibilita levantar a tradição e a memória com as quais dialogam e, a partir delas, discutir os protocolos de leitura dos quais nos fala Roger Chartier. De um modo geral, os protocolos de leitura visam delimitar um campo (poroso) para a recepção de um texto, a partir das intenções, por exemplo, de autores e editores. Vale lembrar que Chartier inclui nesses protocolos de leitura os distintos suportes nos quais os discursos são veiculados.

É preciso ressaltar que não “encontramos” os ouvintes/leitores nas narrativas analisadas a seguir, mas as relações que diferentes grupos políticos e sociais teciam com eles. Aqui, esse é o objeto que a literatura permite delimitar. Luis Alberto Romero considera que existe uma carência de formas de expressão próprias que permitam desenvolver o conhecimento sobre os setores populares.¹⁴ Como diz Chartier, a “(...) cultura popular é uma categoria erudita.”¹⁵ Por isso falamos em representação dos setores populares, representação como a imagem presente de um objeto ausente.¹⁶ De qualquer maneira, “apenas” as relações tecidas com os setores populares já permitem explorar o possível alcance da política cultural peronista:

¹⁴ GUTIÉRREZ; ROMERO, op. cit., p. 28.

¹⁵ CHARTIER, R. *Formas e sentido: cultura escrita, entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. p. 141.

¹⁶ Além dos trabalhos de Chartier, podem ser consultados sobre o conceito de representação: BURKE, P. *O que é História cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005; GINZBURG, C. *Representação: a palavra, a idéia, a coisa. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85-103; HUNT, L. (Org.). *A nova História cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade (...), a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.¹⁷

Ainda no caso argentino, consideramos impossível ignorar a presença da política na literatura. Alguns temas recorrentes nas narrativas analisadas neste capítulo – cidade/campo, elites/setores populares, cosmopolitismo/nacionalismo, etc. – remetem às disputas políticas do século XIX. Como destaca Ana Pizarro no segundo volume de *América Latina: palavra, literatura e cultura* (1994), no século XIX, não havia, na América Latina, uma separação rígida entre os gêneros narrativos e esses temas eram amplamente enfocados por escritores e poetas, que se mantiveram (e se mantêm) muito presentes no pensamento argentino, como Sarmiento, Ascasubi e Echeverría, dentre inúmeros outros:

En el ámbito general del continente el discurso literario del siglo XIX no se distancia del discurso político. Ambos están imbricados en un solo proyecto, el de la constitución del Estado naciente, y por esto el discurso político adquiere por momentos el perfil de las polémicas sobre la lengua y la cultura.¹⁸

Além disso, na primeira metade do século XX, em meio ao intervencionismo crescente de governos variados, na Argentina e no exterior, a literatura “gratuita”, “descompromissada”, teria assumido, inevitavelmente, um papel político, como foi defendido no debate *Literatura gratuita e Literatura comprometida* promovido pela revista *Sur* em abril de 1946, citado no início do capítulo anterior. Daí a necessidade de se considerar o suposto discurso apolítico assumido por alguns escritores antiperonistas a partir das pressões que sofriam para se engajarem politicamente a favor do governo de Perón.¹⁹ Entretanto, apesar do discurso apolítico, a obra de muitos deles demonstra que a política ocupou explicitamente, em vários trabalhos, um papel central.²⁰

¹⁷ CHARTIER, *A história cultural entre práticas e representações*, p. 17.

¹⁸ PIZARRO, A. La emancipación del discurso. In: _____ (Org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. v. 2. p. 24. Por exemplo, como destacaremos a seguir, o conto *A festa do Monstro* de Borges e Bioy Casares é iniciado como um verso de Ascasubi.

¹⁹ Victoria Ocampo definiu a *Sur* como uma publicação “pura e exclusivamente cultural” no vigésimo aniversário da revista, comemorado em 1951. A imagem se propagou. Maria Esther Vázquez escreveu que “(...) la revista *Sur* era totalmente apolítica; sus artículos tenían como punto de partida y de llegada la literatura.” (VÁZQUEZ, *Victoria Ocampo: el mundo como destino*, p. 233).

²⁰ O conto *Homenaje a Francisco Almeyra* de Bioy Casares (*Sur*, Buenos Aires, nº 229-231, julho-agosto de

No caso latino-americano em geral, no qual modelos estrangeiros, muitas vezes, deslizam diante de nossas particularidades culturais, sociais e políticas, a Literatura, dado o discurso mais aberto, parece captar melhor estes deslocamentos do que a História. Considerando-se as suas “culturas híbridas”, para usar a expressão consolidada por Canclini, nenhum método, isoladamente, apreenderia de modo satisfatório as particularidades latino-americanas, razão pela qual o diálogo com a Literatura torna-se fundamental para se avançar no conhecimento de nossa história.

Cornejo Polar defende que a Literatura ajuda a pensar um continente no qual predomina a preocupação em se construir – e não manter – uma determinada tradição. “(...) há, de fato, na Literatura latino-americana uma espécie de modulação propiciatória que parece ensaiar de modo desiderativo um mundo ainda não realizado.”²¹

Pensando no papel da narrativa na formação da nação argentina durante o século XIX, José Alves de Freitas Neto destaca a presença de um vazio que norteia os textos. “O vazio deve ser compreendido não como a ausência, mas como espaço do que é faltante. (...). (...) havia um percurso a ser seguido e, portanto, o vazio precisava ser descrito e preenchido.”²² Por isso Cornejo Polar fala que, na Argentina, o futuro foi encarado como projeto histórico.²³

Retomando o discurso peronista e os textos literários que serão analisados, a conduta esperada dos ouvintes/leitores ia muito além da prática política no sentido tradicional da expressão e abrangia outros âmbitos da esfera pública e, inclusive, da privada. Assim, como destacaremos a seguir, nos discursos de Perón e Evita e nas narrativas peronistas também há “um percurso a ser seguido”, para usar as palavras de

1954) parece aludir a esse dilema vivido pelos escritores de oposição durante o governo de Perón: liberdade de criação ou denunciar as arbitrariedades do cotidiano e da política? No conto, Francisco Almeyra é um poeta que vive durante o governo de Rosas:

“– Me pregunto si nosotros – dijo Almeyra – o si algunos de nosotros por lo menos, no estamos más interesados en Voltaire, en Diderot, en Destutt de Tracy, que en derrocar a Rosas. Si no estamos más interesados en la filosofía y en la literatura de Francia que en la política argentina. – Después de un silencio, grandilocuentemente agregó: – Sin embargo, todos los días hay un degollado.

– Nosotros luchamos para salvar la civilización – le replicó ese coronel que había peleado en tantas batallas –. Rosas, en pleno siglo XIX, es un paso atrás, un accidente. Entregarse del todo a la obsesión de combatirlo es contribuir a su pasajero triunfo; mantener íntegro el interés en lo bello, en lo armónico, en lo razonable, es contribuir a derrotarlo.” (p. 10).

²¹ CORNEJO POLAR, A. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 17.

²² FREITAS NETO, José Alves de. A formação da nação e o vazio da narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 169, abril-junho de 2007. p. 161.

²³ CORNEJO POLAR, op. cit., p. 41.

Freitas Neto referentes ao século XIX argentino. Os historiadores e demais especialistas, ao desconsiderarem âmbitos valorizados pelo governo de Perón – família, gênero, higiene, lazer, religião, trabalho, etc. – ou ao tratá-los de modo secundário, ignoram o que pode ter sido recusado no discurso peronista pelos setores populares. Perón e Evita falavam, sempre, sobre a necessidade de se recuperar “valores” e destacavam a importância do âmbito privado para o projeto político peronista. “Hay una conducta personal y una conducta peronista; *ambas* no son sino el cumplimiento diario y continuo en bien de la Patria, del Partido y de su Jefe.”²⁴

O apoio a um líder, movimento ou partido político nunca é incondicional. No capítulo I, vimos como trabalhos sobre o movimento operário argentino tomam o peronismo como marco central de suas análises. Nos estudos sobre a Literatura não é diferente. Apenas para citar um exemplo, Jorge Lafforgue inicia o prólogo da coletânea *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo* (2000) colocando o peronismo como o “fato maldito” da história argentina e a literatura do país não estaria livre desta “maldição”.²⁵ Lafforgue colabora para condicionar a leitura dos contos selecionados a um único referencial: o peronismo. Por isso alertamos sobre o condicionamento da literatura produzida no período, ou melhor, das leituras que dela se fazem, pela perspectiva que predominou na Sociologia e na História por três décadas. Quando Neiburg fala em invenção do peronismo pelos intelectuais, procura, justamente, “(...) acentuar uma perspectiva não substancialista, atenta à dimensão produtiva das ações sociais sobre a “realidade” social.”²⁶

Em um debate promovido pela revista *Sur* em abril de 1945, Borges defendeu que não existem livros, mas leituras imorais, duvidando do papel formador da Literatura, ironizando-o e lembrando-nos da impossibilidade de se tomar o texto por sua leitura.²⁷ Realmente escapa ao nosso alcance como pertencimentos sociais, religiosos, étnicos e de gênero, dentre outros, atuaram na recepção dos discursos aqui analisados. Porém, considerando-se a difusão da produção artística e intelectual por meios diversos, cabe colocar uma pergunta para o decorrer de todo este capítulo: em que medida as

²⁴ PERÓN, *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. XXII-XXIII.

²⁵ LAFFORGUE, J. Prólogo. In: OLGUÍN, S. S. (Org.). *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*. Buenos Aires: Norma, 2000. p. 9.

²⁶ NEIBURG, op. cit., p. 16.

²⁷ Moral y Literatura. *Sur*, Buenos Aires, nº 126, abril de 1945. p. 71-72.

representações dos setores populares que veremos a seguir mantiveram e moldaram pensamentos e condutas que explicam, em parte, alguns dos trágicos desdobramentos da política argentina na segunda metade do século XX? Como destaca Luis Alberto Romero, as representações dos setores populares “(...) hablan mucho más de quienes las piensan que del objeto de referencia. Pero en el proceso social, también operan sobre éste (...).”²⁸

Discurso peronista, desvio e excesso

Não era nem sou nada mais do que uma humilde mulher...um pardal em um imenso bando de pardais...E Perón, o gigante que voa alto e seguro de seu vôo, por entre os cumes e muito perto de Deus.

Eva Perón.²⁹

Todo esto está en la educación, en la organización del pueblo.
Es decir, convertir esa masa inorgánica en masas orgánicas y organizadas:
convertir la masa en pueblo consciente de sus derechos y de sus deberes.
Y que los defienda: que los defienda inteligentemente y sin violencia.
No hay necesidad de violencia de ninguna naturaleza.

Juan Domingo Perón.³⁰

A presença de Perón na sociedade argentina continua despertando paixões e comportamentos que podem ser caracterizados como excessivos. Durante a transferência dos seus restos mortais em 2006, do Cemitério da Chacarita para a Quinta de San Vicente, era fácil encontrar pessoas, de todas as idades, muito emocionadas. Houve disputa para se aproximar do féretro, que percorreu algumas das principais ruas da capital argentina. Já na quinta, intenso confronto entre militantes, com pedras, bombas e disparos, resultou em prisões e vários feridos.

Contudo, o excessivo não desaparece ao ser incorporado por um discurso governamental como o peronista. O excesso continua a existir, a ser sentido, na tensa relação que há entre a universalidade almejada pelas normas e a particularidade dos sujeitos e grupos político-sociais.³¹ Além disso, internamente a esse discurso, o excesso apenas se desloca. Por exemplo, a defesa do fanatismo por Evita não implica necessariamente a

²⁸ GUTIÉRREZ; ROMERO, op. cit., p. 35.

²⁹ PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos. p. 5.

³⁰ PERÓN, J. D. *Conducción política*. Buenos Aires: Freeland, 1971. p. 325.

³¹ Sobre a relação entre norma e sujeito: BORNHEIM, G. O sujeito e a norma. In: NOVAES, A. (Org.). *Ética*. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura. p. 247-260.

legitimação da violência, como indicam as palavras acima de Perón. Além disso, diante da defesa do fanatismo, excessivo pode ser o “individualismo” e o desinteresse por este discurso:

(...) “el hombre mediocre es el más feroz y más frío enemigo del hombre de genio”. Todo lo extraordinario es para ellos locura imperdonable, fanatismo exagerado y peligroso. Yo los he visto y los veo todavía mirándome “compasivos” y “misericordiosos” con ese aire de superioridad que los define... Nunca entenderán cómo y por qué alguien puede hacer una cosa distinta de los que ellos piensan y nunca hacen nada que no sea para ellos.³²

A necessidade de responder aos que viam fanatismo no peronismo demonstra que, em alguma medida, a associação do governo de Perón com o excessivo foi além dos círculos opositores. Nos trechos destacados no início deste item, a condução dos argentinos pelo presidente, sugerida por Evita, contrasta com a preocupação de Perón em organizar e controlar o povo. No entanto, os dois textos são contemporâneos, ambos de 1951.

Condução política é uma reunião de aulas dadas por Perón na Escola Superior Peronista, fundada para “inculcar a doutrina na massa”, através da formação de lideranças que atuariam em escolas, associações de bairro, igrejas, sindicatos, partidos aliados e no peronista, além de outras instituições. Certamente existe um propósito totalitário no objetivo da Escola Superior Peronista. Entretanto, considerando-se que Perón já estava na presidência há cinco anos – sem contar os quase três anos da ditadura de 1943, na qual ocupou cargos importantes – o papel da Escola Superior Peronista indica, também, problemas para se implantar o modelo de sociedade defendido pelo peronismo:

(...) nosotros queremos terminar con el panorama de la conducción de *amateurs* que se ha hecho siempre o de caudillos o caciques que se ha utilizado en la política argentina, para iniciar una corriente de conducción científica, conducción estudiada, racionalizada y capacitada que dé al país una garantía en la dirección.³³

A razão de minha vida de Eva Perón, por sua vez, é um texto de propaganda, cuja leitura chegou a ser obrigatória nas escolas, principalmente após o falecimento de Evita em

³² PERÓN, *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. XXXIX.

³³ PERÓN, *Conducción política*, p. 326.

1952.³⁴ Daí os limites da condução política não aparecerem nele tão explicitamente. Tal contraponto ajuda a compreender a linguagem distinta dos textos: enquanto *Condução política* trata dos bastidores e expõe as inseguranças, *A razão de minha vida* e outros discursos aqui analisados demonstram a exterioridade do peronismo, o contato com os setores populares e as estratégias para tentar consolidar a condução política.

O cruzamento do discurso peronista com a representação dos setores populares pela literatura sugere que a Escola Superior Peronista não foi, apenas, uma tentativa de aprimorar a estrutura partidária, mas também de se vencer resistências da sociedade argentina a propostas do governo. Em *Condução política* não é casual a presença de características da psicologia social de então, particularmente do francês Gustave Le Bon (1841-1931), considerado por muitos como o pioneiro da área: há um exemplar de *A evolução da matéria* (1905), do pensador francês, na biblioteca de Perón.³⁵ Mas é em *Psicologia das multidões* (1895), o texto mais conhecido de Le Bon, que encontramos a base do seu pensamento. Escrito depois da Comuna de Paris (1871), indica o desconcerto que o movimento popular provocou nas elites francesas. “O conhecimento da psicologia das multidões constitui o recurso do estadista que quer, não governar as turbas – isso se tornou hoje muito difícil – porém, pelo menos, não ser completamente governado por elas.”³⁶ Não será por isso que Perón condena tanto a violência no trecho destacado no começo deste item?

Bresciani encontra uma preocupação parecida à de Le Bon, quanto à necessidade de se controlar os setores populares, na obra de literatos franceses e ingleses do século XIX, tanto em representações negativas dos setores populares como nas solidárias. “Espanto, indignação, fascínio, medo: são reações diferenciadas apontando para estratégias de (...) controle dessa presença desconcertante.”³⁷

³⁴ Há controvérsias sobre a autoria do texto, pois acredita-se que teria sido escrito sob encomenda. Contudo, a obra será analisada como correspondente ao pensamento de Eva Perón, pois, caso contrário, não teria sido publicada com a sua autoria. Fonte: GONZÁLEZ, Horacio. *Evita*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

³⁵ SWIDERSKI, G. (Org.). *Biblioteca Juan Domingo Perón. Bibliografía sobre el peronismo*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1997. p. 88. No prólogo, Miguel Unamuno, ex-interventor do Arquivo Geral da Nação, destaca que a presença de Le Bon no discurso peronista se deu indiretamente através da obra de José Figuerola, advogado espanhol que chegou a trabalhar na Secretaria Técnica da Presidência entre 1946 e 1952. Na biblioteca de Perón encontramos dois livros de Figuerola: *La colaboración social en Hispanoamérica* (Buenos Aires: Sudamericana, 1943) e duas edições de *Teoría y métodos de estadística del trabajo* (Buenos Aires: Labor, 1942 e 1948).

³⁶ LE BON, G. *Psicologia das multidões*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1954. p. XI.

³⁷ BRESCIANI, *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, p. 9.

Apesar de se apresentar como antiliberal, é interessante notar como o temor dos setores populares também está presente no discurso peronista.³⁸ É um discurso que se apresenta como representante dos setores populares, ponto de ruptura com a política então em voga, mas assim se apresenta, justamente, para conter estes setores. Sobre as necessidades populares, Evita dizia ser necessário atender todos os pedidos “(...) se não queríamos que o povo deixasse de ver em Perón o seu condutor.”³⁹ Perón demonstra um receio parecido: destaca que o condutor, quando abusa do seu poder e despreza o povo, “(...) comienza a firmar su sentencia de muerte.”⁴⁰

Em *El habla de la ideología: modos de réplica literaria en la Argentina contemporánea* (1983), Andrés Avellaneda destaca o desconcerto que as intensas migrações provocaram na classe média portenha.⁴¹ No discurso peronista e, como desenvolveremos em seguida, em escritores ligados ao governo, se comparados aos da tradição liberal, há uma valoração diferenciada, positiva dos setores populares, mas permanece o desconcerto, baseado na necessidade de se normatizar estes setores. Desse modo, o desconcerto apontado por Avellaneda vai além da questão político-social e tem o que podemos chamar de um enraizamento cultural na sociedade argentina.

Outro texto de Evita, *As forças espirituais do peronismo*, nos dá uma dimensão mais precisa da amplitude do modelo de sociedade defendido pelo governo de Perón: são quase duzentas “forças” que avançam sobre as esferas pública e privada.⁴² Escrito em uma

³⁸ Em *Liberalismo e democracia* (São Paulo: Brasiliense, 1988), Norberto Bobbio alerta que os dois conceitos, liberalismo e democracia, não são sinônimos, apesar da convergência entre ambos que tem ocorrido desde o término da Segunda Guerra Mundial. Bobbio destaca que o temor da “tirania da maioria” era comum entre os pensadores liberais do século XIX. O autor coloca que a limitação do poder pelo liberalismo foi acompanhada da preocupação de como distribuí-lo. Pensando na tradição liberal argentina, em *Facundo* Sarmiento defendeu que “Rosas não inventou nada; seu talento consistiu apenas em plagiar seus antecessores e fazer dos instintos brutais das massas ignorantes um sistema meditado e coordenado friamente.” (p. 116).

³⁹ PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 142.

⁴⁰ PERÓN, *Conducción política*, p. 35.

⁴¹ AVELLANEDA, A. *El habla de la ideología: modos de réplica literaria en la Argentina contemporánea*. Buenos Aires: Sudamericana, 1983.

⁴² Excetuando-se algumas “forças”, consideradas sinônimos, Eva Perón cita abnegação, ação, amizade, amor, amor próprio, angústia, anseio, harmonia, assiduidade, audácia, austeridade, autoridade, beleza, benevolência, bem-estar, bondade, camaradagem, capacidade, caráter, causa, cautela, zelo, clareza, clemência, covardia, consciência, concisão, conduta, confiança, conhecimento, continuidade, constância, cooperação, juízo, cortesia, criação, critério, crítica, cuidado, cumprimento, dever, decisão, defeito, delicadeza, direito, descamisados, desgraça, desinteresse, dialética, dignidade, diligência, discernimento, disciplina, doutrina, dor, egoísmo, inimigo, energia, entendimento, entusiasmo, equilíbrio, equidade, esforço, esperança, espírito, ética, experiência, facilidade, fanatismo, fé, felicidade, feminismo, flexibilidade, firmeza, força, generosidade, gênio, grandeza, gratidão, façanha, homens, hombridade,

linguagem concisa e parecido com um dicionário, como demonstra sua definição de fanatismo no início do capítulo, o livro tem um claro intento pedagógico e se destinava a um público amplo.

No título, o adjetivo espirituais mostra a tentativa de sacralização da política estudada por Alcir Lenharo. Para citar outro exemplo, Perón tem um livro chamado *Doutrina Peronista*.⁴³ Perón e Evita também costumavam se referir ao peronismo como uma mística. Segundo Lenharo, a sacralização da política, baseada no apelo a imagens, mensagens e valores religiosos, visava “(...) dotar o Estado de uma legitimidade escorada em pressupostos mais nobres do que os tirados da ordem política, funcionando como escudo religioso contra as oposições não debeladas.”⁴⁴

A sacralização da política não deve ser compreendida apenas como uma aproximação da Igreja e/ou uma apropriação da religião. O governo de Perón, na maior parte do tempo, defendeu a proeminência da Igreja Católica na Argentina e Evita comparava Perón com Jesus Cristo.⁴⁵ No entanto, mais amplamente, tratava-se de transformar o movimento/governo peronista em uma religião: a grande quantidade de “forças espirituais” demonstra o anseio de uma formação integral do homem peronista, a

honra, humanidade, humildade, ideal, igualdade, imaginação, imparcialidade, independência, indignação, indulgência, iniciativa, injustiça, inquietude, inteligência, intuição, justiça, lealdade, legalidade, tolerância, liberdade, lógica, luta, mal, maravilhoso, memória, mérito, moderação, método, mística, moral, infância, nobreza, normalidade, obstinação, otimismo, ordem, orgulho, originalidade, patriotismo, paz, pensamento, perfeição, perseverança, persuasão, piedade, planos, insistência, previsão, privilégio, proibidade, produtividade, rapidez, propósito, povo, pureza, raciocínio, reação, realizadores, rebeldia, retidão, regularidade, rendimento, renúncia, repúdio, reputação, respeito, responsabilidade, revelação, sacrifício, sagacidade, sectarismo, segurança, sensatez, sensibilidade, sentido comum, sentimento, simpatia, sobriedade, sociabilidade, solidariedade, subordinação, superioridade, tato, técnica, tendência, trabalho, união, unidade, valor, vaidade, veracidade, vigor, virtude e vontade.

⁴³ PERÓN, J. D. *Doctrina peronista*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996.

⁴⁴ LENHARO, A. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP; Papirus, 1986. p. 18. Outro livro de Lenharo, *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo* (Campinas: Editora da UNICAMP), publicado em 1995, explora os limites da sacralização da política durante o Estado Novo e, conseqüentemente, do seu discurso moral, a partir do ambiente boêmio do Rio de Janeiro frequentado pelos artistas do rádio, bastante populares naquela época: “Ser boêmio, numa determinada versão corrente, significa principalmente que se está “desamarrado” dos vínculos fundantes da sociedade: família, casamento, trabalho, obrigações sociais. (...) A par da imagem idealizada, o meio artístico e boêmio exercita uma liberdade de expressão e comunicação similar àquela que *as camadas populares* recriam no seu dia-a-dia [grifo meu].” (p. 25).

⁴⁵ “Ninguna de las constituciones dictadas por nuestros antepasados ha excluído la Religión Católica Romana, porque en su fe, en su amor, están involucradas las normas de convivencia que permiten a la humanidad toda vivir en paz, en concordia, sin barbarie y con civilización.” (PERÓN, *Por que soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. 132); “Repetia-se, sem variantes, o caso de Belém, ocorrido um bimilênio atrás: os primeiros a acreditarem haviam sido os humildes, os desamparados, não os ricos, não os sábios, não os poderosos.” (PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 33).

qual repercutiria positivamente no funcionamento da sociedade.

Nessa “religião” o nacionalismo ocupava um lugar de destaque. Acima das diferenças regionais e dos interesses particulares de sujeitos e grupos político-sociais deveria estar a coesão que o nacionalismo ofereceria. Por isso, a presença de uma “santíssima trindade” no discurso peronista, formada pela nação, por Perón e pelos setores populares, apreensível sobretudo nos discursos de Evita:

(...) quando afirmo nos meus discursos e nas minhas conversações que a causa de Perón é a causa do povo e que Perón é a Pátria e é o povo, nada mais faço do que dar uma prova irrecorrível de que tudo na minha vida está selado por um único amor.⁴⁶

Desse modo, não pertenceriam ao povo argentino os setores agro-exportadores – aos quais o peronismo se referia como oligarquia –, os comunistas e os socialistas. Se sobre os primeiros pesaria a responsabilidade pelos problemas econômicos até então enfrentados pelo país, sobre os demais pesava a crítica de espionagem, de traição, e de negarem a religião, considerada como um elemento da nacionalidade. Nas palavras de Evita:

Ninguna de las constituciones dictadas por nuestros antepasados ha excluído la Religión Católica Romana, porque en su fe, en su amor, están involucradas las normas de convivencia que permiten a la humanidad toda vivir en paz, en concordia, *sin barbarie y con civilización* [grifo meu].⁴⁷

Apesar do recorrente apelo ao nacionalismo, em *Perón o muerte* (1986) Eliseo Verón e Silvia Sigal acreditam que a permanência desta característica no discurso peronista, inclusive durante a década de 1970, indica uma divergência entre o movimento/governo e o povo argentino, o apelo não teria tido o efeito esperado pelo peronismo:

(...) si esta identidad de principio [o nacionalismo] tiene todavía la forma de una exigencia, de un programa, es porque la coincidencia entre el movimiento y el pueblo argentino no se ha logrado todavía enteramente.⁴⁸

⁴⁶ PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 64.

⁴⁷ PERÓN, *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. 132.

⁴⁸ SIGAL, S.; VERÓN, E. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: Legasa, 1986. p. 61-62.

Vimos no capítulo anterior a importância dada por peronistas e nacionalistas à produção cultural, como um instrumento de educação/formação/normatização dos indivíduos e da sociedade. Vejamos, agora, alguns pontos priorizados pelo discurso peronista quanto a idéias e condutas que deveriam ser eliminadas, mantidas ou estimuladas na sociedade argentina, em maior ou menor medida relacionadas com os dois pilares que destacamos, a religião e o nacionalismo.

Atrelado ao fanatismo encontra-se a lealdade, a propósito, um dos pontos mais desenvolvidos por Eva Perón em *As forças espirituais do peronismo*. A lealdade deveria ser uma devoção voluntária e sincera à causa peronista. Sinceridade que deveria se manifestar como desprendimento pessoal, em um intento claro de coibir disputas internas que poderiam repercutir negativamente na orientação dos setores populares. “La lealtad para con la masa [e/ou com o governo, “representante” desta massa] engendra lealtad hacia el dirigente que la práctica.”⁴⁹

Não se trata, apenas, de um recurso demagógico: por trás da necessidade de se estimular a lealdade das lideranças políticas está o medo da instabilidade dos setores populares. Em *A razão de minha vida*, Eva Perón considera a lealdade como uma característica inata dos setores populares, a qual teria desencadeado o 17 de outubro de 1945, transformado pela propaganda peronista no “Dia da Lealdade”. Entretanto, a reiteração anual dessa lealdade foi uma estratégia para se estabelecer um compromisso público, uma auto-vigilância, de maneira que as divergências fossem contidas ou silenciadas. Em meio ao delineamento da crise econômica e política no começo da década de cinquenta, essa estratégia se torna mais evidente. Em 17 de outubro de 1951, o último do qual participou, Evita pediu à multidão reunida na Praça de Maio:

(...) juremos todos, públicamente, defender a Perón y luchar por él hasta la muerte. Y nuestro juramento será gritar durante un minuto para que nuestro grito llegue hasta el último rincón del mundo: La vida por Perón.⁵⁰

Cabe comparar esse pedido com uma passagem de *A razão de minha vida*, publicado naquele ano, no qual Evita assim se refere a uma greve:

⁴⁹ PERÓN, *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. LI.

⁵⁰ Eva Perón. *Cuadernos de Crisis*, Buenos Aires, nº 7, p. 45.

(...) não posso imaginar que haja ainda na Argentina um só trabalhador que não tenha compreendido o que é Perón e tudo o que tem feito a bem dos trabalhadores.

Conquanto poucos os grevistas, o fato dói-me n'alma como se tivessem sido todos.⁵¹

Como destacam Eliseo Verón e Silvia Sigal, no discurso peronista os adversários políticos são constantemente mencionados tendo em vista manter a mobilização da sua base social contra estes adversários. No entanto, o trecho acima não se enquadra nessa característica. Nenhum trabalhador era considerado adversário do governo. Quanto a setores da esquerda, as críticas recaíam sobre os líderes sindicais e não sobre os trabalhadores. Em *A razão de minha vida*, Evita destaca que todo trabalhador era um descamisado. Por isso, atenderia aos trabalhadores comunistas em sua fundação de assistência social, a Fundação Eva Perón, criada em 1948.

Logo, o trecho acima, sobre a greve, parece indicar muito mais os limites do discurso peronista do que um apelo bem sucedido para mobilizar sua base social, como reconhece a própria Eva Perón. “Estivesse êste livro voltado para fins propagandistas e certamente não teria inserido nêles estas páginas tristes.”⁵² Nesses limites, um dos motivos do discurso peronista, apesar do tom sectário, nunca ter se fechado totalmente, inclusive em relação aos tradicionais adversários políticos do governo. Nas palavras de Verón e Sigal, o discurso peronista apresentava uma dimensão ideológica, mas não uma ideologia. Se por um lado todo trabalhador era um descamisado, em *A razão de minha vida* Evita também frisou que nem todo descamisado era trabalhador, abrindo, assim, as possibilidades de composição da base social peronista.

A centralidade ocupada pelos trabalhadores no discurso peronista está ligada à valorização do trabalho: em *As forças espirituais do peronismo*, o trabalho é colocado como a base da causa peronista. Trabalho como ação, ocupação criadora, pois, como destacamos, a audácia era uma das “forças espirituais” do peronismo. Trabalho como o caminho para a realização das aspirações populares e nacionais. A dedicação a ele, portanto, deveria ir além de anseios pessoais.

Marcela Gené, em *Un mundo feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo, 1946-1955* (2005), destaca que a propaganda peronista veiculava imagens do

⁵¹ PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 244.

⁵² Ibid., p. 245.

trabalho relacionadas à felicidade e ao revigoramento dos trabalhadores. Nesse ponto, a exemplo do que destacaram Sigal e Verón a respeito da insistência do nacionalismo no discurso peronista, é interessante mencionar o reconhecimento de Perón de que a propaganda política representa a ausência da mensagem que veicula na sociedade para a qual se destina:

No hay que poner tanto peronismo en las paredes como persuadir a la población de que el peronismo es la verdadera causa.

(...).

El día que lo logremos, quizá no será necesario poner un cartel más en la calle.⁵³

Assim, em *Por que sou peronista*, é notável o diálogo de Evita com uma visão negativa do trabalho, “transformada” graças à justiça social promovida pelo governo de Perón. “(...) pedir mayor producción a los trabajadores era pedirles que contribuyeran con más *sudor*, con más *sacrificios*, con mayores *esfuerzos* a la riqueza de pocos y a la *miseria* de muchos [grifos meus].”⁵⁴

Em *Doutrina peronista*, Perón clama (em 23 de agosto de 1947) por disciplina, responsabilidade, vontade e empenho no trabalho e qualifica de ação criminosa a diminuição intencional do rendimento da produção. Aliás, a produtividade aparece dentre as “forças espirituais” do peronismo. O adjetivo criminosa mostra o empenho e a necessidade do governo em normatizar o trabalho de acordo com os seus pressupostos. Não por acaso esse discurso foi transmitido pelo rádio, o qual alcançava um público expressivo.⁵⁵

O trabalho não seria apenas um direito, mas também um dever. Para cumpri-lo adequadamente, caberia ainda aos trabalhadores cuidarem da sua saúde através, por exemplo, da prática de esportes. “(...) con un pueblo constituído por hombres sanos y fuertes se puede construir la Argentina grande con que soñamos todos.”⁵⁶

Segundo o discurso peronista, o trabalho desenvolvia o país e era instrumento de redenção da família, pilar e simulacro da pátria. Para se alcançar tal redenção, o empenho

⁵³ PERÓN, *Conducción política*, p. 308.

⁵⁴ PERÓN, *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. 72.

⁵⁵ Além de Capelato, Dóris Fagundes Haussen, em *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997) oferece dados importantes sobre a difusão do rádio na Argentina e seu uso político.

⁵⁶ PERÓN, *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. 128.

no trabalho deveria ser acompanhado pelo cultivo de valores éticos e morais, tomados como sinônimos: por exemplo, além do enaltecimento do trabalho, a austeridade e a moderação eram destacadas como condutas a serem seguidas. Dirigindo-se a mulheres, Evita destacou que saber “(...) comprar debe ser nuestro lema (...) para consolidar y sostener el salario real de la economía peronista.”⁵⁷ Ainda durante o governo Farrell, Perón falava que se sentia satisfeito quando via melhorias no lar de um trabalhador, “(...) aun cuando para ello haya sido necesario sacrificar algunos de los lujos inútiles y superfluos.”⁵⁸ Nesse período e nos primeiros anos do governo de Perón, a defesa da austeridade e moderação estiveram particularmente relacionadas à queda na importação de inúmeros produtos, provocada pela Segunda Guerra Mundial.

A harmonia familiar e da pátria não seriam garantidas apenas pela prosperidade econômica. A família e a pátria deveriam ser cristianamente unidas e seus membros deveriam cumprir os papéis sociais que tradicionalmente lhes eram atribuídos. Marcela Gené destaca que imagens de trabalhadores e de trabalhadoras no ambiente doméstico ocuparam um lugar expressivo na propaganda peronista.

Sobre as mulheres, ou melhor, sobre as mães pesava a responsabilidade de se garantir a harmonia da família e da pátria através do ensinamento de valores éticos e morais aos homens e às crianças. Também deveriam recusar a mudança de papéis então em curso. “Trabajan [as mulheres] casi como ellos. Prefieren, como ellos, la calle a la casa. No se resignan a ser madres, ni esposas.”⁵⁹ Victoria Ocampo representava, assim, o antítipo da mulher peronista ideal, pois, dentre outros pontos, era divorciada, não foi mãe e era proprietária de uma revista cultural.

De acordo com o discurso peronista, manter as mulheres no ambiente doméstico seria uma das condições para se obter a austeridade e moderação necessárias para a prosperidade econômica das famílias. Dentro dessa perspectiva, a Fundação Eva Perón

⁵⁷ PERÓN, E. *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996. p. 95. A preocupação do governo de Perón com o empenho no trabalho e com os gastos dos argentinos também pode ser observada no número 9 da revista *Substancia*, publicada em fevereiro de 1952. Em “*Martín Fierro*” y la *Producción*, Perón e Hernández são aproximados quanto a condutas morais referentes ao trabalho e à poupança. “Produzca mucho, consuma poco y ahorre la diferencia. Nuestra conducta es diametralmente opuesta: Producir poco o nada...derrochar mucho y vivir roído de cuentas.” (“*Martín Fierro*” y la *Producción*. *Substancia*, Concepción del Uruguay, nº 9, fevereiro de 1952. p. 281).

⁵⁸ PERÓN, *Doctrina peronista*, p. 98.

⁵⁹ PERÓN, *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*, p. XL.

dava máquinas de costura para mulheres e, em *A razão de minha vida*, Evita defendeu a idéia de se pagar um salário às donas de casa que fossem mães, custeado por todos os outros trabalhadores.⁶⁰ As carreiras indicadas para as mulheres se resumiam à enfermagem e ao magistério, pois seriam um desdobramento do papel exercido pelas mulheres no ambiente doméstico – a propósito, o peronismo considerava a escola uma parceira fundamental para a difusão dos valores éticos e morais que defendia, como destacamos no capítulo anterior.

A defesa do voto feminino por Evita, o qual foi concedido durante o governo de Perón, não representou, pelo menos inicialmente, uma contradição com a sua defesa do papel tradicional exercido pelas mulheres: Evita, evidentemente, defendia o voto em seu marido, Perón, e a sua atuação política se concentrou na assistência social.

No que se refere à educação dos homens pelas mulheres, o discurso peronista é evasivo quanto aos pontos que deveriam ser priorizados. Perón e Evita falam genericamente em “maus costumes”, “ausência de valores espirituais”, “falta de caráter”, etc. Como veremos na obra de Luis Horacio Velázquez, é possível que, dentre outros pontos, estivessem se referindo aos relacionamentos extra-conjugais e a vícios como bebidas e jogos de azar. Conforme foi destacado, Evita fala que algumas mulheres, como os homens, estavam preferindo a rua à casa. Tais costumes masculinos prejudicariam o rendimento no ambiente de trabalho e a prosperidade econômica de suas famílias. Em discurso pronunciado em 19 de fevereiro de 1947, Eva Perón destacou que a Argentina precisava de “Hombres austeros, que forjen su vida al calor del hogar, donde siempre palpita un corazón de mujer.”⁶¹ Fora de casa, apenas o lazer em família era valorizado, o qual estreitaria os laços familiares e prepararia todos, devidamente descansados, para uma nova jornada de trabalho.

Quanto às crianças, Eva Perón costumava dizer que, na “nova” Argentina, marcada pela justiça social, elas eram os únicos privilegiados, pois não teriam vivido e nem viveriam as privações experimentadas pelos seus antepassados. Como lembra Isabella Cossé em *Estigmas de nascimento: peronismo e ordem familiar, 1946-1955* (2006), era preciso garantir a permanência do movimento e do regime, razão pela qual o discurso peronista se

⁶⁰ PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 287-293.

⁶¹ PERÓN, *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*, p. 36.

dirigiu às crianças.⁶²

A autora lembra, também, que antes da ascensão de Perón já havia um movimento internacional que tinha transformado a criança em sujeito dotado de direitos, através da associação da infância com a pureza e a valorização dos laços familiares. Segundo o discurso peronista, caberia ao Estado garantir as condições para o desenvolvimento das crianças, mas isto trazia responsabilidades para a família, particularmente para as mulheres/mães. Além do lazer que sobretudo os brinquedos proporcionariam, outros dois pontos costumavam ser destacados:

La salud física del hombre y del adulto depende asimismo de nosotras y esto se logra mediante la *educación para la alimentación y para la higiene* [grifo meu]. El clima hogareño de los “descamisados” de hoy, supera fundamentalmente al que conocíamos ayer y será seguramente superado por el que prevalecerá mañana.⁶³

No entanto, existe um reconhecimento de limites para se interferir no âmbito privado. Como sugere a passagem anterior, apesar dos avanços, ainda seria necessário aprimorar o ambiente familiar. “Às portas do lar acaba a nação inteira e começam outras leis, outros direitos: a lei e o direito do homem, misto de amo e de ditador.”⁶⁴ Ainda em *A razão de minha vida*, Eva Perón menciona a ausência de amor nos lares, a falência de valores morais e a impossibilidade de se contar com os homens e as “mulheres masculinizadas” para transformar este quadro. Daí o direcionamento do seu discurso para as mães.⁶⁵

Isabella Cosse ressalta que a preocupação com a estabilidade familiar já existia antes do peronismo e não se limitava ao Estado: estava presente em distintos grupos políticos, na Igreja e no discurso médico. O próprio discurso de Eva Perón sobre as

⁶² COSSE, I. *Estigmas de nacimiento: peronismo e ordem familiar, 1946-1955*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, 2006. p. 114.

⁶³ PERÓN, *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*, p. 94.

⁶⁴ PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 285.

⁶⁵ No *La Prensa* de 5 de setembro de 1953, portanto, sob a administração da CGT, encontramos outro exemplo desses empecilhos enfrentados pelo governo para interferir no âmbito privado dos setores populares e, assim, consolidar sua política cultural. Em *Espectáculos adecuados para los niños*, o *La Prensa* alerta sobre filmes e publicações que seriam prejudiciais à “saúde moral” das crianças, baseando-se em um caso que tinha recentemente acontecido em Rosário, onde crianças praticaram delitos que teriam visto em um filme. O *La Prensa* destaca como um dever do Estado o resguardo da “pureza mental e sentimental das crianças”. Porém, ressalta a responsabilidade dos pais e das empresas comerciais que veiculavam esses produtos “prejudiciais” (*Espectáculos adecuados para los niños*. *La Prensa*, Buenos Aires, 5 de setembro de 1953. p. 3).

mulheres foi usado muitas vezes por opositores para criticá-la, visto que era fruto de um relacionamento extraconjugal e tinha tido uma carreira artística.⁶⁶ Entretanto, nenhum governo, grupo político e entidade, até então, tinha se colocado na Argentina como representante dos setores populares como o peronismo. De qualquer modo, este apelo, a julgar pelo discurso peronista e pelas representações oferecidas pela literatura, parece não ter bastado para concretizar o que Cosse chama de “ideal de domesticidade”, baseado na estabilidade familiar, no cumprimento dos tradicionais papéis sociais e em valores cristãos.⁶⁷

Desse modo, discordamos da autora quando esta defende que o peronismo introduziu um discurso de valorização de “mães abandonadas”, “crianças sem lar”, “famílias destruídas” e “mulheres sozinhas”. Acreditamos que o governo de Perón promoveu, sim, uma política de integração desses setores – através de orfanatos, lares transitórios para mães solteiras, lei de reconhecimento de direitos aos bastardos, etc. –, mas baseado nos princípios morais destacados anteriormente.⁶⁸ Como a própria autora destaca, a legalização de relações familiares não reconhecidas era um caminho necessário para a extensão dos direitos sociais, sobre a qual o discurso peronista procurava se legitimar. Por isso a necessidade de integrar – o que não quer dizer necessariamente valorizar – os grupos citados.

Conforme já comentamos, a valorização do trabalho e da família visavam a harmonia nas relações de trabalho e sociais de uma maneira geral. O discurso peronista mostra preocupação em impedir que as tensões resultassem em atos de violência. Nesse ponto, um dos aspectos mais instáveis do discurso peronista.

No início deste item, vemos que, para Perón, a violência nunca teria motivo. Em consonância com essa idéia, a memória do 17 de outubro de 1945 construída pelo discurso

⁶⁶ Após a queda de Perón em 1955 foi publicado um álbum com “fotos proibidas pela ditadura”. Na capa, Evita nos tempos de atriz. Eva Perón tinha consciência desse contraste a entre sua trajetória e o seu discurso para as mulheres. Por isso Perón teria sido o seu redentor. Evita costumava se referir ao dia em que conheceu Perón como “maravilhoso”.

⁶⁷ Segundo a autora, o ideal de domesticidade “(...) demarcaba el “deber ser” para varones y mujeres, pautaba la vida cotidiana, dibujaba los contornos del proyecto vital y las conductas apropiadas para las relaciones de pareja y entre padres e hijos, conectando el orden familiar con el social.” (COSSE, op. cit., p. 31).

⁶⁸ Exemplo de que havia uma demanda pela integração social desses setores, antes da ascensão de Perón, encontramos em Victoria Ocampo. No número 231 da revista *Sur* (novembro-dezembro de 1954), comemorou a lei que dava direitos aos bastardos, ainda que tenha lembrado da sua oposição ao governo peronista. Colocou-se como uma pioneira da lei ao lembrar da sua crítica à reforma do código civil promovida na década de 1930, a qual não contemplou a lei então aprovada.

peronista – os jornais liberais daqueles dias apresentam um panorama distinto, como veremos ao tratar do conto *A festa do Monstro* de Borges e Bioy Casares.

Em *A razão de minha vida*, Evita destaca que Perón estava sereno no momento da sua prisão e que teria lhe pedido calma. Ao ressaltar isso, Evita nos apresenta, através de Perón, o trabalhador peronista ideal. Evita também transcreve o que teria sido uma carta de Perón para ela enquanto esteve preso. “Toma [sic] conta dos meus trabalhadores; *tranqüiliza-os*; que não se preocupem por mim; exorta-os a *fugir de toda violência*...[grifos meus]”⁶⁹ Os trabalhadores teriam atendido ao pedido de Perón e Evita refere-se ao 17 de outubro de 1945 como “uma grande luz”.⁷⁰ Naquele dia, os únicos atos violentos teriam vindo dos opositores:

A covardia daqueles homens (...), lavando as mãos como Pilatos, magoou-me mais ainda do que os bárbaros espancamentos de que fui vítima, quando um grupo de covardes me indiciou, aos gritos de: “Essa é Eva Perón!...”⁷¹

A crítica à violência visava preservar a propriedade, a produção e a coesão interna do movimento/governo peronista. Porém, a relação da oposição com a violência, estabelecida na passagem anterior, legitimaria eventuais atos violentos praticados por peronistas.⁷² No já comentado discurso de 17 de outubro de 1951, Evita fala que, se necessário, iria às ruas com o povo, fariam “justiça com as próprias mãos” e “não deixariam em pé nenhum ladrilho que não fosse peronista”.⁷³ No segundo governo, em meio ao acirramento da crise econômica e política, especialmente com a Igreja, Perón apelou abertamente à violência:

(...) a la violencia le hemos de contestar con una violencia mayor. Con nuestra tolerancia exagerada nos hemos ganado el derecho de reprimirlos violentamente. Y desde ya estableceremos como una conducta permanente para nuestro movimiento: aquel que en cualquier lugar intente alterar el orden en contra de las autoridades constituidas, o en contra de las autoridades constituidas, o en contra

⁶⁹ PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 41.

⁷⁰ Ibid., p. 40.

⁷¹ Ibid., p. 39.

⁷² Jorge Perrone, em *Se dice hombre*, publicado pelo Ministério da Educação de Buenos Aires, justifica o apelo das massas populares à violência. “La multitud siempre es un instinto. Está en posesión de la pureza. Aunque incendie tranvías o balee a otros hombres. Tal vez los ataque porque inconscientemente sepa que son hombres solos. La multitud odia al hombre solo. Es el que está en la otra vereda.” (In: KORN, op. cit., p. 60).

⁷³ Eva Perón, *Cuadernos de Crisis*, p. 45.

de la ley o de la Constitución, puede ser muerto por cualquier argentino.⁷⁴

Esse discurso não foi bem recebido. O presidente recuou, adotou um discurso conciliador, dialogou com a oposição, mudou o gabinete, mas já era tarde. Os excessos já tinham se manifestado, o desgaste de Perón era incontestável e a oposição não perdeu a oportunidade. Em 16 de setembro, em Córdoba, o general Lonardi começou o levante militar que derrubou Perón. Em 19 de setembro, após bombardear Mar del Plata e com adesões na Argentina inteira, o levante conseguiu a rendição dos militantes leais aos governo, depois de ameaçar um novo bombardeio à capital.

Falamos que o peronismo despertou e ainda desperta paixões e comportamentos considerados excessivos. Porém, como defende Bornheim, a norma e o excesso caracterizam-se pela historicidade, dada pela autonomia que particulariza o homem moderno, autonomia esta que questiona aspectos das normas e recusa o que considera excessivo. O ocorrido em 2006, durante a transferência dos restos mortais, corresponde a uma memória dos governos de Perón, certamente marcada, dentre outros pontos, por uma ditadura militar (1976-1983) que gerou trinta mil desaparecidos políticos e por agudas crises econômicas que marcaram a história do país nas últimas décadas. Assim, é necessário não confundir essa memória do peronismo das práticas dos setores populares durante o governo de Perón. Na passagem a seguir, além do evidente apelo emocional, Evita parece acreditar no poder muitas vezes regenerador da memória:

E talvez um dia, quando eu não mais exista, se venha a dizer de mim o que muitos filhos do povo dizem de suas mães, quando empreenderam a viagem definitiva:

“Sómente agora avaliamos o quanto nos amava!”⁷⁵

Contudo, as tensões que acabamos de ver no discurso peronista, presentes, inclusive, na passagem acima, parecem residir, justamente, na percepção de que o fanatismo não se tornou a norma enquanto Perón esteve no poder, idéia corroborada por representações que encontramos na literatura argentina, apesar do constante apelo ao nacionalismo e à religião, valores considerados de grande ressonância nos setores

⁷⁴ Apud PEÑA, M. *El peronismo: selección de documentos para la historia*. Buenos Aires: Fichas, 1973. p. 146-147.

⁷⁵ PERÓN, *A razão de minha vida*, p. 328.

populares.

Tampouco os problemas enfrentados pelo governo de Perón para implantar o modelo de sociedade que defendia devem ser atribuídos a um ineditismo deste projeto na política argentina. Na tentativa de se construir essa sociedade, o peronismo legitimou o papel de instituições já consagradas pela tradição liberal argentina. Em *Facundo*, no questionário que Sarmiento supostamente aplicou a um morador de La Rioja, no interior, nota-se a importância dada à escola, à caridade, à religião e ao trabalho, também presentes no discurso peronista:

- P. - Há algum estabelecimento público de caridade?
R. - Nenhum, nem escola primária. (...).
P. - Quantos templos em ruína existem?
R. - Cinco; só a matriz serve para alguma coisa.
P. - Edificam-se casas novas?
R. - Nenhuma, nem são reparadas as que caíram.⁷⁶

Luis Horacio Velázquez e o discurso peronista na literatura

Los políticos se acuerdan que vivimos cuando llegan las elecciones, y entonces se aparecen por aquí con un traje viejo, prometiendo el oro y el moro... Los estudiantes todavía, son más sinceros, y los artistas...

*Pobres habrá siempre.*⁷⁷

– Estas salidas a deshora, estas ausencias a la cena, al almuerzo. Esas tardes de fugas: dices estar en la oficina o en las convenciones y varias veces de ahí mismo te han llamado...

(...).

– (...) tú tienes otra mujer. Tú vives con otra mujer, Berto...

*Los años conmovidos.*⁷⁸

– Una vergüenza, mamá. Doña Encarnación lo ha visto al Alcides haciendo de sirvientito en la feria...¡Haciendo changas!

– ¡Peor es que robe!...Dejalo que se haga hombre.

*El juramento.*⁷⁹

A obra de Luis Horacio Velázquez, ainda pouco conhecida, inclusive na Argentina, demonstra como o governo de Perón via a literatura como um instrumento fundamental não

⁷⁶ SARMIENTO, op. cit., p. 120.

⁷⁷ VELÁZQUEZ, L. H. *Pobres habrá siempre*. Buenos Aires: Claridad, 1944. p. 101.

⁷⁸ VELÁZQUEZ, L. H. *Los años conmovidos*. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1949. p. 288-289.

⁷⁹ VELÁZQUEZ, *El juramento*, p. 26.

somente de propaganda política, mas também de educação/normatização dos setores populares a partir dos princípios peronistas. Existiram vários escritores peronistas, dentre os quais o nome de Leopoldo Marechal costuma aparecer com destaque e frequência. Entretanto, poucos escritores conceberam tão intensamente sua obra a partir do discurso peronista como Luis Horacio Velázquez.⁸⁰ No acervo da biblioteca de Perón encontramos dois livros do escritor, *Dos letras milagrosas*, reunião de poesias, e *Los años conmovidos*, o qual comentaremos a seguir.⁸¹

O escritor alcançou destaque durante o governo de Perón. Foi publicado por editoras importantes como Claridad⁸², Guillermo Kraft e Emecé, que publicou Borges no mesmo período. Entre 1952 e 1955, Luis Horacio Velázquez ainda foi, como já mencionamos, presidente da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares, ligada ao Ministério da Educação.⁸³ Como também já mencionamos, nessa época foi realizado um censo que resultou na elaboração de um guia das bibliotecas.⁸⁴ O censo demonstra a atuação do governo peronista na esfera cultural e indica uma preocupação em controlar a leitura feita pelos argentinos. Na apresentação do guia, Luis Horacio Velázquez se perguntou: “¿Contribuye el caudal de sus colecciones a la formación de una conciencia, de un espíritu argentino, de un alma nacional?”⁸⁵ Como presidente da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares, Luis Horacio Velázquez ainda foi jurado de concursos literários promovidos pelo governo, como comentado no capítulo II.

⁸⁰ A relação de Leopoldo Marechal e de Luis Horacio Velázquez com o peronismo foi de natureza diversa. Leopoldo Marechal já era um escritor reconhecido quando Perón ascendeu politicamente. Assim, o apoio do escritor foi um elemento importante na tentativa do peronismo se legitimar no campo cultural. Podemos perceber isso no comentário de Juan Carlos Ghiano sobre *Adán Buenosayres* (1948), a obra mais conhecida de Marechal: “*Hay capítulos (...) excepcionales dentro de la actual literatura en lengua española (...); en cambio, otros tropiezan con el desgano del narrador o el interés partidario de las mostraciones [grifos meus].*” (GHIANO, op. cit., p. 172). Enquanto o apoio de Marechal visava a legitimar o peronismo, Luis Horacio Velázquez se legitimou como escritor por apoiar o governo de Perón.

⁸¹ SWIDERSKI, op. cit., p. 161. É interessante destacar que nesta relação organizada por Swiderski não consta nenhum título de Marechal.

⁸² Como vimos no capítulo I, a editora Claridad foi uma das mais populares nas décadas de 1930 e 1940 pelos preços acessíveis de suas publicações. A partir do final da década de 1930, o encarecimento do papel levou ao aumento dos preços da editora. Mesmo assim a Claridad ainda era uma editora popular quando publicou *Pobres habrá siempre* na década seguinte.

⁸³ O escritor voltou a ocupar o cargo em 1973, quando Perón retornou à Argentina após o exílio iniciado com a “Revolução Libertadora”.

⁸⁴ De acordo com dados apresentados pelo guia, o número de frequentadores/leitores das bibliotecas, apenas na cidade de Buenos Aires, girava em torno de 530 mil, em média, por ano.

⁸⁵ VELÁZQUEZ, L. H. Prologo. Guia de bibliotecas argentinas. Ministerio de Educación de la Nación. Dirección General de Cultura. Comisión Protectora de Bibliotecas Populares. Buenos Aires, 1954, t. 1, p. 11.

Antes de ser poeta e escritor, Luis Horacio Velázquez trabalhou como secretário e começou a cursar universidade, mas teve que abandonar os estudos devido a dificuldades financeiras. Depois, trabalhou em frigoríficos. Nesse período, redigiu *Carne de Fábrica* (1935), folheto no qual denunciou condições adversas de trabalho e defendeu os trabalhadores do setor: os trabalhadores da indústria da carne foram, justamente, um dos principais apoios recebidos inicialmente por Perón. Em 1946, participou da redação do plano de governo de Domingo Alfredo Mercante, governador da Província de Buenos Aires.

Em 1942, Luis Horacio Velázquez lançou o poema *El continente de la esperanza*, sobre a América. No ano seguinte, *Pobres habrá siempre*, que será aqui analisado, recebeu o terceiro prêmio em um concurso promovido pelo jornal *Noticias Gráficas*, o qual contou com cinquenta e cinco participantes. Em 1944, o livro foi publicado pela Claridad.⁸⁶ *Pobres habrá siempre* consiste em um desdobramento literário do folheto *Carne de Fábrica*. O livro voltou a ser premiado em 1950, desta vez com o Primeiro Prêmio de Literatura Bonaerense.⁸⁷

Em 1947, Luis Horacio Velázquez publicou o poema *Territorio de infancia*. Em 1949, *Los años conmovidos*, o qual também comentaremos. Em 1950, outros dois poemas, *Salmos del siglo XX* e *El regreso de la diosa Caa-Yarí*, ambos lançados pela Peña Eva Perón.⁸⁸ Em 1951, foi publicado *Dos letras milagrosas*, livro que contém o poema *Mujer de America*, uma homenagem a Eva Perón. Em 1954 foi a vez de *El juramento*, o terceiro texto de Luis Horacio Velázquez que analisaremos.

A Grande Buenos Aires é o principal ambiente de *Pobres Habrá Siempre*, *Los Años*

⁸⁶ Aqui analisaremos a versão original do livro. Luis Horacio Velázquez adicionou capítulos em edições posteriores.

⁸⁷ Assim como *Barrio Gris* de Joaquín Gómez Bas, *Pobres habrá siempre*, que narra a organização dos operários, apesar das condições precárias de trabalho, das cisões internas e da repressão, também ganhou uma versão para o cinema, dirigida por Carlos Borcosque (1894-1965). Entretanto, diferentemente da versão baseada no texto de Gómez Bas, *Pobres habrá siempre*, o filme, não foi liberado pelo governo de Perón e apenas chegou às telas em 1958. Sobre a adaptação de *Pobres habrá siempre* para o cinema: CAMPODÓNICO, H. *Pobres habrá siempre* (Luis Horacio Velázquez/Carlos Borcosque). *Segundas Jornadas Internacionales de Literatura Argentina/Comparatística*: actas. Buenos Aires: Instituto de Literatura Argentina “Ricardo Rojas”, 1998. p. 81-101. Como *Barrio Gris*, *Pobres habrá siempre* foi temporalmente situado antes da ascensão de Perón. Apesar disso, Campodónico aponta que, dentre outros pontos, a politização apresentada pelos trabalhadores, no livro, representou um problema na adaptação para o cinema, o que levou à sua proibição.

⁸⁸ Além de editora, a Peña Eva Perón era um grupo formado por poetas e escritores peronistas que promoviam encontros literários que homenageavam Perón e Evita, principalmente com poemas.

Conmovidos e *El Juramento*. Além disso, muitos personagens nasceram ou têm a sua origem familiar no interior do país, onde também transcorre parte das narrativas. *Pobres Habrá Siempre* começa com uma disputa de empregos em uma fábrica de Avellaneda. A família de Héctor, o protagonista, veio de Cuyo, no extremo oeste argentino. Em *Los Años Conmovidos*, Beatriz nasceu no norte da Argentina, e a imprensa clandestina de operários, na qual Roberto, seu futuro marido, começa a militar, também é localizada em Avellaneda. Tempos depois, Roberto consegue um emprego em Quilmes. Em *El Juramento*, após o falecimento do pai, Alcides se muda com a família, do centro para os arredores de Buenos Aires. Quando jovem, foi uma vez com amigos a um prostíbulo de Ensenada.

Relacionada com a localização espacial, a construção dos personagens principais é feita a partir de uma oposição destes aos imigrantes e ao imperialismo. Em *Pobres Habrá Siempre*, os patrões preferem contratar os estrangeiros, e os trabalhadores argentinos são mais perseguidos pelo capataz da fábrica, Rossler, que, a propósito, era estrangeiro. Em *Los Años Conmovidos*, Roberto milita por uma Argentina “livre do estrangeiro”. Em *El Juramento*, Alcides lembra que a avó igualava os estrangeiros a ladrões, um ódio “orgulhoso e legítimo”.

A ligação da maioria dos personagens com o interior do país e/ou com a Grande Buenos Aires, área de forte migração, assim como a oposição destes aos imigrantes e ao imperialismo, indicam uma releitura da tradição liberal argentina do século XIX. De um modo geral, na obra de Luis Horacio Velázquez, a tradição liberal é invertida: o interior e os argentinos é que são valorizados, em detrimento da capital, dos portenhos e dos estrangeiros. A origem interiorana daria a seus principais personagens uma autêntica identidade argentina.

Em *Pobres Habrá Siempre* recorda-se com nostalgia como Gregorio Olmos, assalariado em Buenos Aires, vivia antes no interior:

Era feliz, dueño de sí [...] Tiempos en que las distancias eran días, los días jornadas sin amargura y los arribos partidas hacia nuevos aventurados rumbos y dichosas labores. Por contraste, se le vuelve su condición de asalariado actual la de un prisionero condenado a trabajos forzados.⁸⁹

⁸⁹ VELÁZQUEZ, *Pobres Habrá Siempre*, p. 50. Nessa e em outras passagens da obra de Luis Horacio Velázquez encontramos releituras de elementos presentes no poema *Martín Fierro* de José Hernandez, considerado um contraponto ao pensamento liberal de Sarmiento por valorizar o gaúcho e o campo. Nos versos a seguir, o gaúcho Martín Fierro lembra da vida que tinha antes de ser convocado para lutar nas

Em outra passagem do livro, a vida urbana é ainda colocada como um “ostracismo sem ar”. Em *Los Años Conmovid*os, Beatriz, hostilizada por algumas companheiras de escola em Buenos Aires, responde quando perguntada sobre a sua origem interiorana: “– ¡[Venho] De una tierra de valientes donde se habla bien el castellano!... Donde se pronuncia la ‘ll’ y no se cambia por la ‘y’.”⁹⁰ Quando morava em uma quinta com Roberto, recebeu uma vez a visita de parentes que viviam em Buenos Aires. “– Qué fresco tan agradable. En la Capital respiramos gases, no aire.”⁹¹ Um dos capítulos do livro, inclusive, é intitulado *Gente de campaña, gente de ciudad*, no qual Beatriz, de passagem por Buenos Aires, enfrenta o desdém de algumas amigas e parentes por ter se casado e por causa de suas roupas simples, representação que a enquadra no modelo de mulher defendido pelo discurso peronista.

Em *El Juramento*, também notamos o interior como uma espécie de “reserva moral”. Alcides, contrariado com o novo casamento da mãe, que era viúva, seguiu para o interior, ocasião em que conheceu Pardo Bayoco. Apesar de ser um homem muito simples, Bayoco seria detentor de um “verdadeiro” saber, pautado em sua experiência de vida.

Em meados do século XX, o Estado nacional argentino está consolidado, mas nota-se nas passagens anteriores como a oposição entre o interior e a capital permanece fortemente relacionada com práticas culturais – casamento, escrita, fala, relação com o tempo e o espaço, vestimenta etc. –, centrais na caracterização dos personagens. Apesar da valorização distinta quanto ao interior e aos setores populares, o peronismo, a exemplo da tradição liberal argentina, também defendia a mudança de algumas práticas culturais, tendo em vista a integração de regiões, sujeitos e grupos sociais considerados excluídos. Se tais práticas ainda não tinham sido transformadas, o peronismo relacionava isto à negligência dos governos anteriores.

Esteticamente, apela-se ao melodrama, sobretudo em *Los Años Conmovid*os e *El Juramento*. O melodrama marcou a literatura argentina no “boom” de seu mercado

guerras civis, de um modo semelhante ao que acabamos de ver nas lembranças de Gregorio Olmos. “Outros ao campo saíam,/ E a fazenda percorriam,/ E as manadas ajuntavam;/ E tão rápido passavam/ As horas, que nem sentiam.” (HERNANDEZ, J. *Martin Fierro*. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 15).

⁹⁰ VELÁZQUEZ, *Los Años Conmovid*os, p. 20.

⁹¹ *Ibid.*, p. 176.

editorial, ocorrido nas primeiras décadas do século XX.⁹² No melodrama, o amor – pela esposa, pela prole, pelos humildes, pela pátria etc. – supera as diferenças culturais, sociais e políticas, as quais são encaminhadas para um confronto entre bons e maus, e não entre classes. Isabella Cosse, citando Pablo Pérez Rubio, especialista em cinema melodramático, destaca que, no melodrama, não existe espaço para a rebelião, mas apenas para a reparação.⁹³ Como se vê na obra de Luis Horacio Velázquez, para o peronismo, a mudança de práticas culturais e a integração dos excluídos passava necessariamente pela conciliação nacional e de classes.

Em *Pobres Habrá Siempre*, apesar do enfrentamento dos trabalhadores com as forças policiais, representantes dos interesses dos patrões, observa-se entre os líderes operários esforços para controlar os trabalhadores: “Morir es desertar de la pelea...”⁹⁴, alerta um deles. As greves deveriam ser precedidas por negociações: antes da greve que vitima Rafael, uma comissão de trabalhadores expôs as reivindicações aos dirigentes da fábrica. A greve deveria ser o último recurso. Ainda no início do texto, o narrador destaca a “obediência forçada” e a “resistência passiva” como características positivas dos trabalhadores, especialmente dos argentinos.

Mesmo tendo sido necessário recorrer à greve, a defesa da conciliação persiste em *Pobres Habrá Siempre*. Rafael, o jovem rico que ensinava os trabalhadores a ler e escrever, morre durante a greve, acreditando porém no advento de uma Argentina “fraterna”:

*Una Argentina próspera, tutelar y fraterna...
millones de argentinos. ¡Cien millones cabales!
roturando a la grasosa humedad de las glebas
sueñan...*⁹⁵

Em *Los Años Conmovid*os, Roberto e seus companheiros preparam um jornal para anunciar uma revolta com as seguintes orientações aos trabalhadores: “[...] no paralicen producción ni trabajo – [...] – Respetar vidas, evitar represalias, asegurar orden...”⁹⁶ Em outra passagem, Roberto é tomado pelo desejo de matar os inimigos políticos da causa que

⁹² Sobre o melodrama na literatura argentina do período, consultar *El Imperio de los Sentimientos* de Beatriz Sarlo.

⁹³ COSSE, op. cit., p. 70.

⁹⁴ VELÁZQUEZ, *Pobres Habrá Siempre*, p. 178.

⁹⁵ Ibid., p. 200.

⁹⁶ VELÁZQUEZ, *Los Años Conmovid*os, p. 15.

defendia. Entretanto, o desejo, “legítimo”, não deveria se tornar uma prática: “(...) esto se pensaba, solamente.”⁹⁷

Em *El Juramento*, publicado em 1954, em meio ao crescimento da tensão política que marcou o segundo governo de Perón, Alcides faz uma ponderação após recordar a visão da avó sobre os estrangeiros, aos quais via como ladrões: “Yo creo que heredé largo tiempo esa condición, como un prejuicio. Mucho me costó cambiarla. Claro, después lo supe, había dos clases de extranjeros...”⁹⁸ Uma vez no poder, o peronismo se vê diante da necessidade de se controlar, de conter o que outrora tinha alimentado a militância, tendo em vista a conciliação nacional e de classes.

Em *El Juramento*, essa necessidade de controlar a atuação política dos trabalhadores aparece sobretudo na representação do 17 de outubro de 1945. O dia é citado indiretamente como a jornada de esperança do “décimo mês”, liderada por um “povo valente”.⁹⁹ Durante essa “jornada”, quando Alcides e os seus companheiros passam diante da sede de um jornal da oposição, um dos manifestantes sugere que o prédio fosse incendiado. O narrador refere-se ao jornal como um representante do imperialismo. O prédio no qual funcionava até que “(...) merecería la purificación de las llamas”¹⁰⁰, mas nada acontece. Como destacamos, o peronismo se preocupou em construir uma memória da data desprovida de atos considerados violentos.

A necessidade de normatizar o desvio representado pelo 17 de outubro de 1945 aparece claramente na passagem na qual comemoram a libertação do “nosso amigo”, entenda-se Perón. “Se levantó, estremecedor y telúrico, un rumor multitudinario: ‘¿Dónde estuvo?’ Hubo una pausa de angustia. La respuesta fué el *perdón* [grifo meu].”¹⁰¹ Nesse ponto, nota-se a defesa da (re)conciliação de classes. Essa representação do 17 de outubro vai ao encontro da ponderação que Alcides faz em relação aos estrangeiros no mesmo livro e, em *Los Años Conmovidos*, do controle de Roberto sobre o seu impulso de matar os

⁹⁷ Ibid., p. 280.

⁹⁸ VELÁZQUEZ, *El Juramento*, p. 24.

⁹⁹ Ibid., p. 146.

¹⁰⁰ Ibid., p. 148.

¹⁰¹ Ibid., p. 154. Em *Un Mundo Feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo (1946-1955)* (Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, 2005), Marcela Gené destaca que a normatização do 17 de outubro também pode ser notada em imagens divulgadas pela propaganda peronista: as imagens dos trabalhadores de perfil, que dariam aos observadores a sensação de terem participado da mobilização naquele dia, perdem espaço para imagens nas quais os trabalhadores são representados isoladamente, observando Perón em postura de submissão e passividade.

adversários políticos.

Na obra de Luis Horacio Velázquez, chama a atenção o lugar central ocupado pelos intelectuais e pela cultura letrada nesse processo de normatização dos setores populares. Esse processo não se daria somente no plano sindical ou partidário em termos tradicionais. Tampouco bastariam as medidas sociais e trabalhistas, promotoras da “justiça social”. Nas três narrativas aqui analisadas, a universidade, os intelectuais, os estudantes e a cultura letrada não são em si criticados. A crítica, quando aparece, não costuma ser generalizada, e reside, principalmente, na necessidade de utilizar as instituições educacionais e a cultura letrada na “defesa” dos interesses populares.¹⁰²

Em *Pobres Habrá Siempre*, os artistas e estudantes são colocados como sinceros, qualidade independente da condição econômica: Héctor ensina os trabalhadores a ler e escrever com o auxílio de Rafael, o jovem rico que morreria durante a greve. Professores, estudantes e jornalistas são, inclusive, colocados ao lado dos operários como vítimas da violência policial. A cultura letrada aparece como um instrumento político, capaz de orientar os trabalhadores, para libertá-los dos “doutores” e dos “caudilhos de comitê”.¹⁰³

Em *El Juramento*, Alcides, outros estudantes e seu amigo Alberto, operário, fundam a Escola de Oradores e Cronistas do Povo, com o objetivo de formar líderes e ampliar o espaço que os trabalhadores possuíam na imprensa. Em *Los Años Conmovid*os, Roberto, preso, se refugia em uma universidade, ao ser transferido, e consegue escapar dos policiais graças ao apoio de alunos, professores e, inclusive, do reitor. Em conversa com amigos de militância, explicita a necessidade de educar os setores populares: “(...) no miremos para atrás. El pueblo no tiene la culpa. Es necesario orientarlo para que resurja de esta época vergonzosa de decadencia y de inmoralidad.”¹⁰⁴

Desse modo, nas obras de Luis Horacio Velázquez, não se questiona o papel tradicionalmente exercido pelos intelectuais, nem se defende que os trabalhadores exerçam este papel. Em *El Juramento*, os estudantes são representados como a “consciência nacional”, já que os trabalhadores teriam que “garantir o sustento dos familiares”. Ainda em *El Juramento*, apesar de Nemesio Pachecho ter ajudado a fundar uma biblioteca na

¹⁰² Consideramos que não se trata apenas de um traço autobiográfico. Como dissemos, o escritor chegou a cursar universidade. No entanto, Perón dirigiu-se diretamente aos intelectuais em mais de uma oportunidade, como destacamos no capítulo anterior.

¹⁰³ VELÁZQUEZ, *Pobres Habrá Siempre*, p. 100.

¹⁰⁴ VELÁZQUEZ, *Los Años Conmovid*os, p. 276.

pequena vila onde morava, defendia que o governo precisava priorizar a construção de escolas técnicas, onde se ensinaria “menos música e gramática” para que os jovens aprendessem “arar bem a terra”.¹⁰⁵ A propósito, na biblioteca, existia uma foto de Sarmiento. É claro que se trata de um elemento recorrente nas bibliotecas do país, mas também indica a apropriação da tradição liberal argentina pelo peronismo.

Esse discurso normativo presente na obra de Luis Horácio Velázquez não pretendia atingir apenas a prática sindical e política dos trabalhadores. Conforme mencionado, a política cultural do peronismo abrangia outras dimensões da vida pública e, também, da privada.

Na obra de Luis Horacio Velázquez, a lealdade é exaltada como valor nas três narrativas; ela seria um elemento indispensável para concretizar mudanças necessárias. Em *Pobres Habrá Siempre*, os líderes operários recusam o suborno oferecido pelos patrões, que queriam o fim da greve. Apesar da morte de Rafael, a união dos trabalhadores leva a crer na prosperidade futura da Argentina.

Em *Los Años Conmovidos*, Roberto, embora preso e torturado, não entrega os companheiros de militância. Emilce, amante de Roberto, não consegue ser feliz por pensar na infelicidade da esposa Beatriz e das crianças. Ela, então, decide deixá-lo, restaurando a harmonia na vida de todos os envolvidos.

Em *El Juramento*, o enaltecimento da lealdade está presente desde o título. Alcides não deseja encontrar Alberto apenas para retribuir o gesto do amigo. Alberto precisa ser encontrado para cuidar de sua família, pois Cristina, sua esposa, estava grávida. Assim, nos três livros, a lealdade é associada com a prosperidade e a paz.

O trabalho também é exaltado na obra de Luis Horacio Velázquez. Contudo, ao contrário do que se nota em relação à lealdade, há uma tensão com uma imagem negativa do trabalho, também presente no discurso peronista. Em *Pobres Habrá Siempre*, publicado ainda durante a ditadura de 1943, o trabalho é mais relacionado com a exploração do que com o reconhecimento dos trabalhadores, o qual se projeta para um futuro possível, mas incerto.

Já em *Los Años Conmovidos*, publicado durante a presidência de Perón, a exaltação do trabalho aparece mais claramente. Roberto não aceita um emprego na prefeitura, pois

¹⁰⁵ VELÁZQUEZ, *El Juramento*, p. 137.

teria que militar para um caudilho local, o Doutor Miranda. Prefere trabalhar como ajudante de pedreiro, o que lhe dá a experiência necessária para, futuramente, cuidar de uma quinta e ser vendedor. “Los músculos domesticados y obedientes en la difícil gimnasia de los andamios lo habían transformado en un hombre dinámico y seguro de sí mismo. (...). A fuerza de comprensión y de dominio iba adaptándose al trabajo manual.”¹⁰⁶ A dedicação ao trabalho liberta, aprimora e traz reconhecimento, como demonstrariam os empregos melhores obtidos por Roberto posteriormente.

No entanto, chama a atenção o desânimo dos ajudantes que Roberto contrata enquanto estava na quinta, os quais desistem rapidamente do emprego. Um desses ajudantes é apresentado como um rapaz “(...) receloso, de mirada huidiza, callado.”¹⁰⁷ Em *El Juramento*, no trecho destacado na epígrafe deste item, a mãe de Alcides mostra-se envergonhada por ele ter sido visto trabalhando em uma feira quando era criança. A avó Encarnación defende a importância do trabalho para a formação de um homem, mas é interessante que sua fala seja iniciada pelo comparativo irregular de mau: “*Pior é que roube [grifo meu]!*”

Quanto às mulheres, em *Pobres Habrá Siempre* elas apresentam uma militância que, não por acaso, é suavizada nas demais narrativas, publicadas depois que Perón assumiu a presidência. No livro, as mulheres participam da comissão que apresenta as reivindicações aos patrões e, na greve que vitima Rafael, clamam para que os trabalhadores “covardes” participassem do movimento, os quais enfrentam a repressão aos gritos de “canalhas”, “cachorros” e “assassinos”.¹⁰⁸

No entanto, em *Pobres Habrá Siempre*, essa militância entraria em contradição com a natureza feminina, supostamente voltada para o ambiente doméstico. No trabalho, as mulheres vivem pensando nas crianças. Uma funcionária da fábrica chega a abortar por excesso de trabalho. As solteiras, como precisam colaborar com as despesas da família, adiam o casamento e a maternidade, tidos como sonhos femininos. As mulheres enfrentam

¹⁰⁶ VELÁZQUEZ, *Los Años Conmovidos*, p. 121.

¹⁰⁷ Ibid., p. 135. Nesse ponto notamos uma nítida convergência com o princípio liberal de que as diferenças sociais decorrem de méritos pessoais: Roberto prospera porque trabalha. Vale citar novamente como Sarmiento descreve as vilas do interior: “(...) crianças sujas e cobertas de farrapos vivem com uma matilha de cães; homens estendidos pelo chão *na mais completa inércia*; o desasseio e a pobreza por toda parte; uma mesinha e bancos como único mobiliário; ranchos miseráveis como habitação, e um aspecto geral de barbárie e desleixo os tornam notáveis [grifo meu].” (SARMIENTO, op. cit., p. 72).

¹⁰⁸ VELÁZQUEZ, *Pobres Habrá Siempre*, p. 177 e 186.

ainda a ameaça da “desonra”, pelo assédio sexual que, na fábrica, sofriam dos seus superiores.

Nas outras narrativas de Luis Horacio Velázquez, nota-se a possibilidade de as mulheres se realizarem de acordo com “sua natureza”. Em *Los Años Conmovidos*, Beatriz, após se casar com Roberto, apenas dá aulas de reforço para auxiliar nas despesas domésticas, pois se dedica, principalmente, a cuidar da casa e das crianças, representando assim o modelo de mulher defendido pelo discurso peronista, ligada ao lar e à família, responsável pela prosperidade econômica familiar¹⁰⁹, mas submissa ao marido.¹¹⁰ Submissa a ponto de perdoar a traição amorosa do seu marido com Emilce.

Em *El Juramento* encontramos imagens e mensagens parecidas. Ao lembrar-se da sua infância, Alcides menciona as mulheres da vizinhança que “penteavam suas crianças”, “faziam a comida”, “arrumavam a casa” e “esperavam papai chegar”: “¡Qué encantador es el juego de los oficios!”¹¹¹ Em *Los Años Conmovidos* são destacadas a limpeza da quinta e a das crianças de Roberto e Beatriz:

Después de partir Roberto, Beatriz limpió la casa para dejarla intacta como la recibieran... (...). De lejos, parecía una simple casilla de madera y cinc (...); daba espaldas al camino y los visitantes al llegar, recibían una impresión muy pobre de ella. Mas era el ámbito inexpressable de su felicidad. Su gracia era íntima: los pisos eran de mosaicos lustrados (...). Los niños se despertaron rezongando por la merienda (...). Beatriz les dió el desayuno, los vistió, los lavó y los compuso amorosamente.¹¹²

Os homens, por sua vez, colaboram com a harmonia e a prosperidade econômica do lar evitando vícios e os relacionamentos extraconjugais. Em *El Juramento*, o truco, o bilhar, o cigarro, o violão e o acordeão são apresentados genericamente como costumes bons “e ruins” dos homens.¹¹³ Em *Los Años Conmovidos*, Don Luigi, ajudante de Roberto e Beatriz quando moravam na quinta, morre atropelado por um trem após se embriagar. Roberto é um homem que recusa convites para jogar, mas quando se envolve com uma outra mulher, Emilce, passa a vender bem menos em seu trabalho. Destaca-se a relação entre

¹⁰⁹ “(...) como la mayoría de los hombres, [Roberto] era manirroto y descuidado para gastar, pues no tenía noción del valor del dinero.” (VELÁZQUEZ, *Los Años Conmovidos*, p. 126).

¹¹⁰ “(...) sufre por su dolor, porque lo ve extenuado y con orejas, pero sabe bien que sufriría más si le reprochaba.” (Ibid., p. 111).

¹¹¹ VELÁZQUEZ, *El Juramento*, p. 33.

¹¹² VELÁZQUEZ, *Los Años Conmovidos*, p. 206.

¹¹³ VELÁZQUEZ, *El Juramento*, p. 68.

relacionamentos extraconjugais e problemas econômicos, por exemplo, na passagem em que Roberto, após terminar seu caso com Emilce, se reconcilia com Beatriz, sua esposa:

— Papito les ha comprado este auto.
(...).
— ¿Es tuyo, papito? — le dijo ella desconcertada. ¿Sería cierto?
(...).
Ella le apretó bien fuerte la mano, confiada y optimista.¹¹⁴

Além do relacionamento extraconjugal de Roberto, na obra de Luis Horacio Velázquez existem inúmeras outras passagens que indicam empecilhos para enraizar-se o que Isabela Cosse chama de “ideal de domesticidade”. Apesar das lembranças de infância, nas quais mulheres e crianças “esperavam o papai chegar”, Alcides, ao recordar da adolescência, diz que todos os meninos que tinham irmãs falavam delas com um “pudor temeroso”¹¹⁵:

El Cacho se puso colorado de vergüenza. No, ciertamente, él no podía jurar que su hermana se casaría con su novio. Le parecía que todos veíamos a la linda Diana deshonrada y sin casarse. Sentía súbitamente un tremendo rencor contra ella, ganas de ir a pelearlo al novio.¹¹⁶

Dessa maneira, à imagem idealizada da infância é contraposta uma outra, caracterizada por medo e confronto, resultantes da descoberta da sexualidade na adolescência. No entanto, a narrativa aponta para a possibilidade de se concretizar a imagem idealizada. Alcides, o protagonista, não se corrompe: quando vai com os amigos a um prostíbulo de Ensenada, não consegue entrar e se surpreende com os frequentadores do local. “¿A qué irían allá, si parecían todos casados y tenían mujer? Muchos eran señores respetables, hasta con barba.”¹¹⁷ Logo depois desse episódio, Alcides encontra-se com Blanquita, sua prometida, e ambos interpretam um trecho de um livro no qual um casal declara seu amor um pelo outro. Trata-se de uma passagem de clara função metalinguística, em que se evidencia a crença de Luis Horacio Velázquez – e do peronismo – no papel moralizante da literatura.

¹¹⁴ VELÁZQUEZ, *Los Años Conmovididos*, p. 309.

¹¹⁵ VELÁZQUEZ, *El Juramento*, p. 65.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 65.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 65.

Assim, existe na obra de Luis Horacio Velázquez uma clara transposição do discurso peronista para a literatura, o que demonstra uma ação coordenada do governo de Perón na esfera cultural. O escritor não ocupou casualmente o cargo de presidente da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares.

As tensões que marcam os discursos de Perón e Evita são os motores de suas narrativas, de modo a exaltar a redenção dos personagens que seguem os pressupostos defendidos. As tensões dão realismo aos textos e permitem que eles tenham um cunho pedagógico.

No entanto, a redenção existe em um plano ideal, o que indica a existência de entraves para a construção da sociedade defendida pelo discurso peronista. Em *El Juramento*, Cristina, a esposa de Alberto, a qual tinha origem francesa, refere-se à Argentina como uma espécie de terra prometida, quadro que destoa dos vilarejos encontrados por Alcides em uma viagem pelo interior:

– (...) la tierra de ustedes es tan generosa y buena, Alcides...¡Qué felices y seguros deben sentirse los argentinos en su tierra!¹¹⁸

Claro, existen ranchos sucios y gente miserable, enferma todavía de hambre y de tristeza. No todo en un momento se puede concluir. Ni Dios pudo, con toda su buena voluntad, hacer el mundo en un solo día.¹¹⁹

Rimando pobreza com sujeira: *Barrio Gris* (1952) de Joaquín Gómez Bas

Doña Micaela sube trabajosamente la escalera del puente acarreando un tarro de leche en cada mano. Trastabilla en los tramos y acompaña el peligroso tambaleo con imprecaciones más sucias que su indumentaria. Es grotesca como una vaca que bailara sobre sus patas traseras.

Joaquín Gómez Bas, *Barrio Gris*.¹²⁰

Apreciamos un cuadro muy bien logrado de una época y de un ambiente, aunque a veces choquen los detalles en que se recargan las tintas de lo sórdido y se mantenga el tono más bajo del pesimismo y la degradación humana (...).

María Pola Capllonch, julho de 1952.¹²¹

¹¹⁸ Ibid., p. 181.

¹¹⁹ Ibid., p. 120.

¹²⁰ GÓMEZ BAS, op. cit., p. 16.

¹²¹ POLA CAPLLONCH, M. BARRIO GRIS – Joaquín Gómez Bas – (Ed. Emecé – Bs. As.). *La Gaceta*, Tucumán, 7 de julho de 1952. p. 2.

Joaquín Gómez Bas nasceu em Oviedo, Espanha, em 26 de maio de 1907. Morreu em Buenos Aires em 4 de novembro de 1984. Poeta e escritor, publicou em jornais e revistas da Argentina e do exterior. Na sua obra destacam-se *Barrio Gris* (1952), *Oro Bajo* (1957) e *La Comparsa* (1965).

Em 1946, participou da chapa que levou Leónidas Barletta (1902-1975) à presidência da SADE, chapa também composta por nomes como Bioy Casares, José Luis Romero e Vicente Fatone. Também participou da ADEA, chamada por Guillermo Korn de “a outra SADE”¹²², referindo-se à ligação da entidade com o peronismo. Foi membro da Academia Portenha do Lunfardo, fundada em 1962. Gómez Bas também escreveu roteiros para o cinema: dentre outros, em 1954 adaptou *Barrio Gris* e, em 1962, *O homem da esquina rosada*, o primeiro conto de Borges. Ainda se dedicou à pintura e, em 1958, fez sua primeira exposição como pintor.

Em 1954, *Barrio Gris* recebeu a Medalha de Ouro da Comissão Nacional de Cultura, controlada pelo governo de Perón. No mesmo ano, a adaptação para o cinema ganhou o prêmio principal da Associação de Cronistas Cinematográficos da Argentina.¹²³ Quanto à versão para o cinema, a censura do governo de Perón exigiu a inclusão de uma mensagem que falasse sobre a superação dos problemas representados na história, a qual se passaria, portanto, em uma época distante. Apesar dessa interferência, a liberação da produção aponta para a existência de uma mensagem que o governo de Perón considerava pertinente, ainda que, aqui, não cotejaremos a versão literária com a do cinema.¹²⁴

Portanto, *Barrio Gris* nos interessa para explorar a representação dos setores populares durante o governo de Perón, não apenas por ter Sarandí – novamente a Grande Buenos Aires – como cenário, mas também pelo trânsito do autor por conhecidos círculos

¹²² KORN, op. cit., p. 178.

¹²³ É interessante destacar que, apesar deste reconhecimento oficial de *Barrio Gris*, uma das atrações do ano foi o filme *Días de odio*, do estreante Leopoldo Torre Nilson, baseado no conto *Emma Zunz* de Borges. Assim como a literatura, é necessário pensar até que ponto o cinema argentino, durante o governo de Perón, também não apresentou um leque mais amplo do que o sugerido pelo dirigismo daqueles anos e pela aguda crise vivida pelo setor.

¹²⁴ O cinema foi peça fundamental da propaganda peronista. O primeiro Festival Internacional de Cinema de Mar del Plata, em 1954, contou com a presença de Perón, que se mostrou próximo dos artistas e apresentou o evento ao exterior como um exemplo da “nova” Argentina. Sobre *Barrio Gris*, Mario Soffici, o seu premiado diretor, compunha a *Academia de Ciencias Cinematográficas*, instituição independente que acabou se aproximando do governo de Perón.

antiperonistas, como a SADE, e peronistas, como indicam os prêmios que recebeu e sua participação na ADEA. Esse trânsito abre perspectivas sobre representações dos setores populares compartilhadas por distintos grupos políticos.

Barrio Gris narra a trajetória de moradores de Sarandi a partir das lembranças do protagonista Federico. No começo das suas recordações, Federico localiza Sarandi: no caminho para Quilmes, ao sul da cidade de Buenos Aires, e lembra que dali saía uma rua para Villa Domínico. Como veremos no conto de Borges e Bioy Casares, a caravana dos seguidores do Monstro rumo à Praça de Maio passa por localidades como Quilmes e Villa Domínico.

Barrio Gris, “*Bairro Cinza*” em uma tradução aproximada, pela fábrica de ácidos, La Sulfúrica, que ali havia, a qual lançava “(...) desde su petisa chimenea vaharadas de azufre quemado que carcomían las chapas de zinc de los tejados y arañaban los bronquios del vecindario.”¹²⁵ Ar poluído, leite contaminado, como mostra a falta de higiene da vendedora dona Micaela, destacada na epígrafe anterior: como a renovação da vida, representada pelos dois elementos, poderia ocorrer nesse ambiente?

Pertencente a uma família muito humilde, Federico, ainda pequeno, encontrou seu pai morto e cresceu temendo viver a mesma cena com a mãe, que trabalhava como lavadeira. Esse temor, problemas econômicos e a necessidade de colaborar com as tarefas domésticas lhe impediram de se dedicar aos estudos:

Aprovecho la forzosa inmovilidad [precisava vigiar as galinhas para que não sujassem as roupas limpas pela mãe] para repasar la lección de historia. Aunque es inútil; no consigo retener nombres ni fechas. ¡Al diablo Colón y su Rábida junto con sus carabelas!¹²⁶

É interessante a aproximação entre imobilidade e História neste trecho. Federico cresce marcado por uma constante tensão entre a vontade de romper com as origens e a força do meio sobre seus pensamentos e condutas. “No debería existir nada que no fuera silencio.”¹²⁷

Diante de uma insinuação de dona Micaela, a vendedora de leite, de que ele poderia se tornar um bêbado como o pai, o pequeno Federico desejou a morte dela. A propósito, em

¹²⁵ GÓMEZ BAS, op. cit., p. 10.

¹²⁶ Ibid., p. 24.

¹²⁷ Ibid., p. 19.

Barrio Gris, a violência é um dos principais elementos da força do meio. Federico cresce rodeado de histórias de violência. Don Casimiro, marido de dona Micaela, arrebenta com uma enxada a porta de um bar para o qual devia. Don Carmelo, o músico, quebra um violão na cabeça da esposa, adúltera, quando esta se recusa a cantar novamente uma canção já repetida por mais de dez vezes seguidas. A polícia torturava durante os interrogatórios com agressões físicas e psicológicas. Roubos e assassinatos não eram incomuns ali. Adolescente, Federico voltou a desejar a morte de uma pessoa, desta vez do lanterninha do cinema, que lhe machucou equivocadamente com uma varinha de vime que tinha como alvo o ronco do ingênuo Cigüeña, seu melhor amigo desde a infância:

*Una trompada bien calzada en el mentón puede matarlo... Tendrán que hacerle un ataúd de quebracho para que no se desfonde... Ninguna flor. Le colocaré un manojito de alfalfa seca entre sus dedos oscuros, fríos, asquerosos, podridos... (...) Cigüeña le pondrá un puñado de cucarachas debajo de la mortaja... Cuando pase la carroza le tiraré una pedrada al cajón, exactamente en la parte que corresponde a la cabeza... Y voy a ir todos los días, sí, todos los días, a tirar bosta en su sepultura...*¹²⁸

Apesar das condições adversas, a existência do desejo de Federico em romper com o ambiente que o circunda faz com que, em *Barrio Gris*, a violência não seja legitimada como uma conduta compreensível e inevitável naquele ambiente. Exemplo disso são os irmãos de Federico, Laura, a mais velha, e Ricardo, o caçula. Ambos representam o livre-arbítrio, os caminhos que poderiam ser seguidos por Federico. Laura, desde jovem inconformada com a condição econômica da família, chega a se prostituir, enquanto que Ricardo estuda e trabalha ao tornar-se adulto.

Federico parou de estudar quando conseguiu trabalho no armazém de don Avelino. Conforme indicava seu desinteresse por História, para o jovem Federico bastava saber ler. Diferentemente do que aconteceu com o pai – jornalista que se recusou a abrir mão dos seus valores, foi despedido e passou a beber – e com a mãe, que trabalhava incessantemente sem conquistas econômicas, Federico conhece a redenção através do trabalho. Passa a colaborar nas despesas da casa e todos começam a viver um pouco melhor e mais felizes. Agora, dormia profundamente e não acordava mais de madrugada assustado por imagens e

¹²⁸ Ibid., p. 54. A imagem da profanação de um corpo também está presente em *A festa do Monstro* de Borges e Bioy Casares.

pensamentos estranhos. “Yo mismo me siento distinto.”¹²⁹ Apesar das cobranças de don Avelino, considerava o patrão um bom homem, que não descansava um instante durante o trabalho.

Contudo, em um de seus pensamentos, o jovem Federico questiona o esforço e a honestidade como valores necessários para se alcançar a prosperidade econômica através do trabalho:

*Algún día viviremos en una casa grande. Cuando yo sea propietario de un negocio como el de don Avelino. Mi madre entonces no tendrá necesidad de lavar ropas ajenas. La dirección de un almacén no es difícil. Sencilísimo: comprar y vender. En cada kilo se pueden robar hasta cien gramos. Nadie se da cuenta.*¹³⁰

Questionamento parecido ocorre em relação a don Eulogio, o professor, cuja família desfrutava de uma boa situação econômica. Na passagem abaixo, o trabalho de dia e de noite na escola torna-se secundário para Federico diante das facilidades e vantagens que o trabalho intelectual proporcionaria:

*Un colegio da mucha plata. No hay que comprar mercaderías, que se pudren o quedan de clavo si no se venden. Se gana dinero sin gastar nada. De día, niños pequeños. De noche personas mayores. A cualquier hora sobra gente que quiere aprender. Y no debe ser difícil enseñar. Hay que saber mucho, desde luego; pero eso lo consigue cualquiera que tenga paciencia para estudiar.*¹³¹

O trabalho intelectual ainda é associado à política. O comitê político era controlado, justamente, por don Eulogio. O professor recebia do partido pela atividade e desviava dinheiro destinado a festas para entreter os eleitores. Seu interesse era puramente econômico, não havia comprometimento ideológico: don Eulogio apenas aparecia no comitê quando havia visita de representantes políticos:

Prometiendo sinecuras a plazo infinito, ayudas pecuniarias que jamás se concretan y adelantos edilicios puramente imaginarios, encauza diestramente hacia las urnas la venalidad de aquella masa heterogénea, aunque uniformada en su carencia de escrúpulos ideológicos.¹³²

¹²⁹ Ibid., p. 48.

¹³⁰ Ibid., p. 48.

¹³¹ Ibid., p. 66.

¹³² Ibid., p. 88.

O trabalho não estaria relacionado apenas com a posição social e política, mas também com os relacionamentos amorosos. Federico assim explica o envolvimento de Claudio, o filho de don Eulogio, com Rosita, a amiga da sua irmã Laura por quem se sentia atraído: “*Claudio es grande, robusto, hermoso. Claro que así tiene gracia. Él no necesita trabajar, como yo, porque no es hijo de una lavandera sin marido.*”¹³³

Dessa maneira, inicialmente, o trabalho manual e honesto não aparece como redentor ou, pelo menos, como um caminho rápido para a realização pessoal. A diferença em relação a Luis Horacio Velázquez reside, apenas, no maior espaço dado a essa imagem e na clareza com a qual aparece, pois o desenvolvimento de *Barrio Gris* também aponta para um desfecho moral, muito semelhante ao visto nas narrativas de Luis Horacio Velázquez.

Ao fazer uma entrega na residência de don Eulogio, Federico conhece a sua esposa, uma “boa mulher” que, ao abrir a porta, lamenta ver o jovem lendo a seção policial do jornal – “(...) la única página interesante para mí”¹³⁴ –, lhe convida para entrar e lhe empresta livros de contos. Enquanto escolhia os livros, Federico conhece Claudio. Aproveitando-se de uma ausência da mãe, Claudio mostra e empresta um material erótico a Federico. Entre os contos e o material erótico, Federico escolhe o segundo, torna-se amigo de Claudio e distancia-se de Cigüeña, o amigo de infância.

É importante notar, aqui, a valorização da cultura letrada. Ainda que fosse complicado o interesse por uma escola distante da “realidade” de um aluno como Federico, ainda que don Eulogio, o professor, seja associado a uma “velha” forma de se fazer política, a sua esposa permanece nas lembranças de Federico como uma “boa mulher”. Além disso, quando se imagina proprietário de um armazém, a cultura letrada aparece como um dos elementos do desejo de Federico em romper com o ambiente que o circunda. “*No importa que don Avelino no lo haga; pero también se pueden vender libros. Sobre todo de cuentos y aventuras. Se leen primero; después se venden.*”¹³⁵ Como observamos nas obras de Velázquez, em *Barrio Gris* também não existe uma crítica à cultura letrada em si, mas quanto ao acesso a ela e seus usos. Apesar disso, assim como apontamos em relação à violência, em *Barrio Gris* as adversidades tampouco justificariam o abandono e o

¹³³ Ibid., p. 65.

¹³⁴ Ibid., p. 76.

¹³⁵ Ibid., p. 49.

desinteresse pelos estudos. A questão é encaminhada como uma opção de Federico, quando este aceita o material erótico oferecido por Claudio.

Depois que se conheceram, Federico faz senhas para Claudio no boliche, indicando as cartas que têm seus adversários no truco: foi Claudio quem ensinou Federico a jogar. Além disso, a amizade com Claudio também o leva a beber e fumar com frequência. Depois do assassinato de don Avelino – morto pela amante, Magdalena, a esposa adúltera de Don Carmelo – Federico começa a roubar no armazém. Dona Ramona, a patroa, “não entendia nada de contas” e tinha se entregado à bebida após a morte do marido. Com o dinheiro “extra”, Federico aluga uma casa onde se diverte com Claudio, tudo em segredo para não despertar suspeitas. Como na obra de Luis Horacio Velázquez, é estabelecida uma oposição entre o trabalho e os vícios (bebidas e jogos de azar).

Assim Federico continua até uma noite, na qual acorda com o alarme dos bombeiros voluntários, dentre os quais atuava o seu irmão Ricardo. Não compreende o desprendimento do irmão – “(...) hay que tener las ganas que tiene mi hermano de complicarse la tranquilidad”¹³⁶ – e continua na cama até saber que era o armazém que estava em chamas, provocadas por dona Ramona, que tinha dormido bêbada: “– ¡Yo tuve la culpa! Nadie más que yo... Es un *castigo*...[grifos meus]”¹³⁷. Enquanto observa o incêndio, Federico escuta uma voz: “La gente es buena... Nadie tiene la culpa de ser como es... El veneno está en el aire... (...) Pero Dios es siempre justo... y sabe lo que hace... El fuego arrasa todo lo maldito... Sólo se salvará lo que es puro..., lo que está limpio todavía...”¹³⁸ Novamente o meio aparece marcando, mas não condicionando os pensamentos e as condutas: ainda existiriam os “puros”.

A voz escutada na noite do incêndio era de don Gervásio, de quem Federico se aproxima. Don Gervásio retoca fotos, às quais dá a aparência de um retrato a óleo. A habilidade com a imagem indica que don Gervásio representa a oportunidade de Federico se redimir de uma vez por todas. Com o incêndio, não poderia continuar roubando dona Ramona no armazém e torna-se aprendiz de don Gervásio.

Além do trabalho, outro pilar da possível redenção de Federico é a família, representado pela perda de interesse em Rosita e pelo envolvimento com Zulema, cuja

¹³⁶ Ibid., p. 135.

¹³⁷ Ibid., p. 136.

¹³⁸ Ibid., p. 138.

beleza, devoção e pureza lembram, a propósito, as principais personagens femininas da obra de Luis Horacio Velázquez. Diferentemente do que vivia com Rosita, o sentimento que Federico começou a nutrir por Zulema era correspondido:

(...) a tu lado todo es antiguo. Creo que desde niña, cuando la luna era Dios, ya su luz me señalaba el camino por donde más tarde tenía que avanzar para encontrarte, por donde habías de llegar un día para quedarte en mi corazón...¹³⁹

A importância da família como uma instituição normativa é ressaltada quando Federico é expulso de casa pelo irmão, descontente há tempos com sua conduta. Sem emprego e amparo familiar, Federico teme perder a casa que tinha alugado secretamente com Claudio e para onde se muda após ser expulso por Ricardo. Para evitar que isso acontecesse, aceita um assalto à farmácia proposto por Claudio. O plano falha, pois Federico é descoberto pelo proprietário da farmácia, que condiciona seu silêncio e a devolução da arma a uma “visita” de Laura, que atende o pedido: Federico perde os argumentos que tinha contra o comportamento da irmã. Antes, Federico já havia roubado no armazém, mas a distância dos familiares faz com que reincida na prática: apesar do assalto ao farmacêutico ter fracassado, Federico planeja outro, desta vez contra don Gervásio, para comprar um anel para Zulema, apesar de a jovem ter demonstrado ser diferente de Rosita. O mesmo comentário sobre a família como uma instituição normativa vale para Laura: com Federico “nas mãos”, não se inibe mais ao ser pega pelo irmão se prostituindo.

O assalto a don Gervásio destacaria outro valor de complicada assimilação, a lealdade, apesar da experiência que Federico tinha acabado de ter com Cigueña: em um baile, ao som do tango *La cumparsita*, Federico se envolve em uma briga e Cigueña intervém a seu favor, mesmo Federico tendo se afastado dele após conhecer Claudio. Diante da ameaça dos agressores, Claudio troca intencionalmente os sombreros de ambos para que atacassem Cigueña na saída do baile. Quando Federico se intera da trama, sai desesperadamente em busca de Cigueña e lhe encontra morto. Em *Barrio Gris*, Cigueña

¹³⁹ Ibid., p. 197. Beatriz de *Los años conmovidos* é o melhor exemplo dessa semelhança, como mostra a passagem abaixo, na qual recita trecho de um poema escrito por Roberto:

“¡Amado! desde el alma yo habré de conocerte.

Yo te forjé en la infancia con sueño Aldebarán,

y en cada rasgo hecho, con el buril, adentro

*eras tú el mismo, en cuerpo y aroma espiritual.” (VELÁZQUEZ, *Los años conmovidos*, p. 100).*

representa a lealdade incondicional. “*Fuiste el vigía protector de mi infancia, de cerca y desde lejos, fiel y constante como un manso perro callejero... Perdoname, Cigueña; perdoname si alguna vez me avergoncé de ser tu amigo...*”¹⁴⁰

O assalto a don Gervásio também não é bem sucedido e Federico é preso, apesar da insistência de don Gervásio em inocentá-lo. Passa quinze dias preso e, quando sai, é comunicado sobre o falecimento da sua mãe, que sofria, em segredo, de problemas cardíacos. Apesar do apoio recebido de Ricardo e don Gervásio, Federico, revoltado, sentindo-se culpado pela morte de sua mãe, mata Claudio – e tudo o que ele representa – como a única chance de sua redenção. Preso novamente, quando volta a Sarandi, anos depois, vê que o local onde nasceu e cresceu já “(...) *no existe; es decir, no como era.*”¹⁴¹ A “imobilidade” da História tinha sido superada.

Além de condenar a violência, a desvalorização do trabalho e do estudo e a desagregação familiar, dentre outros elementos, *Barrio Gris* se destaca por uma associação dos setores populares com a sujeira, talvez o ponto que mais marque o texto em comparação com os demais aqui analisados pela insistência com a qual aparece. A associação é introduzida logo no início do texto pela personagem de dona Micaela, a vendedora de leite que, durante o verão, vendia sorvetes, cuja preparação “(...) *se efectúa en un recipiente de lata dudosamente higiénico. Las moscas zumban a millares (...) sin otra molestia que la tardía y cansina intervención de la hija, no tanto por vigilar la pureza de la preparación como por librarse ella misma del pegajoso mosquerío.*”¹⁴²

Porém, a sujeira tampouco seria compreensível e inevitável em Sarandi. Se por um lado dona Micaela veste roupas sujas, a mãe de Federico tem a preocupação de manter as galinhas distantes da roupa que limpava. Além disso, quando Federico imagina-se dono de um armazém, a limpeza do local seria uma diferença em relação ao de don Avelino no qual trabalhava. “*Laura puede encargarse de la limpieza. (...). Ningún gato trepando sobre el mostrador. Dar impresión de mucho aseo.*”¹⁴³

A coleta do lixo não era realizada em toda Sarandi, mas apenas nas ruas calçadas. Porém, o narrador destaca que queimá-lo não era crime, o que torna incompreensível o

¹⁴⁰ Ibid., p. 181.

¹⁴¹ Ibid., p. 9.

¹⁴² Ibid., p. 33.

¹⁴³ Ibid., p. 48-49.

acúmulo de resíduos que ali se via. Em *Barrio Gris*, os setores populares parecem optar pela sujeira. A Sociedade de Fomento fundada para promover e manter a limpeza de Sarandi fechou pela falta de estrutura do galpão onde funcionava e pelo medo despertado pelos delinquentes que frequentavam os arredores. Entretanto, no mesmo galpão, foi montado um salão de baile que prosperou.

Para encerrar, cabe explorar como algumas dessas questões aparecem nos trechos diretamente relacionados com a política. Já falamos sobre o clientelismo e a corrupção predominantes no comitê comandado por don Eulogio e que, para o narrador, a massa tampouco tinha escrúpulos. O entusiasmo na inauguração do parque infantil, que destacamos no início do capítulo, tinha um motivo distinto daquele imaginado pelas autoridades. Assim, em *Barrio Gris*, os setores populares não são propriamente representados como manipulados em termos políticos, ainda que a política não apareça como um instrumento de superação dos problemas que enfrentam, muito pelo contrário. Seu comportamento diante das autoridades lembra uma encenação, aspecto presente e que será aprofundado em Borges e Bioy Casares:

Para diversión de la misma, con la quinta parte de la cuota asignada para el caso por el caudillo máximo del partido que representa [don Eulogio] ofrece de tanto en tanto reuniones domingueras con el elevado propósito de “mantener viva la llama del amor a la causa”.

Eso sí, su presencia sólo ocupa espacio en el comité cuando algún superior se digna visitarlo para justipreciar “el entusiasmo de la muchachada”.¹⁴⁴

Os trechos entre aspas ironizam a adesão política dos frequentadores do comitê, atraídos apenas pela cerveja e pelo vinho ali servidos – novamente os setores populares associados a bebidas alcoólicas. Se por um lado a bebida fazia com que os frequentadores entregassem “(...) la libreta al caudillejo quince días antes de la elección (...)”¹⁴⁵, permitindo a ocorrência de fraudes, por outro representava um obstáculo para as autoridades conhecerem a verdadeira adesão dos eleitores.

Ainda em relação aos frequentadores do comitê, eram “(...) muchachones recién enrolados la mayoría (...)”¹⁴⁶. Se por um lado essa juventude também poderia ter colaborado para a ocorrência de fraudes, em virtude de inexperiência política, por outro

¹⁴⁴ Ibid., p. 88.

¹⁴⁵ Ibid., p. 87.

¹⁴⁶ Ibid., p. 87.

deixava em aberto a possibilidade de mudança trazida pelo amadurecimento e consequente questionamento daquelas práticas políticas. A ironia de Federico e o apontamento da ausência de escrúpulos nas massas acontecem no tempo da narração e não da narrativa, contraste que interessava ao peronismo, preocupado em marcar uma ruptura com a política anterior. Entretanto, a bebida e a juventude aparecem, principalmente, como marcas de personalidades desconhecidas. Ambas representam estados e momentos passageiros, transitórios, daí a necessidade de não vê-las somente como sinais de manipulação dos setores populares, mas também representam o seu desconhecimento pelas autoridades. Como veremos adiante, a inconstância atribuída à juventude é explorada pela ironia de Borges e Bioy Casares, que representam os seguidores do Monstro como jovens.

Em *Barrio Gris*, outro aspecto que parece indicar os empecilhos enfrentados pelos intelectuais para se normatizar os setores populares é a comparação de alguns personagens com animais. Dona Micaela era uma “vaca grotesca”. Federico, quando via dona Coronela, lembrava do elefante que ilustrava o seu livro da escola: quando meninos, Federico e Cigüeña se divertiam com as suas grandes roupas íntimas estendidas no varal. O lanterninha “parecia um orangotango”, que “avançava como um touro” contra aqueles que atrapalhavam os seus treinamentos, pois lutava box. Federico se interessou por Rosita quando a viu sair nua do rio, como uma “garça assustada”. Vemos sinais de excesso (Micaela e Coronela), violência (lanterninha) e “imoralidade” (Rosita). Nos quatro casos, o domínio dos impulsos sobre a razão, característico do mundo animal.¹⁴⁷

É verdade que, em alguns casos, a comparação parece indicar, somente, a falta de um vocabulário amplo, tendo em vista frisar a origem popular dos personagens e do narrador. Por exemplo, o apelido do amigo de Federico, “Cegonha”. Contudo, existem outros exemplos que sugerem o contrário. No velório de Meñique Tieso, pai de Rosita, Federico se surpreendeu por ela se insinuar para ele naquela oportunidade, o que demonstrava a sua indiferença em relação ao falecimento. Como se sabe, os laços familiares não são comuns no mundo animal como entre os humanos. Foi justamente nessa ocasião que Federico começou a se desinteressar por Rosita:

¿Será que mi escondido deseo se disuelve en su propia desesperanza? ¿O es que

¹⁴⁷Vale lembrar que, no discurso peronista, tal domínio apenas era valorizado na defesa do movimento/governo peronista, como mostra a concepção de fanatismo de Eva Perón.

*me enfria comprobar su condición permanente de hembra perseguidora [grifo meu], indiferente frente a los despojos de quien, después de todo, fué su padre?*¹⁴⁸

Logo, a comparação com animais não parece indicar, exatamente, a estreiteza de vocabulário dos personagens, mas o desconhecimento, a incompreensão do escritor, de um intelectual, diante dos setores populares. Ou seja, a comparação não se refere ao universo cultural dos personagens, mas do próprio escritor.¹⁴⁹

Em *Barrio Gris* não existe um alinhamento tão estreito com o discurso peronista como em Luis Horacio Velázquez. Os protagonistas de Luis Horacio Velázquez alcançam a redenção, enquanto Federico sofre duras consequências por ter optado pelo caminho “errado” mais de uma vez. De qualquer maneira, existe uma clara mensagem pedagógica nos dois autores. A perseverança da mãe de Federico com o humilde trabalho de lavadeira, mesmo sem ter desfrutado de conquistas econômicas, acaba proporcionando uma vida bem melhor a seu filho Ricardo, portanto, o trabalho traria, sim, prosperidade. Ricardo, por sua vez, perdoa seu irmão e lhe ajuda quando sai da prisão, nas duas vezes: é ele e Zulema que acompanham Federico na volta a Sarandi anos depois. Centrais no discurso peronista, o trabalho, a família, o amor e a lealdade/amizade [ou as consequências da falta deles] também são os pilares de *Barrio Gris*.

María Pola Capllonch aponta exagero na representação dos personagens de *Barrio Gris*. Para Pola Capllonch, apesar da narrativa envolvente, Gómez Bas não superou a imagem dos subúrbios presente em letras de tango e em crônicas policiais. Evidentemente que não se analisa a recepção de um texto baseando-se em uma única crítica, mas parece ser relevante que seu comentário tenha sido publicado em *La Gaceta* de Tucumán, um jornal do interior argentino. Conforme comentamos, os arredores de Buenos Aires representados em *Barrio Gris* foram povoados, em sua maioria, por migrantes vindos do interior. Além disso, como também já comentamos, desde o século XIX é comum no

¹⁴⁸ GÓMEZ BAS, op. cit., p. 150.

¹⁴⁹ Bresciani também detecta a associação dos setores populares com forças da natureza e animais em textos de literatos do século XIX. “Gestos automáticos e reações *instintivas* [grifo meu] em obediência a um poder invisível modelam o fervilhante desfile de homens e mulheres e conferem à paisagem urbana uma imagem freqüentemente associada às idéias de caos, de turbilhão, de ondas, metáforas inspiradas nas forças incontroláveis da natureza.” (*Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, p. 10). Em passagem de *Feuilles d'Automne* de Victor Hugo, destacado por Bresciani, as multidões são comparadas a um “bosque da América” e a uma “colméia de abelhas”.

pensamento argentino associar o interior com o “vazio”, inclusive em termos culturais. A crítica de Polla Capllonch indica a existência de representações distintas dos setores populares e de memórias não compartilhadas, cujo esquecimento e silenciamento podem ter colaborado para que se recorresse tanto à força na história política da Argentina durante o século XX. O comentário de Póla Capllonch converge com o que destacamos nas revistas culturais nacionalistas de Entre Ríos: o interior e os interioranos não estiveram à margem da modernização em curso em Buenos Aires.

A festa do Monstro: Borges, Bioy Casares e o (anti)peronismo

Após explorar a obra de um escritor peronista e ligado ao governo como Luis Horacio Velázquez e de analisar *Barrio Gris* de Joaquín Gómez Bas, o qual podemos apresentar como um literato identificado com o peronismo, cabe explorar a representação do peronismo e dos setores populares por dois escritores que se tornaram ícones do antiperonismo e relacionados à tradição liberal argentina: Borges e Bioy Casares.¹⁵⁰ Assim iniciam o conto *A festa do Monstro*:

Aquí empieza su aflicción.

Hilario Ascasubi, *La refalosa*.

– Te prevengo, Nelly, que fue una jornada cívica en forma.¹⁵¹

Para o narrador, um jovem trabalhador simpatizante do Monstro, “foi uma jornada cívica” a sua participação na caravana que saiu de Tolosa, na Grande Buenos Aires (novamente a Grande Buenos Aires), rumo à Praça de Maio, onde houve um discurso do Monstro. O narrador ainda se refere ao acontecimento como um “saudável patriotismo”, um “entusiasmo partidário”, uma demonstração do “mais puro idealismo”, de “civismo”, como a “consciência em marcha”, dentre outras expressões. A mesma adesão ao Monstro também haveria nos demais participantes da caravana:

¹⁵⁰ Borges chegou a defender que a história do país teria sido outra caso os argentinos tivessem lido mais o *Facundo* de Sarmiento do que o *Martín Fierro* de Hernández.

¹⁵¹ BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. La fiesta del Monstruo. In: OLGUÍN, S. S. (Org.). *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*. Norma: Buenos Aires, 2000. p. 58.

No me cansaba de pensar que toda esa muchachada moderna y sana pensaba en todo como yo, porque hasta el más abúlico oye las emisiones en cadena, quieras que no. Todos éramos argentinos, todos de corta edad, todos del Sur y nos precipitábamos al encuentro de nuestros hermanos gemelos (...).¹⁵²

O narrador relata que estava tão ansioso na véspera da partida da caravana que tinha dormido muito mal. “No pensaba más que en el Monstruo y que al otro día lo vería sonreírse y hablar como el gran laburante argentino que es.”¹⁵³ A caravana foi organizada pelo comitê do Monstro e foi acompanhada por seus representantes, dado que muito nos interessa e que será retomado adiante. A distribuição de armas de fogo, prevista inicialmente para a véspera, foi adiada pelo senhor Marforio, um dos representantes do comitê, para o dia do ato, alegando que o Departamento de Polícia tinha atrasado o envio das armas. Partida a caravana, o senhor Garfunkel, outro representante do comitê, vigiava os participantes e determinou que o caminhão que os transportava seguisse em alta velocidade. Em Quilmes, no caminho para Buenos Aires, ordenou, também, que muros fossem pichados com o nome do Monstro.

No percurso, os simpatizantes do Monstro cantam bastante, desde marchinhas do Monstro até sucessos como *Adiós pampa mía* e músicas de Carlos Gardel (1890-1935):

Yo estaba tan afónico que parecía adornado con el bozal, pero (...) recuperé esta lengüita de Campana y, hombro a hombro con los compañeros de brecha, no quise restar mi concurso a la masa coral que despachaba a todo pulmón la marchita del Monstruo, y ensayé hasta medio berrido que más bien salió francamente un hipo (...).¹⁵⁴

Antes de prosseguir com o desenrolar da caravana, cabem algumas palavras a respeito da descrição, sobretudo física, feita por Borges e Bioy Casares de alguns participantes dessa “jornada cívica”. O narrador tem “pé chato”, “pescoço curto” e “pança hipopótama ou de tambor”. Já o senhor Marforio seria “mais magro do que a ranhura de

¹⁵² Ibid., p. 48.

¹⁵³ Ibid., p. 45.

¹⁵⁴ Ibid., p. 47-48. Na coletânea *Los desocupados: una tipología de la pobreza en la literatura argentina* (Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 1999), organizada por Pedro Orgambide, vemos que a associação dos setores populares com música está presente na literatura argentina já no século XVIII, como mostra, por exemplo, *Gauderios* de Concolorcorvo, pseudônimo de Calixto Bustamante Carlos Inca. “...Mala camisa y peor vestido procuran encubrir con uno o dos ponchos, de que hacen cama con los sudaderos del caballo, sirviéndoles de almohada la silla. Se hacen de una guitarrita, que aprenden a tocar muy mal, y comienzan a cantar desentonadamente varias coplas, que estropean, y muchas que sacan de su cabeza, que regularmente ruedan sobre amores.” (p. 17).

uma máquina de moedinhas”. O fanho Tabacman, por sua vez, é conhecido como Tornillo Sin Fin (Parafuso Sem Fim). Outro é conhecido sob uma combinação, no mínimo, curiosa: Nene Tonelada. É como se cada participante trouxesse, no próprio corpo, as marcas da adesão ao Monstro, como indicam as “deformidades”.

Além da referência inicial a *La refalosa* de Ascasubi¹⁵⁵, a entrada da caravana em Buenos Aires também leva o conto a uma releitura das guerras civis do XIX entre os unitários e os federalistas, assim como da tensão entre capital e interior. “La gallarda columna se infiltraba en las lagunas anegadizas, cuando no en las montañas de basura, que acusan el acceso a la Capital (...).”¹⁵⁶ Assim, os simpatizantes do Monstro não são portenhos, ou seja, originários de Buenos Aires, mas do interior.

Em Buenos Aires, os simpatizantes do Monstro passam pela avenida Mitre, pelo rio Riachuelo e, pouco depois do cruzamento da Tacuarí com a Belgrano, se embebedam e encontram dois judeus. Deixam passar o primeiro. Já o segundo, um jovem estudante, desperta a ira do grupo ao se recusar a saudar uma imagem do Monstro:

(...) vino a distraernos un sinagoga que mandaba respeto con la barba. A ése le perdonamos la vida, pero no se escurrió tan fácil otro de formato menor, más manuable, más práctico, de manejo más agil. Era un miserable de cuatro ojos, sin la musculatura del deportivo. (...) los libros, bajo el brazo y de estudio. Se registró como un distraído (...). (...) Tonelada (...) le dijo al rusovita que mostrara un cachito más de respeto a la opinión ajena (...) y saludara a la figura del Monstruo. El otro contestó con el despropósito que él también tenía su opinión. El Nene, que las explicaciones lo cansan, lo arrempujó (...). Lo empujó a un terreno baldío (...) y el punto vino a quedar contra los nueve pisos de una pared (...). (...) El primer cascotazo lo acertó (...) Tabacman, y le desparramó las encías, y la sangre era un chorro negro. (...) el bombardeo era masivo. (...) el jude se puso de rodillas y miró al cielo y rezó como ausente en su media lengua. Cuando sonaron las campanas de Monserrat se cayó, porque estaba muerto.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Ascasubi apresenta *La refalosa* como a ameaça de um mazorquero a um unitário, grupo político ao qual pertencia. A Mazorca era uma espécie de polícia política de Rosas, governador de Buenos Aires.

¹⁵⁶ BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 54.

¹⁵⁷ Ibid., p. 58. Essa representação do relacionamento desses grupos com o espaço urbano, por eles “invadido”, também está presente na obra de Cortázar. Em *Casa tomada* (1946), a residência de dois irmãos portenhos é ocupada por um som “impreciso e surdo”. Os irmãos pareciam esperar a invasão. “Buenos Aires será una ciudad limpia [novamente a imagem da sujeira], pero eso lo debe a sus habitantes y no a otra cosa. Hay demasiada tierra en el aire, apenas sopla una ráfaga se palpa el polvo en los mármores de las consolas y entre los rombos de las carpetas de macramé; da trabajo sacarlo bien con plumero, vuela y se suspende en el aire, un momento después se deposita de nuevo en los muebles y los pianos [grifo meu].” (In: OLGUÍN, op. cit., p. 24). Em *Ônibus*, a jovem Clara, acompanhante/enfermeira de uma senhora, sofre hostilidade dos demais passageiros de um ônibus em um sábado à tarde, sua folga. O desraizamento de Clara é indicado por ela não descer no Cemitério da Chacarita, onde os demais passageiros descem: o vínculo da personagem com a cidade era recente. Além disso, segue para Retiro, bairro relacionado à migração pela estação de trem ali existente. (In: *Bestiário*. São Paulo: Edibolso, 1977.

No assassinato do jovem estudante judeu pelos seguidores do Monstro, a releitura da morte de um unitário por federalistas que marca o conto *El matadero* de Esteban Echeverría, unitário como Ascasubi.¹⁵⁸ Depois do assassinato, ainda mutilaram o rosto – “(...) Mopurgo (...) me hizo clavar la cortaplumita en lo que hacía las veces de cara” –, roubaram alguns pertences do jovem estudante judeu e seguiram para a Praça de Maio, pois “(...) quedó relegado al olvido ese episodio callejero.”¹⁵⁹

Ora, uma vez “contado o conto”, não há dúvida de que a “jornada cívica” refere-se à comemoração de um 17 de outubro, de que o Monstro representa Perón – possui um “sorriso marcante”, se apresenta como o “grande trabalhador argentino”, discursa em cadeia de rádio, tem marchinhas, etc. – e de que os participantes da caravana são os descamisados. “Te recordarás que esa tarde el mómetro marcaba una temperatura de sopa y no me vas a discutir que un porcentaje nos sacamos el saco.”¹⁶⁰

Luis Alejandro Rossi destaca um ponto que nos interessa: as semelhanças com as quais o 17 de outubro e os setores populares são representados no conto e na imprensa argentina, particularmente nos jornais liberais e antiperonistas:

(...) algunos, los más entusiastas, se desprendían del grueso de la columna para dedicarse a dejar estampadas en las paredes de los edificios leyendas propiciando la primera magistratura para el ex ministro de Guerra. Ninguna casa se salvó a todo lo largo de la avenida Montes de Oca, de esa clase de leyendas. Por el contrario, las más profusamente <atacadas> fueron, precisamente, las que presentaban aspecto más moderno.¹⁶¹

Otro grupo asaltó el local que la Cervecería Argentina Quilmes tiene instalado en la calle 46 número 281, consiguiendo muchos de los manifestantes penetrar en su interior y apoderarse de barriles y cajones con botellas de cerveza (...).¹⁶²

p. 35-46).

¹⁵⁸ Após um prolongado período de chuvas, começou a faltar carne em Buenos Aires. Esse é o ponto de partida para *El matadero*. Rosas, então, autoriza o abatimento de animais em plena semana santa. O matadouro aparece como uma metáfora da Argentina rosista. Ao perseguirem um animal que escapou, os federalistas encontram o jovem unitário, que não usava as insígnias ordenadas pelo governo de Rosas, e entram em choque com ele.

¹⁵⁹ BORGES; BIOY CASARES, op. cit., p. 59.

¹⁶⁰ Ibid., p. 57-58.

¹⁶¹ *La Razón*, 17 out. 1945 Apud ROSSI, L. A. Borges, Bioy Casares y el peronismo. Disponível em: <www.argiropolis.com.ar>. Acesso em: 17 mar. 2005. p. 8.

¹⁶² *La Prensa*, 19 out. 1945 Apud ROSSI, op. cit., p. 8.

As semelhanças são claras, mas as reportagens analisadas por Rossi não são as geradoras de um olhar para o conto, mas estas, por sua vez, já estão inseridas em uma tradição cultural-literária que relaciona o festivo ao monstruoso ou à barbárie, para usar o termo recorrente no pensamento argentino, como demonstra a intertextualidade de *A festa do Monstro* com *La refalosa* e *El matadero*. Apesar da insistência do peronismo em se associar à memória da tradição liberal argentina, os antiperonistas frisavam uma associação de Perón com Rosas:

Cuando algunos (...) se empiezan a revolver, y a llorar, que es lo que más nos divierte; de igual suerte que al Presidente le agrada, y larga la carcajada de alegría, al oír la musiquería y la broma que le damos al salvaje que amarramos.¹⁶³

¡Viva la Federación! ¡Viva el Restaurador! Porque han de saber los lectores que en aquel tiempo la Federación estaba en todas partes, hasta entre las inmundicias del matadero y no había fiesta sin Restaurador (...). Cuentan que al oír tan desaforados gritos las últimas ratas (...) se reanimaron y echaron a correr desatentadas conociendo que volvían a aquellos lugares la acostumbrada alegría y la algazara precursora de abundancia.¹⁶⁴

Assim, dentro dessa tradição cultural-literária, o encerramento do conto, marcado pelo assassinato do jovem estudante judeu, não é inverossímil, ao contrário do que defende Rossi. Para Rossi, em *A festa do monstro*, “(...) dado su carácter de parodia del discurso popular, el humor y la sátira predominan hasta poco antes del final.”¹⁶⁵ A menção inicial ao verso de Ascasubi – “Aquí começa sua aflição” – demonstra que, para Borges e Bioy

¹⁶³ ASCASUBI, H. La refalosa. Disponível em: <www.biblioteca.clarin.com>. Acesso em: 22 dez. 2004. p. 3. “Presidente” refere-se a Juan Manuel de Rosas.

¹⁶⁴ ECHEVERRÍA, E. El matadero. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com>. Acesso em: 29 set. 2004. p. 6. No trecho, o termo que se refere a Rosas é “Restaurador”.

¹⁶⁵ ROSSI, op. cit. Em entrevista publicada na revista *El hogar* de 6 de janeiro de 1955, Borges, diferentemente de Rossi, considera possível representar o autoritarismo através do humor. “El tercer libro que publicaré en el mismo año se compondrá de una serie de cuentos satíricos policiales, que estoy escribiendo con Adolfo Bioy Casares. En esos cuentos estarán reflejados de un modo aparentemente caricaturesco, pero en el fondo realista, los hechos, aspectos y experiencias de la dictadura que hemos padecido y que acabamos de derrocar.” (Apud BORGES, J. L. *Borges en El Hogar, 1935-1958*. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé, 2000. p. 170).

Casares, o festivo é monstruoso e vice-versa, do começo ao término do conto. Não há qualquer contradição ou mesmo oscilação entre as duas esferas colocadas pelo título, como demonstraria, também, a origem interiorana dos simpatizantes do Monstro, tradicionalmente ligada à “barbárie” dentro dessa tradição cultural-literária. O jovem estudante judeu sabe o que lhe espera.

Já em *Evaristo Carriego* (1930), Borges destaca uma relação similar no tango, que seria marcado tanto pela festa como pela violência. “(...) eu diria que o tango e as milongas expressam diretamente algo que os poetas, muitas vezes, têm desejado dizer com palavras: a convicção de que brigar pode ser uma festa.”¹⁶⁶ Vale lembrar que, além das marchinhas, os simpatizantes do Monstro cantam diversos tangos depois de beberem e pouco antes do fatal encontro com o jovem estudante judeu. Vemos em Luis Horacio Velázquez e em Gómez Bas exemplos de como é recorrente na tradição cultural-literária argentina a associação dos setores populares com bebidas e música, motivo pelo qual discordamos de Rossi quando vê um desfecho inesperado no conto.

O festivo-monstruoso ou, então, o excessivo, parece ter se transformado na norma quando o texto foi escrito, está presente em uma “jornada cívica” e, como se sabe, o civismo tradicionalmente é o espaço da ordem estabelecida. A lacuna de quase oito anos entre escrita e publicação do conto também sugere que a ligação entre o festivo e o monstruoso foi além do plano literário e tinha tingido a “realidade”. Sua publicação, em 1947, conteria uma crítica evidente demais.

Apesar disso, a publicação do conto em 1955 nos leva a pensar na historiicidade da norma e do excesso.¹⁶⁷ Para abordá-la, podemos retomar a tensão existente entre as normas, que se pretendem universais, e a particularidade dos sujeitos e grupos político-sociais. Certamente que as normas interferem nas individualidades, mas, simultaneamente, também são geradas por elas. Como já comentamos, a comemoração do 17 de outubro é um exemplo disso: a evocação da lealdade demonstra a necessidade de se normatizar aquilo que, anteriormente, representou um desvio, a pressão popular pela liberdade de Perón. O conto explora justamente essa tensão. Daí o nosso interesse em destacar, no conto, que a

¹⁶⁶ BORGES, J. L. Evaristo Carriego. In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998. v. 1. p. 168.

¹⁶⁷ O conto foi originalmente publicado em 30 de setembro de 1955 no número 783 da revista uruguaia *Marcha*.

caravana foi organizada pelo comitê do Monstro e acompanhada por seus representantes. Como antiperonistas, os escritores ressaltam a tensão entre a norma e os sujeitos, o que permitiria pensar o peronismo como um fenômeno político transitório, passageiro, como inicialmente indicava o momento da publicação do conto, logo após o golpe militar de 1955, mas talvez não o da escrita em 1947, ainda marcado pela “euforia” do desenvolvimento econômico e das recentes conquistas sociais e trabalhistas.

Vejamos exemplos de como Borges e Bioy Casares trabalham a tensão entre a norma e os sujeitos. Uma das personagens centrais do conto, Nelly, a interlocutora do narrador, não emite nenhum comentário a respeito da “jornada cívica”, não compartilha do entusiasmo mostrado pelo jovem trabalhador e seus companheiros. Ao contar sobre a distribuição das armas, o narrador chega a pedir sua atenção: “(...) compenetráte, Nelly (...).”¹⁶⁸ Em um momento no qual o governo peronista estimula particularmente a participação política das mulheres, Nelly prima pela indiferença.

Por falar em armas, o senhor Marforio atrasou a entrega, pois desconfiou dos participantes da caravana: inicialmente, alguns deles e o próprio narrador pretendiam vendê-las em um ferro velho. Por sua vez, o senhor Garfunkel determinou que o caminhão seguisse em alta velocidade para que não houvesse fugas e sua ordem para que muros fossem pichados não foi bem recebida, pois os participantes teriam que correr bastante para não ficarem para trás.

Além disso, por onde passam, os simpatizantes do Monstro nem sempre despertam admiração e estimulam adesões. Chegaram a ser alvos de estilingues. “(...) los pibes nos tenían a hondazo limpio, como si en cada uno de nosotros apreciaran menos el patriota desinteresado que el pajarito para la polenta.”¹⁶⁹ Vale lembrar que Eva Perón costumava dizer que, na “nova” Argentina, os únicos privilegiados eram as crianças, aspecto que tampouco escapou da ironia de Borges e Bioy Casares. No conto, as crianças aparecem na rua, com fome e sem os brinquedos adequados à ingenuidade e à pureza atribuídas à infância e destacadas pelo discurso peronista.

Finalmente, a presença de representantes do comitê na caravana não impediu as fugas e inclusive um deles, o próprio senhor Garfunkel, fugiu com uma bicicleta

¹⁶⁸ BORGES; BIOY CASARES, op. cit., p. 46.

¹⁶⁹ Ibid., p. 47.

“esquecida” no meio do caminho. Quando o grupo entrou em Buenos Aires, a deserção chegava a um terço do que tinha partido de Tolosa e apenas não foi maior, pois a maioria estava muito distante de suas casas. “(...) en Quilmes, (...) el crostaje obtuvo permiso para desentumecer los callos plantales, pero ¿quién, tan lejos del pago iba a desapartarse del grupo?”¹⁷⁰

O diário de Bioy Casares, no qual está relatada sua convivência com Borges, apresenta passagens nas quais os escritores demonstram a percepção de limites na adesão dos próprios peronistas a Perón.¹⁷¹ Em 3 de julho de 1955, durante a crise do governo com o clero, Bioy Casares registra a história de Celia Sommer de Balcarce, que resgatou imagens de igrejas incendiadas com a ajuda de um jovem peronista. “(...) aunque por la mañana se había baleado con los revolucionarios, enojado con los curas “que mandaban matar al pueblo”, el muchacho había venido con los incendiarios pero para salvar lo que fuera posible. Era católico, lo habían educado los curas de Don Bosco.”¹⁷²

Outro exemplo desses limites é um suposto policial que acompanhava as conferências de Borges, episódio difundido pelo escritor e seus biógrafos:

Eu mesmo tinha um agente pisando em meus calcanhares; no início eu o levava a longos passeios sem rumo e por fim me tornei seu amigo. Ele admitiu que também odiava Perón, mas alegou que só obedecia a ordens.¹⁷³

É importante destacar no conto, ainda, as passagens nas quais Borges e Bioy Casares representam uma Argentina pobre, atrasada, distante do desenvolvimento e da

¹⁷⁰ Ibid., p. 49.

¹⁷¹ O interessante é que essa percepção, como vimos, presente no discusso peronista, chegou à grande imprensa na ocasião de um 17 de outubro, justamente o “Dia da Lealdade”. No *La Prensa* de 20 de outubro de 1954, portanto, já sob o controle da CGT, o jornal condena esses limites na adesão dos próprios peronistas ao movimento/governo. “En la calificación de los adversarios políticos que planteó el general Perón en su exposición del 17 de octubre se refirió expresamente a un sector *conocido* [grifo meu]. “*Es indudable – dijo – que algunos suelen decir: “yo sou peronista, pero también soy otra cosa”*”.

¹⁷² BIOY CASARES, *Borges*, p. 136. No segundo mandato, Perón entrou em choque com a Igreja, antiga aliada do golpe de 1943 e do seu primeiro mandato presidencial. Do lado da Igreja, são apontados como causas da cisão o aumento do autoritarismo, a sacralização de Perón e sobretudo de Evita feita pela propaganda governamental e o controle das ações de assistência social pelo governo. Já o peronismo acusava o clero de boicotar a “revolução” peronista. Além disso, em meio ao acirramento da crise econômica, o governo teria visto no rompimento com a Igreja uma oportunidade de mobilizar sua base social. Em 11 de junho de 1955, na procissão de Corpus Christi, a oposição reúne milhares de pessoas em solidariedade com a Igreja. Em 15 de junho, a aviação naval bombardeia a Praça de Maio na tentativa de derrubar Perón. Na mesma noite, simpatizantes do governo respondem incendiando igrejas, o que se prolonga por vários dias.

¹⁷³ BORGES, *Um ensaio autobiográfico*, p. 124-125.

justiça social que o peronismo dizia promover. Além da intenção de levantar dinheiro com as armas para comer – “(...) empastarnos el bajo vientre con escarola, en base al producido de las armas (...)”¹⁷⁴ –, o narrador fala que, no comitê, esperou uma hora e meia em uma fila, como as de “comprar querosene”.¹⁷⁵ O jovem trabalhador ainda se refere às localidades pelas quais passou como “focos de população morta de fome”. Em Buenos Aires, para mencionar apenas mais um exemplo, destaca que o grupo viu caminhões de nacionalidade canadense enferrujando, comprados já usados do Exército norte-americano.

Logo, não se nota no conto a voz monolítica destacada por alguns autores como María Teresa Gramuglio. Nas suas palavras, o “(...) relato arma su escena textual y representa la escena política con un monologismo total, autoritario y represivo, que cancela el dialogismo propio de los procedimientos de discurso doble y adopta el registro de un humor negro, siniestro.”¹⁷⁶ Leitura semelhante à de Gramuglio apresenta Susana Rosano: “(...) la masa aparece hipnotizada por la voz del Monstruo y controlada por su aparato represivo (...)”¹⁷⁷ Por isso falamos, anteriormente, em um certo condicionamento da literatura produzida no período, ou melhor, da leitura que se faz dela, pela Sociologia e pela História que, por décadas, tenderam a destacar a manipulação dos setores populares durante o governo de Perón. Apesar do narrador se referir inicialmente aos seus companheiros como “irmãos gêmeos”, dos discursos do Monstro em cadeia de rádio e das marchinhas que cantavam incansavelmente, o desenvolvimento da narrativa aponta divergências e deserções no grupo, as quais foram desconsideradas por Gramuglio e Rosano, assim como as referências do narrador ao atraso argentino.¹⁷⁸

¹⁷⁴ BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 44. Aqui, outro ponto da releitura de *El matadero*: a fome conduzindo a participação política dos setores populares e predominando sobre a razão.

¹⁷⁵ No jornal *El mundo* de 19 de julho de 1946 encontramos nota assinada por Roque Roca a respeito da escassez de querosene na Argentina. “El querosene se necesita sobre todo para alimentar a las estufas; las estufas sirven para combatir el frío y evitar los catarros, gripes, neumonías. Contemplando las largas “colas”, que se extienden y endurecen sobre la acera a la intemperie en estos crueles días, pensábamos en la flagrante contradicción del sistema. La pobre gente se ve obligada a enfriarse para obtener combustible con que entrar en calor. Tiene que contraer una gripe para poder prevenirse – tardíamente – contra ella.” (Buenos Aires, p. 4).

¹⁷⁶ GRAMUGLIO, M. T. Bioy, Borges y Sur. *Punto de Vista*, Buenos Aires, nº 34, julho-setembro de 1989. p. 16.

¹⁷⁷ ROSANO, S. El peronismo a la luz de la “desviación latinoamericana”: literatura y sujeto popular. *Colorado Review of Hispanic Studies*, nº 1, 2003, p. 12.

¹⁷⁸ Diferentemente de Gramuglio e Rosano, Luis Alejandro Rossi aponta em *A festa do Monstro* a tensão entre a norma e os sujeitos – para usar as suas palavras, entre a autoridade e o grupo –, o que também estaria presente em *El matadero*. Entretanto, detecta tal tensão no humor e, como vimos, para Borges e Bioy Casares, este ia ao encontro da norma almejada pelo governo de Perón, herdeiro da “barbárie”.

Ao contrário de Luis Horacio Velázquez e Joaquín Gómez Bas, em *A festa do Monstro* não existe um princípio político ou moral que proporcione redenção aos personagens. Tudo no conto parece ser desvio, inclusive a morte do jovem estudante judeu que ignora o estandarte do Monstro: ele não morre (apenas) por isto, mas por ser franzino. Quando encontram o primeiro judeu, de porte atlético, os participantes da caravana não “defendem entusiasticamente” a causa do Monstro. As expressões que o narrador utiliza para se referir à “jornada cívica” – “saudável patriotismo”, “entusiasmo partidário”, “consciência em marcha”, etc. –, recorrentes no discurso peronista, e o desenvolvimento da narrativa apontam para uma adesão política limitada. Também notamos isso em *L'illusion comique*, destacada na epígrafe que abre este capítulo. Os peronistas não atenderam ao apelo à violência feito pelo presidente. “(...) *las mentiras de la dictadura no eran creídas o descreídas*; pertenecían a un plano intermedio y su propósito era encubrir o justificar sórdidas o atroces realidades [grifo meu].”¹⁷⁹

Se tudo parece ser desvio, para Borges e Bioy Casares talvez a norma seja, paradoxalmente, a inexistência das normas. Nisto residiria a releitura da “barbárie” pelos escritores. Em *A festa do Monstro*, o questionamento da força do peronismo entre os setores populares não representa a vitória dos opositores, da tradição liberal argentina, como mostra o assassinato do jovem estudante judeu.¹⁸⁰

Tentando responder a uma pergunta

Evidentemente que os discursos aqui analisados constituem apenas uma pequena parcela do pensamento peronista e das narrativas literárias que representam o peronismo. Há, ainda, um extenso debate sobre a maioria desses discursos, o qual também escapa ao alcance deste trabalho. Direta ou indiretamente, esse debate guiou o nosso olhar. Porém, o objetivo foi priorizar, justamente, o discurso peronista e as narrativas literárias, muitas

¹⁷⁹ BORGES, *L'illusion comique*, p. 56-57. Talvez por ter sido publicado logo após a queda de Perón, o texto não apresenta um posicionamento categórico sobre a relação dos setores populares com o discurso peronista. Em outra passagem, Borges destaca: “Inútil multiplicar los ejemplos; básteme denunciar la ambigüedad de las ficciones del abolido régimen, que *no podían ser creídas y eran creídas* [grifo meu].” (p. 56).

¹⁸⁰ O assassinato do jovem estudante judeu pelos seguidores do Monstro leva a uma associação do peronismo com o nazi-fascismo, mas também deve ser lido como a perseguição a valores culturais universais em um contexto de crescimento do nacionalismo.

vezes esquecidos em meio a esse grande debate. Nesse ponto, consideramos possível traçar uma resposta para a pergunta que colocamos no início do capítulo: em que medida as representações dos setores populares que vimos mantiveram e moldaram pensamentos e condutas que explicam, em parte, alguns dos trágicos desdobramentos da política argentina na segunda metade do século XX?

No artigo citado sobre as narrativas de formação da nação argentina no século XIX, Freitas Neto, citando Gerald Martin, coloca que os intelectuais viam uma distância muito grande entre a sociedade na qual estavam inseridos e a sonhada com o legado francês surgido da Revolução desencadeada a partir de 1789. Daí que a necessidade de se constituir um povo para a nação argentina foi acompanhada de uma representação negativa dos setores populares. Logo, distanciamento duplo: em relação ao legado francês e à própria sociedade na qual estavam inseridos. Podemos dizer distanciamento triplo: como demonstram a consolidação da psicologia social no século XIX e os trabalhos de Bresciani sobre Londres e Paris no mesmo período, os setores populares também provocaram uma grande inquietação entre as elites intelectuais e políticas européias, elemento muitas vezes desconsiderado na imagem idealizada que pensadores latino-americanos traçaram do continente europeu.

Outra face do distanciamento é o desconhecimento. Onde ambos existem, não há diálogo. Como vimos, na Argentina, não observamos ter ocorrido um rompimento expressivo nas representações dos setores populares do século XIX a meados do XX, independentemente do discurso político. A julgar pelos discursos de Perón e Evita e pelas narrativas literárias que acabamos de comentar, para peronistas e antiperonistas, os desvios dos setores populares assumem frequentemente as marcas do comodismo, da inconstância, da impulsividade, do irracional, o que inviabilizaria seu protagonismo em projetos políticos. O peronismo parece não ter conseguido oferecer aos setores populares um discurso que realmente valorizava o que eram, mas um discurso sobre como deveriam ser para serem reconhecidos socialmente. A valorização político-social dos setores populares, presente no discurso peronista, não representou o abandono de um discurso moral já existente. Na produção literária alinhada com o governo de Perón, observamos não ter havido um rompimento com o discurso moral que marcava os melodramas. Acreditamos que pode ter pesado decisivamente nas evidências de que os setores populares não foram

“fanaticamente peronistas”. Contudo, vale ressaltar, isso não quer dizer necessariamente uma adesão de qualquer natureza ao antiperonismo. É preciso considerar a diversidade existente entre os setores populares e que a adesão política ocorre em diferentes níveis, graus e é instável. As vitórias eleitorais de Perón são indicadoras de uma adesão momentânea e, certamente, pautada por elementos de aprovação e recusa.

Não seria esse distanciamento/desconhecimento em relação aos setores populares uma das causas em comum dos cinco golpes de Estado que marcaram a história da Argentina no século XX? Mais recentemente, não teria sido a causa da repressão violenta aos que protestavam na Praça de Maio contra o presidente Fernando de la Rúa pouco antes da sua queda em 2001?¹⁸¹ Nas palavras de Freitas Neto, “(...) o excesso e o vazio, continuam incomodando os habitantes desta região, pois projetam e sonham com uma América diferente daquela que é vivenciada cotidianamente com suas grandezas e mazelas.”¹⁸²

¹⁸¹ O presidente Fernando de la Rúa não conseguiu oferecer uma alternativa ao modelo neoliberal desenvolvido pelo antecessor, Carlos Menem, o que foi sua principal promessa de campanha. A crise econômica e social se agravou e teve uma aguda repercussão inclusive entre as classes médias argentinas.

¹⁸² FREITAS NETO, op. cit., p. 170.

CONCLUSÃO: A HISTÓRIA DE UM DESENCONTRO.

Ao analisarmos a produção cultural argentina durante o governo de Perón e, particularmente, a sua política cultural, encontramos a história de um desencontro. Como desenvolvemos no terceiro capítulo, a política cultural peronista apresentou inúmeras variantes. Entretanto, observamos um apelo a hábitos e pensamentos considerados tradicionais, que desconsiderava a modernização em curso, alimentada, inclusive, pelos avanços sociais e econômicos promovidos pelo próprio governo de Perón. Pretendeu-se atrelar a sua base social a uma sociabilidade em desintegração desde a década de vinte do século XX, como defende Sarlo em *Una modernidad periférica*. A produção cultural alinhada com o peronismo tendeu a valorizar um “povo peronista” em vias de extinção. A política cultural do governo de Perón parece não ter conseguido transpor a diversidade de propostas existentes entre os próprios peronistas para a complexidade da sociedade argentina. Se tomarmos como parâmetro as narrativas literárias analisadas no capítulo anterior, a política cultural peronista parece não ter conseguido transpor a diversidade de *propostas*, destacadas no capítulo III, para uma diversidade na *produção* cultural alinhada com o governo. Os personagens de Luis Horacio Velázquez, por exemplo, poderiam saltar de uma a outra narrativa do escritor sem nenhum problema, assim como passear pelo *Barrio Gris* de Joaquín Gómez Bas.

Não podemos concluir categoricamente que os setores populares não adotaram princípios peronistas em suas práticas cotidianas ou que não os adotaram como o governo gostaria. Não descartamos, inclusive, a existência dessas práticas em seu cotidiano muito antes da ascensão de Perón. De qualquer modo, a julgar pelo que observamos principalmente nas narrativas literárias peronistas, esta parecia não ser a percepção do governo, corroborada pela relativa facilidade com a qual Perón foi derrubado em 1955, sem resistências expressivas. Exilar-se ou uma resistência possivelmente condenada ao fracasso, estas eram as únicas alternativas de Perón em 1955. Ao optar pelo exílio, Perón consegue manter o discurso de representante dos setores populares, o que poderia ter caído por terra caso tivesse optado por uma arriscada resistência.

Desde outra perspectiva, os antiperonistas também desconsideraram ou minimizaram a modernização em curso. Ascasubi, Echeverría e Sarmiento, dentre outros, são retomados ainda como um projeto a ser realizado, sendo ignorado o mencionado peso

da tradição liberal sobre a sociedade argentina, a ponto de ser enaltecida por periódicos nacionalistas e peronistas.

As explicações para a queda de Perón são múltiplas e têm merecido grandes esforços de historiadores, politólogos, sociólogos e demais pesquisadores do tema. Entretanto, a questão da política cultural não pode ser ignorada ou menosprezada nessas interpretações. Se os alcances da política cultural peronista foram, provavelmente, bem menores do que desejavam os partidários de Perón, é porque havia outra tradição que não foi removida da sociedade argentina, muito pelo contrário: a tradição liberal. Escritores e temas estabelecidos desde a consolidação da nação argentina, no século XIX, estavam presentes no imaginário da população e foram, inclusive, reiterados de forma “ambígua” pela política cultural do governo de Perón, como vimos em periódicos e autores estudados neste trabalho.

A legitimidade política do governo de Perón foi sustentada, mais do que geralmente se pensa, por um tênue equilíbrio entre a tradição liberal argentina e o projeto político-cultural peronista, em muitos pontos convergentes. Quando esse equilíbrio apresentou sinais de que poderia se romper, o presidente foi derrubado e se consolidou a associação, feita pelos antiperonistas, entre Perón e Rosas – além da estabelecida com Hitler e Mussolini para caracterizar o governante argentino com o que existiria de pior na história argentina e, sobretudo, com os piores desmandos do século XX. Não nos escapa que a ambição universalizante de Perón, porém com sinais inversos ao pretendido por ele, tenha sido um dos principais triunfos de seus opositores durante a sua queda.

O diálogo da política cultural peronista com aspectos da tradição liberal argentina teve, assim, uma importância decisiva no desenvolvimento do governo de Perón. Se por um lado, inicialmente, tal diálogo criou referências para o peronismo entre os setores populares, por outro parece ter desencadeado obstáculos para o estabelecimento de uma organização social e política substancialmente distinta e assim perceptível para os setores populares. Quando Perón cai, o que os setores populares realmente deveriam temer? A perda das leis sociais e trabalhistas? Como destaca Marcela García Sebastiani, comentada no capítulo I, as leis sociais e trabalhistas constavam dos programas dos partidos políticos antiperonistas e não foram substancialmente alterados pelos militares que assumiram em 1955. Deveriam temer a perda da democracia? O golpe foi dado, justamente, para

“defender” a democracia, assim como, semanas antes, Perón tinha defendido a radicalização com o mesmo objetivo, ainda que ambos os grupos estivessem norteados por conceitos distintos de democracia naquele momento, um político e o outro social.¹ Não era a primeira vez que isso acontecia. Como destacamos na introdução, Miriam V. Gárate menciona como, já no século XIX, o emprego da “barbárie” poderia ser considerado legítimo caso fosse para defender a “civilização”.

Esse desencontro entre os políticos, os intelectuais e os setores populares representa um esvaziamento da política, a inexistência de vínculos desta com o cotidiano? Não necessariamente.² Antes e depois de 1955, os peronistas e os antiperonistas aproveitaram politicamente não apenas seus logros como também seus fracassos. Paradoxalmente, seja tentando barrar sem sucesso a modernização, seja não percebendo sua ação, peronistas e antiperonistas também se legitimaram, como dissemos, por “vazios” que se propunham a preencher. A produção cultural, alinhada ou não politicamente, serviu à legitimidade dos dois grupos, sendo ou não bem sucedida como se esperava. Por isso falamos, no primeiro capítulo, apenas em um *relativo* fracasso da política cultural peronista. Relativo, pois talvez tenha sido mais útil politicamente depois da queda de Perón do que durante seu governo, como se percebe, por exemplo, na mencionada associação de Borges e do grupo Sur com o imperialismo e as elites. Segundo Canclini:

Os modernizadores extraem dessa oposição [moderno/tradicional, culto/popular, hegemônico/subalterno] a moral de que seu interesse pelos avanços, pelas

¹ O destaque dado ao autoritarismo de Perón em 1955 pode ser resumido no poema *Testimonio para Marta* de Silvina Ocampo, publicado logo após a queda de Perón no número 237 da revista *Sur*: “¡Durante cuánto tiempo nos persiguió el terror/ con sus caras obscenas el impune opresor!” (OCAMPO, S. *Testimonio para Marta*. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro-dezembro de 1955. p. 46).

² Canclini destaca que esse “desencontro” está presente na formação dos Estados nacionais europeus, particularmente nos debates entre ilustrados e românticos sobre o popular. “O povo começa a existir como referente do debate moderno no fim do século XVIII e início do XIX, pela formação na Europa de Estados nacionais que trataram de abarcar todos os estratos da população. Entretanto, a ilustração acredita que esse povo ao qual se deve recorrer para legitimar um governo secular e democrático é também o portador daquilo que a razão quer abolir: a superstição, a ignorância e a turbulência. Por isso, desenvolve-se um dispositivo complexo, nas palavras de Martín Barbero, “de inclusão abstrata e exclusão concreta”. (...). Os românticos percebem essa contradição. Preocupados em soldar a quebra entre o político e o cotidiano, entre a cultura e a vida, vários escritores dedicam-se a conhecer os “costumes populares” (...). (...). No final das contas, os românticos se tornam cúmplices dos ilustrados. (...) tornam-se cegos às mudanças que (...) redefiniam [a cultura popular] nas sociedades industriais e urbanas. Ao atribuir-lhe uma autonomia imaginada, suprimem a possibilidade de explicar o popular pelas interações que tem com a nova cultura hegemônica. O povo é “resgatado”, mas não conhecido.” (CANCLINI, op. cit., p. 208-210). Esse é um exemplo do que o autor resalta em seu trabalho: na América Latina, o hibridismo não deve ser visto como um encontro entre estruturas “puras”.

promessas da história, justifica sua posição hegemônica, enquanto o atraso das classes populares as condena à subalternidade. Se a cultura popular se moderniza, como de fato ocorre, (...) para os defensores das causas populares torna-se outra evidência da forma como a dominação os impede de ser eles mesmos.³

Em *O povo por escrito*, a escritora Geneviève Bollème considera que é necessário superar os preconceitos em relação aos setores populares, os quais seriam baseados em critérios estritamente políticos. Curiosa a posição, por exemplo, de um pensador como Jean Baudrillard, para quem as massas não têm uma realidade sociológica, mas o mesmo defende, categoricamente, que as massas preferem um jogo de futebol a um drama político e humano.⁴ Bollème considera que é preciso dissociar esses preconceitos de uma visão essencialista para inserir, realmente, os setores populares na sociedade. Ou seria para os intelectuais se inserirem nela? Bollème defende que os limites na representação do povo, colocados pela linguagem e por diferenças culturais, políticas e sociais em relação aos intelectuais, não descartam a validade da experiência de se aproximar dos setores populares. Não se trata de condicionar a criação literária ou qualquer outra a essa ou outra perspectiva, mas de se ter consciência desses limites.⁵ Como nos lembra Marc Bloch, a História trata de seres capazes, por natureza, de fins conscientemente procurados.⁶ Se o distanciamento em relação aos setores populares gera inevitavelmente o desconhecimento, este também pode ser o primeiro passo para os desvios serem encarados como demandas a serem consideradas ou identidades em busca de reconhecimento:

O humilhado requer de nós a humildade, a demissão, que faz da consciência, como do olhar, uma faculdade de acolhida, de reconhecimento, tanto quanto de

³ Ibid., p. 206.

⁴ BAUDRILLARD, J. *A sombra das maiorias silenciosas: o surgimento das massas e o fim do social*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁵ Bresciani explora a questão do distanciamento entre os intelectuais e os setores populares em *O homem das multidões* de Edgar A. Poe. “Seu narrador é separado da cena que observa por uma janela. Essa distância contudo é radicalmente diversa, pois um observador imóvel deve dar conta de uma multiplicidade em movimento: são levas de homens que desfilam pela rua. Seu cérebro organiza imediatamente os estímulos visuais que recebe e pela aparência, ou seja, pela exterioridade das pessoas, sente-se capaz de falar sobre suas ocupações e seus anseios. Com o intuito de passar para o leitor o impacto da novidade dessa imagem portentosa das multidões das ruas londrinas na década de 1840, Poe constrói um distanciamento emocional e psicológico, recorrendo à doença que mantivera o observador recluso por um longo tempo. O literato Poe não se posiciona na condição de analista social, embora seu olhar atento engravado na figura do observador-personagem perca sua capacidade analítica quando, levado pela curiosidade emotiva, deixa seu posto de observador e se lança na rua atrás do homem das multidões.” (Metrópoles, as faces do monstro urbano: as cidades no século XIX, p. 53).

⁶ BLOCH, M. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América. p. 124.

conhecimento; acolhida à comunidade friorenta e frágil de que somos, que nunca é segura nem assegurada, mas sempre por ser e por fazer, e na qual não se trata de reencontrar a nossa identidade ou as nossas raízes, mas um presente e uma urgência que nunca foram aceitos como tais.⁷

⁷ BOLLÈME, op. cit., p. 226.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARQUIVOS.

Academia Argentina de Letras.

Arquivo Edgar Leuenroth – UNICAMP.

Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras – Universidade de Buenos Aires (UBA).

Biblioteca da Letras – USP/São Paulo.

Biblioteca del Congreso de la Nación – República Argentina.

Biblioteca Nacional de la República de Argentina.

Biblioteca y Museo Popular “Juan N. Madero” de San Fernando.

Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas – UBA.

Bibliothèque Saint-Geneviève – Paris.

1. FONTES.¹

Affinités (Buenos Aires, ano 1, nº 1, outubro de 1951; ano II, nº 7, abril de 1953; nº 8, julho de 1953 : Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

América (nº 1, janeiro de 1946).

Américas (volume 2, nº 10, outubro de 1950).

Antinazi (Buenos Aires, ano I, nº 22, 19 de julho de 1945).

Argentina (Buenos Aires, ano I, nº 1, 1º de janeiro de 1949; ano I, nº 2, 1º de fevereiro de 1949; ano I, nº 3, 1º de abril de 1949; ano I, nº 4, 1º de maio de 1949; ano I, nº 5, 1º de junho de 1949; ano I, nº 6, 1º de julho de 1949; ano I, nº 7, 1º de agosto de 1949; ano I, nº 8, 1º de setembro de 1949; ano I, nº 9, 1º de outubro de 1949; ano I, nº 10, 1º de novembro de 1949; ano I, nº 11, 1º de dezembro de 1949: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Armas y Letras (ano 1, nº 2, abril-junho de 1958).

¹ Nem todas as fontes relacionadas foram citadas no decorrer da tese, mas foram consultadas e constituem material de interesse para pesquisas afins.

Atlántida (ano 35, nº 1022, abril de 1952; ano 35, nº 1024, junho de 1952: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Boletín de la Academia Argentina de Letras (Buenos Aires, tomo I, nº 2-3, abril-setembro de 1933; tomo XXI, nº 79, janeiro-março de 1956: Biblioteca del Congreso de la Nación – República Argentina).

Boletín de la Sociedad Argentina de Escritores (Buenos Aires, 1948-1950: Academia Argentina de Letras).

Bolívar (Bogotá, nº 7, março de 1952: Academia Argentina de Letras).

Buenos Aires Literaria (Buenos Aires, nº 1, outubro de 1952: Academia Argentina de Letras).

Cabalgata (Buenos Aires, ano III, nº 15, janeiro de 1948).

Catalogo General. Buenos Aires: Sudamericana, 1941/1942.

Catalogo General. nº 5. Buenos Aires: Sudamericana, 1950.

Capricornio (nº 1, julho de 1953; nº 8, 1954: Academia Argentina de Letras).

Centro (Buenos Aires, dezembro de 1952: Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras – UBA).

Ciudad (Buenos Aires, nº 2-3, segundo-terceiro trimestre de 1955; nº 4-5, segundo-terceiro trimestre de 1956: Academia Argentina de Letras).

Clarín (Buenos Aires, ano II, nº 551, 9 de março de 1947; ano V, nº 1559, 29 de janeiro de 1950; 30 de abril de 1959; 15 de junho de 1961).

Comentario (Buenos Aires, ano 1, nº 2, janeiro-março de 1954; ano 1, nº 3, abril-junho de 1954; ano 2, nº 5, outubro-dezembro de 1954; ano 2, nº 6, janeiro-março de 1955: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Contrapunto (Buenos Aires, ano I, nº 2, janeiro de 1945; ano I, nº 5, 1945; ano I, nº 6, outubro de 1945).

Criterio (Buenos Aires, ano XXIII, nº 1112, 23 de março de 1950; ano XXVI, nº 1203, 14 de janeiro de 1954; ano XXVI, nº 1205, 11 de fevereiro de 1954; ano XXVII, nº 1207, 11 de março de 1954; ano XXVII, nº 1209, 8 de abril de 1954; ano XXVII, nº 1210, 22 de abril de 1954; ano XXVII, nº 1211, 13 de maio de 1954; ano XXVII, nº 1213, 10 de junho de 1954; ano XXVII, nº 1214, 24 de junho de 1954; ano XXVII, nº 1217, 12 de agosto de 1954).

1954; ano XXVII, nº 1219, 9 de setembro de 1954; ano XXVII, nº 1220, 23 de setembro de 1954; ano XXVII, nº 1223, 11 de novembro de 1954: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Davar (Buenos Aires, nº 48, setembro-outubro de 1953; nº 89, abril-junho de 1961: Academia Argentina de Letras).

El hijo pródigo (Cidade do México, volume IV, nº 13, abril de 1944; volume VIII, nº 26, maio de 1945: Academia Argentina de Letras).

El Hogar (Buenos Aires, 28 de agosto de 1936; ano LII, nº 2396, 21 de outubro de 1955; ano LIII, nº 2421, 13 de abril de 1956: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

El Mundo (Buenos Aires, 4 de junho de 1945; ano XVIII, nº 6217, 18 de junho de 1945; 30 de julho de 1945; 1 de agosto de 1945; 13 de agosto de 1945; 27 de agosto de 1945; 8 de julho de 1946; 15 de julho de 1946; 19 de julho de 1946; 22 de julho de 1946; 5 de agosto de 1946; 8 de agosto de 1946; 9 de agosto de 1946; 12 de agosto de 1946; 26 de agosto de 1946; 17 de julho de 1950; ano XXVIII, nº 9976, 10 de janeiro de 1956: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Espiga (Buenos Aires, ano 5, nº 16-17, verão de 1952-1953; ano 6, nº 18-19, verão de 1953-1954).

Ficción (Buenos Aires, nº 2, julho-agosto de 1956; nº 3, setembro-outubro de 1956; nº 9, setembro-outubro de 1957; nº 12, março-abril de 1958; nº 32, julho-agosto de 1961: Academia Argentina de Letras).

La Gaceta (de San Miguel de Tucumán) (7 de julho de 1952; 18 de agosto de 1952; 25 de agosto de 1952; 8 de setembro de 1952; 22 de setembro de 1952; ano XLII, nº 15454, 9 de maio de 1954; ano XLII, nº 15468, 23 de maio de 1954; 4 de julho de 1954; ano XLII, nº 15489, 13 de junho de 1954; ano XLIII, nº 15558, 22 de agosto de 1954; 12 de setembro de 1954; ano XLIII, nº 15586, 19 de setembro de 1954; 6 de fevereiro de 1955; 13 de fevereiro de 1955; 6 de março de 1955; ano LIII, nº 19200, 6 de dezembro de 1964; ano LIII, nº 19408, 11 de julho de 1965: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

La Nación (Buenos Aires, 8 de agosto de 1946; 9 de agosto de 1946; 18 de agosto de 1946; 26 de setembro de 1954: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

La Prensa (Buenos Aires, 4 de julho de 1945; 19 de julho de 1945; 22 de julho de 1945; 20

de julho de 1946; 21 de julho de 1946; 8 de maio de 1949; 22 de maio de 1949; 12 de junho de 1949; 19 de junho de 1949; 3 de julho de 1949; 24 de julho de 1949; 31 de julho de 1949; 14 de agosto de 1949; 21 de agosto de 1949; 2 de setembro de 1949; 4 de setembro de 1949; 5 de setembro de 1949; 7 de setembro de 1949; 8 de setembro de 1949; 9 de setembro de 1949; 11 de setembro de 1949; 12 de setembro de 1949; 13 de setembro de 1949; 14 de setembro de 1949; 18 de setembro de 1949; 25 de setembro de 1949; 26 de setembro de 1949; 30 de setembro de 1949; 2 de outubro de 1949; 14 de outubro de 1949; 18 de outubro de 1949; 19 de outubro de 1949; 15 de junho de 1952; 22 de junho de 1952; 13 de julho de 1952; 27 de julho de 1952; 28 de julho de 1952; 29 de julho de 1952; 30 de julho de 1952; 11 de janeiro de 1953; 25 de janeiro de 1953; 31 de janeiro de 1953; 15 de fevereiro de 1953; 18 de fevereiro de 1953; 22 de fevereiro de 1953; 1º de setembro de 1953; 5 de setembro de 1953; 20 de setembro de 1953; 27 de setembro de 1953; 6 de outubro de 1953; 11 de outubro de 1953; 16 de outubro de 1953; 18 de outubro de 1953; 30 de outubro de 1953; 1º de novembro de 1953; 2 de novembro de 1953; 15 de novembro de 1953; 19 de novembro de 1953; 20 de novembro de 1953; 24 de novembro de 1953; 25 de novembro de 1953; 29 de novembro de 1953; 1º de dezembro de 1953; 3 de dezembro de 1953; 4 de dezembro de 1953; 6 de dezembro de 1953; 7 de dezembro de 1953; 11 de dezembro de 1953; 13 de dezembro de 1953; 16 de dezembro de 1953; 26 de dezembro de 1953; 28 de dezembro de 1953; 29 de dezembro de 1953; 5 de janeiro de 1954; 10 de janeiro de 1954; 17 de janeiro de 1954; 24 de janeiro de 1954; 25 de janeiro de 1954; 29 de janeiro de 1954; 30 de janeiro de 1954; 1º de fevereiro de 1954; 2 de fevereiro de 1954; 3 de fevereiro de 1954; 5 de fevereiro de 1954; 7 de fevereiro de 1954; 8 de fevereiro de 1954; 9 de fevereiro de 1954; 10 de fevereiro de 1954; 14 de fevereiro de 1954; 21 de fevereiro de 1954; 22 de fevereiro de 1954; 28 de fevereiro de 1954; 2 de maio de 1954; 4 de maio de 1954; 8 de maio de 1954; 9 de maio de 1954; 11 de maio de 1954; 12 de maio de 1954; 13 de maio de 1954; 14 de maio de 1954; 15 de maio de 1954; 16 de maio de 1954; 29 de maio de 1954; 2 de junho de 1954; 4 de junho de 1954; 6 de junho de 1954; 12 de junho de 1954; 14 de junho de 1954; 20 de junho de 1954; 25 de junho de 1954; 26 de junho de 1954; 1º de julho de 1954; 4 de julho de 1954; 5 de julho de 1954; 12 de julho de 1954; 16 de julho de 1954; 19 de julho de 1954; 25 de julho de 1954; 1º de agosto de 1954;

2 de agosto de 1954; 6 de agosto de 1954; 10 de agosto de 1954; 22 de agosto de 1954; 23 de agosto de 1954; 25 de agosto de 1954; 27 de agosto de 1954; 28 de agosto de 1954; 6 de setembro de 1954; 12 de setembro de 1954; 17 de setembro de 1954; 26 de setembro de 1954; 29 de setembro de 1954; 30 de setembro de 1954; 6 de outubro de 1954; 9 de outubro de 1954; 12 de outubro de 1954; 14 de outubro de 1954; 15 de outubro de 1954; 16 de outubro de 1954; 18 de outubro de 1954; 19 de outubro de 1954; 20 de outubro de 1954; 2 de janeiro de 1955; 9 de janeiro de 1955; 11 de janeiro de 1955; 16 de janeiro de 1955; 31 de janeiro de 1955; 6 de março de 1955; 9 de março de 1955; 11 de março de 1955; 20 de março de 1955; 27 de março de 1955; 4 de abril de 1955; 17 de abril de 1955; 24 de abril de 1955; 27 de abril de 1955; 1º de julho de 1955; 10 de julho de 1955; 17 de julho de 1955; 19 de julho de 1955; 23 de julho de 1955; 5 de agosto de 1955; 12 de agosto de 1955; 20 de agosto de 1955; 21 de agosto de 1955; 28 de agosto de 1955; ano LXXXIX, nº 30198, 23 de fevereiro de 1958: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Leoplán (Buenos Aires, ano XXIII, nº 544, 1º de abril de 1954: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Lettres Françaises (Buenos Aires, nº 14, outubro de 1944: Academia Argentina de Letras).

Los Anales de Buenos Aires (ano I, nº 3; ano I, nº 11, dezembro de 1946: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Megáfono (Buenos Aires, tomo III, nº 11, agosto de 1933: Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas – UBA).

Nosotros (Buenos Aires, ano VII, nº 74, maio de 1942; ano VII, nº 76, julho de 1942: Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas – UBA).

Noticias Gráficas (Buenos Aires, ano XXV, nº 8789, 3 de dezembro de 1955; ano XXV, nº 8814, 29 de dezembro de 1955: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Nueva Revista de Filología Hispánica (Cidade do México: volume VII, nº 3-4, julho-dezembro de 1953).

Orígenes (La Habana, ano II, nº 6, julho de 1945: Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras – UBA).

Poesía Argentina (Buenos Aires, nº 4, janeiro de 1950; nº 5, fevereiro de 1950; nº 6, março de 1950, nº 7, abril de 1950; nº 8, maio de 1950; nº 9, junho de 1950).

Primera Plana (Buenos Aires, ano II, nº 94, 25 de agosto de 1964; ano II, nº 103, 27 de outubro de 1964: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Realidad (Buenos Aires, volume 5, nº 13, janeiro-fevereiro de 1949; volume 5, nº 14, março-abril de 1949; volume 5, nº 15, maio-junho de 1949; volume 6, nº 17-18, setembro-dezembro de 1949).

Revista de Educación (Buenos Aires, ano I, nº 8, agosto de 1956: Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas – UBA).

Revista Hispánica Moderna (Buenos Aires; Nova Iorque, ano X, nº 1-2, janeiro-abril de 1944; Nova Iorque, ano XX, nº 1-2, janeiro-abril de 1954; ano XX, nº 4, outubro de 1954: Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras – UBA).

Señales (Buenos Aires, ano XII, maio-junho de 1961, nº 130: Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas – UBA).

Sexto Continente (Buenos Aires, nº 1, julho de 1949; nº 2, agosto-setembro de 1949; nº 3-4, outubro-novembro de 1949; nº 5, setembro de 1950; nº 6, outubro de 1950; nº 7-8, novembro-dezembro de 1950: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Substancia (Concepción del Uruguay, nº 1, junho de 1951; nº 2, julho de 1951; nº 3, agosto de 1951; nº 4-5, setembro-outubro de 1951; nº 6, novembro de 1951; nº 7, dezembro de 1951; nº 8, janeiro de 1952; nº 9, fevereiro de 1952; nº 12, maio de 1952: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Sur (Buenos Aires, do nº 1 (verão de 1931) ao 237 (novembro-dezembro de 1955): Biblioteca del Congreso de la Nación – República Argentina).

Sustancia (Tucumán, ano III, julho de 1942, nº 10: Academia Argentina de Letras).

Tellus (Paraná, Provincia de Entre Ríos, nº 1, 30 de janeiro de 1948; nº 2, 1º de março de 1948; nº 3, 5 de abril de 1948; nº 4, 10 de maio de 1948; nº 5, 15 de junho de 1948; nº 6, 8 de julho de 1948; nº 7, 8 de agosto de 1948; nº 8, 8 de setembro de 1948; nº 9, 12 de outubro de 1948; nº 10, 15 de novembro de 1948; nº 11, 15 de dezembro de 1948; Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

Universidad de Mexico (Cidade do México, volume VI, nº 65, maio de 1952: Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras – UBA).

Vea y Lea (Buenos Aires, ano IX, nº 221, 20 de outubro de 1955; ano X, nº 244, 6 de

setembro de 1956: Biblioteca Nacional de la República de Argentina).

OUTRAS FONTES

ALBERDI, J. B. *Fundamentos da organização política da Argentina*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

ASCASUBI, H. La refalosa. Disponível em: <www.biblioteca.clarin.com>. Acesso em: 22 dez. 2004.

BARRENECHEA, A. M. La expresión de la irrealidad en la obra de Jorge Luis Borges. In: _____; PIÑERO, Emma Susana Speratti (Org.). *La literatura fantástica en Argentina*. Cidade do México: Imprenta Universitaria, 1957.

BERNÁRDEZ, A. (Org.). *Julio Cortázar: cartas 1937-1963*. Buenos Aires: Alfaguara, 2000.

BIOY CASARES, A. *Borges*. 1ª ed. Buenos Aires: Destino, 2006.

BORGES, J. L. *Borges en El Hogar, 1935-1958*. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé, 2000.

BORGES, J. L. *Borges en Sur (1931-1980)*. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé, 1999.

BORGES, J. L. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998-2001. 4 v.

BORGES, J. L. *Um ensaio autobiográfico*. São Paulo: Globo, 2000.

BRACELI, R. *Padres nuestros que están en los cielos: borgesperón*. Buenos Aires: Atlantida, 1994.

CORTÁZAR, J. *Bestiário*. São Paulo: Edibolso, 1977.

ECHEVERRÍA, E. El matadero. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com>. Acesso em: 29 set. 2004.

ESTRELLA GUTIERREZ, F. *Panorama sintético de la literatura argentina*. Ercilla: Santiago de Chile, 1938.

FELGINE, O. (Org.). *Victoria Ocampo/Roger Caillois: correspondencia (1939-1978)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

FORCADA CABANELLAS, M. *De la vida literaria*. Rosario: Ciencia, 1941.

GHIANO, J. C. *Constantes de la literatura argentina*. Buenos Aires: Raigal, 1953.

GÓMEZ BAS, J. *Barrio gris*. Buenos Aires: Hyspamerica, 1986.

Guía de bibliotecas argentinas. Buenos Aires: 1954.

HERNANDEZ, J. *Martín Fierro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

HERNÁNDEZ ARREGUI, J. J. *Imperialismo y cultura*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1973.

IBARRA, N. *La nueva poesía argentina: ensayo crítico sobre el ultraísmo (1921-1929)*. Buenos Aires: 1930.

JAURETCHE, A. *Los profetas del odio y la Yapa*. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

LAURENS, N. L. *El cuento en la literatura argentina*. Rosario: 1944.

LOUIS, A.; ZICHE, F. Bibliografía cronológica de la obra de Jorge Luis Borges. Disponível em: <www.borges.pitt.edu/spanish.php>. Acesso em: 27 abr. 2009.

MAXENCE, M. Mériter Borges. *L'Herne*, Paris, 1964.

OCAMPO, V. *Cartas a Angélica y otros*. Edição, prólogo e notas de Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1997.

OLGUÍN, S. S. (Org.) *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*. Buenos Aires: Norma, 2000.

ORGAMBIDE, P. (Org.). *Los desocupados: una tipología de la pobreza en la literatura argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 1999.

PEÑA, M. *El peronismo: selección de documentos para la historia*. Buenos Aires: Fichas, 1973.

PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

PERÓN, E. *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996.

PERÓN, E. *Yo Evita: habla a las mujeres, patria – pueblo – recuperación*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996.

PERÓN, J. D. *Conducción política*. Buenos Aires: Freeland, 1971.

PERÓN, J. D. *Doctrina peronista*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996.

PRIETO, A. *Borges y la nueva generación*. Buenos Aires: Letras Universitarias, 1954.

Quién es quién en la Argentina. 7ª ed. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1958-1959.

SÁNCHEZ, L. A. *Breve historia de la literatura americana*. 2ª ed. Ercilla: Santiago de Chile, 1940.

SARMIENTO, D. F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

VELÁZQUEZ, L. H. *El juramento*. Buenos Aires: Emecé, 1954.

VELAZQUEZ, L. H. *Los años conmovidos*. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 1949.

VELÁZQUEZ, L. H. *Pobres habrá siempre*. Buenos Aires: Claridad, 1944.

WOLBERG, I. *Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas. Ministerio de Educación y Justicia, Dirección General de Cultura, 1961. (Biblioteca del Sesquicentenario. Serie Argentinos en las Letras).

OBRAS

ALIFANO, R. *Borges, biografía verbal*. Barcelona: Plaza & Janes, 1988.

ANNINO, A.; GUERRA, F.-X. (Org.). *Inventando la nación: Iberoamerica siglo XIX*. Fondo de Cultura Económica, 2003.

ARENDT, H. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

AVELLANEDA, A. *El habla de la ideología: modos de réplica literaria en la Argentina contemporánea*. Buenos Aires: Sudamericana, 1983.

BAUDRILLARD, J. *A sombra das maiorias silenciosas: o surgimento das massas e o fim do social*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEIRED, J. L. B. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Loyola, 1999.

BELSUNCE, C. A. G.; FLORIA, C. A. *Historia de los argentinos*. Buenos Aires: Larousse, 1992. v. 2.

BISSO, A. *Acción Argentina: un antifascismo nacional en tiempos de guerra mundial*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

BLAISSE, D. *La correspondencia entre Victoria Ocampo y Gabriela Mistral: lazos, nexos y diferencias*. Utópica Ediciones.

BLOCH, M. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América.

BOBBIO, N. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOLDORI, R. De Echeverría a Borges: el intelectual perseguido como sujeto cultural. *Contextes*, nº 38, 2001.

BOLLÈME, G. *O povo por escrito*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BORNHEIM, G. O sujeito e a norma. In: NOVAES, A. (Org.). *Ética*. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura.

BRADING, D. *Orbe indiano: de la monarquía católica a la república criolla (1492-1867)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

BRESCIANI, M. S. M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPODÓNICO, H. Pobres habrá siempre (Luis Horacio Velázquez/Carlos Borcosque). *Segundas Jornadas Internacionales de Literatura Argentina/Comparatística: actas*. Buenos Aires: Instituto de Literatura Argentina “Ricardo Rojas”, 1998.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

CARVALHO NOVAES, A. *O canto de Perséfone: o grupo Sur e a cultura de massa argentina (1956-1961)*. São Paulo: Annablume, 2006.

CATTARUZZA, A. El revisionismo: itinerarios de cuatro décadas. In: _____; EUJANIAN, A. *Políticas de la historia: Argentina, 1860-1960*. Buenos Aires: Alianza, 2003.

CERTEAU, M. de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e historia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

CHARTIER, R. *Formas e sentido: cultura escrita entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHÁVEZ, F. *Alpargatas y libros: diccionario de peronistas de la cultura II*. 1ª ed. Buenos Aires: Theoría, 2004.

CHIARAMONTE, J. C. *Ciudades, Provincias, Estados: orígenes de la nación argentina (1800-1846)*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1997.

CHIARAMONTE, J. C. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In: JANCSÓ, I. *Brasil: formação do Estado e da nação*. São Paulo: Hucitec, 2003.

CICERCHIA, R. *Historia de la vida privada en la Argentina: desde la Constitución de 1853 hasta la crisis de 1930*. Buenos Aires: Troquel, 2001.

CIRIA, A. *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.

COCHART, D. As multidões e a Comuna: análise dos primeiros escritos sobre psicologia das multidões. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, nº 20, 1991.

CORNEJO POLAR, A. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

CORTÁZAR, J. A literatura latino-americana à luz da história contemporânea. In: SOSNOWSKI, S. (Org.). *Julio Cortázar: obra crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 3.

COSSE, I. *Estigmas de nascimento: peronismo e ordem familiar, 1946-1955*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, 2006.

Cultura argentina, riqueza y diversidad. Disponível em:
<http://www.argentina.ar/_es/cultura/c694-cultura-argentina-riqueza-y-diversidad.php>.

Acesso em: 1 abr. 2009.

DE DECCA, E. S. 1930, *O silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEBERT, G. G. *Ideologia e populismo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FAGUNDES HAUSSEN, D. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

FERNÁNDEZ ALBERTÉ, M. F. *El gremialismo intelectual en Jorge Luis Borges: su trayectoria como co-fundador de la Sociedad Argentina de Escritores*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2001.

FINCHELSTEIN, F. *Fascismo, liturgia e imaginario: el mito del general Uriburu y la Argentina nacionalista*. 1ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

FIORUCCI, F. ¿Aliados o enemigos? Los intelectuales en los gobiernos de Vargas y Perón. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 15, nº 2, jul.-dez. 2004. p. 1-2. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html>. Acesso em: 2 maio 2005.

FIORUCCI, F. *La revista Sur y el peronismo*. (Trabajo de licenciatura en Ciencia Política) – Universidad de San Andrés.

FIORUCCI, F. Reflexiones sobre la gestión cultural bajo el peronismo. *Nuevo Mundo Nuevos Mundos*, 10 de fevereiro de 2008. Disponível no site:

<<http://nuevomundo.revues.org/index24372.html>>. Acesso em: 9 julho de 2008.

FLORIA, C. A.; GARCÍA BELSUNCE, C. A. *Historia de los argentinos*. Buenos Aires: Larousse, 1992. 2 v.

FREITAS NETO, José Alves de. A formação da nação e o vazio da narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 169, abril-junho de 2007.

GÁRATE, M. V. *Civilização e barbárie n'os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2001.

GARCIA, E. da V. *As duas Argentinas*. São Paulo: Ática, 1990.

GARCÍA SEBASTIANI, M. *Los antiperonistas en la Argentina peronista: radicales y socialistas en la política argentina entre 1943 y 1951*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

GENÉ, M. *Un mundo feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo (1946-1955)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, 2005.

GERMANI, G. *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

GINZBURG, C. Representação: a palavra, a idéia, a coisa. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOBEL, M. La prensa peronista como medio de difusión del revisionismo histórico bajo la Revolución Libertadora. *Prohistoria*, nº 8, 2004.

GONZÁLEZ, Horacio. *Evita*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GONZALEZ, H. *O que são intelectuais*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GRAMUGLIO, M. T. Bioy, Borges y Sur. *Punto de Vista*, Buenos Aires, nº 34, julho-setembro de 1989.

GUTIÉRREZ, L.; ROMERO, L. A. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

HUNT, L. (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAMES, D. 17 y 18 de octubre de 1945: el peronismo, la protesta de masas y la clase obrera argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 27, nº 107, outubro-dezembro de 1987.

JAMES, D. Ideologia popular e resistência de classe: o peronismo e a classe operária (1955-1960). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, nº 10, março-agosto de 1985.

JAMES, D. Racionalización y respuesta de la clase obrera: contexto y limitaciones de la actividad gremial en la Argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 21, nº 83, outubro-dezembro de 1981.

JAMES, D. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina, 1946-1976*. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.

JITRIK, N. (Org.) *Historia crítica de la literatura argentina*. 1ª ed. Buenos Aires: Emecé, 2004. v. 9.

KING, J. *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970)*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

KORN, G. (Org.). *El peronismo clásico (1945-1955): descamisados, gorilas y contreras*. Buenos Aires: Fundación Crónica General; Paradiso, 2007.

KORN, F.; ROMERO, L. A. *Buenos Aires/entreguerras: la callada transformación, 1914-1945*. 1ª ed. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2006.

LAFFORGUE, M. (Org.). *Antiborges*. Buenos Aires: Vergara, 1999.

LE BON, G. *Psicologia das multidões*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1954.

LENHARO, A. *Sacralização da política*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP; Papirus, 1986.

LETTIERI, A.; SABATO, H. (Org.). *La vida política en la Argentina del siglo XIX: armas, votos y voces*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

LIHN, E. Adiós a Borges. *Proa*, Buenos Aires, terceira época, nº 42, julho-agosto de 1999.

LOUIS, A. Jorge Luis Borges: estado de la obra. *Proa*, terceira época, nº 42, julho-agosto de 1999.

LUNA, F. *Breve história dos argentinos*. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Brasil-Argentina, 1995.

LUNA, F. *Perón y su tiempo*. Buenos Aires: Sudamericana, 1986. p. 495. v. 1.

LVOVICH, D.; SURIANO, J. (Org.). *Las políticas sociales en perspectiva histórica:*

Argentina, 1870-1952. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

MAC ADAM, A. J. El espejo y la mentira, dos cuentos de Borges y Bioy Casares. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, nº 75, abril-junho de 1971.

MITRE, A. *O dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONTELEONE, J. Ana María Barrenechea, la descifradora. *La Biblioteca*, Buenos Aires, nº 4-5, 2006.

MURMIS, M.; PORTANTIERO, J. C. *Estudos sobre as origens do peronismo*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de Antropologia Social e Cultural*. São Paulo: EDUSP, 1997.

O'GORMAN, E. *La invención de América*. México: FCE, 2006.

PASTERMAC, N. *Sur, una revista en la tormenta: los años de formación, 1931-1944*. Buenos Aires: Paradiso, 2002.

PASTORMERLO, S. *Borges crítico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

PINTO, J. P. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

PIZARRO, A. La emancipación del discurso. In: _____ (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. v. 2.

PLOTKIN, M. *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-55)*. Buenos Aires: Ariel, 1993.

PRADO, M. L. *O populismo na América Latina*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense.

PRIETO, A. *Sociología del público argentino*. Buenos Aires: Leviatã.

ROMERO, J. L. *América Latina: as cidades e as idéias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

ROSANO, S. El peronismo a la luz de la “desviación latinoamericana”: literatura y sujeto popular. *Colorado Review of Hispanic Studies*, nº 1, 2003.

ROSSI, L. A. Borges, Bioy Casares y el peronismo. Disponível em: <www.argiropolis.com.ar>. Acesso em: 17 mar. 2005.

SARLO, B. *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARLO, B. Buenos Aires, cidade moderna. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997.

SARLO, B. *El imperio de los sentimientos*. Buenos Aires: Norma, 2004.

SARLO, B. Los dos ojos de *Contorno*. *Revista Iberoamericana*, v. 49, nº 125, outubro-dezembro de 1983.

SARLO, B. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999. p. 33.

SENKMAN, L. Los gauchos judíos: una lectura desde Israel. Disponível no site: <www.pampagringa.com.ar>. Acesso em: 11 jun. 2008.

SHUMWAY, N. *A invenção da Argentina: história de uma idéia*. São Paulo: EDUSP; Brasília: Editora UnB, 2008.

SIGAL, S.; VERÓN, E. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: Legasa, 1986.

SITMAN, R. *Victoria Ocampo y Sur: entre Europa y America*. Buenos Aires: Lumiere; Universidad de Telaviv, 2003.

SVAMPA, M. *El dilema argentino: civilización o barbarie de Sarmiento al revisionismo peronista*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto; Imago Mundi, 1994.

SWIDERSKI, G. (Org.). *Biblioteca de Juan Domingo Perón. Bibliografía sobre el peronismo*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1997.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VACCARO, A. *Borges, una biografía en imágenes*. Buenos Aires: Ediciones B, 2005.

VÁZQUEZ, M. E. *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VÁZQUEZ, M. E. *Victoria Ocampo: el mundo como destino*. 1ª ed. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.

VERBITSKY, H. *Cristo vence: la Iglesia en la Argentina. Un siglo de historia política (1884-1983)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

WINSTON, C. M. Between Rosas and Sarmiento: notes on nationalism in peronist thought. *Americas*, nº 39, janeiro de 1983.

ZUBIETA, M. Borges entre la literatura y la política. Disponível em: <www.leedor.com/notas/ver_notas.php?Idnota=176>. Acesso em: 8 set. 2008.